No Compasso da História

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO | MULTIRIO

Eduardo Paes
Prefeito do Rio de Janeiro

Claudia Costin
Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos
Presidente da Empresa Municipal
de Multimeios – MultiRio

Lucia Maria Carvalho de Sá
Chefe de Gabinete

Ricardo Petracca
Diretor de Mídia e Educação

Sergio Murta Ribeiro
Diretor de Administração e Finanças

No Compasso da História

Série televisiva: textos complementares

No Compasso da História

Série televisiva: textos complementares

MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210
Tel.: (21) 2976-9432 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br

Apresentação

O ano escolar de 2012 inicia-se com a obrigatoriedade do ensino da Música nas escolas brasileiras.

Nasceu, portanto, em muito bom momento a série televisiva *No Compasso da História*, que não trata exclusivamente da música, mas oferece uma gama de possibilidades de trabalho interdisciplinar.

Chama atenção a forte relação da música popular brasileira como crônica de um tempo histórico, por meio da qual nossos compositores e intérpretes não só narraram o fato histórico, como demonstraram o sentimento da população diante dos acontecimentos de cada uma das épocas retratadas.

O repertório cultural que a série oferece amplia as possibilidades de uma rica aprendizagem e permite um trabalho de construção do conhecimento baseado na relação entre educação e cultura.

Desejamos, professores, que os alunos da Rede Municipal de Ensino aprendam cantando a nossa história.

Claudia Costin
Secretária Municipal de Educação – SME

Prefácio

Recentemente, em um trabalho compartilhado com a Secretaria Municipal de Educação, tivemos a alegria de entregar às escolas da Rede e a jovens e crianças desta nossa cidade duas séries televisivas que nos fazem mergulhar na história do Brasil – *No Compasso da História* – e, muito particularmente, na história do Rio de Janeiro – *Mestre do Tempo*.

Com linguagem leve, instigante, próxima do dia a dia das crianças e dos jovens, alimentamos o desejo e a curiosidade sobre o mundo e as pessoas, partilhando conhecimentos; trabalhamos a herança cultural, revisitando valores atuais e do passado e reforçando sua permanência no tempo.

Ao democratizarmos a informação e a cultura com fidedignidade nas mensagens oferecidas, consideramos o público-alvo em formação, permitindo que a ética e a estética balizem a qualidade desses produtos.

Em *No Compasso da História*, objeto deste fascículo, história e música se fazem presentes, sendo a música apresentada por meio de autores que cantaram a história em verdadeiras crônicas de seu tempo. Sem nenhuma dúvida, essa série de 15 programas, que conta e canta a História do Brasil, tornará o aprendizado mais agradável, estimulando os telespectadores a mergulhar nos diferentes períodos de nossa história.

Ao entregarmos este belo produto aos professores e alunos da Rede Municipal de Ensino, esperamos que crianças e jovens aprendam com prazer, favorecendo a interdisciplinaridade de um trabalho de educação, cultura e cidadania.

Cleide Ramos
Presidente da MultiRio

Sumário

Raízes indígenas 11

Raízes africanas – Capoeira, mungunzá e valentia 27

Ouro em Minas 41

1808: Era no tempo do rei 55

1808: O Segundo Reinado 71

1889: Nasce a República – A alma encantadora das ruas 85

1889: Nasce a República – Do samba ao modernismo 99

Era Vargas 1 – A Era do Rádio 113

Era Vargas 2 – A política da boa vizinhança 129

Anos 50 – De Getúlio a JK 143

É sal, é sol, é sul 159

Este mundo é meu 173

Tropicália 189

Ninguém segura este país 203

Que país é este? 215

A série na TV 229

Raízes indígenas

1

Sinopse

A história a partir da relação entre índios e brancos; os primeiros habitantes; a chegada de Pedro Álvares Cabral; as capitanias hereditárias; as missões dos jesuítas no Brasil Colônia; o indigenismo romântico de Gonçalves Dias; a República e a atuação do Marechal Rondon; a contribuição do índio à cultura brasileira.

Os primeiros habitantes

Antes que os homens aqui pisassem
As terras brasileiras
Eram habitadas e amadas
Por mais de três milhões de índios
Proprietários felizes
Da Terra Brasilis
Pois todo dia era dia de índio

Todo Dia Era Dia de Índio
(Jorge Ben Jor)

Há cerca de seis mil anos, caçadores, pescadores e coletores de frutas, de raízes e de moluscos viviam na costa do que é hoje o território brasileiro. O principal vestígio que temos deles são os sambaquis – montes arredondados encontrados desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. Os sambaquis são uma espécie de monumento, um marco na paisagem, que eles podiam enxergar de longe. Em torno dos sambaquis, vários povos viviam, faziam fogueiras, enterravam seus mortos, depositavam conchas de mariscos e alimentos. Terras e águas sem fim estendiam-se diante de seus pés.

2. Sambaqui: referência para os primeiros habitantes do Brasil

Se as ondas estivessem fortes ou o peixe não encostasse, pescavam nas lagoas e nos mangues, caçavam e colhiam frutos nas matas. Possuíam embarcações, eram bons mergulhadores e capturavam até tubarões. Suas sociedades tinham tecnologia para fazer machados de pedra e objetos que trituravam e moíam alimentos. Fabricavam, também, esculturas de pedra e de ossos (chamadas zoólitos) que geralmente representavam animais. No início da Era Cristã, grupos de povos ceramistas colonizaram o litoral e desestruturaram aqueles que viviam nos sambaquis.

3. Zoólitos representando dois pássaros acasalados

Na Amazônia, também existiam sociedades ceramistas – comunidades que chegaram a um alto grau de complexidade e que, provavelmente, dispunham de artesãos especializados na produção de bens destinados a atender a demandas rituais. Entre elas, encontrava-se a cultura marajoara, que floresceu durante o período pré-colonial, de 400 a 1400 d.C.

A palavra "sambaqui" vem de *tamba* (concha) e *ki* (amontoado). É uma expressão criada pelos povos que falavam a língua tupi: guerreiros, caçadores, agricultores e ceramistas que, a partir da Amazônia, ocuparam o litoral, o interior e parte da região Sul. Centenas deles viviam em malocas coletivas de madeira, cobertas de folhas de palmeira. Os chefes e os guerreiros mais bravos tinham várias mulheres, que cuidavam da casa, da agricultura e da coleta. Preparavam o *cauim* – bebida fermentada à base

de mandioca – e teciam redes e cestas. Os homens derrubavam pequenos trechos da mata e preparavam a terra para o plantio. Também caçavam, pescavam e defendiam a aldeia. As crianças ajudavam os pais em algumas atividades.

Ao longo de séculos, aqueles que teriam sido os primeiros brasileiros foram sucedendo-se e reproduzindo seus hábitos de cultivar, de guerrear e, também, a habilidade com a cerâmica e com a arte plumária. Quando da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, o Brasil tinha cerca de 900 povos indígenas, entre eles: aruaque, caribe, tamoio, tupiniquim, tupinambá, carijó, guaianá, aimoré, pareci, caiapó, guaicuru, bororo, botocudo, caeté e pataxó. Eram de seis a nove milhões de pessoas falando 300 línguas diferentes.

4. *Cocares*. Aquarela de Jean-Baptiste Debret

Os colonizadores portugueses dividiram os indígenas em grupos e lhes deram nomes pelos quais eles, originalmente, não se identificavam. Por isso, a mesma sociedade indígena pode ser conhecida por nomes diferentes. Algumas até tiveram seus nomes mudados ao longo dos anos.

Brasil: duas origens da palavra

Índia, seus cabelos nos ombros caídos
Negros como a noite que não tem luar
Seus lábios de rosa para mim sorrindo
E a doce meiguice desse seu olhar
Índia da pele morena
Sua boca pequena eu quero beijar
Índia, sangue tupi, tem o cheiro da flor
Vem, eu quero lhe dar
Todo o meu grande amor

Índia
(José Asunción Flores e Manuel Ortiz Guerrero, versão de José Fortuna)

O nome "índio" teria surgido porque, ao chegar à América, Cristóvão Colombo pensou que estivesse na Índia e começou a chamar de índios os que viviam aqui. Já *Brazil* (como se escrevia antigamente) vem da palavra celta *bress*, que deu origem ao verbo *to bless* (abençoar), em inglês. Desde 1531, a expressão *Hy Brazil* aparecia em vários mapas europeus, referindo-se a uma ilha mitológica no Oceano Atlântico que se afastava no horizonte à medida que os navegadores se aproximavam dela. Admite-se, também, outra origem para o nome do país: viria do francês *bersil*, que depois virou *brésil*, significando "brasa". Essa era a cor da principal riqueza brasileira que os primeiros europeus a chegar aqui encontraram: o pau-brasil.

Enquanto isso, na Europa

Entre 1400 e 1500, o continente europeu viveu uma intensa transição. Em várias localidades, os Estados nacionais fortaleciam-se. Reis e rainhas (e não mais os senhores de terra medievais) detinham o poder.

Mas a Itália, dividida em cidades-estados autônomas, mantinha uma forma de vida política que se contrapunha à monarquia hereditária como a forma correta de governo. O ideal de liberdade converteu, assim, muitas cidades italianas em repúblicas independentes, urbanas e comerciais, cujo poder estava nas mãos de cônsules/príncipes.

Para alguns historiadores, essa nova forma de organização política e social ocorreu paralelamente à ascensão de um movimento cultural capaz de afetar profundamente a vida intelectual europeia: o Renascimento, que começou na Itália no fim da Idade Média e se estendeu pela Europa ao longo do século XVI, afetando todos os campos da vida e do conhecimento do homem.

5. Cravo e pimenta: especiarias orientais

Tempos de prosperidade costumam estimular as aventuras. Assim, durante os séculos XV e XVI, portugueses e espanhóis lançaram-se aos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico, tentando descobrir uma nova rota marítima para as Índias e encontrar novas terras.

O grande objetivo era chegar ao Oriente, onde encontrariam as especiarias. A mais preciosa delas era a pimenta, que os indianos só aceitavam trocar por ouro. Durante o rigoroso inverno europeu, não havia como alimentar o gado, e quase todos os rebanhos foram sacrificados. A carne salgada era consumida por vários meses, e a pimenta e o cravo ajudavam a melhorar seu sabor.

Mas viajar naquele tempo nas frágeis naus e caravelas era expor-se ao risco. Muitos navegadores perderam-se e morreram nessa empreitada. Em 1488, Bartolomeu Dias transpôs o Cabo da Boa Esperança; dez anos depois, Vasco da Gama chegou às Índias; e, no dia 22 de abril de 1500, a esquadra de Pedro Álvares Cabral alcançou o Brasil.

Em certo dia de abril

Foi quando o sol era Coaraci
Quando a terra era de Tupã
Quando o povo falou tupi
Foram mais, muito mais
Mais de dez, mais de cem
Talvez mais de mil
Carijós, Maués, Guarás, Carajás, Cariris
Parecis, Tupinambás, Bororós, Guaranis
Guaracás, Arauás
Serão mais mesmo sós
Pois são mais do que nós
Donos do Brasil

Donos do Brasil
(Fagner, Nonato Luiz e Paulinho Tapajós)

Foi um momento de emoção para os marinheiros barbudos, que passaram semanas confinados a bordo e, de repente, viram-se diante dos tupiniquins, que, por sua vez, ficaram perplexos com os homens brancos.

"Eram pardos, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Todos nus. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Nas mãos, traziam arcos com suas flechas. Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram." (Trecho da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, em 1º de maio de 1500.)

6. Reprodução de *Descobrimento do Brasil*. Oscar Pereira da Silva, 1922

Cabral e seus homens ficaram dez dias no litoral baiano, abasteceram-se de água e de comida fresca e seguiram viagem. Sobre a estada deles no litoral, um piloto anônimo escreveu: "Toda a gente da armada assistiu tanto à missa quanto à pregação, juntamente com muitos dos naturais, que bailavam e tangiam nos seus instrumentos; logo que se acabou, voltamos aos navios, e aqueles homens entravam no mar até os peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias".

Os primeiros 30 anos

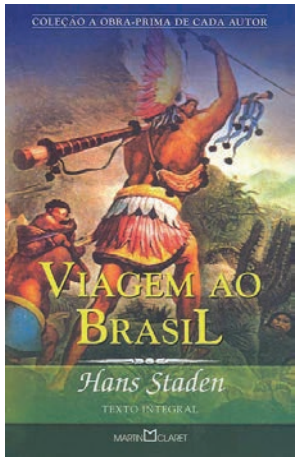
Tum, don gon don, tum tum
Ó manhã de sol! Anhangá fugiu.
Anhangá he! hê! Ah! Foi você!
Quem me fez sonhar para chorar
A minha terra! Coaraci hê! he!
Anhangá fugiu!
Ó Tupã, Deus do Brasil,
Que o céu enche de sol
De estrelas, de luar e de esperança!
Ó Tupã, tira de mim esta saudade!
Anhangá me fez
Sonhar com a Terra que perdi.

O Canto do Pajé
(Heitor Villa-Lobos e C. Paula Barros)

Cabral continuou a viagem, mas uma de suas caravelas voltou a Lisboa levando papagaios, macacos e o primeiro índio a pisar terras portuguesas. Foi um espanto! O padre Simão de Vasconcelos escreveu que ele foi recebido com alegria: "Não se cansavam os grandes e os pequenos de ver e ouvir o gesto, a falla, os meneos daquelle novo indivíduo da geração humana" (sic).

Nos primeiros 30 anos a partir da sua chegada, os portugueses não deram muita importância à nova terra e aqui deixaram apenas degredados, que passaram a conviver com as tribos, muitas vezes, unindo-se às índias.

Entre as aventuras que eles protagonizaram, chama a atenção a saga do náufrago Aleixo Garcia, que, embalado pelo sonho de chegar às lendárias riquezas do interior do continente, juntou um exército de dois mil índios flecheiros (na sua maioria, carijós) e partiu do litoral de Santa Catarina disposto ao que desse e viesse. Conseguiu chegar ao sul da Bolívia e atacou postos da fronteira do Império Inca. Carregando taças de prata e peitorais de ouro, a expedição tentou voltar para casa, mas foi atacada pelos payaguás nas margens do Rio Paraguai. Foram centenas de mortos, entre eles o próprio Aleixo Garcia.



7. Reedição do famoso livro de Hans Staden

Os primeiros europeus na costa brasileira ficaram muito impressionados com o canibalismo. Livros e relatos alardearam indignação

cristã diante desse hábito, esquecendo-se, no entanto, de condenar as mortes e as torturas que os próprios europeus praticaram durante o chamado processo civilizatório de outras etnias.

Hans Staden, em seu livro *Viagem ao Brasil*, contou assim o ritual: "'Eu, vossa comida, cheguei', gritava o prisioneiro assim que punha os pés na aldeia. Porém, o prisioneiro era bem tratado, passava a conviver na tribo, executava as tarefas e recebia até uma companheira. A festa da execução reunia toda a tribo. O prisioneiro era banhado e depilado, seu corpo pintado de preto, untado de mel e recoberto de plumas. Todos consumiam muito cauim, uma bebida fermentada à base de mandioca, milho e frutas como o ananás e o jenipapo. Antes de ser executado, o prisioneiro falava de sua bravura, lembrando os guerreiros daquela tribo que tinham sido mortos pelos seus e da vingança que viria pela sua morte. Para algumas vítimas, a execução não era de todo ruim, já que consideravam o estômago do inimigo a sepultura ideal".

Os europeus duvidavam de que os naturais do lugar tivessem alma, mas isso não impediu que comerciassem com eles. Em troca de tecidos, espelhos, miçangas, machados e facões, os índios derrubavam, cortavam e transportavam o pau-brasil para os navios que zarpavam abarrotados. Não apenas navios portugueses, mas também espanhóis, holandeses e, sobretudo, franceses contrabandeavam, à vontade, a madeira que tingia linhos, sedas e algodões com a cor da nobreza: um tom carmesim ou purpúreo. Os índios a chamavam de *ibirapitanga*: pau vermelho.

A Mata Atlântica, que cobria o litoral do Piauí ao Rio Grande do Sul, começou a ser dizimada, primeiro, com a coleta do pau-brasil e, depois, com a derrubada de outras madeiras de lei. No primeiro século de exploração, cerca de dois milhões de árvores foram abatidas. As ferramentas de metal trazidas pelos europeus ajudaram muito: com seus machados de pedra, os indígenas levavam três horas para derrubar um pau-brasil; com machado de ferro, podiam fazê-lo em cerca de 15 minutos.

8. Pau-brasil, árvore presente na Mata Atlântica

"Talvez os pajés e os chefes imaginassem que esse poderoso inimigo fosse uma epidemia, ou a ira dos ventos, revolta das matas, ou mesmo vingança de Curupira. Mas em nenhum momento eles imaginaram que o inimigo seria o homem branco, vindo do meio do mar, conforme testemunharam os olhares Tupiniquim, Tupinambá e quem sabe outros povos nativos da costa Atlântica. Muitos anos depois, essa mesma história se repetiria em terras de outros grupos valentes." (Narrativa do índio Baré Braz de Oliveira França, do Rio Negro, Amazônia.)

As capitanias hereditárias

Crescia, cada vez mais, a presença de navios europeus na costa brasileira. E uma pergunta se colocou: como proteger e fiscalizar um litoral tão grande? Portugal procurou, então, implantar uma política de *mare clausum* (fechamento dos mares às nações concorrentes), para tentar garantir a exclusividade no comércio.

As invasões estrangeiras abriram os olhos dos portugueses: se quisessem legitimar sua nova propriedade, teriam que ocupá-la e povoá-la. Trinta anos depois da chegada de Cabral, a expedição de Martim Afonso de Souza veio dar início à colonização. E, assim, foi

fundado o primeiro núcleo colonial: a Vila de São Vicente. A sorte do índio estava lançada. Depois de um período inicial de boas relações, começaram os atritos. Os portugueses interessaram-se, também, em conhecer melhor as tribos e em descrevê-las.

"Os homens da terra nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailes; mostrando muito prazer por sermos aqui vindos. Não têm os homens outras armas senão arcos e flechas; a cada duas léguas, têm guerras uns contra os outros." (*Diário da Navegação da Armada Que Foi à Terra do Brasil em 1530 sob a Capitania-Mor de Martin Affonso de Souza*, de Pêro Lopes de Souza.)

9. Martim Afonso de Souza, colonizador português (reprodução)

Araruna anarê
Araruna, arara azul, voa.
Será que essa arara azul é minha?
É minha ou sua?
Araruna, canta agora, araruna, vamos trabalhar.
Aeore vai, nós vamos trabalhar,
Aeore vai, Araruna, arara azul, voa.
Será que é minha ou sua arara azul?

Araruna
(Índios Parakanã do Pará,
adaptação e arranjo de Marlui Miranda)

Não demorou muito para Portugal perceber que a fundação de vilas isoladas não seria suficiente para impedir as invasões estrangeiras à sua nova colônia. Mas como garantir a posse sem desfalcar os cofres da Coroa? O jeito foi dividir o litoral brasileiro em 15 faixas de terra – as capitanias hereditárias, entregues a 12 donatários. Em troca da posse da terra, a Coroa criou um imposto sobre tudo o que fosse plantado, colhido, pescado, descoberto.

10. Mapa das capitanias hereditárias

Cada capitania tinha cerca de 350km de largura, uma área equiparável à das maiores nações europeias da época. Foi a primeira vez que um povo europeu se propôs a implantar seu modelo de civilização no Novo Mundo. Dos 12 capitães donatários, sete haviam lutado na Índia ou na África e quatro eram funcionários ligados a negócios ultramarinos. Alguns perderam fortunas no empreendimento; outros, a própria vida. O donatário da capitania da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, por exemplo, sofreu um naufrágio na ponta sul da Ilha de Itaparica. Salvaram-se todos os tripulantes, mas foram

presos pelos tupinambás, que, ao perceberem que entre os prisioneiros estava o chefe dos brancos, decidiram matá-lo. Quem empunhou o tacape para a execução foi um índio de 5 anos de idade, irmão de outro que o próprio Pereira mandara matar.

Embora as capitanias hereditárias tenham servido para ocupar uma parte do Brasil, a maioria fracassou, não só por falta de recursos, mas por conta dos ataques de corsários estrangeiros e de índios. "Se com tempo e brevidade Vossa Alteza não socorre a estas capitanias e costas do Brasil, ainda que nós percamos as vidas e fazendas, Vossa Alteza perderá a terra, porque não está em mais de serem os franceses senhores delas." (Luis de Goes, 12 de maio de 1548.)

Os portugueses precisavam de mão de obra para implantar o cultivo da cana-de-açúcar e, por isso, partiram para escravizar os índios, muitas vezes até aqueles que eram seus aliados mais próximos. A partir de 1546, as tribos revoltaram-se, e os conflitos cresceram tanto que devastaram seis das oito capitanias já instaladas (as outras quatro ainda não haviam sido ocupadas).

As únicas duas capitanias que prosperaram foram as de Pernambuco e de São Vicente, no litoral paulista. Segundo Boris Fausto, ambas "combinaram atividade açucareira e um relacionamento menos agressivo com as tribos indígenas".

O governo-geral

Se, no início da colonização, os índios eram parceiros dos portugueses, com o andar da história, parte deles tornou-se aliada; e outra parte, inimiga dos lusitanos. Os europeus que desembarcaram aqui foram também percebendo que não havia apenas uma sociedade indígena, mas um sem-número de povos, muitas vezes, com interesses conflitantes, e começaram a explorar esses conflitos.

11. Dança dos tarairius, tribo tapuias, por Albert Eckhout

No século XVI, por exemplo, os portugueses aliaram-se aos tupiniquins; e os franceses, aos tamoios. Já os holandeses, que tentaram formar uma colônia no Nordeste, fizeram aliança com os tapuias. Os portugueses continuaram amasiando-se com as índias, e as poucas brancas que se arriscavam a vir para o Brasil eram esposas ou noivas prometidas a brancos aqui estabelecidos ou mulheres aventureiras.

Os europeus não mais queriam somente a madeira vermelha do litoral, mas estavam de olho na terra, a joia mais valiosa dos índios. Engenhos e canaviais expandiram-se, e os lucros foram não apenas para os bolsos portugueses, mas, principalmente, para os holandeses, que financiaram parte da produção de cana. Só que, junto com os lucros, vieram também a devastação das matas litorâneas e a continuidade da escravização indígena. Apesar da resistência de algumas tribos que atacaram engenhos e a população, aos poucos, os guerreiros nativos foram sendo vencidos.

Em 1548, surgiu uma nova ideia: e se a Coroa, em vez de dividir, centralizasse a administração colonial? Em março do ano seguinte, Tomé de Sousa desembarcou na Bahia como primeiro governador-geral do Brasil. Junto com ele, chegaram as primeiras cabeças de boi, além de 1.500 pessoas, entre burocratas e funcionários da Coroa, soldados, colonos, degredados, artesãos e os primeiros jesuítas, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega.

"Entendo por experiência o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do triste e vil gentio por falta de não serem sujeitos, e ela ser uma maneira de gente de condição mais de feras bravas que de gente racional e ser gente servil que se quer por medo e sujeição." (*Cartas do Brasil e Mais Escritos: 1549-1560*, de Manoel da Nóbrega.)

Entram em cena os jesuítas

Deixa o índio vivo no sertão
Deixa o índio vivo nu
Deixa o índio vivo
Deixa o índio
Deixa, deixa
Escuta o mato crescendo em paz
Escuta o mato crescendo
Escuta o mato
Escuta
Escuta o vento cantando no arvoredo
Passarim passarão no passaredo
Deixa a índia criar seu curumim
Vá embora daqui coisa ruim
Some logo
Vá embora

Borzeguim
(Tom Jobim)

Nesse novo cenário, os jesuítas tiveram a maior importância. Responsáveis pela catequese dos nativos, eles foram juntando as tribos (aldeando, como se dizia na época) em missões. O aldeamento foi um dos responsáveis pela modificação e pela destruição de culturas indígenas que vinham sobrevivendo há séculos e que, originalmente, eram nômades, deslocando-se à vontade para caçar e cultivar.

"Essa investida, no entanto, foi pior do que qualquer sofrimento físico, pois obrigaram os índios a abandonar várias de suas práticas culturais, como as curas, as festas, os rituais de preparação dos jovens e suas formas de homenagear e agradecer o grande criador do universo. Tudo isso virou ato diabólico na lei dos missionários. Nos grandes prédios das missões foram criadas escolas onde os índios eram obrigados a falar a língua portuguesa e a rezar em latim." (*Depoimento do índio Baré Braz de Oliveira França.*)

12. Ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul

Paulista, para só um instante (...)
Deixa atrás o presente,
Olha o passado à frente,
Vem com Martim Afonso a São Vicente,
Galga a Serra do Mar! (...)
Adiante está o sertão.
Vai, segue a entrada!
Enfrenta, Avança, Investe!
Norte, Sul, Leste, Oeste!
Em bandeira ou monção,
Doma os índios bravios,
Rompe a selva, abre minas, vara rios

Hino do Estado de São Paulo ou
Hino dos Bandeirantes
(Guilherme de Almeida)

Os jesuítas eram contra a escravidão indígena e entraram em conflito com os colonos, que chegavam em grandes levas. Os bandeirantes

paulistas (muitos deles mamelucos, frutos da união de mães índias com pais lusitanos) conheciam os sertões, as línguas e os costumes locais; por isso, eram contratados para liquidar as tribos hostis. Em suas entradas pelo interior, combateram também os índios protegidos pelos jesuítas, destruindo aldeias missionárias e escravizando os sobreviventes.

Entre 1628 e 1638, os bandeirantes capturaram e exterminaram cerca de 60 mil índios. Na conta dos jesuítas, esse número teria chegado a 300 mil. E, na medida em que os portugueses entenderam que seria muito difícil manter a escravidão indígena a longo prazo, eles recorreram à escravidão dos negros, que passaram a ser trazidos da África para o Brasil.

13. *Combate contra Botocudos*, de Jean-Baptiste Debret

Novos e diferentes conflitos foram cozinhados no caldeirão da colonização. Quanto mais gente chegava e novas terras e riquezas eram descobertas, mais aumentavam as pressões e os desentendimentos. Houve até uma época em que o poder da Igreja Católica era tão grande que os padres já ocupavam uma parte significativa das Américas portuguesa e espanhola.

Todas essas questões fizeram com que a Coroa Portuguesa expulsasse os jesuítas do Brasil, no século XVIII. Mas não foi apenas a escravização que dizimou os nativos. As doenças trazidas pelo branco, propositadamente ou não, também causaram milhares de mortos.

"Eu perguntava: 'O que os brancos vêm fazer aqui? Por que abrem caminhos em nossa floresta?' Os mais velhos respondiam: 'Eles vêm visitar nossa terra para habitar aqui conosco mais tarde!' Mas, pouco depois, nossos parentes morreram quase todos em uma epidemia, depois em uma outra. Mas, dessa vez, eu tinha me tornado adulto e pensava direito; sabia realmente o que os brancos queriam ao penetrar em nossa terra." (Davi Kopenawa, índio ianomâmi.)

O romantismo

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

I-Juca Pirama
(Trecho do poema de Gonçalves Dias)

14. Capa do libreto da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes

No século XIX, artistas, escritores e intelectuais do movimento romântico começaram a louvar o índio e a fazer dele um símbolo da nacionalidade. A preocupação era forjar uma identidade para o Império Brasileiro, então recém-independente da metrópole portuguesa. Nesse sentido, estavam em busca de imagens originárias do Brasil.

15. *Índios Apiaká no Rio Arinos*, do pintor Hércules Florence

A ideia era propor o país a partir de suas raízes indígenas. Escritores como Gonçalves Dias e José de Alencar (autor do romance *O Guarani*, que trata da colonização do vale do Rio Paraíba, no Rio de Janeiro, e da relação amorosa entre uma branca e um índio); músicos como Carlos Gomes (criador da ópera *O Guarani*), Elias Álvares Lobo, Alberto Nepomuceno; e pintores como Victor Meirelles (*Moema*) e Rodolpho Amoedo (*O Último Tamoio*) encontraram nos índios um modelo humano e nos rios e nas florestas inspiração para expressar a exuberância da nossa natureza. Gonçalves Dias chegou a criar até um poema, *Marabá*, sobre uma mestiça:

Meus olhos são garços, são cor das
[safiras
Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar
Imitam as nuvens de um céu anilado
As cores imitam das vagas do mar!
Se algum dos guerreiros não foge a
[meus passos:
Teus olhos são garços
Responde anojado; mas és Marabá.

E, assim, surgiu na nossa literatura um bom selvagem idealizado, o perfil romântico de um índio em extinção, pautado em teorias raciais e na ideia evolucionista que triunfou no século XIX.

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém
[duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: – Meninos, eu vi!
Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Eu disse comigo: – Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!

I-Juca Pirama
(Trecho do poema de Gonçalves Dias)

Em contraste com o índio estereotipado pelos românticos, pintado a partir de um ideal de beleza clássico transposto para o mundo tropical, tivemos, também no século XIX, os primeiros habitantes retratados pelas missões artísticas e científicas com tons mais realistas.

Os viajantes estrangeiros, ansiosos por estudar tudo o que encontrassem, circularam pelo território descobrindo, registrando e coletando espécies naturais e desenhando os habitantes. Revelava-se, pela primeira vez, a diversidade das culturas locais. Eram corpos nus adornados e pintados, armas e objetos de uso cotidiano, registros de caçadas e da guerra, a vida em família, a dura sobrevivência nas selvas, o nomadismo constante, os rituais, as máscaras e as festas.

Rondon e os Villas Bôas

Queria encantar minha lira
pra ver o que vê o caiçara
saci provocar curupira
caipora montar pomba-gira
namoro de boto com iara
Queria num dia de graça
num quarup de lua clara
bebendo cauim na cabaça
rever minha parte da raça
que vem da cabocla Jussara

Quarup
(Joyce Moreno e Paulo César Pinheiro)

O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) foi criado no Brasil República, em 1910, e seu primeiro diretor foi Cândido Mariano da Silva Rondon. Seus bisavós maternos eram bororos e terenas; e a bisavó paterna, uma índia guará. Órfão, ele estudou na Escola Militar do Rio, que na época dava gratuidade aos alunos que assentavam praça, passando a receber o soldo de sargento. Notabilizou-se por comandar inúmeras expedições pelos sertões brasileiros, nas quais foram implantadas linhas de telégrafo.

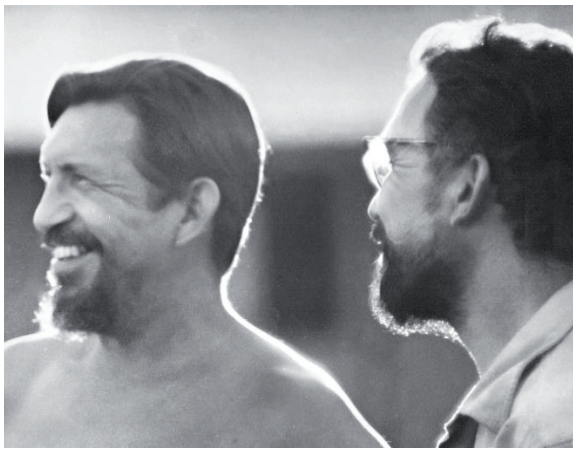
Em setembro de 1913, Rondon foi atingido por uma flecha envenenada dos nhambiquaras. Fiel ao seu pensamento de entrar em contato cordial com os índios, não quis que seus comandados reagissem ao ataque, atuando, sempre, no sentido de proteger os indígenas: "Morrer, se for preciso; matar, nunca!". Cândido Rondon viria a morrer muito mais tarde, em 19 de janeiro de 1958, aos 93 anos.

O SPI definiu as normas administrativas pelas quais os índios deveriam ser tratados e tentou manter as frentes de ocupação longe deles para evitar novos conflitos, mas suas tentativas não surtiram efeito por causa da expansão da fronteira agrícola. Segundo o antropólogo Darcy Ribeiro, "todas as tribos com que se depararam as frentes pioneiras da sociedade brasileira foram trazidas ao convívio pacífico sem que um só índio fosse tiroteado pelas turmas do SPI, embora mais de uma dezena de servidores tombassem nos trabalhos de pacificação, varados por flechas". Ainda segundo Darcy Ribeiro, "a pacificação das tribos hostis ocasionou a disseminação da fome, de doenças, da desintegração, tornando os índios parte do grupo mais miserável dos segmentos marginais da sociedade".

16. Marechal Rondon notabilizou-se pelo trabalho de integração nacional

Mais tarde, o trabalho de Rondon teve continuidade com os indigenistas e sertanistas paulistas Orlando, Cláudio, Leonardo e Álvaro Villas Bôas. Orlando chefiou a expedição Roncador-Xingu de 1946, que chegou até a bacia do Rio Tapajós, para instalar campos de pouso e postos de assistência aos índios. Além dos Villas Bôas, Darcy Ribeiro e o sanitarista Noel Nutels atuaram, com o apoio de Rondon, na criação do Parque Nacional do Xingu, que se concretizou em 1961. Hoje, vivem no parque dezenas de povos, que dedicaram a Orlando uma de suas importantes cerimônias: o Quarup, ritual em homenagem aos mortos ilustres.

Passados 500 anos da chegada dos portugueses, o desmatamento, a construção de hidrelétricas, a criação de gado, as plantações de soja e de outras culturas continuam ameaçando os territórios indígenas. Segundo o IBGE, os índios somam, hoje, 734.127 indivíduos, algo em torno de 0,2% da população. São mais de 220 povos, falando 180 línguas e ocupando 12,33% das terras do país. A Constituição de 1988 garantiu a eles o pleno exercício de sua cultura e o direito às terras que ocupam.



17. Os irmãos sertanistas Orlando e Claudio Villas Bôas

Dos seis milhões da época de Pedro Álvares Cabral, o número diminuiu muito. Mas, desde a década de 1990, vem acontecendo um fenômeno chamado pelos antropólogos de "reetnização", ou seja, os povos indígenas estão reassumindo e recriando suas tradições.

A população tem crescido, e seus líderes lutam pelo reconhecimento da contribuição oferecida à construção da nossa nacionalidade.

"Sempre quando os velhos vão falar, começam nos lembrando da necessidade de cada um de nós reconhecer a diferença de que cada povo, cada tradição e cada cultura é herdeira. Só quando conseguirmos reconhecer essa diferença não como defeito nem como oposição, mas como diferença da natureza própria de cada cultura e de cada povo, só assim poderemos avançar um pouco o nosso reconhecimento do outro e estabelecer uma convivência mais verdadeira entre nós." (Aílton Krenak)

Um índio descerá de uma estrela
Colorida e brilhante
De uma estrela que virá
Numa velocidade estonteante
E pousará no coração
Do Hemisfério Sul
Na América, num claro instante.
Depois de exterminada
A última nação indígena
E os espíritos dos pássaros
Das fontes de água límpidas
Mais avançado que as mais avançadas
Das mais avançadas das tecnologias
Virá
Impávido, que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi

Um Índio
(Caetano Veloso)

18. Crianças da tribo kuikuro, de Mato Grosso

Para usar em sala de aula

- Sugerir aos alunos que pesquisem alguns nomes de origem indígena de bairros e regiões da cidade do Rio de Janeiro.

- Os primeiros habitantes do Brasil construíam grandes morros de conchas e restos de comida, que podiam ser vistos de longe. A turma pode pesquisar como eram chamados esses morros e qual o nome de um deles que ainda existe em Niterói.

- Promover um debate sobre o filme *Hans Staden*, uma produção brasileira e portuguesa, de 1999, dirigida por Luiz Alberto Pereira. O DVD pode ser alugado nas locadoras.

- Os alunos podem escrever sobre o seguinte tema: por que historiadores e antropólogos dizem que os índios deram grande contribuição à cultura e ao imaginário do Brasil?

Para saber mais

Músicas

Todo Dia Era Dia De Índio (Jorge Ben Jor). CD – Baby Consuelo – Baby Consuelo Warner 30 anos – Warner, 2006.

Donos do Brasil (Fagner, Nonato Luiz e Paulinho Tapajós). CD – Fagner – Donos do Brasil – Warner Music, 2004.

O Canto do Pajé (Heitor Villa-Lobos e C. Paula Barros). CD – Villa-Lobos – Villa-Lobos, uma Vida de Paixão – Universal Music, 2000.

Juparanã (Joyce Moreno e Paulo César Pinheiro). CD – Mônica Salmaso – Voadeira – Gravadora Eldorado, 1999.

Borzeguim (Tom Jobim). CD – Tom Jobim a Nova Banda – Passarim – Verve/Polygram/Philips, 1987.

Quarup (Joyce Moreno e Paulo César Pinheiro). CD – Joyce Moreno – Hard Bossa – Far Out Gravadora, 1999.

Um Índio (Caetano Veloso). CD – Caetano Veloso – Circuladô Vivo – Polygram/Philips, 1992.

Filmes

Avaeté – Semente da Vingança. Brasil, 1985. Direção: Zelito Viana. Distribuição: Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes S.A. Duração: 110 min.

Brincando nos Campos do Senhor. EUA, 1991. Direção: Hector Babenco. Distribuição: Europa Filmes. Duração: 187 min.

Como Era Gostoso o Meu Francês. Brasil, 1970. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Distribuição: Condor Filmes e Riofilme. Duração: 84 min.

O Descobrimento do Brasil. Brasil, 1936. Direção: Humberto Mauro. Distribuição: D.F.B. (Distribuidora de Filmes Brasileiros). Duração: 90 min.

Desmundo. Brasil, 2003. Direção: Alain Fresnot. Distribuição: Columbia Pictures do Brasil. Duração: 101 min.

Hans Staden. Brasil/Portugal, 1999. Direção: Luiz Alberto Pereira. Distribuição: Riofilme e Versátil. Duração: 92 min.

Índios no Brasil: Primeiros Contatos. Brasil, 2000. Direção: Vincent Carelli. Distribuição: TV Escola. Duração: 17 min.

Pindorama. Brasil, 1970. Direção: Arnaldo Jabor. Distribuição: Versátil Home. Duração: 95 min.

Yã Katu – o Brasil dos Villas Bôas. Brasil, 2004. Direção: Nilson Villas Bôas. Distribuição: não divulgada. Duração: 63 min.

Yndio do Brasil. Brasil, 1995. Direção: Sylvio Back. Distribuição: Riofilme. Duração: 70 min.

Livros

ARAÚJO, Ana Valéria (et al). *Povos Indígenas e a Lei dos "Brancos"*: O Direito à Diferença. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006 (Série *Via dos Saberes,* v. 3.)

BELLUZZO, Ana Maria de M. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994, 3 v.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*: Pesquisas de Antropologia Política. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DONIZETI, Luís; GRUPIONI, Benzi. *Os Índios no Brasil*. São Paulo: Global, 2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

FAUSTO, Carlos. *Os Índios Antes do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GASPAR, Madu. *Sambaqui*: Arqueologia do Litoral Brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visões do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAGROU, Els. *Arte Indígena no Brasil:* Agência, Alteridade e Relação. Belo Horizonte: Editora c/ Arte, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Um Grande Cerco de Paz*: Poder Tutelar, Indianidade e Formação do Estado no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro*: O Que Você Precisa Saber sobre os Povos Indígenas do Brasil Hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006 (Série *Via dos Saberes,* v. 1.)

MAIA, Marcus. *Manual de Linguística*: Subsídios para a Formação de Professores Indígenas na Área de Linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006 (Série *Via dos Saberes,* v. 4.)

NOVAIS, Fernando Antonio (org.); SOUZA, L. M. (org.). *História da Vida Privada no Brasil*: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1.

OLIVEIRA, João Pacheco; FREIRE, Carlos Augusto Rocha. *A Presença Indígena na Formação do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006 (Série *Via dos Saberes,* v. 2.)

PREZIA, Benedito. *Indígenas do Brasil*: *Destruição e Resistência* – Subsídios Didáticos para o Ensino Fundamental e Médio. São Paulo: Paulinas, 2004.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização*: A Representação do Índio de Caminha a Vieira. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Fapesp/Jorge Zahar, 1996.

RIBEIRO, Berta. *O Índio na História do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1982.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete P. (org.). *A Temática Indígena na Escola*: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º graus. 4. ed. São Paulo/Brasília: Global, MEC, MARI, Unesco, 2004.

SOUZA, L. M. *Inferno Atlântico*: Demonologia e Colonização – Séculos XVI-XVIII. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *A Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Trópico dos Pecados*: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Websites

Conselho Indígena de Roraima
http://www.cir.org.br/portal

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
http://www.coiab.com.br

Fundação Nacional do Índio
http://www.funai.gov.br

Instituto Socioambiental (ISA)
http://www.museudoindio.org.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
http://www.iphan.gov.br

Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED)
http://www.laced.etc.br/laced.htm

Museu do Índio
http://www.museudoindio.org.br

Museu Rondon
http://www.ufmt.br/ichs/museu_rondon/historia.html

Museu Paraense Emílio Goeldi
http://www.museu-goeldi.br

Vídeo nas Aldeias
http://www.videonasaldeias.org.br/2009

Raízes africanas – Capoeira, mungunzá e valentia

1

Sinopse

A civilização começou aqui; a escravidão é mais antiga do que imaginamos; Portugal recebeu permissão do papa para escravizar; duas religiões se encontraram no Novo Mundo; a luta dos quilombos pela liberdade; e a Inglaterra decidiu acabar com a escravidão; capoeira, a dança que é luta; a África que entrou pela boca do Brasil; o samba e suas variações – no fim, todo o mundo dança; as artes plásticas se descolaram da religião; a importância do legado africano na cultura brasileira.

Humanidade e civilização

Se teu corpo se arrepiar
Se sentires também o sangue ferver
Se a cabeça viajar
E mesmo assim estiveres num grande [astral
Se ao pisar o solo teu coração disparar
Se entrares em transe em ser da religião
Se comeres fungi, quisaca e mufete de [cara-pau
Se Luanda te encher de emoção
Se o povo te impressionar demais
É porque são de lá os teus ancestrais
Pode crer no axé dos teus ancestrais

Samba dos Ancestrais
(Martinho da Vila e Rosinha de Valença)

África. Aqui nasceu a humanidade. Aqui nasceu a civilização. Com essas duas frases simples, podemos traçar um roteiro para começar a entender a história do continente africano, o terceiro maior do planeta e o segundo em população. A diversidade étnica, cultural e política contrasta fortemente com sua pobreza nos dias de hoje. Mas nem sempre foi assim. Se a África é representada pelos meios de comunicação como sinônimo de miséria, as causas desse quadro são bastante complexas, entre elas, a corrupção de governantes e as guerras civis.

2. Pirâmides de Gizéh: Quéops, Quéfren e Miquerinos

O primeiro Estado unificado da história da humanidade foi africano: o Antigo Egito, que até hoje fascina todos nós. Localizado ao norte do continente, de clima árido, tendo em seu território parte do Deserto do Saara, seu povo organizou-se em torno do Rio Nilo, cujas cheias fertilizavam as margens nas quais se concentrava a quase totalidade da população. O faraó, rei-deus, era o mais absoluto dos monarcas e detinha a suprema autoridade em todos os domínios. A prova de sua grandeza ainda está diante de nossos olhos, nos monumentos que até hoje guardam mistérios a serem decifrados: as pirâmides, a esfinge e as tumbas, que continuam sendo encontradas a partir do trabalho incessante dos arqueólogos.

3. Sombra de camelos no Deserto do Saara

Em 30 a.C., os romanos assumiram o poder em um império que já estava decadente e que caminhava rapidamente para a fragmentação. Quase sete séculos depois, no ano 642 d.C., os árabes conquistaram o norte da África. Ao sul, muitas tribos recusaram a dominação islâmica, que até o século XV foi a presença externa mais marcante no continente. A partir daí, começou a expansão marítima europeia, alavancada por Portugal.

A escravidão

A escravidão é tão antiga quanto a humanidade. Havia escravos no Egito, na Pérsia, em Roma. Mesmo civilizações avançadas em

termos filosóficos, como a grega, admitiam a escravidão. Prisioneiros de guerra eram considerados escravos naturais e levados pelos vencedores para o cativeiro. A doutrina da liberdade individual – "todo homem nasce livre" –, como a conhecemos hoje, é bem recente.

4. Mapa do continente africano

Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quiloa Rebolo
Aqui onde estão os homens
Há um grande leilão
Dizem que nele há
Uma princesa à venda
Que veio junto com seus súditos
Acorrentados num carro de boi

Zumbi
(Jorge Ben Jor)

A escravidão já existia na África antes mesmo que os ocidentais ali chegassem em busca de mão de obra para colonizar o Novo Mundo. Há relatos de que, entre os séculos X e XV, o comércio de escravos foi largamente praticado nos reinos africanos da época. As tribos rivais faziam prisioneiros em seus conflitos e os vendiam, primeiro, para os árabes; em seguida, para os europeus.

5. Etnia fula, que habita do Senegal até Camarões e Sudão

A grande empresa colonial ocidental utilizou muito a mão de obra africana: não há números precisos, mas estima-se que, de 1450 a 1900, cerca de 11 a 15 milhões de homens e mulheres foram transferidos para o continente americano. Geraram riqueza, filhos, miscigenaram-se, emprestaram à cultura ocidental o melhor de sua música, de sua comida, de sua religião. É desse legado para nós, brasileiros, que trata este capítulo.

Com a permissão da Igreja

Combate, Male! Dá três pulos aí, Saci!
Se atira no espaço por nós, Zumbi!
Joga a chibata, João, no mar que te [ampliou!
Ah, olha o raio de luz: Kawô, Xangô!

João do Pulo
(João Bosco e Aldir Blanc)

Em 18 de junho de 1452, o papa Nicolau V, através de uma bula (documento outorgado pelo papa que tinha valor de lei para os católicos), concedeu ao rei de Portugal, D. Afonso V, e a seus sucessores a faculdade de conquistar e subjugar as terras dos

"infiéis" (todos aqueles que não professavam a religião católica), podendo escravizar os prisioneiros. Não demorou muito para que comerciantes portugueses chegassem ao Golfo de Benin e ao delta do Rio Níger, integrando-se normalmente ao tráfico de escravos que já existia na região. Foi assim durante todo o século XV, mas, a partir da descoberta da América, o fato atingiu grandes proporções.

No Brasil, foi Salvador, na Bahia, o primeiro grande entreposto da escravatura. Os navios mercantes portugueses que vinham de Goa (Índia) com mercadorias como louças e tecidos faziam escala em Luanda e completavam a carga com escravos africanos. Em seguida, rumavam para o Brasil, que assim se tornou, no século XVII, o principal difusor dos produtos indianos na América do Sul. De acordo com as estimativas, entre três e cinco milhões de escravos teriam entrado aqui até finais do século XIX.

6. Interior de um navio negreiro carregado de escravos

Os dados disponíveis sobre o tráfico negreiro revelam que a população masculina era muito maior do que a feminina. Há vários fatores que concorrem para essa proporção, que pode ter chegado a 75% de homens. Em um primeiro momento da economia negreira, os europeus lidavam com traficantes árabes, que tinham por hábito vender os homens e incorporar as mulheres a seus grupos. Por outro lado, os homens eram muito mais resistentes às terríveis condições que viviam ao serem trazidos para a América. E, no Brasil, os senhores de escravos preferiam comprar cativos novos a permitir que os seus procriassem, por conta da grande oferta no mercado e do gasto menor do que seria o de cuidar das crianças.

Oxalá, Deus!

Onde está Deus? – Em todo lugar!
Olorum, Jeová, Oxalá, Alah, N'Zambi...
[Jesus!
E o Espírito Santo? É Deus!
Salve sincretismo religioso! – Salve!
Quem é Omulu, gente? – São Lázaro!
Iansã? – Santa Bárbara!
Ogum? – São Jorge!
Xangô? – São Jerônimo!
Oxóssi? – São Sebastião!
Aioká, Inaê, Kianda – Iemanjá!
Viva a Nossa Senhora Aparecida! –
[Padroeira do Brasil!

Sincretismo Religioso
(Martinho da Vila)

A arte afro-brasileira desenvolvida durante a escravidão viveu em completa obscuridade até meados do século XX. Interpretada como manifestação religiosa, escapou ao olhar crítico e, também, ao grande público.

No entanto, segundo o pesquisador Francisco Martins, "apesar de a maioria dos artistas negros terem como religião o candomblé, eles souberam estabelecer sincretismo com a religião católica, que era dominante. Foram muitas as obras realizadas por artistas negros em templos católicos, onde criaram obras repletas de detalhes sutis que valorizaram o conjunto pelo ineditismo". É o caso do barroco mineiro, em que a escultura e a arquitetura de Aleijadinho se destacam no

conjunto da obra, considerada por muitos críticos a primeira produção artística brasileira autêntica. Uma arte afro-brasileira, mestiça.

7. *Cristo no Passo do Horto*, escultura em madeira, da série *Passos da Paixão*, de Aleijadinho

Percebemos, então, que a arte negra, em seus primeiros momentos, andou abrigada em sua religião. O sincretismo religioso com o catolicismo foi uma estratégia absolutamente vitoriosa para o escravo defender sua identidade em ambiente hostil. Dessa forma, ele podia manter sua prática religiosa, apesar da repressão ideológica e política. Para o antropólogo Kabengele Munanga, os escravos "encontraram no Brasil condições ecológicas semelhantes às do ecossistema de suas origens, oferecendo, entre outras coisas, as mesmas essências vegetais. O que teria facilitado a continuidade de uma religião cuja relação entre o homem, a sociedade e a natureza é primordial". E, ao aproximar suas entidades da mitologia católica, abriram uma vereda por onde escapou ao controle dos senhores o mundo mágico e rítmico da cultura afro-brasileira. Dentro dessa estratégia, a conversão ao catolicismo era apenas formal.

Não houve uma forma, um modelo único dentro desse processo. Algumas religiões mantiveram, e ainda mantêm, quase que totalmente suas raízes africanas, como o candomblé e o xangô do Nordeste. Outras se formaram através do sincretismo, que é o caso da umbanda. Mas a própria prática do catolicismo tradicional foi influenciada por essa matriz africana, conforme se vê no culto de santos com origem africana, como São Benedito e Santa Ifigênia. Ou na veneração a santos associados aos orixás africanos, como é o caso de São Cosme e Damião (Ibejis), São Jorge (Ogum) e Santa Bárbara (Iansã). Ou até mesmo na criação de novos santos populares – como a Escrava Anastácia. Incluem-se aí, também, as festas religiosas, como a lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim pelas filhas de santo do candomblé.

8. *Lavagem do Bonfim*, acrílica sobre tela de Aécio de Andrade

É importante fazer uma menção a Exu, o orixá da comunicação e do movimento. Os primeiros missionários católicos na África o confundiram com Satanás, já que suas características incluem a sensualidade, a irreverência e a fertilidade. O que é um absurdo dentro da estrutura teológica iorubá, já que não está em oposição a Deus (Oxalá) e muito menos personifica o mal. Como destacou o sambista e estudioso Nei Lopes, na passagem para o Novo Mundo, "o Exu-Elegbara se transmutou em diversas entidades, as quais, mais próximas ao conceito cristão de demônio, agrupando-se em legiões ou falanges". Ao que se podem acrescentar as palavras do pesquisador Pierre Verger, "nem

totalmente bom, nem totalmente mau...", com suas porções positiva e negativa, como qualquer ser humano. Como regra, pode-se dizer que no sincretismo não há formatos predeterminados, mas superposição, entrelaçamento e mestiçagem segundo impulsos sociais e psíquicos das populações.

Quilombo!

Ganga Zumba ei ei ei ei vai fugir
Vai lutar tui tui tui tui com Zumbi
E Zumbi falou ei ei ei ei meu irmão
Mesmo céu tui tui tui mesmo chão

Zumbi
(Edu Lobo e Vinicius de Moraes)

9. *Pequeno Moinho de Açúcar*, do pintor francês Jean-Baptiste Debret

É da natureza humana a busca pela liberdade, por melhores condições de vida. Não poderia ser diferente entre os escravos africanos no Brasil: muitos deles conseguiram escapar para viver em comunidades (quilombos), onde plantavam em grupo e dividiam igualmente a colheita.

Há relatos de quilombos espalhados por todos os estados onde a cana-de-açúcar ou a mineração exigiram o braço escravo: Bahia, Pernambuco, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Alagoas. Aliás, foi na terra alagoana que se fixou aquele considerado o maior quilombo de todos: Palmares.

A invasão holandesa em Pernambuco (1630) causou, entre outros atropelos, o abandono de muitas terras pelos senhores de engenho, facilitando a fuga de um considerável contingente de escravos, que formaram o primeiro embrião do Quilombo dos Palmares, com quatro núcleos de povoamento: Macaco, Subupira, Zumbi e Tabocas. Não é possível precisar o número de quilombolas, mas os historiadores estimam que, por volta de 1670, eles tenham sido cerca de 20 mil.

Também não há unanimidade com relação ao sistema político em Palmares. Uma corrente defende que se constituiu ali um verdadeiro Estado, nos moldes dos reinos africanos, sendo os diversos mocambos governados por oligarcas sob a chefia suprema de um líder. Para outros estudiosos, havia uma descentralização do poder entre os diferentes grupos pertencentes às diversas etnias, que formavam os núcleos de quilombos e delegavam esse poder a lideranças militares conforme o seu prestígio. Ganga Zumba e seu sobrinho, Zumbi, foram os mais famosos líderes do Quilombo dos Palmares.

Em 1654, com a expulsão dos holandeses, o poder colonial voltou seus olhos para a questão dos quilombos. Não só pela necessidade de recuperar a mão de obra através da recaptura de seus integrantes, mas também pelo fato de que essa prosperidade constituía um acinte e uma ameaça ao seu poder na região. Mas não foi fácil: 18 expedições foram enviadas contra Palmares ao longo de 40 anos antes que o quilombo fosse definitivamente destruído.

Quem chefiou a definitiva expedição foi o bandeirante Domingos Jorge Velho, com um exército de seis mil homens e algumas peças de artilharia. Em janeiro de 1654, Zumbi, a última liderança quilombola, foi encurralado

e morto em uma emboscada. Sua cabeça, assim como aconteceu mais tarde com Tiradentes, foi decepada e exposta em praça pública no Recife. Sem comando, o quilombo desfez-se por completo, deixando na história do Brasil mais um exemplo de luta heroica pela liberdade.

10. *Zumbi*, óleo em tela de Antônio Parreiras

A Inglaterra contra a escravidão

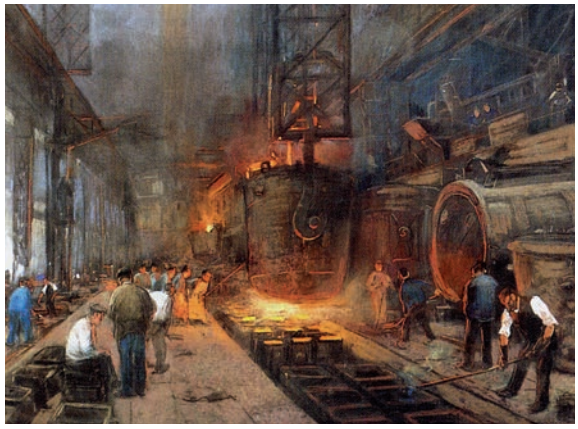
Entre o final do século XVII e o começo do século XVIII, o Iluminismo fez brilhar suas luzes por uma Europa que via o surgimento dos Estados-nação e a expansão dos direitos civis, com a redução da influência da nobreza e da Igreja. Essa onda liberal espalhou-se pelo mundo, sendo inspiradora de grandes movimentos, como a Revolução Francesa, a independência da Grécia e dos países balcânicos e todos os processos de independência no continente americano.

Os iluministas figuram entre os maiores pensadores do mundo ocidental: Montesquieu, Voltaire, Rousseau e Kant, só para citar alguns.

O século XVIII também viu o surgimento da Revolução Industrial, processo que transformou radicalmente as relações econômicas entre os países, por meio de uma enorme mudança no modo de produção, com o consequente ocaso do modelo artesanal, que era praticado desde a Idade Média. A invenção das máquinas a vapor fez da Inglaterra a grande economia do Ocidente, já que o país possuía grandes reservas de carvão mineral e de minério de ferro e mão de obra barata e em abundância.

Para o novo modelo econômico que surgia, a escravidão era um entrave: o francês Jacques Turgot e o escocês Adam Smith já afirmavam que um escravo produzia muito menos do que um homem livre. Com um mercado consumidor que se expandia, o capitalismo inglês precisava de muitos braços para produzir e outros tantos para consumir.

Foi essa conjuntura de fatores que levou a Inglaterra a liderar a campanha antiescravista. Maior potência do Ocidente, podia impor suas condições a um mundo onde os impérios coloniais se fragmentavam com rapidez. A relação de dependência mantida por Portugal com a Inglaterra fez com que esta impusesse, através da força de sua marinha, a redução paulatina do tráfico negreiro, ferindo de morte o império lusitano escravagista. Ainda demoraria muito tempo para que a abolição se tornasse realidade no Brasil.



11. *Fábrica Inglesa*, por Herman Heyenbrock

Luta negra

Capoeira que é bom não cai
E se um dia ele cai, cai bem
Capoeira me mandou
Dizer que já chegou
Chegou para lutar

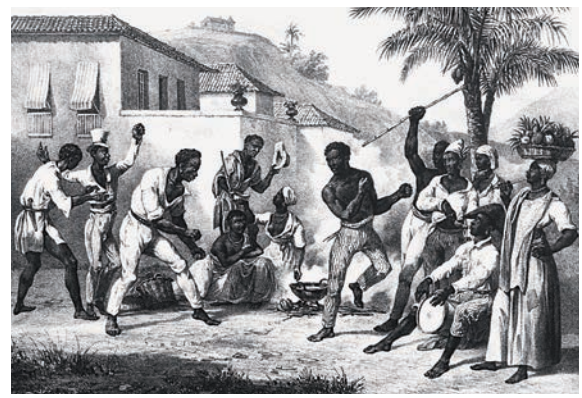
Berimbau
(Vinicius de Moraes)

A África está nos brasileiros de maneira tão intensa e natural que muitas vezes nem se percebe essa presença. Pode-se começar pelo idioma, repleto de palavras de origem africana: "batuque", "cachaça", "cachimbo", "caçula", "marimbondo", "moleque", "quitanda"... A lista é imensa, e cada palavra traz dentro de si uma história de aproximação entre os dois continentes. Também se pode começar pela culinária, pois a cozinha africana trouxe para o Brasil uma série de sabores que encheram de graça a cozinha portuguesa, adaptando os condimentos daqui às receitas de lá. Ou seria melhor começar pela música, que incrementou a moda portuguesa com um ritmo alucinante? São muitas as portas de entrada para esse universo maravilhoso, mas vamos começar por um tipo de arte marcial que, praticada às escondidas dos senhores, atravessou os séculos e que só na segunda metade do século XX escapou aos preconceitos: a capoeira.

12. *Negros Lutando*, de Augustus Earle

As primeiras referências à capoeira se dão exatamente no período do auge do Quilombo dos Palmares: relatos dos comandantes das expedições dão conta de que os escravos fugidos utilizavam um estranho tipo de luta com gingas e quebradas de corpo que exigiam mais de um soldado para dominar um quilombola. Não há registros mais precisos sobre a origem da luta, que com aspectos coreográficos disfarçava seu evidente treinamento marcial.

Com a abolição da escravatura, em 1888, um grande contingente de ex-escravos foi abandonado à própria sorte, principalmente em Salvador e no Rio de Janeiro. Ao migrar para a marginalidade, esse grupo levou consigo a capoeira, que se tornou uma arma poderosa contra as forças policiais que tentavam ordenar as metrópoles. No Rio de Janeiro, por volta de 1890, grupos de capoeiristas (eram chamados de "maltas") causaram tantos problemas que a capoeira foi banida em todo o território nacional. Assim, passou a ser praticada em terreiros distantes do Centro, e seus seguidores, perseguidos sem trégua pela polícia.



13. *Jogar Capoeira*, de Jean-Baptiste Debret

Foi na Bahia que a capoeira começou a escapar da perseguição oficial. O ano era o de 1932, e um grande lutador de ringues ilegais, Mestre Bimba, fundou em Salvador a primeira academia de capoeira da história. Para fugir à proibição ainda vigente, trocou o nome "capoeira" por "luta regional baiana". Deu certo:

ao sistematizar os principais golpes, passos e cantos da capoeira, Mestre Bimba deu a ela a estrutura para que se firmasse como um dos mais belos exemplos de miscigenação em nossa cultura. No limite entre a luta e a dança, acompanhada por instrumentos de percussão que fazem um som único – como o berimbau –, ela é hoje praticada por brasileiros de todas as classes, seja como esporte, seja como espetáculo para os turistas que se encantam com a plasticidade de seus movimentos.

Festa na cozinha

Quem quiser vatapá, ô
Que procure fazer
Primeiro o fubá
Depois o dendê
Procure uma nêga baiana, ô
Que saiba mexer (...)
Bota castanha de caju
Um bocadinho mais
Pimenta malagueta
Um bocadinho mais

Vatapá
(Dorival Caymmi)

Quem tomava conta da cozinha na casa-grande dos senhores coloniais? As escravas negras. Então, quem disser que a África começou a entrar em nossa herança pela boca não estará errado. Primeiro, pelo modo de preparar e temperar os alimentos. Segundo, na introdução de ingredientes na então pobre culinária brasileira. Mas como enfrentar a carência de produtos comuns na África? Pela substituição. Não tem inhame? Usa-se a mandioca. Não tem pimenta africana? Abusa-se do azeite de dendê. Como a caça era parte muito importante da dieta africana, incorporaram-se à dieta brasileira os animais que estavam à mão, de caranguejos a tatus, incluindo na lista até os lagartos.

14. *Baianas do Acarajé*, de Amneris Hartley

Um detalhe muito importante é que na cozinha africana os assados comandam a boca dos fogões, o que faz com que os caldos ocupem um lugar de destaque. Daí vem o angu (caldo com farinha de milho) e até mesmo o pirão (caldo com farinha de mandioca), que já era consumido pelos índios. Foi essa mistura de culinárias portuguesa, indígena e africana que deu uma identidade própria à cozinha brasileira. Um bom exemplo de prato afro-indígena é o caruru, feito originalmente com ervas socadas no pilão, mas que recebeu o reforço do peixe e de legumes cozidos. Já o acarajé tem uma receita que é a própria miscigenação, incluindo feijão-fradinho, azeite de dendê, sal, cebola, camarão...

15. Moqueca, um prato típico brasileiro

Citando o grande historiador, antropólogo e jornalista Luís da Câmara Cascudo, "a mucama cozinheira aproveitou os elementos próximos. Comer camarão, lagosta, caranguejo,

com molho seco de pimentas, é tanto do gosto indígena quanto do apetite africano. Reúnem-se, numa nacionalização gustativa, elementos indígenas e portugueses, tornados africanos pelo batismo do dendê, e alguns amerabas (indígenas brasileiros), como a moqueca e o caruru, ganham forma e viço na incessante adição dos novos componentes".

Se há alguma controvérsia nessa questão culinária, ela diz respeito à origem da feijoada. Segundo uma versão popular, os senhores de engenho distribuiriam entre os escravos os restos dos porcos que não eram levados à mesa. Misturados nas gamelas com outros ingredientes, esses "restos" teriam sido convertidos na famosa receita. Mas a pesquisa histórica derrubou o mito: a feijoada já era conhecida em Portugal, ainda que feita com feijão-branco e até carne bovina. O que ela ganhou no Brasil foi um contorno multiétnico, o que aumentou, em muito, as delícias que oferece...

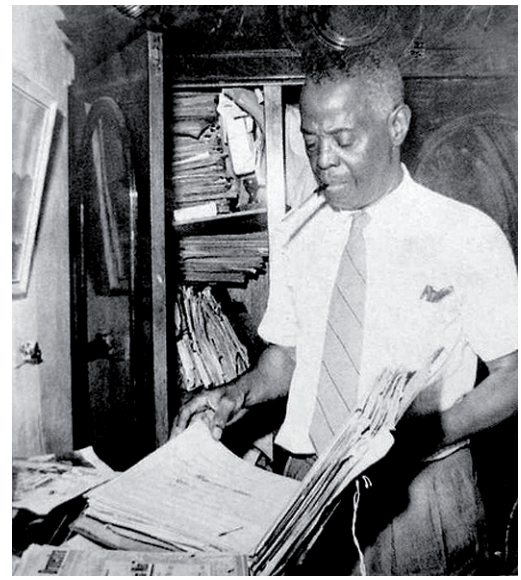
Todos no samba

Madame diz que a raça não melhora
Que a vida piora por causa do samba,
Madame diz que o samba tem pecado
Que o samba é coitado e devia acabar,
Madame diz que o samba tem cachaça,
Mistura de raça, mistura de cor,
Madame diz que o samba democrata
É música barata sem nenhum valor,
Vamos acabar com o samba,
Madame não gosta que ninguém sambe
Vive dizendo que samba é vexame
Pra que discutir com madame

Pra que Discutir com Madame
(Haroldo Barbosa e Janet de Almeida)

Entre as dádivas mais preciosas que a África deu ao Brasil, está a música. Grande parte de nossa variedade rítmica, que encanta o mundo inteiro, vem do batuque que chegou pelas mãos e, mais tarde, pelos instrumentos de percussão aqui construídos pelos escravos. Essa música de acento tribal alcançou diversas partes do Brasil e em cada uma tomou uma roupagem. Na Bahia, samba-corrido, samba de roda; no Ceará, coco; no Maranhão, tambor de crioula; samba de coco em Pernambuco; partido-alto e jongo no Rio de Janeiro. Todas com a mesma raiz.

No Rio de Janeiro, o samba urbano começou a ter uma identidade a partir do início do século XX. Personagem importante dessa época foi Tia Ciata, cozinheira baiana que veio para o Rio com 22 anos e aqui abriu uma casa para vender quitutes e abrigar os pagodes. Em torno dessa figura que encarnava tudo o que a Bahia tinha para dar – a religião, a comida e a música –, reuniu-se uma geração de sambistas na qual se destacavam Donga, Sinhô e João da Baiana. Em 1917, o primeiro samba gravado em disco é *Pelo Telefone*, de Donga e Mauro de Almeida: o primeiro e definitivo passo para o samba chegar a todas as camadas sociais do Rio de Janeiro.



16. Ernesto Joaquim Maria dos Santos, o Donga

Apesar de o samba carioca ser reconhecido como a expressão do samba brasileiro, vale a pena lembrar que na Bahia, por exemplo, a mistura deu no samba de chave, mais compassado, com uma coreografia bem determinada. Já em São Paulo, o batuque misturou-se com as tradições caboclas, com violas e uma espécie de pandeiro grande e quadrado.

Através do século XX, o samba ganhou novos contornos, acompanhou seu tempo, e hoje suas expressões podem ser encontradas no samba de breque, no samba-canção, no sambalanço, na batida da bossa nova, no pagode, no samba-enredo... Aliás, ao se olhar a música no mundo hoje, fica claro o predomínio das origens negras no rock, no jazz, no pop, no reggae, no samba, no rap. A África devolveu em beleza a violência com que o mundo civilizado a tratou.

Arte negra

Se a mão livre do negro
Tocar na argila
O que é que vai nascer?
Vai nascer pote pra gente beber
Nasce panela pra gente comer
Nasce vasilha, nasce parede
Nasce estatuinha
Bonita de se ver

Estatuinha
(Edu Lobo e Guarnieri)

A presença africana nas artes plásticas se dá, em primeiro lugar, nos objetos religiosos, que só ganharam status de peças artísticas a partir dos anos 1930. Mas muitos artistas brasileiros também beberam nessa fonte. Segundo Marianno Carneiro da Cunha, "há aqueles artistas que se utilizam do tema afro-brasileiro incidentalmente: Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Alberto da Veiga Guignard, Portinari, Djanira. Outros utilizam a temática afro-brasileira sistemática e conscientemente: Carybé, Mário Cravo Jr., Hansen Bahia, Di Cavalcanti".

17. *Frevo*, óleo sobre tela de Heitor dos Prazeres

Em 1966, Heitor dos Prazeres, Rubem Valentim e Agnaldo Santos representaram o Brasil no 1º Festival Mundial de Artes Negras de Dacar, no Senegal, selecionados entre artistas de raça negra ou ascendência africana, conforme regulamento oficial.

A partir dessa época, a arte afro-brasileira, então conhecida apenas como arte religiosa, ritual, comunitária e utilitária, começou a ampliar seu campo de atuação. Os artistas, saindo do anonimato, passaram a produzir uma arte não étnica, com projeção na linguagem plástica universal, embora conservando vínculos com suas raízes.

Ao observarmos sob uma perspectiva histórica, a África e sua cultura são parte importantíssima na formação do Brasil. Nossas raízes africanas nos remetem à luta de um povo que teve a força e o talento para enfrentar um destino trágico e transformá-lo em uma herança cheia de luz e de beleza. Mesmo em um mundo onde a discriminação ainda é grande, sempre é possível um sonho comum de felicidade.

Para usar em sala de aula

- Listar algumas delícias da culinária brasileira e pedir à turma que descubra a origem desses pratos.

- João do Pulo foi um dos maiores atletas brasileiros, até que sofreu um grave acidente. Os alunos podem pesquisar o esporte que ele praticava e que recordes conquistou.

- A festa do réveillon em Copacabana é um grande processo de sincretismo religioso. Sugerir aos alunos que expliquem, em poucas linhas, o significado dessa frase.

Para saber mais

Músicas

Áfrixo (Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro). CD – Sérgio Santos – Áfrixo – Quando o Brasil Resolveu Cantar – Biscoito Fino, 2001.

Sincretismo (Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro). CD – Sérgio Santos – Áfrixo – Quando o Brasil Resolveu Cantar – Biscoito Fino, 2001.

Ganga-Zumbi (Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro). CD – Sérgio Santos – Áfrixo – Quando o Brasil Resolveu Cantar – Biscoito Fino, 2001.

Retirantes (Dorival Caymmi e Jorge Amado). CD – Renato Braz – Renato Braz, 1996 – Atração, 1996.

Quilombo – O Eldorado do Negro (Gilberto Gil e Waly Salomão). CD – Gilberto Gil – Bande Originale du Film Quilombo – WEA, 2002.

Zumbi (Jorge Ben Jor). CD – Mariana Baltar – Uma Dama Também Quer se Divertir – Zambo Discos, 2006.

Raça (Milton Nascimento e Fernando Brant). CD – Milton Nascimento – Milton Nascimento, 1976 – A&M Records/Polygram, 1997.

Upa Neguinho (Edu Lobo). CD – Joyce Moreno – Astronauta – Canções de Elis – Pau Brasil, 1998.

Filmes

O Jongo na Serrinha: um Tributo a Mestre Darcy. Brasil, 2007. Direção: Beatriz Paiva. Distribuição: Rob Digital. Duração: 35 min.

Orfeu Negro. Brasil/França/Itália, 1959. Direção: Marcel Camus. Distribuição: Lopert Pictures Corporation. Duração: 100 min.

Orí. Brasil, 1989. Direção: Raquel Gerber. Distribuição: Versátil. Duração: 91 min.

Pierre Fatumbi Verger: Mensageiro entre Dois Mundos. Brasil, 2000. Direção: Lula Buarque de Hollanda. Distribuição: Grupo Estação. Duração: 82 min.

Quilombo. Brasil/França, 1984. Direção: Cacá Diegues. Distribuição: Globo Vídeo. Duração: 119 min.

Livros

AGUILAR, Nelson (org.). *Mostra do Redescobrimento*: Arte Afro-Brasileira. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

_____. *Mostra do Redescobrimento*: Negro de Corpo e Alma. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*: Rito Nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. v. 1 e 2. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1983.

CASTRO, H. M. M. *Das Cores do Silêncio*: O Significado da Liberdade no Sudeste Escravista – Brasil Século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COLEÇÃO História Geral da África (Unesco). Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese-1.

CONDURU, Roberto. *Arte Afro-Brasileira*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.

FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras*: Uma História do Tráfico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HERNANDES, Leila Leite. *A África na Sala de Aula*: Visita à História Contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Editora Selo Negro, 2004.

_____. *O Negro no Rio de Janeiro e Sua Tradição Musical*: Partido-Alto, Calango, Chula e Outras Cantorias. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

REIS, J. J. *Rebelião Escrava no Brasil*: A História do Levante dos Malês em 1835 (Edição revista e ampliada). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*: Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Alberto da Costa e. *A Manilha e o Libambo*: A África e a Escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

SLENES, Robert Wayne Andrew. *Na Senzala, uma Flor*: Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava (Brasil Sudeste, Século XIX). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, M. C. (org.). *Devotos da Cor*: Identidade Étnica, Religiosidade e Escravidão. Rio de Janeiro, século XVIII. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil Africano*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

VERGER, Pierre. *Orixás*. São Paulo: Corrupio, 1997.

Websites

Casa das Áfricas
http://www.casadasafricas.org.br

A Escravidão Africana nos Arquivos Eclesiásticos
http://www.historia.uff.br/curias

Fundação Cultural Emma Gordon Klabin
http://www.emaklabin.org.br/arte-africana

Jongos, Calangos e Folias: Memória
da Música Negra no Rio de Janeiro
http://www.historia.uff.br/jongos

Memórias do Cativeiro: Narrativas
http://www.historia.uff.br/labhoi/modules/
wordpress/?style=w

Museu Afro Brasil
http://www.museuafrobrasil.org.br

Museu Afro-Brasileiro UFBA
http://www.mafro.ceao.ufba.br

Museu Nacional de Belas Artes
(Coleção de Arte Africana)
http://www.mnba.gov.br/2_colecoes/
a5_aa.htm

Programa Memória do Mundo – Unesco
http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_
ID=1538&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SE...

Revista África e Africanidades
http://www.africaeafricanidades.com

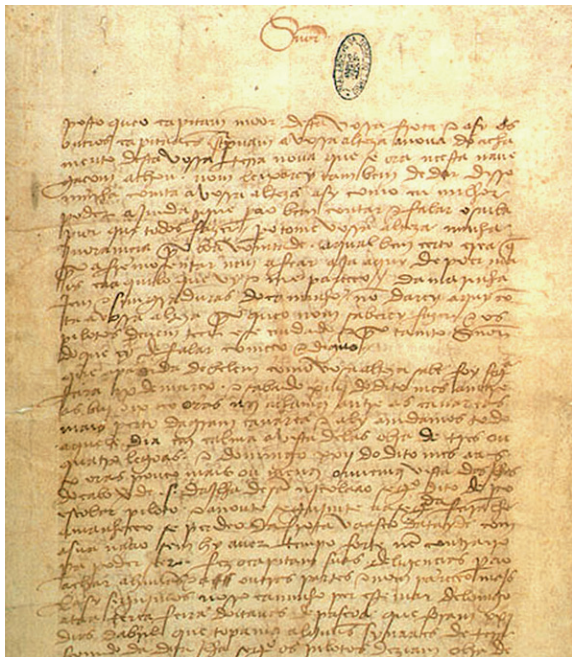
Ouro em Minas

1

Sinopse

O ouro brasileiro levou mais de cem anos para ser encontrado; bandeirantes paulistas rasgaram o sertão em busca de pepitas, pedras preciosas e escravos; o surgimento de Vila Rica; a arte religiosa; Aleijadinho: o que reluz é sua obra; Chico Rei e Chica da Silva: como escapar à escravidão; o ouro brasileiro capitalizou a Inglaterra; Inconfidência Mineira, o primeiro esboço de liberdade; Tiradentes, o herói obscuro, é reabilitado; modernistas reconhecem no barroco mineiro o começo da formação de uma arte nacional e, em consequência, de uma identidade nacional.

Tesouros escondidos



2. Carta de Pero Vaz de Caminha

> *Verde que te quiero oro*
> *Bandeira removendo a terra*
> *Esmeralda que aguarda agora*
> *No riacho além de Tordesilhas...*
>
> **O Caçador de Esmeraldas**
> (Cláudio Tolomei, Aldir Blanc e João Bosco)

O que buscavam os navegantes portugueses quando iniciaram, em finais do século XV, sua epopeia pelos mares do planeta? Em um mundo ainda envolto em brumas medievais, o sonho de riqueza passava, em grande parte, pela descoberta de metais, de pedras preciosas e de tesouros guardados a sete chaves em reinos mitológicos. Assim, a descoberta, a exploração e a colonização do Brasil não ficaram alheias a essa demanda, como testemunha a Carta de Pero Vaz de Caminha, ao se referir às perguntas dos portugueses aos indígenas sobre a existência de ouro e de prata na terra conquistada.

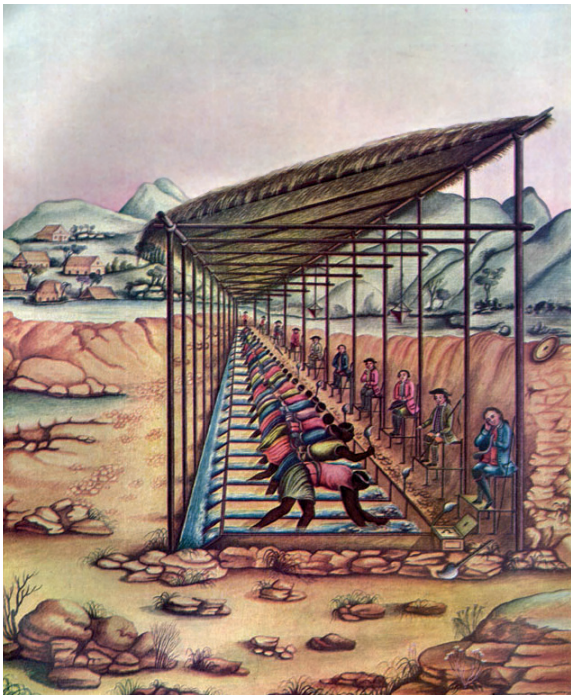
O descobrimento pelos espanhóis das fabulosas minas de Potosí, no Vice-Reino do Peru (atual território da Bolívia), em 1542, reforçou ainda mais esse empenho, mas os portugueses tiveram que esperar quase um século antes de encontrar algo substancioso no Novo Mundo.

Alguns documentos afirmam ter sido em 1598 a primeira descoberta de ouro, na Capitania de São Vicente, com a criação de quatro lavras nas cercanias da recém-fundada Vila de São Paulo. No entanto, foi muito pequena a quantidade de metal garimpado, servindo apenas para estimular os que defendiam as investidas Brasil adentro. Pelo menos dez grandes expedições são relatadas até 1693, com algum sucesso no que diz respeito à descoberta de metais e de pedras preciosas e que também serviram para uma futura ocupação do interior brasileiro.

3. *Ciclo da Caça ao Índio*, óleo sobre tela de Henrique Bernadelli

Nem só de tesouros escondidos na terra viviam os bandeirantes, como eram chamados os aventureiros que partiam mata adentro. Eles também buscavam indígenas para

escravizar, pois eram necessários muitos braços que tocassem a lavoura, principalmente nos engenhos de cana-de-açúcar. Ou seja, antes mesmo que os negros africanos entrassem na terrível era da escravidão no Brasil, nossos indígenas já sofriam sob o jugo bandeirante.



4. *Lavagem de Diamantes*, pintura de Carlos Julião

Com a Serra do Mar separando São Paulo do litoral como uma verdadeira "muralha" natural, não havia outra opção que não fosse o sertão, e sua porta de entrada eram o Rio Tietê e seus afluentes. Foi em 1562 que partiu a primeira expedição de apresamento, chefiada por João Ramalho, que atacou as tribos do Vale do Paraíba. Alguns desses chefes de expedição entraram para nossa história como homens de grande bravura e que ajudaram a forjar o Brasil como o conhecemos hoje. No entanto, à luz de novos estudos e sob o olhar dos direitos humanos, as façanhas dos bandeirantes mostram um outro lado, no qual a indefensável utilização do ser humano como mão de obra escrava – e mercadoria, já que a venda de indígenas capturados era altamente lucrativa – mancha esses tempos heroicos.

O nascimento da Vila Rica

Caminhando pela mata virgem
Bravo bandeirante encontrou
Grupo de nativos comentavam
O que o trovão proporcionou
No céu sem as estrelas
Mas um raio de luz se dirigia
A gruta de uma alma encantada
Era a mãe de ouro que surgia
Ôba-bá, Ôla, Ôba-bá
É a mãe do ouro
Que vem me salvar

No Reino da Mãe de Ouro
(Tolito e Rubens da Mangueira)

Além do impulso gerado pela necessidade portuguesa de se capitalizar através do ouro, da prata e das pedras preciosas, havia o fato de que a economia açucareira começava a entrar em declínio, sofrendo a concorrência do açúcar antilhano, que, com capitais holandeses, produzia mais e tinha um preço melhor. Ou seja: as expedições bandeirantes que avançavam pelo território que viria a ser conhecido como Minas Gerais também eram portadoras de um novo modelo de exploração das terras.

Foram bandeirantes paulistas que chegaram à região hoje conhecida como Ouro Preto. Por volta de 1698, o bandeirante Antonio Dias de Oliveira, o padre João de Faria Filho e o coronel Tomás Lopes de Camargo fundaram um arraial que, ainda sem nome, começou a atrair muitas pessoas devido às histórias de grandes achados de ouro.

Em 1711, a grande afluência ao local fez com que a Coroa, interessada em organizar a riqueza que começava a escorrer entre seus dedos, fundasse Vila Rica, hoje Ouro Preto,

unindo os diversos arraiais que ali haviam surgido. Em pouco menos de dez anos, a cidade foi escolhida para ser a capital da capitania de Minas Gerais.

5. Museu da Inconfidência, em Ouro Preto

O ouro que se garimpava era o de aluvião: encontrado nos leitos dos rios, nas margens e nas encostas. Era de fácil extração, pois não exigia grandes investimentos em apetrechos; por isso mesmo, esgotaram-se rapidamente as reservas locais. Por outro lado, exigia muitos braços, e foi o trabalho escravo que fez o ouro faiscar como nunca em nosso país. Trabalho esse feito em condições desumanas, mantendo os escravos horas a fio dentro de água ou de lodaçais.

6. *Lavagem de Diamante*, litografia de Rugendas

A sociedade colonial brasileira passou por uma grande transformação com o ciclo do ouro, deixando para trás o cenário dos grandes engenhos de açúcar e construindo um modelo mais urbano, com destaque para a construção de sobrados, de igrejas e de edifícios públicos. Houve, também, um grande crescimento do comércio interior, claramente estimulado pelas levas de portugueses que passaram a vir ao Brasil atraídos pelo sonho da riqueza, já que, para encontrar ouro, não era preciso tanto capital como para montar um engenho.

Em torno de Deus

Ó Deus, salve o oratório
Ó Deus, salve o oratório
Onde Deus fez a morada
Oiá meu Deus
Onde Deus fez a morada, oiá

Cálix Bento
(Folclore mineiro, adaptação de Tavinho Moura)

A Igreja Católica teve um papel determinante na estruturação das primeiras cidades brasileiras. Era sempre em torno dela que se construíam o casario e os prédios governamentais, em uma clara explicitação de como o poder religioso e o da Coroa andavam entrelaçados. As ordens religiosas que chegaram ao Brasil a partir de meados do século XVI desenvolveram uma arquitetura religiosa que era ao mesmo tempo sóbria e monumental: por fora, fachadas retilíneas; por dentro, o excesso ornamental.

O número, o tamanho e a suntuosidade das igrejas em Vila Rica são um testemunho vivo dessa época de fausto da elite colonial. A mais famosa delas é a de São Francisco de Assis (construída em 1766), um

dos exemplares mais magníficos do que se convencionou chamar de barroco mineiro. As matrizes de Nossa Senhora da Conceição, de São Francisco de Paula, de Nossa Senhora das Mercês, de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz e tantas outras igrejas e capelas trazem inscrita em suas linhas parte significativa de nossa história.

7. Teto da Igreja de São Francisco de Assis, em São João del-Rei

O Aleijadinho

Quem é que é
O Aleijadinho, quem é?
O Aleijadinho, quem é?
Quéde o que é
O anjo torto que é
O desordeiro da fé?
Ah, quem é?
Ah, quem é?

Anjo Torto
(Guerra Baião e João Bosco)

O primeiro grande personagem de Vila Rica é, sem dúvida, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, um artista cuja vida até hoje permanece envolta em brumas, como as ruas da cidade onde nasceu, viveu e morreu. Mas sua obra ultrapassou a barreira do tempo e permanece viva nas igrejas de Ouro Preto. Existem divergências sobre o ano do nascimento de Aleijadinho, filho do conceituado mestre de obras e arquiteto português Manoel Francisco Lisboa e de sua escrava Isabel; alguns historiadores falam em 1730; outros, em 1738. Aliás, todas as informações de sua vida são imprecisas, ainda que muitos pesquisadores e historiadores tenham se debruçado sobre sua trajetória.

Na falta de documentos comprobatórios, sua história é contada pelas obras – consideram-se mais de 400 –, tendo espalhado seu impressionante talento por outras cidades mineiras, como Sabará, São João del-Rei e Congonhas. O conhecimento de desenho, de arquitetura e de escultura teria sido obtido de seu pai, a quem acompanhava nos trabalhos realizados na Matriz de Antônio Dias e na Casa dos Contos.

8. *Mestre Aleijadinho*, desenho de Henrique Bernardelli

A partir de 1777, Aleijadinho começou a apresentar sinais de uma misteriosa doença degenerativa, diagnosticada muitos anos depois de sua morte como hanseníase (lepra). As deformações de seu corpo impressionavam, mas, hoje, sabe-se que, certamente, era outro seu quadro clínico, pois à época não havia tratamento para essa doença e

todos os portadores eram imediatamente afastados do convívio social, fato que não aconteceu com Aleijadinho. O que se pode afirmar com alguma segurança, através do relato de seus contemporâneos, é que a doença cobriu seu corpo de chagas, fazendo com que perdesse os pés e vários dedos das mãos. Assim, tinha que andar sobre seus joelhos, além de amarrar os instrumentos aos pulsos para continuar esculpindo suas estátuas em pedra-sabão. Ao morrer, em 1814, deixou uma grande quantidade de obras que foram catalogadas com base em semelhanças estilísticas.

9. *Abdias*, escultura em pedra sabão, faz parte do conjunto *12 Profetas*, de Aleijadinho

No início do século XX, os modernistas, em busca de novos símbolos para a brasilidade, encontraram no artista o protótipo perfeito para suas ideias renovadoras. Ele era o mulato, símbolo do rico sincretismo cultural e étnico brasileiro, que conseguiu transformar a herança portuguesa em algo original. Independentemente das discussões sobre a natureza da obra, sua beleza é de tal ordem que uma visita ao museu a céu aberto que é Ouro Preto nos faz recuar no tempo e viver uma profunda emoção estética.

O ouro e os negros

Deixando o sagrado Congo para trás,
Mas rei de Zâmbi-Apongo
É rei onde chega, Obá dos Obás
Foi assim, hoje eu sei
Que nasceu Chico-Rei
Rei da África e Rei das Minas Gerais!

Galanga Chico-Rei
(Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro)

Para a grande empresa mineradora de Vila Rica e das regiões adjacentes, só mesmo um grande contingente de trabalhadores viabilizaria seu sucesso. Registros históricos detalham que foi essa a região que abrigou o maior número de escravos no período colonial. A "empresa negreira", além de proporcionar lucros enormes para os traficantes, foi a responsável pela Era de Ouro de Minas Gerais. Nos primeiros 20 anos de mineração, entraram em Minas cerca de 50 mil escravos; em 1738, já passavam de 100 mil. Eles eram alugados, vendidos, trocados, sempre com preços altos. A quantidade de escravos que um senhor de lavras (aquele que explorava a atividade de mineração) possuía era parte integrante de seu status econômico.

Essa enorme "nação negra" tinha estratégias próprias de sobrevivência. Retirada à força de seus territórios, levava consigo uma cultura que tentava manter viva através de diversos subterfúgios. Segundo a pesquisadora Isânia Graças da Silva, citando o professor Robert W. Slenes, "a África permaneceu durante o período da escravidão 'encoberta' para os brasileiros, pelo menos para grande parte da população branca. Esta população, essencialmente os 'senhores', não demonstrava grande interesse pela cultura dos escravos e, assim, 'não conseguia penetrar muito além da superfície das

palavras, sensibilidades e visões africanas'. Os senhores e a 'elite' brasileira acreditavam que o continente africano era um amontoado de tribos e que os seus habitantes eram todos bárbaros. Sorte dos escravos, que, assim, podiam criar estratégias de sobrevivência através de uma comunicação que seria incompreensível aos senhores e feitores".

10. *A Guerra de Palmares*, óleo sobre tela de Manuel Victor

As estratégias para alcançar a liberdade eram variadas: podiam ir da fuga pura e simples, formando os chamados "quilombos", até a compra do próprio corpo, como se dava com os negros que juntavam ouro suficiente para se tornarem "forros", ou libertos. Eles encontravam pepitas em córregos de baixo rendimento ou usavam expedientes como esconder no cabelo, na boca e em outras partes do corpo parte do que garimpavam para os senhores.

Ícone dessa luta pela sobrevivência é o escravo Galanga, um dos heróis da história oral mineira, que ficou conhecido como Chico Rei. Não há registros fidedignos de sua saga, mas a lenda marcou para sempre Vila Rica. Consta que seria monarca guerreiro e sumo sacerdote do deus Zambi-Apungo. Capturado com toda a sua corte pelos comerciantes portugueses de escravos, teria chegado ao Brasil em 1740. Comprado pelo proprietário da mina Encardideira, por sua vez comprou sua liberdade e a de seu filho. Tendo adquirido a mina onde trabalhara como escravo, passou a comprar negros e alforriá-los, tornando-se um verdadeiro "rei" para os libertos.

Esse grupo de libertos teria se associado em uma irmandade em honra de Santa Ifigênia, sendo a primeira irmandade de negros livres de Vila Rica. Apesar de essa bela história de superação não encontrar documentos que a comprovem, vive no imaginário dos mineiros de todas as épocas, como prova de que o engenho humano pode enfrentar as forças do destino e transformar a tragédia em vitória.

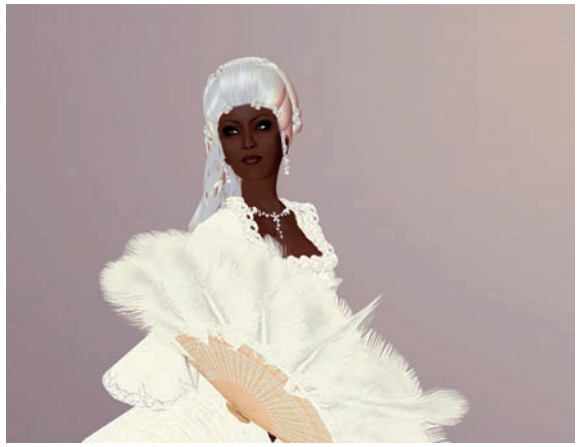
11. *Chefe dos Bororenos Partindo para um Ataque*, de Jean-Baptiste Debret

Vênus negra

Xica da, Xica da, Xica da
Xica da Silva, a Negra!...
Xica da Silva
A Negra! A Negra!
De escrava a amante
Mulher!
Mulher do fidalgo tratador
João Fernandes
Xica da, Xica da, Xica da
Xica da Silva, a Negra!...

Xica da Silva
(Jorge Ben Jor)

Se a história de Chico Rei não tem comprovação histórica, não se pode dizer o mesmo da venturosa vida amorosa da escrava Francisca da Silva Oliveira (1732-1796), mais conhecida como Chica da Silva, que viveu no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, e que alcançou a liberdade graças a uma vida que a contemplou com senhores (e maridos) pródigos. A região do Tijuco, a princípio relegada a segundo plano pelos garimpeiros, atraiu mineradores quando por lá se encontraram diamantes e, assim como Vila Rica, sofreu um rápido ciclo de crescimento.



12. Representação da ex-escrava negra Chica da Silva

Em 1740, a Coroa determinou que só poderiam explorar os diamantes aqueles que tivessem contrato com ela. Em 1752, João Fernandes de Oliveira, investido no papel de contratador, uma espécie de controlador das lavras, chegou à vila. E quem administrava esses contratos era exatamente seu pai, a quem ele vinha suceder.

A essa época, Francisca havia sido escrava do sargento-mor Manoel Pires Sardinha, com quem teve um filho. Em seguida, foi vendida a José da Silva Oliveira e Rolim, personagem que tomou parte na Inconfidência Mineira. Quando o contratador Oliveira a conheceu nas ruas de Diamantina, não teve dúvidas: comprou-a do padre Rolim e em seguida deu-lhe a carta de alforria. Passaram então a viver juntos e tiveram 13 filhos, antes que João Fernandes de Oliveira tivesse que viajar a Portugal para resolver questões relativas à herança deixada por seu pai.

Esse não foi um caso isolado na sociedade colonial brasileira. A união consensual entre homens brancos e escravas negras era vista com uma certa tolerância, e a história de Francisca e Oliveira ganhou destaque por ter sido intensa e durado muito tempo, envolvendo um dos homens mais ricos e destacados da colônia. Mesmo após a partida do amante, Chica da Silva manteve seu status, pois o contratador deixou-lhe várias propriedades que lhe proporcionaram uma vida confortável. Ao morrer, foi enterrada na Igreja de São Francisco de Assis, que só recebia brancos ricos em sua terra consagrada.

Para onde vai todo esse ouro?

Ê Minas, ê Minas, é hora de partir, eu vou
Vou-me embora pra bem longe
A cera da vela queimando, o homem
[fazendo seu preço
A morte que a vida anda armando,
[a vida que a morte anda tendo
O olhar mais fraco anda afoito
O olhar mais forte, indefeso
Mas quando eu chego eu me enrosco
Nas cordas do seu cabelo

Desenredo
(Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro)

Toda essa movimentação econômica em torno de nossas riquezas minerais acabou por provocar uma mudança no eixo econômico da colônia. Para facilitar e melhor controlar o fluxo de metais e de pedras preciosas que seguia para Portugal, a administração

foi transferida, paulatinamente, de Salvador para o Rio de Janeiro. Em 1763, oficializou-se a mudança. Apesar de todo esse cuidado, o ouro extraído do Brasil não serviu para salvar a economia portuguesa, indo parar nos cofres ingleses.

13. Barras de ouro: símbolo de riqueza e poderio

Ao final do século XVI, arruinado economicamente e sempre ameaçado pela Espanha, o Reino Português assinou tratados com a Inglaterra em que se submetia aos desígnios britânicos. Os produtos ingleses sofriam pouquíssima taxação, fosse em Portugal ou nas colônias, que deveriam comprar manufaturados somente de procedência inglesa. Com todo o ouro extraído do Brasil, Portugal poderia ter se tornado uma potência.

Mas isso não ocorreu porque a Coroa abriu os cofres para pagar dívidas e cobrir os prejuízos da balança comercial: as importações eram sempre maiores do que as exportações. Essa política equivocada transferiu a riqueza para a Inglaterra, que se modernizava rapidamente, enquanto Portugal afundava no marasmo social e econômico. Como a partir de 1760 houve uma significativa queda na produção mineradora da região que reunia Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia, a Coroa só encontrou uma forma de aumentar seus ganhos: elevar os impostos.

No entanto, o estrato social constituído na colônia havia sofrido muitas transformações. Duzentos e cinquenta anos se passaram desde a descoberta, e, com o advento da mineração, uma multidão de pessoas acorreu às Minas Gerais; gente de diferentes origens, posições sociais e situações econômicas.

As terras mineiras foram povoadas por pobres, ricos, índios, negros livres, escravos, aristocratas e burgueses. A sociedade que se gerou aí tinha uma grande variedade de profissões liberais e vários tipos de ofícios: sapateiros, alfaiates, ferreiros, pintores, entalhadores, músicos, advogados, médicos, mestres-escolas, padres, militares, funcionários públicos. Com essa presença, surgiu uma intensa vida cultural nas Gerais e, com isso, também um primeiro esboço de identidade artística, se não nacional, pelo menos mineira.

14. *Santa Ifigênia*, escultura em madeira policromada e dourada. Século XVIII, Minas Gerais

Liberdade ainda que tardia

Em 1785, um decreto da Coroa proibiu atividades fabris e artesanais na colônia, desagradando profundamente aos homens que apostavam no desenvolvimento e no progresso de Minas Gerais. Para aumentar a insatisfação, foi instituído o imposto chamado "derrama" – uma taxação compulsória para completar o que faltasse da cota, imposta por lei,

de 1.500 quilos anuais de ouro, quando esta não fosse atingida. Era o pretexto que faltava para que a conspiração começasse.

Joaquim José da Silva Xavier
Morreu a vinte e um de abril
Pela independência do Brasil
Foi traído e não traiu jamais
A Inconfidência de Minas Gerais
Joaquim José da Silva Xavier
Era o nome de Tiradentes
Foi sacrificado pela nossa liberdade
Este grande herói
Pra sempre há de ser lembrado

Exaltação a Tiradentes
(Mano Décio da Viola, Estanislau Silva e Penteado)

Os inconfidentes, como passaram a se chamar os homens que participaram da conjura, pretendiam eliminar a dominação portuguesa nas Minas Gerais criando uma república nos mesmos moldes da surgida com a independência americana, ocorrida em 1776. Estavam também tocados pelos ideais iluministas franceses, mas não havia a intenção de libertar toda a colônia, pois naquele momento uma identidade nacional ainda não havia se formado.

É interessante notar que a abolição da escravatura não estava nos planos do grupo, mesmo porque muitos dos inconfidentes eram proprietários de escravos. Entre os conjurados, destacavam-se militares, padres, poetas, donos de lavras e um humilde alferes (antigo posto militar, equivalente hoje ao de segundo-tenente), Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792).

Joaquim José, filho de família sem muitos recursos, perdeu o pai aos 11 anos. Não fez estudos regulares e ficou sob a tutela de um padrinho. Trabalhou como mascate (uma espécie de vendedor) e minerador, tornou-se sócio de uma botica de assistência à pobreza na ponte do Rosário, em Vila Rica, e se dedicou, também, às práticas farmacêuticas e ao exercício da profissão de dentista, o que lhe valeu o apelido de Tiradentes. Em 1780, alistou-se na tropa da capitania, sendo promovido a comandante do destacamento dos Dragões – tropa responsável pelo patrulhamento da estrada que servia como rota de escoamento do minério para o Rio de Janeiro.

15. *Alferes Joaquim José da Silva Xavier*, por José Walsht Rodrigues

Segundo historiadores, foi a partir desse momento que Tiradentes se aproximou dos grupos que criticavam a condição brasileira diante da metrópole. Os planos iniciais dos inconfidentes eram criar manufaturas, uma universidade em Vila Rica, estabelecer um governo republicano independente, sendo São João del-Rei sua capital.

Seu primeiro presidente seria, durante três anos, o jurista e poeta Tomás Antônio Gonzaga, após o qual haveria eleições. Nessa

república, não haveria exército regular, mas toda a população usaria armas e formaria uma milícia, quando necessário.

16. O inconfidente Tomás Antônio Gonzaga (gravura)

Como tantas outras figuras históricas, Tiradentes foi exaltado por muito tempo como o "protomártir" da Independência brasileira, ou seja, o homem que encarnou pela primeira vez o desejo de que o Brasil e os brasileiros se tornassem independentes. Mas o historiador Kenneth Maxwell, em seu clássico livro *A Devassa da Devassa*, deu outras tintas ao movimento e ao próprio Tiradentes.

Segundo Kenneth, a Inconfidência foi movida única e exclusivamente por motivos pessoais, por homens que viam na proposta de um estado independente a única solução para seus problemas, bem menos nobres do que uma preocupação ideológica de fundo nacionalista.

Se era esse mesmo o impulso que movia os inconfidentes, pouco importava para a Coroa portuguesa. Segundo a óptica do colonizador, eram todos criminosos de "lesa-majestade" e, denunciados por Joaquim Silvério dos Reis e mais dois súditos portugueses em troca do perdão das dívidas, acabaram presos antes mesmo de que a revolta saísse às ruas. Foram duras as sentenças contra os inconfidentes, que tiveram seus bens sequestrados e foram condenados ao exílio e a outras penas pesadas. Mas à morte só um foi sentenciado: exatamente Tiradentes.

É ainda Kenneth Maxwell que oferece uma análise crítica desse fato: Joaquim José era um elemento estranho em um grupo formado por intelectuais, donos de minas, senhores de escravos. Assim, reunia as condições necessárias para ser o "bode expiatório" mais conveniente a um poder que tinha a necessidade de mostrar sua força, preservando, entretanto, a estrutura social que mantinha a colônia funcionando.

Enforcado, esquartejado e tendo seu corpo espalhado pelas estradas mineiras, Tiradentes tornou-se um personagem obscuro na História brasileira até o surgimento da República, quando os ideólogos do novo regime foram buscar nele a figura mítica de que necessitavam para a construção da nação agora republicana.

17. *Jornada dos Mártires*, óleo sobre tela de Antônio Parreiras

O trágico fim da Inconfidência Mineira não apagou o desejo de liberdade entre os brasileiros. No novo centro administrativo da colônia, o Rio de Janeiro, a riqueza que seguia para Portugal também deixava um rastro de insatisfação nas classes sociais recém-surgidas. O que ninguém podia imaginar é que a guerra na Europa fosse mudar radicalmente a vida no Brasil a partir de 1808. Mas isso já é outra história.

Mário vai às Minas

Procissão deserta, deserta
Homens e mulheres na noite
Homens e mulheres na noite desse meu [país
Na porta do Beco estamos
Procissão deserta, deserta
Nas portas da arquidiocese desse meu [país
Diamantina é o Beco do Mota
Minas é o Beco do Mota
Brasil é o Beco do Mota

Beco do Mota
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Em junho de 1919, com o objetivo de encontrar as origens de uma arte genuinamente brasileira, o escritor e ensaísta Mário de Andrade, figura de proa do movimento modernista no Brasil, foi pela primeira vez a Minas Gerais.

Sua viagem rendeu o estudo *A Arte Religiosa no Brasil*, abrindo uma nova vertente para a história de nossa cultura. Mário de Andrade defendia que os conjuntos arquitetônicos de Salvador, do Rio de Janeiro e, principalmente, de Ouro Preto foram os marcos originais do processo artístico em nosso país.

Parece incrível, mas durante mais de um século toda a beleza da arte sacra mineira ficou no esquecimento! Em 1924, Mário refez a viagem com um grupo de modernistas que reuniu, entre outros, a artista plástica Tarsila do Amaral, o dramaturgo e escritor Oswald de Andrade, o poeta franco-suíço Blaise Cendrars, além de jornalistas e estudantes de arte.

Oswald batizou a expedição como "Viagem de descoberta do Brasil", e, com isso, os modernistas reviveriam uma tradição perdida e, por conseguinte, constituiriam as bases de uma identidade moderna brasileira, seja ela estética, política ou histórica. Com essa visita a Minas, seguindo os passos de Mário de Andrade, estabeleceram as referências de uma arte própria, autenticamente brasileira, que não importava, cegamente, os modelos europeus. E resgataram um passado histórico que, segundo eles, forneceu as bases para a construção da nacionalidade brasileira.

18. *Anjo com o Cálice da Paixão*, escultura em madeira de Aleijadinho

Para usar em sala de aula

- A saga dos escravos no Brasil foi cantada em muitos sambas-enredo, mas uma agremiação, a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, tem tradição no tema. Sugira a sua turma que pesquise quais os personagens negros que o Salgueiro exaltou em seus carnavais.

- Combine com seus alunos uma visita à Igreja e ao Mosteiro de São Bento (Rua Dom Gerardo, 68, Praça Mauá, Centro) para ver de perto exemplos da belíssima arte barroca brasileira.

- A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro está localizada no Palácio Tiradentes (Rua

Primeiro de Março, s/nº). Sugira a seus alunos que estudem a história daquele prédio, construído em 1640.

Para saber mais

Músicas

Desenredo (Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro). CD – Nana Caymmi – Renascer – CID, 2003.

Cálix Bento (Adaptação: Tavinho Moura). CD – Milton Nascimento – Geraes – EMI/Odeon, 1995.

Galanga Chico-Rei (Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro). CD – Sérgio Santos – África – Quando o Brasil Resolveu Cantar – Biscoito Fino, 2001.

Beco do Mota (Milton Nascimento e Fernando Brant). CD – Milton Nascimento – Milton Nascimento – 1969 – EMI/Odeon, 1995.

Xica da Silva (Jorge Ben Jor). CD – Jorge Ben Jor – África Brasil – Polygram/Philips, 2001.

Filmes

O Aleijadinho. Brasil, 1978. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Distribuição: Videofilmes. Duração: 24 min.

Os Inconfidentes. Brasil, 1972. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Distribuição: Videofilmes. Duração: 76 min.

Santuário. Brasil, 1951. Direção: Lima Barreto. Distribuição: ELO Company. Duração: 18 min.

Xica da Silva. Brasil, 1976. Direção: Carlos Diegues. Distribuição: Embrafilmes. Duração: 107 min.

Livros

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Ricos e Pobres em Minas Gerais*: Produção e Hierarquização Social no Mundo Colonial, 1750-1822. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2010.

ANDRADE, Mário de. *A Arte Religiosa no Brasil*: Crônicas Publicadas na Revista do Brasil em 1920. Organização: Cláudio Giordano. Comentário: Claudete Kronbauer. São Paulo: Experimento: Giordano, 1993.

ÁVILA, Affonso (org.). *Barroco*: Teoria e Análise. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, c. 1956.

BORGES, Márcio. *Os Sonhos Não Envelhecem*: Histórias do Clube da Esquina. Editorial Geração, 1996. Posfácio: Milton Nascimento.

BOXER, C. R. *A Idade de Ouro no Brasil*: Dores de Crescimento de uma Sociedade Colonial. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. *Mestre Valentim*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

DOLORES, Maria. *Travessia*: A Vida de Milton Nascimento. Editora RCB, 2006.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

JANCSÓ, Tstván. A Sedução da Liberdade. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da Vida Privada no Brasil*: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KANTOR, Iris. Tirania e Fluidez da Etiqueta nas Minas Setecentistas. *Revista de História*, n. 5, Dep. História/UFOP, 1995, p. 112-121.

MAXWELL, Kenneth R. *A Devassa da Devassa*: A Inconfidência Mineira: Brasil-Portugal – 1750-1808. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Rococó Religioso no Brasil e Seus Antecedentes Europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de et al. *O Aleijadinho e Sua Oficina*. Rio de Janeiro: Capivara, 2002.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*: Colônia. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1977.

SOUZA, Laura de M. *Os Desclassificados do Ouro*: A Pobreza Mineira no Século XVIII. São Paulo: Graal, 2004.

Websites

A Música Que Vem de Minas
http://www.amusicaquevemdeminas.com.br

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic

Identidades Éticas dos Escravos de Vila Rica em 1760
http://bit.ly/oK51uY

Museu Clube da Esquina
http://museuclubedaesquina.org.br

Música de Minas
http://www.musicademinas.com.br

Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Aleijadinho

1808: Era no tempo do rei

1

Sinopse

D. João VI engana Napoleão e foge com a Corte para o Brasil; a chegada a Salvador e a abertura dos portos; o Rio de Janeiro se adapta para receber tanta gente; as missões que trazem beleza e ciência; Portugal exige a volta de D. João VI; D. Pedro, de príncipe regente a imperador; a Bahia derrama seu sangue pela independência; portugueses e brasileiros em confronto; a abdicação de D. Pedro: o Brasil a caminho do Segundo Reinado.

Uma corte no mar

Chegou no porto um canhão
de repente matou tudo, tudo, tudo...
capitão senta na mesa
com sua fome e tristeza, esa, esa...
Deus salve sua rainha
Deus salve a bandeira inglesa

Bodas
(Milton Nascimento e Ruy Guerra)

2. *Napoleão em Seu Trono Imperial*, de Jean Auguste Dominique Ingres

1807. Na Europa conflagrada pelo irresistível avanço de Napoleão e suas tropas, todas as certezas se transformaram em dúvidas. Só uma nação se mantinha a salvo da investida francesa: a poderosa Inglaterra, cuja força naval era a maior do Ocidente. Depois de tomar a Espanha, Portugal era o alvo seguinte de Napoleão. E o príncipe regente português, D. João (sua mãe, a rainha D. Maria I, estava impedida de reinar devido a uma doença mental), diante de duas forças poderosas, fez uma escolha que seria decisiva para o futuro do Brasil.

Inicialmente, ele tentou manter a neutralidade, utilizando a diplomacia para evitar alianças, fosse com a Inglaterra, fosse com a França. Mas a pressão política multiplicada pelo poder das armas obrigou D. João a decidir. Napoleão apresentou um ultimato, o qual exigia que Portugal cortasse suas relações com a Inglaterra; caso contrário, seu território seria invadido pelas tropas francesas, já bem instaladas na Espanha, que derrubariam a monarquia. Já a Inglaterra apresentava suas exigências: se o príncipe regente aceitasse o ultimato, certamente Lisboa seria bombardeada pela frota inglesa. Diante do impasse, a única solução estava do outro lado do Atlântico: o Brasil, a maior das colônias portuguesas.

Decidida a fuga, a corte portuguesa não teve muito tempo para se preparar. Encaixotando o que foi possível e utilizando todos os navios disponíveis de sua frota mercante, D. João zarpou de Lisboa em 27 de novembro de 1807, quando as tropas francesas já se aproximavam, velozmente, da capital. Graças à proteção da Armada inglesa, não houve percalços militares na travessia. No entanto, as dificuldades a bordo tornaram os dois meses de viagem uma terrível provação.

3. *Embarque da Família Real para o Brasil*. Reprodução de gravura por Francesco Bartolozzi a partir de óleo de Nicolas Delariva

Segundo a carta de um oficial português que acompanhou o deslocamento da Família Real, "tão grande foi o número de pessoas que seguiu o destino de seus protetores

reais e tão apinhados estavam todos os navios, que mal havia espaço para que elas se deitassem nos conveses". A água potável era pouca, a comida, de péssima qualidade. Diante do quadro, o almirante inglês ordenou que alguns passageiros fossem transferidos para navios britânicos; "foi uma sorte para os indivíduos assim enviados, pois os que permaneceram foram, realmente, dignos de pena".

Alguns historiadores e pesquisadores ainda divergem sobre as verdadeiras razões que levaram D. João a trazer a corte para o Brasil. Para Laurentino Gomes, autor do livro *1808*, o príncipe regente teria enganado Napoleão com as seguidas promessas de acordo que jamais se concretizaram enquanto preparava a fuga da corte. Sejam lá quais tenham sido as razões, a verdade é que o resultado dessa jornada heroica pelo Atlântico foi que o Brasil deixou de ser colônia, e o Rio de Janeiro passou a capital do Império português.

Para trás, ficou uma Lisboa abandonada à própria sorte, onde os portugueses que não conseguiram vaga no comboio rumo ao Brasil tiveram de lidar com a ira dos franceses, que encontraram uma cidade esvaziada do poder, mas ainda com muitas riquezas para serem saqueadas.

El Rei chegou

Foram dois meses de sofrida travessia até que o comboio real chegasse a Salvador, que reviveu, por alguns dias, o status de primeira capital da colônia. Seis dias depois de desembarcar na Bahia, D. João assinou o ato que revogava todas as restrições ao comércio exterior no Brasil: os portos brasileiros estavam abertos às nações amigas (Inglaterra e países aliados). Esse era o preço a pagar pela proteção inglesa: o fim do pacto colonial, pelo qual a colônia só podia negociar com Lisboa.

Dizem que El Rei virá
Das terras do além-mar
Em sua nau azul
Dizem que governará
As terras de Cabral
Do Norte até o Sul
Dizem que El Rei trará
A Corte Imperial
Pra Terra Santa Cruz
Dizem que a grande nau
Virá de Portugal
Bem perto do Natal

O Dia em Que El Rei Voltou à Terra de Santa Cruz
(Sivuca e Paulinho Tapajós)

4. *Chegada da Família Real Portuguesa à Bahia*, óleo sobre tela de Portinari (detalhe)

Após 45 dias em Salvador, em 7 de março de 1808, finalmente a corte portuguesa chegou ao Rio de Janeiro. Transformada em capital do Império português, a cidade sofreria muitas e profundas transformações. As primeiras medidas de D. João seriam de caráter institucional e econômico, como a assinatura do alvará que permitia o estabelecimento de indústrias e manufaturas no Brasil. No entanto, com a entrada em grande quantidade dos produtos ingleses (tecidos, cristais, ferragens e sabonetes, entre muitos outros), que pagavam impostos muito

baixos, a atividade que mais se desenvolvia no país continuava a ser a agricultura. Todos os tratados assinados com a Inglaterra beneficiavam mais a burguesia comercial inglesa do que a aristocracia rural brasileira ou os comerciantes portugueses.

A nova capital do Império

A enseada tá luzindo, é Rio de Janeiro!
A espingarda tá tinindo porque é [fevereiro
Tem inglês que mete a fuça na água de [cheiro
Cada preto é um desespero de atazaná
A cidade compra e vende, parece um [vespeiro
Cada um espera a hora de aferroá

Canto de Trabalho
(Carlos Lyra e Aldir Blanc)

O brigue Voador foi a primeira das embarcações a chegar à cidade do Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 1808. Seus ocupantes não desembarcaram; permaneceram a bordo até a chegada de D. Maria I e de D. João no começo de março. Mas as notícias sobre a conjuntura europeia, a invasão de Portugal por tropas francesas e a vinda da Família Real e da corte para o Rio de Janeiro, com suporte dos ingleses, logo chegaram aos habitantes da cidade. Esta passaria a ser capital do Reino até que a situação na Europa se normalizasse.

Havia dois sentimentos entre a população. Por um lado, o de que, com a chegada do príncipe regente e de sua corte, a cidade nunca mais seria a mesma; por outro, uma pergunta sem resposta: onde iam se alojar as cerca de dez mil pessoas que, em breve, desembarcariam em solo fluminense?

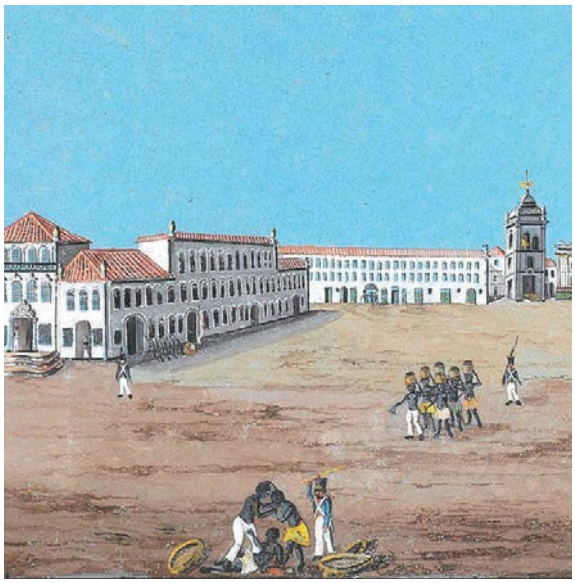
Os que desembarcaram na cidade em 8 de março de 1808 estavam cansados, preocupados, com medo e estranharam o calor da cidade, a paisagem e seus habitantes. O Rio de Janeiro mostrou sua face menos nobre: uma cidade suja, sem nenhum tipo de fossa ou tratamento para os dejetos, que eram atirados no meio da rua, e uma população composta, em grande parte, por escravos que andavam como maltrapilhos pelas ruas. Para aqueles que moravam aqui, o príncipe regente era diferente da visão que haviam construído.

5. *Jardim Botânico*, litografia de P. G. Bertichem, 1956

A corte trouxe ministérios, secretarias, tribunais, repartições e muitos funcionários públicos. Mas foram necessários cinco anos para que fossem criados novos bairros e fundadas instituições que dariam início à formação dos funcionários para trabalhar no Reino: a Academia Militar, a Academia de Marinha, a Escola Real de Ciências, o Museu Nacional, o Jardim Botânico. Surgiram também a Biblioteca Real, o Teatro João Caetano e duas instituições muito importantes para o desenvolvimento da ex-colônia: o Banco do Brasil e a Imprensa Régia, pois, pela primeira vez, o Brasil passava a ter uma imprensa oficial. Salvador também se beneficiou: foi lá que surgiu a primeira faculdade brasileira, a Escola Médico-Cirúrgica.

A edificação do Paço, antiga residência dos vice-reis, tendo como anexo o Convento do Carmo, foi a primeira acomodação da corte

na cidade. Em seguida, o Palácio da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, doado pelo comerciante português Elias Antônio Lopes, tornou-se residência oficial da Família Real. Além disso, a Fazenda Santa Cruz, antiga propriedade dos jesuítas, situada no bairro que hoje leva o seu nome, servia como local de veraneio de D. João.



6. Paço Imperial, em 1795, pintura de Franz Josef Frühbeck

Mas, para abrigar a nobreza, as medidas tomadas foram muito impopulares, porque boa parte dos nobres teve carta branca para escolher a residência onde desejava morar. Com a escolha feita, a casa era marcada com as letras P.R. (príncipe regente), e os moradores tinham um tempo determinado para desocupá-la. Com a sua proverbial ironia, os habitantes do Rio logo inventaram uma nova tradução para o temível P.R.: ponha-se na rua...

Ainda assim, nossa cidade lucrou muito com a vinda de D. João. Novos bairros surgiram (Botafogo, Flamengo), muitas ruas foram pavimentadas, houve uma melhoria substancial no abastecimento de água, com a elaboração do primeiro plano de canalização do Rio Maracanã até o Campo de Santana, onde foi edificado um conjunto de fontes e de lavatórios.

As missões da beleza

Às vezes, às vezes
A neve lá fora
Me traz o janeiro de outrora
Mas neste janeiro é verão
E traço, com traços
De verde intenso
Mesclado ao odor de incenso
O aroma da recordação...

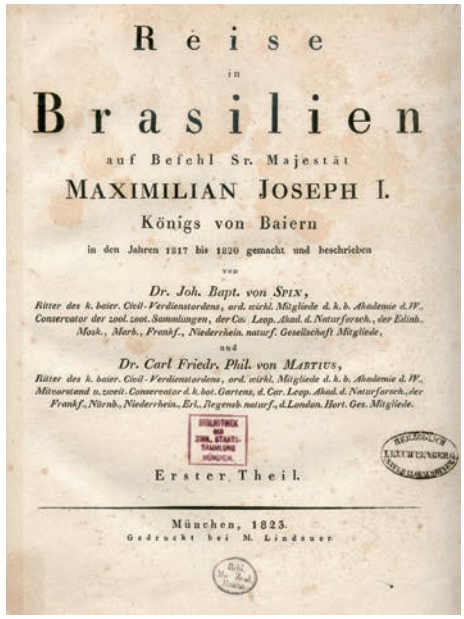
Lembranças de Debret
(Josimar Carneiro e Miguel Falabella)

Com a cidade em plena ebulição transformadora, em 1816 aportou por aqui a Missão Artística Francesa, com a tarefa de promover a atualização cultural de uma cidade que já não era um recanto perdido nos trópicos, mas a capital de um reino. Com a queda definitiva de Napoleão em 1815, Portugal começou a normalizar suas relações com a França, o que facilitou, em boa medida, a viagem da missão. No entanto, esses artistas encontraram mais dificuldades do que certamente imaginavam, pois, além de a sociedade do Rio de Janeiro à época não dar importância à cultura, existia, ainda, um sentimento de ciúme (e, certamente, de inveja) dos portugueses que já estavam aqui instalados.

7. Retrato de Grandjean de Montigny, de Augusto Müller

Do grupo que desembarcou no Rio de Janeiro em 26 de março de 1816, destacaram-se Jean-Baptiste Debret (pintor), Nicolas-Antoine Taunay (pintor), Grandjean de Montigny (arquiteto), além de escultores, gravadores, mecânicos, ferreiros, serralheiros, carpinteiros e peleteiros. Taunay, durante os cinco anos em que permaneceu no Rio, produziu cerca de 30 paisagens da cidade e de regiões em seu entorno.

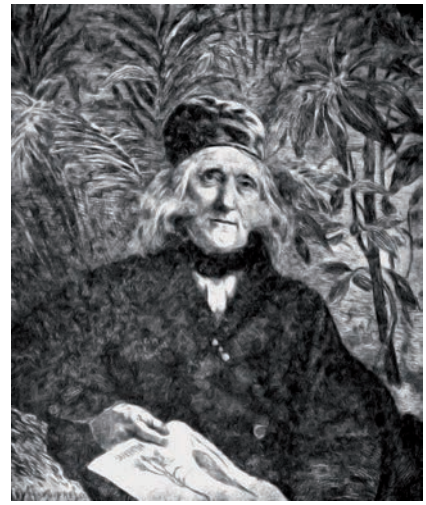
Já a obra de Debret é bem mais extensa: retratos da Família Real, registros de grupos indígenas e do trabalho dos escravos, aquarelas e desenhos sobre o cotidiano da cidade e da vida da corte. Grandjean de Montigny realizou inúmeros projetos de arquitetura e urbanismo, mas a maior parte deles não se concretizou por conta das dificuldades políticas e econômicas do período. Permanece entre nós, porém, a antiga Praça do Comércio, atual Casa França-Brasil, cujo espaço harmônico e simétrico é característico do neoclássico, estilo de todos os artistas e artífices da Missão Francesa.


Reise
in
Brasilien
auf Befehl Sr. Majestät
MAXIMILIAN JOSEPH I.
Königs von Baiern
in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben
von
Dr. Joh. Bapt. von Spix,
Ritter des k. baier. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitgliede d. k. b. Akademie d. W., Conservator der zool. zoot. Sammlungen, der Cs. Leop. Akad. d. Naturforsch., der Edinb. Mosk., Marb., Frankf., Niederrhein. naturf. Gesellschaft Mitgliede,
und
Dr. Carl Friedr. Phil. von Martius,
Ritter des k. baier. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitgliede d. k. b. Akademie d. W., Mitconstand u. zweit. Conservator d. k. bot. Gartens, d. Cur. Leop. Akad. d. Naturforsch., der Frankf., Nürnb., Niederrhein., Erl., Regensb. naturf., d. London. Hort. Ges. Mitgliede.
Erster Theil.
München, 1823.
Gedruckt bei M. Lindauer

8. Capa do livro *Viagem ao Brasil*, de Maximilian Joseph

Durante os 15 anos de sua estada em nossa cidade, Debret realizou trabalhos de ornamentação para festas públicas e oficiais, pintou cenários para o Teatro São João (atual Teatro João Caetano), foi professor de Pintura Histórica na Academia de Belas Artes e deixou, entre outras obras, o livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, em três volumes, um valiosíssimo documento sobre a época que precedeu o Primeiro Império no Brasil.

É interessante notar que, além da Missão Artística Francesa, outros artistas e pesquisadores vieram ao Brasil para estudar a exuberância da natureza e registrar suas belezas. Em 1817, a chamada Missão Austríaca chegou ao Brasil por ocasião do casamento de D. Pedro com D. Leopoldina, grande entusiasta das ciências naturais e das artes. Entre seus integrantes, estão o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius, além do artista Thomas Ender, autor de belas aquarelas sobre o Rio de Janeiro.



9. O botânico Auguste de Saint-Hilaire (pintura)

Entre 1824 e 1829, uma expedição chefiada pelo médico alemão naturalizado russo Georg Heinrich von Langsdorff percorreu mais de 16 mil quilômetros pelo interior do país. Segundo suas próprias palavras, "a imaginação mais rica (...) nem de longe pode dar conta dos tesouros desta natureza. Quem quer que anseie por motivos poéticos, que vá ao Brasil (...)". Auguste de Saint-Hilaire, escritor e botânico francês, que chegou ao Brasil em 1816 e só partiu em 1822, foi outro que se deslumbrou com a natureza daqui,

praticando, inclusive, através de remessa de plantas para a França, o que se chamaria hoje de biopirataria...

Em 1833, quem aqui desembarcou foi o cientista inglês Charles Darwin, que, mesmo fascinado pela riqueza natural, horrorizou-se com a condição dos escravos. O mesmo sentimento viveu o pintor alemão Johann Moritz Rugendas, que, entre 1822 e 1825, também registrou nossas paisagens e nossos costumes: "Os sofrimentos dos escravos são de tal ordem que nenhuma descrição seria bastante fiel embora entregássemos à imaginação mais fértil o encargo de pintar o quadro com suas verdadeiras cores".

Portugal quer a volta de seu rei

Ó musa do meu fado
Ó minha mãe gentil
Te deixo consternado
No primeiro abril
Mas não sê tão ingrata
Não esquece quem te amou
Em tua densa mata
Se perdeu e se encontrou

Fado Tropical
(Chico Buarque e Ruy Guerra)

Em 20 de março de 1816, morreu, no Rio, D. Maria I. Finalmente, era a hora de o príncipe regente assumir o trono. Dois anos depois, em fevereiro de 1818, em uma grande festa no Rio de Janeiro, com decoração assinada por Debret, D. João VI foi aclamado e coroado rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves: foi o único monarca europeu coroado nas Américas.

10. *Aclamação do Rei D. João VI, no Rio de Janeiro*, de Jean-Baptiste Debret

Se aqui havia festa, as condições políticas e econômicas não eram nada boas em Portugal. O fim do pacto colonial, em 1808, mergulhou o comércio de cidades portuguesas, como Porto e Lisboa, em uma grande crise. E nem a derrota francesa aliviou a pressão, pois os ingleses tomaram o poder na península, controlando, inclusive, o exército português, o que causava um terrível desconforto entre sua oficialidade.

11. *O Rei D. João VI*, óleo sobre tela de Domingos Antônio de Sequeira

Em 1815, após a derrota definitiva de Napoleão, um movimento de militares tentou retomar o controle de Portugal e, embora tenha fracassado em suas metas, deixou plantada uma semente que renasceria, em 1820, com a Revolução Constitucionalista do Porto.

Eram os tempos do liberalismo na Europa, doutrina que pregava a redução dos poderes reais, assegurava a propriedade individual e criava mecanismos para regular a atividade comercial. Inspirada por esses princípios, a Revolução Constitucionalista eclodiu em 24 de agosto de 1820, na cidade do Porto, e se espalhou, rapidamente, pelo país. Entre suas reivindicações, exigia a elaboração de uma Constituição para Portugal, o imediato retorno da corte portuguesa e a restauração da exclusividade do comércio com o Brasil – a volta do pacto colonial.

Diante do novo quadro político, não restou alternativa a D. João VI a não ser voltar a Portugal, como forma de manter alguns dos privilégios da corte e da Família Real, os quais estavam ameaçados pelos ventos liberalistas que sopravam além-mar. Ao partir, em 1821, deixou no Brasil, como príncipe regente, seu primogênito D. Pedro de Alcântara, um príncipe criado em solo tropical, que, aqui, já desfrutava das delícias que um jovem português de sua época jamais sonharia conhecer. O estratégico jogo político europeu, ao mexer as pedras no tabuleiro histórico, apressava de maneira definitiva o surgimento de um novo país independente na América.

Fico!

Já podeis da pátria filhos
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil
Brava gente brasileira
Longe vá temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Hino da Independência
(D. Pedro de Alcântara e Evaristo da Veiga)

O jovem D. Pedro foi retratado pelos diversos autores que escreveram sobre sua vida como impulsivo, boêmio, amante arrebatado, músico e o mais belo de uma dinastia que não era exatamente um exemplo de beleza universal. Cioso dos privilégios reais, desagradou-o sobremaneira a partida de D. João VI para Portugal por imposição dos constitucionalistas.

A mesma pressão exercida sobre D. João VI foi transferida para D. Pedro. As cortes de Lisboa estavam decididas a "recolonizar" o Brasil e, para isso, ordenaram que o príncipe regente retornasse a Portugal imediatamente. Mas não levaram em conta fatores importantes, como o fato de que D. Pedro aqui vivera sua infância e adolescência, estabelecendo laços afetivos desconhecidos por seus pais. E, também, os interesses comuns entre o príncipe regente e a elite brasileira, que se solidificaram através da maçonaria, movimento que crescia no país, aglutinando correntes de pensamento que poderiam levar o Brasil à independência política.

12. *Retrato do Príncipe D. Pedro*, aquarela de Jean-Baptiste Debret

Perseguidos pela Inquisição portuguesa, os maçons organizavam-se em sociedades secretas ou em grupos de fachada sob o nome de "associações literárias". Eles foram responsáveis pela propagação de ideais iluministas em reuniões nas quais podiam

discutir, abertamente, as questões políticas de seu tempo. Desde a década de 1750, há registros de movimentos maçons no Brasil, sendo que D. Pedro também pertencia a uma "loja maçônica", e, certamente, essa pregação influenciou o jovem – jovem demais, 24 anos! –, que dentro de alguns meses seria o primeiro imperador brasileiro.

Outro personagem importante da independência foi o primeiro-ministro de D. Pedro, José Bonifácio de Andrada e Silva, autor de um manifesto em que declarava que os brasileiros estavam "prontos a derramar a última gota de seu sangue e a sacrificar todas as suas posses para não perder o adorado príncipe". José Bonifácio, nomeado ministro do Reino e Negócios Estrangeiros por D. Pedro, foi o primeiro brasileiro a ocupar esse cargo, o mais alto na hierarquia política imperial. Atuou a favor da independência e teve papel decisivo nos anos turbulentos que se seguiram à emancipação política.

Por fim, a pressão popular. D. Pedro era conhecido por seu apreço às festas, aos saraus e às reuniões; frequentava tavernas onde houvesse música alegre e moças disponíveis e ia muito ao teatro. Passou a conviver com manifestações pela sua permanência, pedida em coro por plateias da elite ou por seus companheiros de boemia. Diante desse cenário, o príncipe optou por ficar, cunhando a famosa frase em 9 de janeiro de 1822, o Dia do Fico: "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico".

A decisão de D. Pedro desagradou, profundamente, às cortes portuguesas, em especial porque recusava a retomada do pacto colonial. A chegada da Família Real, em 1808, havia cristalizado um processo de protagonismo nas elites brasileiras que não poderia mais ser contido.

Em 7 de setembro de 1822, após rasgar cartas enviadas pelas cortes de Lisboa, D. Pedro, finalmente, proclamou a emancipação política de nosso país, em circunstâncias que, hoje, são discutidas pelos historiadores. Segundo alguns pesquisadores, a cena à margem do Rio Ipiranga, onde ele teria gritado "Independência ou morte", foi, provavelmente, uma fabulação construída na segunda metade do século XIX.

13. *O Grito do Ipiranga*, óleo sobre tela de Pedro Américo

O sangue baiano

Nasce o sol a 2 de julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o sol é brasileiro.
Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações

Hino do Estado da Bahia
(José dos Santos Barreto e Ladislau de Santos Titaro)

Mas não bastou a proclamação da independência para que o território brasileiro fosse inteiramente desocupado pelas tropas portuguesas. Na Bahia, onde a situação já vinha tensa entre os militares lusitanos e os oficiais brasileiros desde 1817, o comando militar português decidiu ocupar, militarmente, Salvador. Em fevereiro de 1823, quartéis de tropas brasileiras foram invadidos, lugares estratégicos tomados, e a cidade ficou em mãos portuguesas.

Mais tropas foram enviadas de Lisboa para reforçar as defesas, mas a reação brasileira começou imediatamente, a partir de combates na região do Recôncavo. Com a formação de um exército com duas brigadas, os baianos iniciaram sua caminhada em direção a Salvador, enquanto navios da Marinha brasileira faziam o cerco da cidade por mar, bloqueando a chegada de suprimentos e de novas tropas. Após vários confrontos com baixas para os dois lados, a situação portuguesa ficou insustentável, o que levou o comandante lusitano Madeira de Mello a se render em 2 de julho.

Segundo Luis H. Dias Tavares, autor do livro *Independência do Brasil na Bahia*, "não houve rendição de Madeira de Mello; ele simplesmente embarcou, derrotado, com o que lhe restava de tropas na capital, cerca de quatro mil e quinhentos homens, que tomaram 83 embarcações". Foi na Bahia que se derramou o sangue brasileiro na luta pela emancipação; é com justa razão que essa data seja comemorada lá com maior intensidade do que o próprio Sete de Setembro, merecendo de todos os brasileiros o reconhecimento de sua importância militar, política e simbólica.

14. *O Primeiro Passo para a Independência na Bahia*, óleo sobre tela de Antonio Parreiras

Revolução no Nordeste

Sou mamulengo de São Bento do Una
Vindo no baque solto de Maracatu
Eu sou um auto de Ariano Suassuna
No meio da Feira de Caruaru
Sou Frei Caneca do Pastoril do Faceta
Levando a flor da lira
Pra Nova Jerusalém

Leão do Norte
(Lenine e Paulo César Pinheiro)

Como começou o primeiro Império? Da mesma maneira como terminou a Regência – com os brasileiros divididos sobre a melhor

forma de governar o Brasil. Coroado em 1º de dezembro de 1822, D. Pedro continuava entre dois fogos cruzados: por um lado, um partido português defendendo que, apesar da independência, o Brasil deveria manter seus laços com Portugal; por outro, brasileiros propondo uma monarquia constitucional para limitar o poder do imperador.

Em maio de 1823, começaram os trabalhos de uma Assembleia Constituinte que deveria promulgar a primeira Constituição do Brasil independente. No entanto, ao perceber que teria seus poderes diminuídos, o imperador mandou prender os constituintes e dissolveu a assembleia. Tal gesto repercutiu muito mal, principalmente porque, em outras províncias brasileiras, havia forças de oposição de caráter acentuadamente nacionalista e tendência republicana que enxergavam em D. Pedro e nas forças políticas do Rio de Janeiro uma extensão do poder português.

Em 2 de julho de 1824, Manuel Carvalho Paes de Andrade proclamou a independência da província de Pernambuco, enviando convites às demais províncias do Norte e do Nordeste do Brasil para que se unissem à revolta e formassem a Confederação do Equador. Em tese, o novo Estado republicano seria formado pelas províncias do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Alagoas, de Sergipe, da Paraíba e de Pernambuco. No entanto, somente algumas cidades aderiram ao projeto de independência, o que enfraqueceu bastante o movimento.

Com o Recife cercado pelas tropas legalistas, foi dado um ultimato a Paes de Andrade, que se recusou a aceitá-lo, mas, diante do poderoso ataque das tropas imperiais, fugiu, embarcando em um navio britânico. Somente alguns revoltosos, entre eles Frei Caneca, decidiram seguir lutando e escaparam para o Ceará, onde pretendiam unir suas forças com outras daquela província. Não tiveram sucesso, e os que foram feitos prisioneiros enfrentaram um julgamento que durou até 1825. Centenas de pessoas participaram da revolta, mas somente 11 foram condenadas à morte; todas as outras foram perdoadas por D. Pedro I.

A execução de Frei Caneca representou um dos episódios mais controversos do Primeiro Império. Personagem famoso na província pela sua luta em favor de posições liberais muito avançadas para sua época, teve prisão decretada no Ceará, sendo conduzido ao Recife, onde foi condenado à morte por enforcamento. Indiciado como um dos chefes da rebelião, apontado como "escritor de papéis incendiários", seria executado para servir como exemplo e evitar o surgimento de novas rebeliões.

15. *Execução de Frei Caneca*, óleo sobre tela de Murillo de La Greca

A crônica de sua morte, que hoje sofre uma revisão, aponta que três carrascos teriam se recusado a enforcá-lo, sendo necessário que se convocasse um pelotão de arcabuzeiros (o arcabuz era uma arma de fogo anterior à espingarda) para executar a sentença. Seu corpo, recolhido por outros religiosos, foi enterrado em local até hoje não descoberto.

De príncipe amado a soberano odiado

Tão longe
De mim distante
Onde irá
Onde irá teu pensamento
Quisera saber agora
Se esqueceste, se esqueceste
Quem sabe se és constante
Se ainda é meu
Teu pensamento
Minha alma toda devora
Da saudade, da saudade, agro tormento

Quem Sabe?
(Carlos Gomes e Bittencourt Sampaio)

16. *D. Pedro I, imperador do Brasil*, óleo sobre tela de Simplício Rodrigues de Sá

A política autoritária de D. Pedro I gerou um sem-fim de protestos em todo o país. A pesada herança portuguesa era rejeitada pelos brasileiros, que consideravam uma ofensa o fato de os lusitanos terem os melhores cargos no governo, além de serem contemplados com títulos honoríficos. Como se não bastasse, a morte de D. João VI desviou a atenção do primeiro imperador brasileiro, que decidiu retornar a Portugal e assumir o trono. Como estava impedido, constitucionalmente, de ter duas coroas, D. Pedro instalou no trono a filha Maria da Glória, deixando seu irmão como regente.

17. José Bonifácio de Andrada e Silva, o "Patriarca da Independência", tutor de D. Pedro de Alcântara

De volta ao Brasil, ele se percebeu só, sem o auxílio do mais fiel de seus colaboradores, José Bonifácio, que fora banido do país após os incidentes com o fechamento da Assembleia de 1823. Em 1824, o imperador outorgou uma Constituição que foi totalmente rejeitada pelos brasileiros. Nas ruas, na imprensa, nos comícios, tudo o que se lia ou que se ouvia eram críticas a D. Pedro I.

Diante da pressão, no dia 7 de abril de 1831, D. Pedro I abdicou do trono, não sem antes ter um gesto de imensa grandeza: nomear José Bonifácio, que retornou ao Brasil em 1829, após mais de cinco anos de exílio, tutor de seu filho mais velho, Pedro, resgatando uma imensa dívida pessoal e, ao mesmo tempo, pavimentando o futuro de sua

dinastia. De volta a Portugal, enfrentou seu irmão D. Miguel, a quem acusava de tentar usurpar o trono. Vencedor, não teve muito tempo para desfrutar de sua vitória, morrendo de tuberculose em 24 de setembro de 1834, com apenas 36 anos.

De temperamento forte, impetuoso, valente, teimoso, com sensibilidade à flor da pele, amante da música e das mulheres, capaz de grandes gestos de nobreza: assim é descrito por vários historiadores o primeiro imperador brasileiro, cujos restos mortais foram trazidos de Portugal em 1972, durante as comemorações dos 150 anos da Independência política, e colocados no Museu do Ipiranga, em São Paulo.

Para usar em sala de aula

- Sugerir uma pesquisa sobre o papel da etnia indígena na luta pela independência na Bahia. Como os índios estão representados na festa do Dois de Julho?

- Na Praça XV, estão dois prédios históricos que remetem à chegada da Família Imperial ao Brasil: o Convento do Carmo e o Paço Imperial. A escola pode agendar uma visita a esses dois pontos históricos de nossa cidade.

Para saber mais

Músicas

Quem Sabe? (Carlos Gomes e Bittencourt Sampaio). CD – Nailor Proveta & Monica Salmaso – Tocando para o Interior – Núcleo Contemporâneo, 2007.

Brazil com S (Rita Lee e Roberto de Carvalho). CD – Rita Lee – Rita Lee e Roberto de Carvalho 1982 – Som Livre/EMI/Odeon, 1995.

Rio do Meu Amor (Billy Blanco). CD – A Bossa de Billy Blanco – Biscoito Fino, 2002.

Bodas (Milton Nascimento e Ruy Guerra). CD – Milton Nascimento – Milagre dos Peixes ao Vivo – EMI/Odeon, 1995.

Fado Tropical (Chico Buarque e Ruy Guerra). CD – Clara Nunes – As Forças da Natureza – EMI/Odeon, 1997.

Filmes

Carlota Joaquina. Brasil, 1995. Direção: Carla Camurati. Distribuição: Europa Filmes. Duração: 100 min.

Independência ou Morte. Brasil, 1972. Direção: Carlos Coimbra. Distribuição: Cinedistri. Duração: 108 min.

O Quinto dos Infernos (minissérie). Brasil, 2001/2002. Direção: Wolf Maya, Alexandre Avancini. Distribuição: Som Livre.

Livros

BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. *A Missão Francesa*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2003, 208 p., il. p&b. Color.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Salvador: Metalivros/Fundação Emílio Odebrecht, 1994, 3 v.

CARDOSO, Ciro F. S. A Crise do Colonialismo Luso na América Portuguesa 1750/1822. In: LINHARES, Maria Yedda L. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem/Teatro de Sombras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

_____. *Dom Pedro II*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, Ruy. *Era no Tempo do Rei*. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2007.

CHALHOUB, S. *Cidade Febril*: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial (5ª impressão: 2006). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*: Momentos Decisivos. São Paulo: EdUNESP, 1999.

FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em Movimento*: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

FRIDMAN, Fânia. *Donos do Rio em Nome do Rei*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1999.

GOMES, Laurentino. *1808*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *Coleção Brasil Imperial*, 3 v., 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *1822*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

MALERBA, Jurandir. *A Corte no Exílio:* Civilização e Poder no Brasil às Vésperas da Independência (1808-1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTOS, Ilmar R. de; ALBUQUERQUE, L. A. S. *Independência ou Morte*. São Paulo: Atual, 1991.

_____. *O Império da Boa Sociedade*: A Consolidação do Estado Imperial Brasileiro. São Paulo: Atual, 1991.

_____. *O Tempo Saquarema*: A Formação do Estado Imperial. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MIGLIACCIO, Luciano. O Século XIX. In: *Mostra do Redescobrimento*. São Paulo: 2000; AGUILAR, Nelson (org.) e SASSOUN, Suzanna (coord.). *Arte do Século XIX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo/Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000, 223 p., il.

MONTEIRO, Hamilton M. *Brasil Império*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1994. (Série *Princípios*.)

MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

NAVES, Rodrigo. Debret, o Neoclassicismo e a Escravidão. In: _____. *A Forma Difícil*: Ensaios sobre Arte Brasileira. São Paulo: Ática, 1996.

NOVAIS, Fernando A. (dir.) *História da Vida Privada no Brasil – Império*: A Corte e a Modernidade Nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.

O'NEIL, Thomas. *A Viagem da Família Real Portuguesa para o Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A Liberdade em Construção, Identidade Nacional e Conflitos Antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____; NEVES, Lúcia M. Bastos P. *Dicionário do Brasil Joanino (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

WILCKEN, Patrick. *Império à Deriva*: A Corte Portuguesa no Rio de Janeiro (1808-1821). Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Websites

Arquivo Nacional
http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home

Biblioteca Nacional
http://www.bn.br

Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro
http://www.quarteirao.com.br/historia.html

Fundação Casa de Rui Barbosa
http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=85

Museu Casa da Hera
http://casadahera.wordpress.com

Museu do Primeiro Reinado
http://www.funarj.rj.gov.br/museus/mpr_01.html

Museu Histórico Nacional
http://www.museuhistoriconacional.com.br

Museu Imperial
http://www.museuimperial.gov.br

Museu Nacional
http://www.museunacional.ufrj.br

Museu Nacional de Belas Artes
http://www.mnba.gov.br

1808: O Segundo Reinado

1

Sinopse

Enquanto o imperador não cresce, os regentes governam; as revoltas inflamam o país de norte a sul; Revolução Farroupilha, dez anos de luta; D. Pedro II e a maioridade aos 14 anos; o café é o novo eldorado; o Brasil em busca de si mesmo; o imperador que amava as ciências e as artes; a Guerra do Paraguai; a Abolição acelera a chegada da República.

Entre dois imperadores

Vamos saber se contaram nossa história
[certo
Vamos rever o que existe de nosso
[passado
Devemos conhecer nossos heróis de perto
Tentando consertar o que aprendeu-se
[errado

Guararapes
(Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro)

2. *D. Pedro II do Brasil*, aos 4 anos, óleo sobre tela de Armand Pallière

Com a abdicação de D. Pedro I, o Brasil foi governado por regentes entre 1831 e 1840, já que o sucessor, D. Pedro II, tinha apenas 5 anos. Foi uma época bastante conturbada de nossa história, marcada por revoltas e conflitos, pois a jovem nação brasileira ainda procurava sua identidade política, econômica e social. Havia uma grande insatisfação por parte das províncias (estados) mais afastadas do poder central, principalmente as do Rio Grande do Sul, da Bahia e de Pernambuco, que se consideravam relegadas a segundo plano pelo trio formado por São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Como a política dá muitas voltas, os dois partidos que se haviam unido para forçar a derrubada de D. Pedro I agora dividiam-se em três forças distintas, todas com nomes bem brasileiros e na luta pela hegemonia. Os que pertenciam à corrente que pregava a volta de D. Pedro I eram conhecidos como "caramurus" e tinham como característica a defesa do absolutismo. No outro extremo, estavam os "jurujubas", liberais exaltados que, defensores do federalismo, lutavam pela autonomia das províncias em relação ao poder econômico e político do governo central. Entre os dois polos antagônicos, posicionavam-se os "chimangos", liberais moderados.

A primeira regência, eleita em abril de 1831, reunia três senadores e ficou conhecida como "provisória", já que a sua função era administrar o país enquanto as forças políticas se organizavam. Durou pouco mais de um mês; em maio, foi eleita a segunda regência, que governou o Brasil até 1835. Nesse ano, a regência passou a ser única, com a eleição do padre Diogo Antônio Feijó. Ele renunciou em 1837, e o segundo regente uno, Araújo Lima, ficou no cargo até que D. Pedro II assumisse realmente o trono em 1840... com 14 anos de idade!

3. Diogo Antônio Feijó, por Sebastien Auguste Sisson

Quatro grandes revoltas ameaçaram a unidade do Brasil, recém-formado politicamente. Com exceção da Revolta dos Malês, em Salvador, esses movimentos tinham em comum o desejo de se libertar do poder centralizador, que asfixiava os anseios de crescimento econômico e social das províncias.

A Cabanagem teve como cenário principal a cidade de Belém, no Pará. Liderados pelo cônego Batista Campos, os revoltosos depuseram vários governadores enviados pelo Rio de Janeiro. Somente em dezembro de 1833, ao nomear Bernardo Lobo de Souza para governar a província, o governo regencial voltou a controlar a situação. A revolta continuou até 1840, quando foi violentamente reprimida pelo governo central.

4. *Belém*, por Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius

Em 1835, a Bahia assistiu ao movimento dos escravos de orientação muçulmana, os malês. Metade da população de Salvador era composta por negros que exerciam atividades liberais e rendiam bastante dinheiro aos seus senhores. Em janeiro daquele ano, cansados da opressão, cerca de 600 escravos malês tomaram a cidade com uma rapidez fulminante. Nas lutas pelas ruas da capital baiana, cerca de 70 negros morreram, enquanto centenas foram presos e condenados a açoites, ao degredo ou à morte. A revolta durou apenas um dia, mas deixou forte impressão na elite branca baiana, que reforçou o esquema militar e aumentou a repressão sobre qualquer tipo de movimento ou levante negro.

Em 1837, mais uma vez, a Bahia foi palco de acontecimentos sangrentos. A Sabinada, liderada pelo médico Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, foi uma revolta das camadas médias da população, que pretendiam manter a autonomia da província conseguida com o Ato Adicional de 1834. Tinha por objetivo proclamar a República Bahiense – esse tema é muito controverso, pois, segundo alguns historiadores, há indícios de que o projeto seria manter a Bahia republicana até a maioridade de D. Pedro II. Depois do êxito inicial, o levante foi duramente reprimido pelas forças imperiais.

Em 1838, os conflitos chegaram ao Maranhão. A crise na produção algodoeira levou à Balaiada, uma revolta de escravos e vaqueiros contra os senhores de terras que contou com o apoio dos grupos liberais do estado. O líder mais ativo foi Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, fabricante de balaios que, liderando um grupo de revoltosos, tomou a Vila de Caxias, em 1839. Os combates duraram três anos, e a falta de um comando político unificado acabou por enfraquecer os revoltosos. As tropas imperiais, sob o comando do então coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro patrono do Exército brasileiro sob o título de Duque de Caxias, terminaram com a rebelião.

5. Fotogravura de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias

A Revolução Farroupilha

Vou-me embora, vou-me embora, prenda [minha
Tenho muito o que fazer
Vou partir para rodeio, prenda minha
Nos campos do bem-querer
Noite escura, noite escura, prenda minha
Toda noite me atentou
Quando foi de madrugada, prenda minha
Foi-se embora e me deixou

Prenda Minha
(Folclore gaúcho)

6. *Revolução Farroupilha*, óleo sobre tela de Guilherme Litran

A província do Rio Grande (hoje Rio Grande do Sul) tinha uma economia voltada basicamente para a criação de gado, à semelhança do Uruguai e da Argentina. Mas os estancieiros e exportadores locais desejavam as mesmas taxas alfandegárias que eram dadas ao charque (carne bovina cortada em grandes pedaços e salgada) originário desses países. O produto brasileiro pagava altos impostos, até para ser vendido a outras províncias.

O governo imperial, porém, necessitado de dinheiro, aumentou ainda mais esses impostos, provocando uma imediata revolta, em 1835, que chegou também a Santa Catarina. Três anos depois, os revoltosos proclamaram a República Piratini, e, em 1839, surgiu a República Juliana, em território catarinense. O período da regência terminou sem que a revolta chegasse ao fim, pois as condições econômicas permaneciam inalteradas.

Mas, entre os próprios revoltosos, havia divisões, e, sem receber armas e alimentos, devido ao cerco às fronteiras pelas tropas imperiais, a rebelião esmoreceu. Luís Alves de Lima e Silva, o mesmo oficial que comandara as tropas que terminaram com a Balaiada no Maranhão, nomeado presidente do Rio Grande, preferiu a negociação à força. Promoveu uma anistia, trazendo oficiais farroupilhas para o Exército Imperial. O governo também atuou politicamente, permitindo que o presidente da província fosse escolhido pelos próprios gaúchos.

Na área econômica, a decisão de taxar o charque argentino apaziguou os produtores locais. Também é importante citar o fim dos privilégios aos produtos britânicos, graças à atuação do então ministro da Fazenda, Alves Branco. Em 1844, ele implantou uma política tarifária que aumentou para 30% as taxas sobre os produtos importados sem similar nacional, e para 60% sobre os produtos com similar nacional. Com base nessas medidas, o governo pôde negociar com os farroupilhas, extinguindo, assim, a mais longa das revoltas do período.

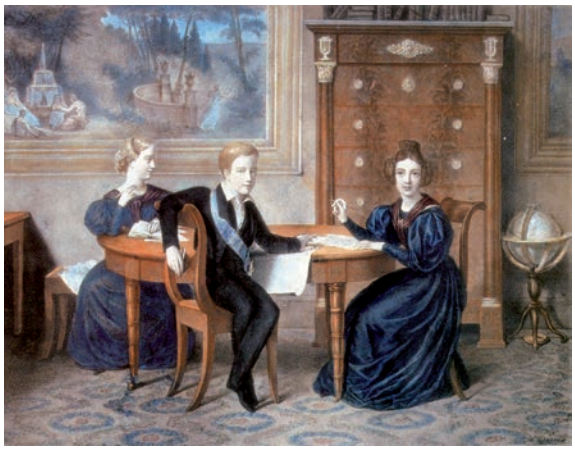
O novo imperador

"Brasileiros! A Assembleia Geral Legislativa do Brasil, reconhecendo o feliz desenvolvimento intelectual de Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II, (...) houve por bem declará-lo em maioridade, para o efeito de entrar no pleno exercício desses poderes, como Imperador constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil". Com essa declaração, em 23 de julho de 1840, terminou o período

regencial no Brasil. Os políticos, abalados com a sucessão de revoltas e com a maioria liberal no Senado, chegaram à conclusão de que somente a autoridade imperial poderia trazer paz à nação, ainda que D. Pedro II tivesse apenas 14 anos incompletos.

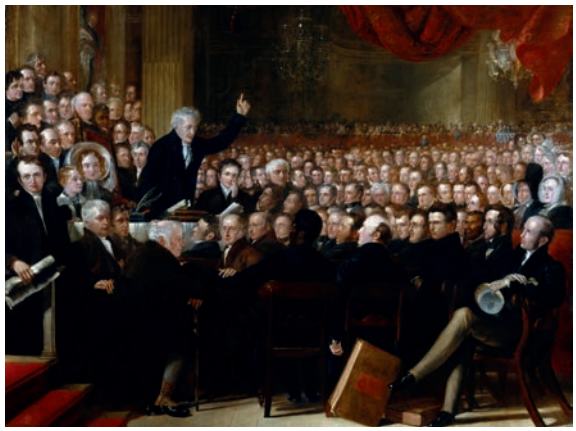
Forrobodó é folguedo
De reis
Forrobodó de preto forro
Tem o forrobodó na praia, iaiá
Tem o forrobodó no morro
Forrobodó de Dom Pedro
É que nem
Forrobodó do seu lacaio, ioiô
Faz rebolar até um poste
Não há quem não goste
Do forrobodó

Forrobodó
(Chico Buarque e Edu Lobo)



7. *D. Pedro II e Suas Irmãs*, de Félix-Émile Taunay

Não era pequena a tarefa do jovem imperador. Diante de si, havia um país dividido politicamente, endividado e que necessitava urgentemente de uma profunda mudança em sua estrutura econômica para acompanhar a velocidade dos novos tempos. Mas havia um grande empecilho a essa modernização: o fato de a economia brasileira estar baseada fundamentalmente na escravidão. A verdade é que a independência econômica não correspondia à independência política. E o Decreto Alves Branco, que passou a taxar os produtos importados, ao afetar diretamente os interesses ingleses no país, disparou, por vias paralelas, o início do fim da escravatura.



8. *Convenção da Sociedade Antiescravidão*, óleo sobre tela de Benjamin Robert Haydon

Na Inglaterra, onde os lucros com o tráfico negreiro financiaram a Revolução Industrial, foram iniciados debates sobre a escravidão, ainda no século XVIII. O país saiu à frente nessa luta, promulgando, inclusive, uma lei que autorizava seus navios de guerra a perseguirem navios negreiros até mesmo em portos brasileiros. Essa mudança deveu-se a fatores históricos e econômicos: as fábricas inglesas, funcionando a todo vapor, necessitavam de consumidores para seus produtos, e os escravos não se encaixavam nessa equação.

Mas, evidentemente, o que era bom para a Inglaterra não era bom para os grandes proprietários de terras e de escravos brasileiros, muito menos para os traficantes. Com o aumento da pressão britânica, o Brasil assinou tratados comprometendo-se a extinguir o tráfico. Mas não os cumpria. Tirando proveito de sua posição influente na sociedade, os grandes proprietários apelavam para o patriotismo, alegando que os tratados eram uma

afronta à "soberania nacional". Quase meio século ainda correria até que as condições econômicas e sociais permitissem a abolição.

Sua majestade, o café

No sertão da minha terra
Fazenda é o camarada que ao chão [se deu
Fez a obrigação com força
Parece até que tudo aquilo é seu
Só poder sentar no morro
E ver tudo verdinho lindo a crescer
Orgulhoso camarada, de viola em vez [de enxada

Morro Velho
(Milton Nascimento)

Depois do pau-brasil, do açúcar e do ouro, o século XIX apresentou um novo "eldorado" para quem tinha terras e escravos: o café. A história desse fruto é uma verdadeira peregrinação por vários continentes e várias culturas, servindo de elo entre povos muito diferentes. Originário da Etiópia, chegou ao Egito e à Arábia, provavelmente a partir do século IX. Em Constantinopla, no século XVI, surgiram as primeiras lojas de café, difundindo seu consumo pela Europa.

Por volta de 1570, Veneza conheceu a bebida. No continente americano, o cultivo do café chegou por mãos holandesas, no Caribe. Em 1727, o sargento Francisco de Melo Palheta trouxe as primeiras mudas para o Brasil, em princípio, para a região Norte. A terra não era apropriada para o tipo de plantação, mas, depois, no Vale do Paraíba, na região fluminense, o café tornou-se, ao mesmo tempo, a salvação para as combalidas finanças do Império e um grande devastador de nossas matas nativas.

Para alcançar o status de maior produto de exportação do Brasil, contou com condições bem favoráveis, além do clima e dos solos férteis. Em primeiro lugar, com o estabelecimento de novos colonos ao redor do Rio de Janeiro, que vieram junto com a Corte portuguesa em 1808. Em segundo, com a farta mão de obra escrava (dados comprovam a existência de cerca de 145 mil homens em 1817 e mais de 220 mil em 1840). Por fim, com a demanda mundial, que tornara o café um produto de larga aceitação, sendo responsável por 40% das exportações brasileiras, com absoluto destaque para o Rio de Janeiro, entre 1830 e 1840.

9. Escravos trabalhando no ensacamento do café, por Marc Ferrez

Os "barões de café", como ficaram conhecidos os proprietários das grandes plantações, eram os maiores defensores da política escravista e, portanto, da manutenção do tráfico negreiro durante um bom período do reinado de D. Pedro II. Os "barões" consideravam a escravidão uma necessidade para o desenvolvimento do país. Quando, em 1850, foi promulgada a primeira lei que exigia a extinção do tráfico, sua motivação nada tinha a ver com projetos abolicionistas, mas com o medo que tinham os brancos do crescimento da população negra e das revoltas de escravos, como a dos malês, que aterrorizavam os proprietários.

Uma questão importante que também deve ser levada em conta é a melhoria dos transportes, que tinha como um dos objetivos o

escoamento mais eficiente da produção cafeeira. Em 1854, foi inaugurada a primeira estrada de ferro no Brasil. Eram 14 quilômetros construídos pelo Barão de Mauá, que ligavam o porto de Mauá, na Baía de Guanabara, à estação de Fragoso, no começo da subida da serra para Petrópolis.

Em 1856, iniciou-se a construção da Estrada União e Indústria, o empreendimento rodoviário mais importante dos anos 1800 no Brasil e que, em 1861, chegaria a Juiz de Fora. Outra ferrovia muito importante foi a Estrada de Ferro D. Pedro II, que conhecemos hoje como Central do Brasil. Sua construção começou em 1855, e, 20 anos depois, ela alcançou a cidade de Cachoeira, em São Paulo.

Um país em busca de si mesmo

Brasil,
És no teu berço dourado
O índio civilizado e abençoado por Deus
Brasil,
Gigante de um continente
És terra de toda gente
E orgulho dos filhos teus

Brasil
(Benedito Lacerda e Aldo Cabral)

De temperamento bem diferente de seu pai, D. Pedro II era um amante das artes e das ciências e viu sua popularidade crescer à medida que o país se pacificava. Foi essa pacificação que permitiu aos brasileiros, alicerçados na independência política, voltar seus olhos para si mesmos e responder a uma pergunta crucial para qualquer nação recém-formada: quem somos nós?

Essa resposta nunca é fácil de ser encontrada. Os intelectuais brasileiros do século XIX voltaram-se para o passado e lá encontraram os índios, os primeiros habitantes de nossa terra. Sobre eles, criaram uma fantasia romântica baseada em uma ideia evolucionista, segundo a qual os indígenas brasileiros estariam na "infância" da civilização, no primeiro degrau de uma escala cujo topo seria a civilização ocidental. Exemplos clássicos são o romance *Iracema* (José de Alencar), o poema *I-Juca-Pirama* (Gonçalves Dias), a ópera *O Guarani* (Carlos Gomes) e quadros como *Moema* (Victor Meirelles) e *O Último Tamoio* (Rodolpho Amoedo).

10. *Moema*, óleo sobre tela de Victor Meirelles

Fascinado pelas ciências, pelas letras e pelas artes, D. Pedro II acabou por tornar-se um verdadeiro mecenas (alguém que protege ou financia, de maneira desinteressada, artistas e cientistas), o que o tornou extremamente popular entre as elites brasileiras, que, naquele exato momento, buscavam encontrar sua identidade.

Para o monarca, a importância de uma cultura própria era fundamental, pois evitava-se uma divisão interna ou o enfraquecimento do governo. Daí a necessidade de realçar as características principais do país, tendo como elemento fundador o índio. Em 1838, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que publicou o primeiro livro de História Geral do Brasil.

Nesse período, a Academia Imperial de Belas Artes recebeu um grande volume de encomendas de pinturas oficiais com cenas de exaltação cívica. D. Pedro II também criou prêmios que incluíam viagens à Europa, onde os vencedores viveriam por três anos, estudando com grandes mestres franceses e italianos. O país estava ávido por uma representação de sua alma, e o romantismo era perfeito para isso, como se pode atestar pelas obras de poetas e escritores. Basta assinalar que o maior sucesso da época, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1844 e que descrevia a vida da juventude burguesa fluminense, até hoje frequenta as prateleiras das livrarias, além de ter gerado adaptações para os palcos e para as telas do cinema e da televisão.

11. Capa do livro *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo

Um caldeirão musical

Talvez tenha sido Debret o primeiro a perceber a mistura de ritmos e gêneros musicais em nosso país: "É certo que no Brasil a cabana e o palácio são o berço comum da música", escreveu em sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. E com a criação, em 1848, do Conservatório de Música, essa arte ganhou status oficial e seguiu o mesmo formato usado por D. Pedro II para as artes plásticas: também forneciam-se bolsas de estudo para a Europa. Quem tirou partido da benesse foi o compositor Antonio Carlos Gomes, que recebeu do imperador uma pensão anual para custear seus estudos.

Flor amorosa, compassiva, sensitiva, vem Porque
Oh, uma rosa orgulhosa, presunçosa, tão [vaidosa
Pois olha a rosa tem prazer em ser [beijada, é flor
É flor
Oh, dei-te um beijo, mas perdoa, foi à [toa, meu amor
Em uma taça perfumada de coral
Um beijo dar
Não vejo mal
É um sinal de que por ti me apaixonei
Talvez em sonhos foi que te beijei

Flor Amorosa
(Antonio da Silva Calado e Catulo da Paixão Cearense)

12. Fototipia de Carlos Gomes, compositor, autor da ópera *O Guarani*

Fora dos salões oficiais, o que nasceu foi uma belíssima expressão musical, o choro, praticada inicialmente pela classe média

urbana, que se reunia pelo simples prazer de tocar. Também frequentavam essas rodas grandes músicos, cujo maior expoente era o maestro e compositor Joaquim Antonio da Silva Callado, professor de flauta do Conservatório Imperial.

Da mistura dessa música que se ouvia nos salões com o som que vinha das ruas, começou a se formar um novo gênero ainda sem nome. À delicadeza dos violões, dos bandolins e das flautas juntava-se o repique de instrumentos de percussão de origem africana. Foi o caso do pandeiro, que tem similares em civilizações de distintas matrizes, mas que, no Brasil, casou a perfeição com a necessidade de um instrumento percussivo de pequeno porte para acompanhar com eficácia o dedilhado das cordas e as suaves melodias das flautas. Do encontro dessas duas influências, nasceu uma música autenticamente brasileira, mas que precisou de algum tempo até ser reconhecida como tal.

A guerra e o movimento abolicionista

Upa, neguinho na estrada
Upa, pra lá e pra cá
Virge!
Que coisa mais linda!
Upa neguinho
Começando a andar
Começando a andar...

Upa Neguinho
(Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri)

Entre 1864 e 1870, a América do Sul viveu o maior conflito armado de sua história: a Guerra do Paraguai. De acordo com a cronologia dos acontecimentos, a primeira ação armada partiu mesmo do Paraguai, que invadiu o território do Mato Grosso.

13. *Batalha do Avaí*, na Guerra do Paraguai, óleo sobre tela de Pedro Américo

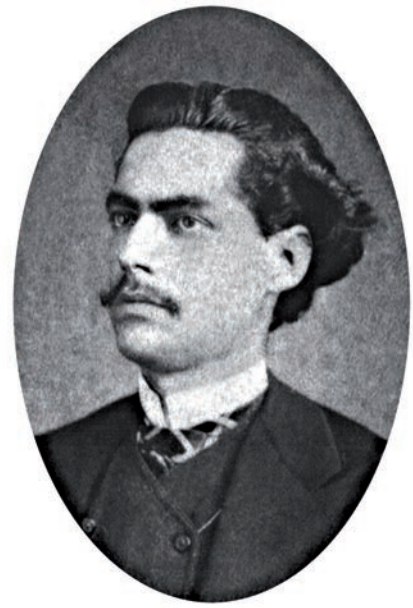
Foram terríveis seis anos de guerra, incluindo, ainda, Uruguai e Argentina, que, ao lado do Brasil, formaram a Tríplice Aliança. Sobre os números de soldados enviados pelo Brasil, há divergências entre os historiadores, indo de 50 mil a 150 mil. E de 50 a 55 mil teriam morrido nos campos de batalha. As perdas foram terríveis. Do lado paraguaio, as mortes ocorreram não só em combate, mas também devido à fome e às epidemias. A derrota levou o Paraguai ao caos social e econômico. O país tornou-se um dos Estados mais atrasados da América do Sul, foi obrigado a pagar pesadas indenizações de guerra ao Brasil, perdeu cerca de 40% de seu território e teve um declínio populacional que afetou gravemente sua economia.

Contada em livros e quadros que exaltavam a bravura brasileira, essa guerra – como todas as outras – deixou marcas profundas em vencedores e vencidos. Entre os muitos mortos e mutilados, havia uma incalculável quantidade de escravos que foram libertos para ir à guerra. Segundo o historiador Ricardo Salles, eles somariam 10% dos combatentes.

Impulsionada pela Revolução Industrial e por suas máquinas a vapor, a Inglaterra não mediu esforços para impedir que o tráfico negreiro prosseguisse, colocando a sua poderosa Marinha a serviço dos novos tempos. A partir de 1850, seus barcos de guerra caçaram navios negreiros por todos os mares, e, só após a ameaça ao governo brasileiro de bloqueio naval e econômico, o tráfico foi abolido no Brasil.

Nos Estados Unidos, a escravidão foi abolida em 1865, e, com isso, somente Brasil e Cuba ainda mantinham escravos nas Américas. Na década de 1870, pequenos grupos abolicionistas começaram a se formar nas principais capitais brasileiras, com o engajamento de jovens poetas, jornalistas e advogados.

Um exemplo marcante é o de Castro Alves, autor de versos que até hoje emocionam pela intensidade e pela beleza de suas palavras cheias de indignação: “Era um sonho dantesco/ O tombadilho que da luzerna avermelha o brilho/ Em sangue a se banhar/ Tinir de ferros/ Estalar de açoites/ Legiões de homens negros como a noite/ Horrendos a dançar” (*Navio Negreiro*).



14. Retrato do poeta Castro Alves, autor de *Navio Negreiro*

Outros abolicionistas trataram de passar da teoria à ação, ajudando pessoalmente os escravos a fugir para quilombos na periferia das cidades. A campanha abolicionista ganhou as ruas de uma maneira que o Brasil ainda não conhecia: nos jornais, na literatura, nos teatros e na música.

A Lei do Ventre Livre, cuja proposta partiu de um gabinete conservador, foi assinada em 1871, sendo a primeira lei que objetivava o fim progressivo do regime escravocrata. Determinava que todos os filhos de escravos nascidos no país a partir daquela data seriam livres. Para burlá-la, os donos de escravos alteravam os registros de nascimento, mantendo assim parte de seu “capital” humano. Em 1884, as províncias do Ceará e do Amazonas libertaram seus negros, aumentando ainda mais a pressão sobre o governo imperial.

No ano seguinte, foi aprovada a Lei dos Sexagenários, cujo projeto foi redigido por Rui Barbosa, um dos grandes nomes do abolicionismo no Brasil. Pela lei, seriam libertados todos os escravos com mais de 60 anos. Mas não funcionou muito em termos práticos, já que poucos escravos atingiam essa idade e, quando atingiam, não tinham condições de garantir seu sustento, ainda mais porque precisavam competir com imigrantes europeus que chegavam ao país.

Ao mesmo tempo que o abolicionismo crescia como movimento, os republicanos também começavam a questionar o regime imperial, principalmente dentro do Exército, que era influenciado por diferentes doutrinas, entre elas o positivismo. Uma marca positivista em nossa história está na bandeira nacional: o lema "Ordem e Progresso" vem da expressão positivista "O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim".

15. Bandeira do Brasil: as estrelas representam todos os estados do país e o Distrito Federal. A frase *Ordem e Progresso* foi sugerida por Benjamin Constant a Raimundo T. Mendes, influenciado pelo positivismo francês de Auguste Comte

A abolição

Finalmente, em 13 de maio de 1888, o governo imperial rendeu-se às pressões internas e externas que exigiam o fim da escravidão no Brasil. A princesa Isabel, filha de D. Pedro II e herdeira do trono, assinou a Lei Áurea, uma decisão que desagradou profundamente a fazendeiros e plantadores – o último grupo da sociedade que mantinha o apoio ao imperador. Há um dado econômico a ser considerado: embora a abolição não fosse uma surpresa, dada a forte campanha que empolgava o país, os donos de escravos esperavam que houvesse uma compensação financeira pela perda de seus "capitais", o que não foi previsto na lei.

Lá vem a força, lá vem a magia
Que me incendeia o corpo de alegria
Lá vem a santa maldita euforia
Que me alucina, me joga e me rodopia
Lá vem o canto, o berro da fera
Lá vem voz de qualquer primavera
Lá vem a unha rasgando a garganta
A fome, a fúria o sangue que já se
[levanta

Raça
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

16. Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, assinou a Lei Áurea

Apesar do gesto libertador da princesa Isabel, existe hoje uma percepção muito clara de que a abolição, da forma como foi realizada, deixou muitos problemas sem solução, a começar pela falta de proteção aos ex-escravos. Da noite para o dia, eles viram-se jogados à condição de desempregados, inteiramente despreparados para viver em uma sociedade que caminhava rapidamente em direção ao século XX. Faltavam educação e formação, quando as exigências do mercado de trabalho se tornavam cada vez maiores.

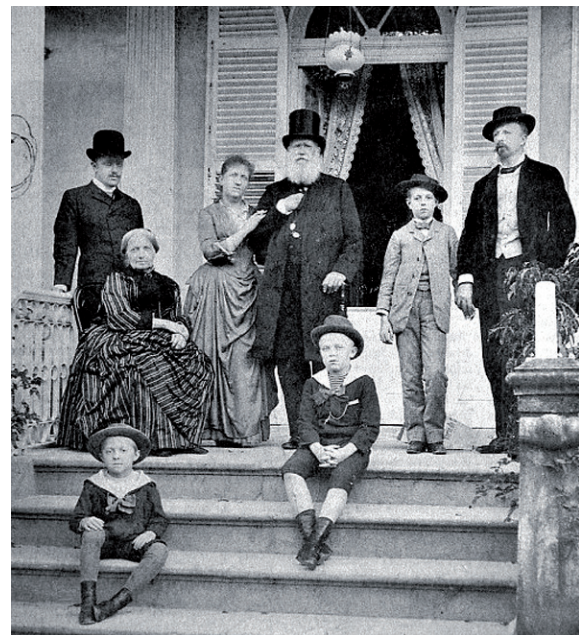
Outro fator importante foi o fomento à imigração de trabalhadores europeus para substituir a mão de obra escrava. A preferência pela contratação dos recém-chegados deixava claro que os ex-escravos não se tornariam cidadãos plenos apenas porque uma lei fora assinada: havia um longo caminho a ser percorrido.

Para o historiador José Murilo de Carvalho, "esta batalha continua hoje e é tarefa da nação". Para alguns militantes do movimento negro no Brasil, a abolição seria uma espécie de "golpe branco" para refrear o crescimento da população negra no país. Outros historiadores preferem ver a abolição como uma conquista popular, já que diferentes setores da sociedade saíram em sua defesa, o que representaria um avanço democrático mesmo em um regime de características centralizadoras como o Império.

O Império se despede

Apesar da popularidade de D. Pedro II, o Império Brasileiro, a partir de 1870, entrou em uma sucessão de crises que determinaram a sua queda. O modelo "império" não atendia às exigências de novos grupos sociais que se formavam ou de antigos que cresciam em importância, como foi o caso dos militares. A vitória a ferro, fogo e sangue na Guerra do Paraguai deu ao Exército brasileiro um protagonismo que ia além da força das armas.

Ao mirarem os exemplos do Uruguai, da Argentina e até mesmo do Paraguai, que já viviam sob o regime republicano, os oficiais brasileiros insistiam na pregação anti-monárquica, gerando atritos com o governo imperial, que não encontrava outra solução para o problema a não ser a punição. Mas os homens que haviam lutado na guerra estavam mais cientes do poder que possuíam e da importância que tinham para a estrutura do país e não iam aceitar os desígnios do imperador, por mais liberal que ele fosse.



17. Família Imperial no Palácio da Princesa Isabel, em Petrópolis

Vida, valsa, vibração
velas ao vento, tempo, tentação
quem descobrirá, quem compreenderá
o perfume da ilusão?
Uma cisma, um verso, uma canção
um realejo, um beijo, uma emoção
um desejo, um sonho
um momento, um vinho, uma sensação

Perfume
(Chiquinha Gonzaga e Joyce Moreno)

Em 1873, em São Paulo, um Congresso Republicano reuniu proprietários rurais, comerciantes, advogados, médicos e militares para discutir um esboço de Constituição e a criação do Partido Republicano Paulista, que mais tarde seria dominado pelos grandes cafeicultores do estado. Estava a caminho mais uma transformação profunda no Estado brasileiro, cuja monarquia, fundada em 1822, não viveu nem um século.

Para usar em sala de aula

- Pesquisar a origem da palavra "farroupilha", empregada para designar a revolução que pretendeu separar o Rio Grande do Sul do restante do Brasil.

- O Museu Nacional de Belas Artes tem uma bela coleção de quadros oficiais encomendados pelo imperador D. Pedro II. Agendar uma visita com a turma para conferir de perto essas obras.

- A Ilha Fiscal, na Baía de Guanabara, abrigou um baile que teria sido o último do Império. Os alunos podem escrever sobre a ilha no passado e como está sendo usado o prédio, que existe até hoje. Vale, também, agendar uma visita.

Para saber mais

Músicas

Quem Sabe? (Carlos Gomes e Bittencourt Sampaio). CD – Nailor Proveta & Monica Salmaso – Tocando para o Interior – Núcleo Contemporâneo, 2007.

Brazil com S (Rita Lee e Roberto de Carvalho). CD – Rita Lee – Rita Lee e Roberto de Carvalho 1982 – Som Livre/EMI/Odeon, 1995.

Saudades do Brasil em Portugal (Vinicius de Moraes). CD – Zé Renato & Grupo Trinadus – Navegantes – Biscoito Fino, 2004.

Flor Amorosa (Antônio da Silva Calado e Catulo da Paixão Cearense). CD – Altamiro Carrilho – Altamiro Carrilho, Primeira Noite em Niterói – Biscoito Fino, 2008.

Filmes

Abolição (minissérie). Brasil, 1988. Direção: Walter Avancini. Distribuição: Rede Globo. Período de exibição: 22/11/1988 – 25/11/1988.

O Jovem Toscanini. Itália/França, 1988. Direção: Franco Zeffirelli. Distribuição: Union Générale Cinématographique (UGC). Duração: 107 min.

Mauá – O Imperador e o Rei. Brasil, 1999. Direção: Sérgio Rezende. Distribuição: Riofilme. Duração: 135 min.

Memórias Póstumas. Brasil, 2001. Direção: André Klotzel. Distribuição: Europa Filmes. Duração: 102 min.

O Natal do Menino Imperador (especial). Brasil, 2008. Direção: Flávia Lacerda, Allan Fiterman e Denise Saraceni. Distribuição: Rede Globo. Exibição: 23/12/2008.

Policarpo Quaresma, Herói do Brasil. Brasil, 1998. Direção: Paulo Thiago. Distribuição: Riofilme; Severiano Ribeiro Distribuidora. Duração: 123 min.

República (minissérie). Brasil, 1989. Direção: Walter Avancini. Distribuição: Rede Globo. Período de exibição: 14-17/11/1989.

O Xangô de Baker Street. Brasil/Portugal, 2001. Direção: Miguel Faria Jr. Distribuição: Sky Light Cinema. Duração: 124 min.

Livros

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem/Teatro de Sombras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

_____. *Dom Pedro II*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHALHOUB, S. *Cidade Febril*: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial (5ª impressão: 2006). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: EdUNESP, 1999.

DORATIOTTO, Francisco. *Maldita Guerra*: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *Coleção Brasil Imperial*, 3 v., 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MATTOS, Ilmar R. de. *O Império da Boa Sociedade*: A Consolidação do Estado Imperial Brasileiro. São Paulo: Atual, 1991.

_____. *O Tempo Saquarema*: A Formação do Estado Imperial. São Paulo: Hucitec, 5. ed., 2004.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e Autoimagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil (v. 2.) – Império*: A Corte e a Modernidade Nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Websites

Arquivo Nacional
http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home

Biblioteca Nacional
http://www.bn.br

Fundação Casa de Rui Barbosa
http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=85

Museu Casa da Hera
http://casadahera.wordpress.com

Museu Histórico Nacional
http://www.museuhistoriconacional.com.br

Museu Imperial
http://www.museuimperial.gov.br

Museu Nacional
http://www.museunacional.ufrj.br

Museu Nacional de Belas Artes
http://www.mnba.gov.br

1889: Nasce a República – A alma encantadora das ruas

1

Sinopse

O Império chega ao fim; a República instala-se sob o domínio das oligarquias; de Norte a Sul, as muitas revoltas contra o poder central; Chiquinha Gonzaga desafia as convenções e leva a folia até o Palácio do Catete; o carnaval das ruas e das casas: do entrudo aos bailes de máscaras; o "velho" Rio de Janeiro é demolido para dar passagem ao progresso; a cidade ganha seu cronista mais atento: João do Rio; o ciclo da borracha – 30 anos de opulência na Amazônia.

Nasce a República

Salve lindo pendão da esperança
Salve símbolo augusto da paz
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da pátria nos traz

Hino à Bandeira
(Francisco Braga e Olavo Bilac)

9 de novembro de 1889. No pequeno palácio da Ilha Fiscal, a nobreza brasileira deleitava-se com a música que animava o baile. D. Pedro II não parecia temer – ou, pelo menos, não demonstrava – a chegada desses novos tempos, ignorando a advertência feita pelo Barão de Cotegipe à Princesa Isabel quando ela assinou a Lei Áurea: "Vossa Majestade redimiu uma raça, mas acaba de perder o trono".

2. Ilha Fiscal, localizada na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro

A observação demonstra como o Império dependia do poder escravocrata. A questão da indenização, que não foi contemplada pela Abolição, jogou os senhores de terras e de escravos na oposição e, certamente, significou o peso que faltava para a balança pender para o lado republicano. Somando-se a isso o descontentamento dos militares pelo fato de não poderem atuar politicamente no país, estava pronta a equação que ia encerrar os dias do Brasil imperial.

14 de novembro de 1889. Surge um boato de que o governo havia mandado prender o tenente-coronel Benjamin Constant, um dos mais ativos defensores da República, e Deodoro da Fonseca. Com isso, apressaram um golpe de Estado que estava previsto para 20 de novembro.

Na madrugada de 15 de novembro, o marechal Deodoro da Fonseca atravessou o Campo de Santana e conclamou os soldados do batalhão que ali se encontravam à rebelião. Em seguida, as tropas seguiram pela Rua Direita (atual Rua Primeiro de Março) até o Paço Imperial. Prenderam os integrantes do gabinete imperial, e não houve nenhuma reação. À noite do dia 15, o Brasil já era republicano.

3. *Proclamação da República*, óleo sobre tela de Benedito Calixto

Houve, entre os revoltosos, uma discussão sobre o que fazer com a Família Imperial. Ao final, venceu a facção que pregava o exílio como a forma mais civilizada de proceder diante da questão. No dia 17 de novembro, embarcada, a Família Imperial deixou o Brasil, e, assim, despedia-se, em carta, D. Pedro II: "Cedendo ao império das circunstâncias, deixo esta pátria à qual me esforcei para dar constantes testemunhos de amor e dedicação durante quase meio século. Conservarei do Brasil a mais

saudosa lembrança, fazendo os mais ardentes votos por sua grandeza e prosperidade". É uma carta contida, sem grandes arroubos, que bem demonstra a personalidade do último imperador do Brasil.

O conturbado começo republicano

Liberdade, Liberdade
abre as asas sobre nós
e que a voz da igualdade
seja sempre a nossa voz
Vem ver, vem reviver comigo, amor
o centenário em poesia
nesta pátria, mãe querida
O império decadente, muito rico
[incoerente
era fidalguia
É por isso que surgem
Surgem os tamborins
Vem emoção
a bateria vem
no pique da canção
e a nobreza enfeita o luxo do salão,
[vem viver

Liberdade, Liberdade, Abre as Asas sobre Nós
(Niltinho Tristeza, Preto Jóia, Jurandir, Vicentinho)

As primeiras providências do governo provisório instalado após a Proclamação da República foram decretar a separação entre Estado e Igreja, conceder a nacionalidade brasileira a todos os imigrantes residentes no Brasil e nomear governadores para as províncias, que passaram a se chamar estados. Também foi decretado o banimento da Família Imperial, que só poderia retornar ao Brasil a partir de 1920.

4. Marechal Deodoro da Fonseca, grafite de A. Leal

O governo provisório, presidido pelo próprio marechal Deodoro da Fonseca, terminou com a promulgação da Constituição de 1891 e com a eleição, pelo Congresso Nacional, do próprio Deodoro, que derrotou o candidato dos civis, Prudente de Morais. Mas, quando o Congresso Nacional aprovou um conjunto de leis que visava reduzir o poder da presidência, Deodoro da Fonseca declarou o estado de sítio e tentou dar um golpe de Estado. Não deu certo, graças à resistência em diversas regiões, e o marechal fundador da República renunciou, deixando o vice, Floriano Peixoto, em seu lugar.

A partir daí, a política brasileira passou a ser pautada pelos interesses das oligarquias paulista, mineira e gaúcha. O município, base inicial onde se fundamenta a organização política em nossa República, tinha um personagem que durante anos comandou a política local: o "coronel". Apesar do nome, o coronel era quase sempre um civil (fazendeiro, dono de terras e de gado, plantador) que fazia a mediação entre a população e o poder local. Era ele quem providenciava os "votos de cabresto", que iam garantir a eleição do presidente do estado (o governador dos dias de hoje), em troca de apoio à sua liderança política.

5. Charge sobre o voto de cabresto, de Alfredo Storni, publicada na revista *Careta*, em 1927

É importante ressaltar que a Constituição de 1891 garantia uma grande autonomia aos estados e municípios nos temas ligados à legislação e até mesmo na formatação de suas forças de segurança: o coronel indicava o vereador, o prefeito, o delegado de polícia. O papel dos coronéis só entrou em decadência com a urbanização do país.

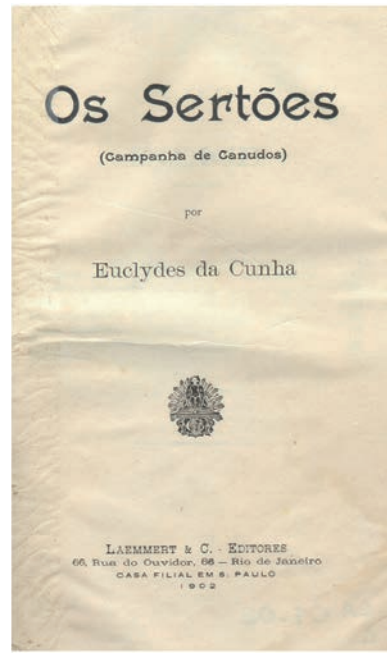
O povo se revolta

Marcado pela própria natureza
O Nordeste do meu Brasil
Oh, solitário sertão
De sofrimento e solidão
A terra é seca
Mal se pode cultivar
Morrem as plantas e foge o ar
A vida é triste nesse lugar
Sertanejo é forte
Supera miséria sem fim
Sertanejo homem forte
Dizia o poeta assim

Os Sertões
(Edeor de Paula)

O fato de que a República e seus senhores caminhavam a passos largos rumo ao século XX indica apenas que as elites brasileiras estavam-se preparando para o futuro. Grande parte da população estabelecida em áreas rurais ainda vivia sob modelos antigos, o que acabou gerando uma série de rebeliões que, apesar de possuírem motivações diferentes, tinham em comum o fato de contrapor o povo às elites.

Em 1896, no interior da Bahia, teve início o confronto conhecido como Guerra de Canudos, entre o Exército brasileiro e os integrantes de um movimento de caráter sociorreligioso. Guiados por Antônio Conselheiro, líder popular que pregava a volta da monarquia, o fim do matrimônio civil, a volta da união entre o Estado e a Igreja e até a abolição do sistema métrico decimal, os revoltosos enfrentaram quatro expedições do Exército, até serem destroçados em 1897. Cerca de 25 mil pessoas teriam morrido durante as campanhas, que foram magistralmente descritas por dois escritores: o brasileiro Euclides da Cunha (*Os Sertões*) e o peruano Mario Vargas Llosa (*A Guerra do Fim do Mundo*).



6. Capa do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, edição de 1902

A Revolta da Chibata, em 1910, colocou em confronto marinheiros e oficiais da Marinha brasileira na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, por conta dos castigos físicos que ainda eram aplicados nos navios (as faltas mais graves podiam ser punidas

com até 25 chibatadas). Sob a liderança do marinheiro João Cândido, alguns navios de guerra saíram da barra, e houve a ameaça de bombardear a cidade caso não fossem aceitas as exigências dos amotinados. A principal belonave (navio de guerra), o encouraçado Minas Gerais, acabou tornando-se o símbolo da revolta, até mesmo porque nele cinco oficiais foram mortos.

Apesar da anistia concedida pelo Congresso Nacional, muitos marinheiros foram presos e sofreram as consequências do motim. Mais de dois mil marinheiros foram expulsos, entre eles o líder João Cândido, que amargou um grande período na prisão. Pelo menos, uma das exigências foi atendida: acabaram os castigos físicos na Marinha brasileira.

7. João Cândido (terceiro da esquerda para a direita), líder da Revolta da Chibata

Já a Guerra do Contestado durou quatro anos – de 1912 a 1916 –, em uma região disputada entre o Paraná e Santa Catarina. Além das questões sociais – no caso, a posse da terra –, também esse conflito teve aspectos religiosos, pois seus líderes pregavam a criação de uma "monarquia celestial". A doação de terras para uma empresa estrangeira que construía uma ferrovia na região foi o estopim para o conflito.

Dez mil combatentes revoltosos enfrentaram as tropas legalistas, e o saldo desse enfrentamento foi tão trágico quanto o de Canudos: milhares de casas destruídas, cerca de 20 mil pessoas mortas, entre civis e militares.

A jovem República brasileira não encontrava outro método que não a força para lidar com as dissidências populares. Essas dissidências eram uma resposta ao desejo das novas elites republicanas de promover uma modernização que seguia modelos internacionais e desconsiderava tradições culturais de populações sem educação formal e completamente afastadas dos processos decisórios. A urgência de colocar o país em sintonia com o progresso tecnológico não levava em conta, afinal, a complexa realidade social brasileira e suas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão.

Desse modo, mais do que exemplos de fanatismo religioso ou de mera ignorância, tais revoltas manifestavam a permanência de relações culturais tradicionais, de um passado histórico que não podia ser simplesmente cancelado com a instauração do novo regime. A mera reforma institucional não era capaz, por si mesma, de promover ligação de nossa cultura com a das potências industrializadas.

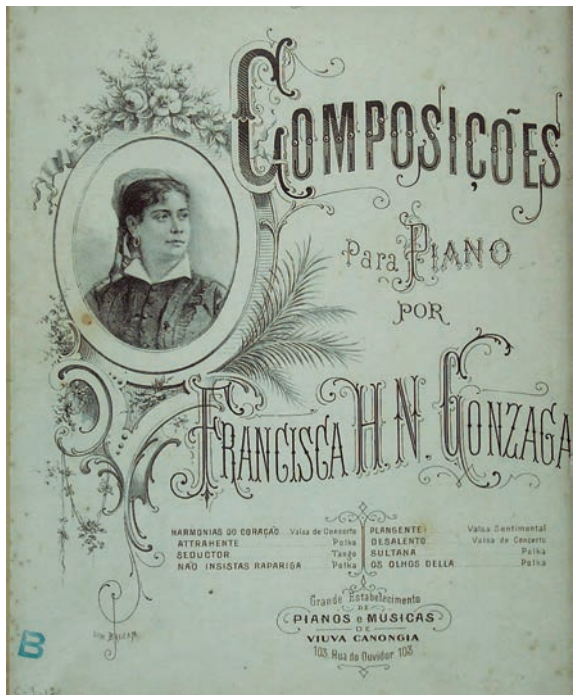
O furacão Chiquinha Gonzaga

Ô Abre Alas,
Que eu quero passar
Ô Abre Alas,
Que eu quero passar
Eu sou da Lira,
Não posso negar
Eu sou da Lira,
Não posso negar

Ô Abre Alas
(Chiquinha Gonzaga)

"Compositora, instrumentista, regente. Maior personalidade feminina da história da música popular brasileira e uma das expressões

maiores da luta pelas liberdades no país, promotora da nacionalização musical, primeira maestrina, autora da primeira canção carnavalesca, primeira pianista de choro, introdutora da música popular nos salões elegantes, fundadora da primeira sociedade protetora dos direitos autorais." O texto, reproduzido do primeiro parágrafo da biografia de Chiquinha Gonzaga (1847-1935) no site produzido por sua biógrafa Edinha Diniz e por Vandrei Braga, parece pouco diante de uma das personalidades mais trepidantes da História do Brasil.



8. Capa do livro *Composições para Piano por Francisca H. N. Gonzaga*

Aos 16 anos, já estava casada com um noivo escolhido pelos pais, mas logo separou-se para viver com um engenheiro de estradas de ferro. Também durou pouco o segundo casamento, e, para sobreviver, Chiquinha passou a dar aulas de piano, instrumento que aprendeu a tocar ainda na infância. Quando conheceu o mestre flautista Joaquim Antônio da Silva Callado, que encantava as plateias fluminenses com seus grupos de choro, descobriu um novo caminho para sua criatividade.

Em 1885, ela musicou a opereta *A Corte na Roça* e, em 1889, promoveu um concerto de violões que causou furor, pois esse instrumento não era considerado de "bom tom" em casas de família. Ligada a seu tempo, Chiquinha foi ativa abolicionista e depois republicana, escandalizando os padrões morais da época com sua vida livre de regras muito rígidas, o que lhe valeu uma forte dose de preconceitos.

9. A pintora, caricaturista, musicista e atriz Nair de Teffé

No começo do século XX, exatamente em 1900, Chiquinha conheceu Nair de Tefé, filha de família tradicional que não negava sua pendência para a boemia. Anos mais tarde, Nair se casaria com o então presidente da República, Hermes da Fonseca. Assim, as portas do Palácio do Catete abriram-se para Chiquinha, que lá promoveu saraus nos quais era executado o "maxixe", gênero de música considerado "vulgar" pelas elites, ainda mais porque incluía passos de dança nada aristocráticos, também conhecidos como "corta-jaca".

Chiquinha passou sua vida quebrando os padrões de uma sociedade rígida e preconceituosa e, ao morrer, deixou uma obra vastíssima, que até hoje encanta os músicos

que se debruçam sobre nossa música instrumental: mais de duas mil obras em gêneros variados, como valsas, polcas, tangos, lundus, fados, choros e serenatas.

Um pouco da história do carnaval

Tanto riso, ó, tanta alegria
Mais de mil palhaços no salão
Arlequim está chorando
Pelo amor da Colombina
No meio da multidão

Máscara Negra
(Zé Keti)

A festa popular que conhecemos como carnaval tem diversas origens. Muitos países europeus exibem seus "carnavais", que, na verdade, priorizam as fantasias e as máscaras. No Brasil, sem ir muito longe, pode-se afirmar que tudo começou com o "entrudo", um costume português que chegou ao país entre os séculos XVI e XVII.

No Rio de Janeiro, o entrudo tinha vários formatos, que podemos dividir em dois grupos: o familiar e o popular. No primeiro, a festa acontecia dentro das casas, de maneira civilizada, e a maior diversão estava nos "limões de cheiro", peças feitas em cera que continham água perfumada e que eram atirados em uma espécie de "batalha cheirosa".

Já o entrudo popular era uma brincadeira violenta e grosseira, que tinha como palco as ruas da cidade, que eram tomadas pelos escravos e pela população mais pobre. A maior diversão era atirar qualquer líquido – qualquer mesmo – na cabeça dos passantes. A partir dos anos 1830, a festa passou a ser duramente combatida pelas autoridades, por sua característica de selvageria que o novo país procurava domar.

Influenciada pelos bailes do carnaval parisiense, a elite fluminense começou a promover seus próprios bailes no começo do século XX, com fantasias luxuosas e máscaras importadas. Daí para os desfiles, foi um pulo: em carros abertos, a burguesia exibia suas fantasias pelo Centro da cidade, para receber o aplauso da população que saudava a passagem dos grupos fantasiados com "limões de cheiro" e "lança-perfumes", uma versão mais civilizada do entrudo primitivo.

10. Carnaval na Avenida Central, em foto de Guilherme dos Santos

Grupos de negros reunidos em "congadas", pequenos comerciantes portugueses sob o apelido de "Zé Pereira", foliões anônimos, tudo isso juntou-se pelas ruas em convivência pacífica para moldar uma grande festa popular. A força que vinha das ruas acabou por obrigar o prefeito Pedro Ernesto, no início dos anos 1930, a oficializar a festa, ordenando os desfiles, os concursos, o local e a hora para os bailes e desfiles. Em breve, as escolas de samba começaram a ocupar seu lugar de honra no carnaval, mas, antes que isso acontecesse, foi preciso que o próprio samba tomasse um lugar de destaque na nossa cultura urbana.

O novo Rio de Janeiro

Por que foi que tu deixaste
Nossa casa na favela
Não quero saber mais dela
Não quero saber mais dela
A casa que eu te dei
Tem uma porta e uma janela
Também não quero saber mais dela
Também não quero saber mais dela

Não Quero Saber Mais Dela
(Sinhô)

Uma capital chique em pleno trópico. Era esse o sonho das elites que habitavam o Rio de Janeiro no começo do século XX. Mas, para isso, faltava muito. Em primeiro lugar, a questão sanitária. A cidade vivia surtos periódicos de doenças causadas pela falta de esgotos. A higiene não era o forte da capital da República. Por decisão do presidente Rodrigues Alves, o prefeito Pereira Passos ganhou plenos poderes para fazer as intervenções necessárias.

11. Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, no começo dos anos 1900

Era o ano de 1904, e, ao rasgar a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), a cidade ganhou uma veia por onde pulsaria o sangue da modernidade. Saíram as carruagens, entraram os automóveis. Mas para onde deslocar os milhares de pessoas que viviam em barracos ou em cortiços? As primeiras favelas surgiam no Morro de São Carlos, no Morro da Mangueira, na Gamboa. E continuavam crescendo com a chegada contínua de imigrantes em busca de uma vida melhor.

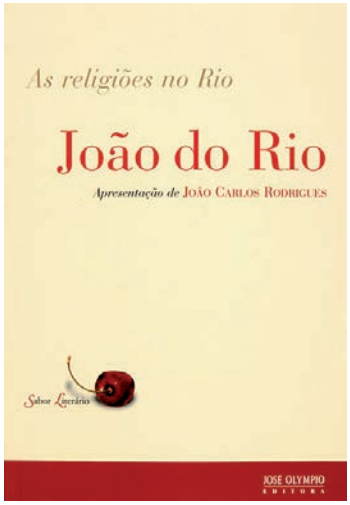
Não bastassem as péssimas condições sanitárias da cidade, o Rio de Janeiro viveu, também em 1904, um episódio conhecido como Revolta da Vacina. Autorizado pelo presidente Rodrigues Alves, o sanitarista Oswaldo Cruz deu início a uma campanha obrigatória de vacinação. A reação popular foi a pior que se possa imaginar. Em alguns casos, os agentes sanitários entravam nas residências e vacinavam as pessoas à força, sem sequer explicar o que era uma vacina. Populares destruíram lojas, apedrejaram os bondes e os prédios públicos. Diante do tumulto, em 16 de novembro, o presidente Rodrigues Alves revogou a lei de vacinação obrigatória, colocando as tropas do Exército na rua para acabar com os conflitos.

O olhar de João do Rio

Vou levar meu samba por aí
Passando pelas ruas
Feliz da vida
Saindo da Misericórdia onde tudo
[começou
Mistura de raças, a diversidade
No Largo do Paço, a primeira cidade
Um encontro com a riqueza de culturas
Julieta na janela esperando seu amor
Pelas ruas do João do Rio
Chegando ao cais a força do estivador

João das Ruas do Rio
(Marcelo Ramos, Henrique Hoffmann, Paulinho Valença, Willian Black e Popeye)

Um dos personagens mais interessantes do Rio de Janeiro do começo do século XX foi o jornalista, cronista e escritor João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto), que, desde os 18 anos, já colaborava com a imprensa carioca. Aliás, graças ao seu incessante trabalho, pela primeira vez, o jornalismo na cidade deixou de ser um "bico" de funcionários públicos ou escritores com tempo livre para tornar-se uma profissão. Mas, para viver de seu trabalho, Paulo Barreto criou cerca de dez pseudônimos, atendendo aos diversos tipos de público.



12. Capa do livro *As Religiões do Rio*, de Paulo Barreto, conhecido como João do Rio

Seu método de trabalho, que hoje é comum em qualquer redação, foi um achado à época: ia para as ruas e, com sua extrema sensibilidade, captava o espírito de uma cidade que acelerava aos poucos seus movimentos. Em 1904, ao realizar uma série de reportagens intitulada *As Religiões do Rio*, alcançou a notoriedade; pois, além do óbvio tino jornalístico, fez uma série de observações de caráter sociológico e antropológico que até hoje são utilizadas pelos pesquisadores.

Ao perceber o sucesso da empreitada, o autor publicou as reportagens em livro, vendendo mais de seis mil exemplares, um número astronômico para a época. Outra coletânea de seus textos, *A Alma Encantadora das Ruas*, mantém-se como um testemunho preciso do que era o Rio de Janeiro e, por isso, é sempre reeditada.

Paulo Barreto elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras em 1910 e foi o primeiro "imortal" a usar o famoso "fardão".

Figura polêmica, Barreto vestia-se de maneira escandalosa e se propunha a defender novas ideias nos campos político e social. Foi o primeiro a traduzir para o português as obras do escritor inglês Oscar Wilde, e suas atitudes nada convencionais atraíam muitos inimigos, o maior deles, provavelmente, o escritor Humberto de Campos.

Aos 40 anos, Barreto morreu, vítima de um fulminante ataque cardíaco. Segundo a crônica da época, o enterro foi acompanhado por cerca de cem mil pessoas, e seu túmulo, no cemitério São João Batista, é considerado um dos mais belos expoentes da arte funerária na cidade, atraindo até hoje muitos visitantes. Obra fascinante para quem quer conhecer o Rio de Janeiro da época, a bela biblioteca de Paulo Barreto ficou intacta, doada por sua mãe ao Real Gabinete Português de Leitura.

13. O jornalista, cronista e escritor João do Rio

A vez da borracha

A Inglaterra mandou um emissário pra cá
Tudo que viu ele voltou pra confirmar
Teatro, casa de chá, boemia,
Muito mais a fidalguia tinha aos seus pés
Os barões da borracha tinham ousadia
De acender os charutos com 500 mil réis

Estórias para Ninar um Povo Patriota
(Paulo Mumunha, Adão Conceição, Marcos do Açougue e Anísio Silva)

Uma árvore nativa da Amazônia foi a responsável por um grande surto econômico que chegou a ameaçar o império do café no início da República: a seringueira. Dela, era extraído um líquido branco e viscoso – matéria-prima de um produto fundamental para a indústria do começo do século XX: a borracha. Nem era preciso plantar, pois havia tantas seringueiras na mata que a extração se fazia de forma quase aleatória: marcava-se o terreno, riscava-se o tronco da árvore e colocava-se uma vasilha para recolher o líquido.

14. Seringueiro trabalhando na extração da borracha, por Percy Lau

A borracha já era conhecida desde o começo do século XIX, mas havia uma questão técnica que inviabilizava sua utilização: ficava muito dura no inverno e amolecia no verão. Foi o engenheiro norte-americano Charles Goodyear que resolveu o problema, criando um processo chamado de "vulcanização", que dava à borracha a textura e a consistência necessárias para seu uso industrial.

A partir daí, ela começou a ser empregada para a produção de pisos, cobertura, solas de sapato, luvas. Mas foi com o espetacular crescimento da indústria automobilística que a borracha atingiu seu auge, já que os engenheiros de produção do setor logo perceberam que não havia matéria-prima melhor para a fabricação de pneus.

15. O Teatro Amazonas, inaugurado em 31 de dezembro de 1896

Entre 1890 e 1920, o ciclo da borracha transformou algumas cidades amazônicas em verdadeiros centros econômicos e, até, culturais. Os chamados "barões da borracha", similares aos "barões do café", enriquecidos pela exportação do produto para os Estados Unidos e para a Europa, construíram belíssimos palacetes em Belém e em Manaus.

É interessante notar como, no imaginário popular, a monarquia ainda tinha seu lugar, pois os novos-ricos sempre levavam a alcunha de "barões". Lembrança física desse

período de opulência é o Teatro Amazonas, em Manaus, que recebia as maiores estrelas do canto lírico e da música clássica na época.

Mas, enquanto o dinheiro jorrava nas cidades, na densa Floresta Amazônica a situação do seringueiro era bem diferente. Grandes levas de nordestinos, fugindo da seca e da miséria, chegaram à região para encontrar um regime quase escravo, sob terríveis condições de trabalho e salubridade. Eram eles que extraíam da floresta a riqueza dos donos de seringais e latifundiários, que dominavam o mercado internacional mantendo os preços bem altos.

A partir da metade da década de 1910, a Inglaterra começou a plantar seringais no Sudeste Asiático, depois de contrabandear mudas brasileiras. O preço do produto despencou, e a borracha brasileira perdeu seu mercado, devolvendo à Amazônia a estagnação econômica.

Com dois pés no passado, mas muitos olhos no futuro, o Brasil experimentava seus primeiros anos republicanos sem integrar todos os seus cidadãos a um projeto comum de nação. Essas contradições iam aguçar-se por conta da Primeira Guerra Mundial, quando os milhões de mortos em trincheiras causariam uma nova divisão de poder na Europa e marcariam a ascensão de um novo gigante mundial: os Estados Unidos.

Nada seria como antes, e o Brasil, ainda marcado por traços do colonialismo, levaria alguns anos antes de começar a integrar os trabalhadores ao seu projeto de nação.

Para usar em sala de aula

- Marcar uma visita ao Real Gabinete Português de Leitura. Além de admirar a bela arquitetura, toda a turma pode conhecer a biblioteca doada por João do Rio.
- Na Favela da Maré, existe um museu com obras realizadas por seus moradores. É uma ótima oportunidade de os alunos verem de perto a vida de uma comunidade atuante no Rio de Janeiro.
- A Fundação Oswaldo Cruz guarda a memória do sanitarista que, involuntariamente, causou a Revolta da Vacina. Os alunos podem pesquisar e descobrir qual foi a importância dele para a saúde do Rio de Janeiro e do Brasil.

Para saber mais

Músicas

Ô Abre Alas (Chiquinha Gonzaga). CD – Vários artistas – Chiquinha Gonzaga, A Maestrina – Revivendo Discos, 1999.

Corta-Jaca, *Gaúcho* (Chiquinha Gonzaga). CD – Vários artistas – Chiquinha Gonzaga, A Maestrina – Revivendo Discos, 1999.

Luar do Sertão (Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco). CD – Maria Bethânia – Diamante Verdadeiro – BMG, 1999.

O Mestre-Sala dos Mares (João Bosco e Aldir Blanc). CD – João Bosco – Caça à Raposa – CA, 1989.

Filmes

Mauá – o Imperador e o Rei. Brasil, 1999. Direção: Sérgio Rezende. Distribuição: Riofilme. Duração: 135 min.

Memórias Póstumas. Brasil, 2001. Direção: André Klotzel. Distribuição: Europa Filmes. Duração: 102 min.

Policarpo Quaresma, Herói do Brasil. Brasil, 1998. Direção: Paulo Thiago. Distribuição: Riofilme; Severiano Ribeiro Distribuidora. Duração: 123 min.

O Xangô de Baker Street. Brasil/Portugal, 2001. Direção: Miguel Faria Jr. Distribuição: Sky Light Cinema. Duração: 124 min.

Livros

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraFormdo?select_action=&co_obra=2042.

BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A Formação das Almas*: O Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Celso. *A Proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim*: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro na Belle Époque. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*: Momentos Decisivos. São Paulo: EdUNESP, 1999.

DUQUE, Gonzaga. *Impressões de um Amador*: Textos Esparsos de Crítica (1882-1909). Organização Vera Lins; Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

FERREIRA, Marieta de Morais. *Em Busca da Idade do Ouro*: As Elites Políticas Fluminenses na Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994.

LESSA, Renato. *A Invenção Republicana*: Campos Sales, as Bases e a Decadência da Primeira República Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O Ruralismo Brasileiro (1988-1931)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

NOVAIS, Fernando (org.). *História da Vida Privada no Brasil*: Da Belle Époque à Era do Rádio. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PEREIRA, Sônia Gomes. *Arte Brasileira no Século XIX*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2008.

REZENDE, Antonio Paulo. *Uma Trama Revolucionária?* Do Tenentismo à Revolução de 30. São Paulo: Editora Atual. 1991.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*: Crônicas. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTUCCI, Jane. *Cidade Rebelde*: As Revoltas Populares no Rio de Janeiro no Início do Século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *A Revolta da Vacina*: Mentes Insanas em Corpos Rebeldes. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

VASCONCELLOS, Ary. *A Nova Música da República Velha*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1985.

Websites

Casa de Oswaldo Cruz
http://www.coc.fiocruz.br

Escola de Música da UFRJ
http://www.musica.ufrj.br

Forte de Copacabana
http://www.fortecopacabana.com

A Gênese da Favela Carioca
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300001

Museu da República
http://www.museudarepublica.org.br

Museu Nacional de Belas Artes
http://www.mnba.gov.br

Theatro Municipal
http://www.theatromunicipal.rj.gov.br

1889: Nasce a República – Do samba ao modernismo

1

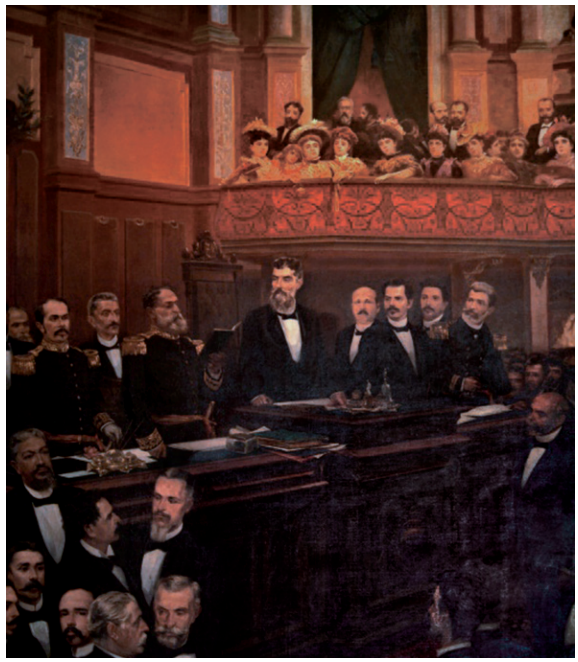
Sinopse

O poder estadual dava as cartas no começo da República; jovens e rebeldes: os tenentes queriam um novo Brasil; as duas almas do Rio de Janeiro; Nazareth, o mestre do choro; o doce mestre Pixinguinha; João da Baiana apresentou o pandeiro; Donga, o polêmico pai do samba; o samba-passarinho de Sinhô; São Paulo puxou a locomotiva modernista; a República Velha se despediu.

Os estados no poder

Seja um pálio de luz desdobrado.
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel que o passado
Vem remir dos mais torpes labéus!
Seja um hino de glória que fale
De esperança, de um novo porvir!
Com visões de triunfos embale
Quem por ele lutando surgir!

Hino da Proclamação da República
(Medeiros e Albuquerque e Leopoldo Miguez)



2. *Juramento da Constituição*, de 1891, óleo em tela de Aurélio Figueiredo

O primeiro período republicano no Brasil, entre 1889 e 1930, foi marcado pelo predomínio do poder estadual. O Poder Executivo tinha dificuldades de se impor ao Legislativo, e o arranjo político da época ficou conhecido como Política dos Governadores. Consistia em reduzir as disputas políticas estaduais por meio do apoio a grupos mais fortes; formular um acordo entre União e estados; e encerrar a disputa entre Executivo e Legislativo. O governo federal sustentava os grupos dominantes nos estados, e estes apoiavam a política do governo. O processo eleitoral era diferente do que se tem hoje. A Constituição de 1891 instituiu o voto universal, vetado, porém, aos militares de baixa patente, às mulheres e aos analfabetos. O voto era aberto.

Havia uma engenharia política bem arquitetada em que o candidato oficial para as eleições presidenciais, que ocorriam de quatro em quatro anos, saía de um grande acordo entre os presidentes de estados. Em troca, o poder federal não interferia na política interna dos estados nem os governos estaduais interferiam na política municipal.

O presidente da República apoiava os atos dos presidentes estaduais e recebia de volta um grande suporte político. Como se dava esse arranjo? Os presidentes de estados colaboravam com a eleição de deputados e senadores afinados com a presidência da República, o que garantia um Congresso quase sem oposição. Para completar o acordo, os presidentes da República seriam sempre ex-presidentes de estados – o que, em tese, garantiria a experiência administrativa.

3. Presidente Floriano Peixoto, reprodução de imagem em grafite, por A. Leal

A carreira política estava aberta a todos que professassem as ideias republicanas. Os presidentes vinham das elites paulistas e mineiras; São Paulo e Minas Gerais eram, então, os estados mais ricos da nação. Foram, ao todo, 13 presidentes, sendo que três vices assumiram o poder: Floriano Peixoto, em virtude da renúncia de Deodoro da Fonseca; Nilo Peçanha, pela morte de Afonso Pena; e Delfim Moreira, pela morte de Rodrigues Alves.

Diante de tanto poder concedido ao setor agrário, representado nos governos estaduais e municipais, não é de se estranhar que tenha surgido nesse período o tenentismo, um movimento político-militar que se opunha ao governo oligárquico. Defendia mudanças estruturais na educação, na economia e no sistema eleitoral, que considerava inteiramente fraudado.

Os jovens militares revoltados

Em 1891, sem causa perca
Era eleito Deodoro da Fonseca
Cujo governo foi bem audaz
Entregou a Floriano Peixoto
E este a Prudente de Morais
Que apesar de tudo
Terminou com a Guerra de Canudos
Restabelecendo assim a paz
Terminando enfim todos os males
Em seguida veio Campos Sales
Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo [Peçanha,
Hermes da Fonseca e outros mais

61 Anos de República
(Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola)

Pelo menos dois grandes episódios de confrontação ao governo ocorreram durante a República Velha, protagonizados pelos "tenentes". O primeiro ficou conhecido como "Os 18 do Forte". Em 1922, a eleição de Artur Bernardes frustrou os jovens militares que faziam oposição ao governo oligárquico. Em 5 de julho daquele ano, a guarnição do Forte de Copacabana se rebelou, trocando tiros com as tropas do I Exército. No dia seguinte, centenas se entregaram após um apelo do governo. Mas 17 militares e um civil saíram pela praia para encontrar as forças governamentais. Houve troca de tiros. Dois deles sobreviveram: Siqueira Campos, que dá nome à rua que faz esquina com a Avenida Atlântica; e Eduardo Gomes, que alcançaria em sua carreira o posto de brigadeiro.

4. Revolta dos 18 do Forte de Copacabana: da esquerda para direita, tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Nílton Prado e o civil Otávio Correia

Em 1924, outra rebelião militar, dessa vez em São Paulo e comandada por Miguel Costa, pretendia derrubar o governo de Artur Bernardes. No mesmo ano, outro militar, Luiz Carlos Prestes, também disposto a combater o governo, liderou uma revolta em outubro, no Sul. Miguel refugiou-se com suas tropas no interior de São Paulo e, em abril de 1925, rumou para Foz de Iguaçu, onde se encontrou com o grupo gaúcho. Estava formada a Coluna Prestes, que cortou o Brasil até o Maranhão, para depois embrenhar-se pelo Centro-Oeste e exilar-se na Bolívia.

Eram cerca de 1,5 mil homens que percorreram mais de 27 mil quilômetros, sempre vigiados pelos soldados do governo

e evitando o confronto direto com táticas de guerrilha. Por onde passava, a Coluna denunciava a situação política e social do país por meio de comícios e manifestos. Os registros históricos apontam que entre a população rural não houve praticamente nenhum apoio, ao contrário do esperado. Já nas cidades, segundo o historiador Boris Fausto, a Coluna teve um efeito simbólico, pois havia setores populacionais insatisfeitos com a elite dirigente.

Mas a heroica viagem pelos sertões brasileiros ajudou uma geração de oficiais a conhecer de perto os rincões mais distantes – e abandonados – de nosso país. Muitos dos oficiais e soldados que participaram da Coluna Prestes se tornaram, mais tarde, personagens de relevo em nossa história.

5. Luís Carlos Prestes (terceiro sentado da esquerda para a direita) e os principais líderes da Coluna Prestes

Uma cidade com duas almas

Enquanto o Rio de Janeiro se "civilizava", por meio de profundas modificações em seu traçado, as diferenças de classe se acentuavam.

Na verdade, conviviam dentro da mesma cidade dois mundos muito distintos. Um, refinado, culto, elegante, que seguia passo a passo as convenções da chamada *Belle Époque* (período que vai do fim do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, marcado pela predominância dos padrões estéticos e de comportamento influenciados pela cultura francesa).

6. Homens e mulheres na Cinelândia, em 1929

O outro, menos glamouroso, mas nem por isso menos criativo, estava vivo dentro do que se chamava, na época, "a Pequena África". Esta, formada pelos bairros do Catumbi, da Gamboa, do Estácio e da Saúde, tinha como "capital" a Praça Onze, local escolhido para ser o centro das manifestações populares espontâneas, como os desfiles de ranchos, de blocos e de cordões. Era lá também que a comunidade negra da cidade mantinha suas tradições religiosas, em uma autêntica mistura do sagrado com o profano.

Nesse entorno, segundo os estudiosos de nossa música popular, começou a nascer um novo gênero musical, que logo se tornaria a expressão maior da música carioca: o samba.

É preciso saudar aqui a importância das "tias baianas" – mulheres que vinham da Bahia e se estabeleciam na cidade, trazendo suas tradições religiosas, culinárias e musicais. Elas abriam suas casas para servir refeições a preços populares, e essas casas tornaram-se verdadeiros centros culturais, onde se reuniam os bambas da época.

Aqui có no terreiro
Pelú adié
Faz inveja pra gente
Que não tem mulher (Bis)
No jacutá de preto velho
Há uma festa de yaô (Bis)
Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de Iemanjá
Mucama de Oxossi é caçador
Ora viva Nanã
Nanã burukô

Yaô
(Pixinguinha e Gastão Viana)

Como o preconceito era grande, a polícia volta e meia dava "batidas" nessas festas em busca de "malandros". Mas não havia repressão que pudesse conter a força criativa do que estava em gestação. Festas, pagodes, rituais religiosos: tudo se moldava segundo o batuque do samba. E esse Rio de Janeiro de alma dupla acolheu a música que vinha dos salões, das ruas, do morro, como bem mostram a vida e a obra de dois grandes mestres: Ernesto Nazareth e Pixinguinha.

Chora, Nazareth!

7. Ernesto Nazareth, autor de tangos, polcas, valsas, lundus e outros ritmos

Ernesto Nazareth nasceu em 1863 e começou muito cedo a estudar piano com a mãe. A partir de 1874, teve como professor Charles Lucien Lambert, um conhecido mestre de Nova Orleans radicado no Rio de Janeiro. Aos 14 anos, compôs sua primeira música: *Você Bem Sabe*. Ao completar 17 anos, em 1880, fez sua primeira apresentação pública, e dali para frente sua carreira como pianista deslanchou.

Ai, quem me dera
O meu chorinho
Tanto tempo abandonado
E a melancolia que eu sentia
Quando ouvia
Ele fazer tanto chorar
Ai, nem me lembro
Há tanto, tanto
Todo o encanto
De um passado
Que era lindo
Era triste, era bom
Igualzinho a um chorinho
Chamado Odeon

Odeon
(Ernesto Nazareth e Vinicius de Moraes)

Naquela época, sem rádio, televisão ou discos, o mercado da música funcionava de uma forma bem curiosa. Os compositores escreviam as canções e as entregavam às "casas editoras", que tratavam de imprimir as partituras e as vendiam ao público. Era assim que se divulgavam as músicas, e, para mostrá-las, as casas editoras contratavam pianistas que ficavam sentados o dia inteiro tocando as partituras para quem entrava nas lojas em busca de novidades.

Nazareth também trabalhou como pianista em uma casa editora, afiando cada vez mais o seu piano sincopado, que tanto agradava

a todos. Suas composições eram populares, mas sem perder um certo desenho clássico, chegando, inclusive, a ser interpretadas por bandas sinfônicas na Europa. O próprio Villa-Lobos dedicou a ele a peça *Choros Número 1 para Violão*, reconhecendo a importância de sua obra.

8. Propaganda impressa sobre partituras de Ernesto Nazareth

Apesar de compostas no piano, as músicas captavam a sonoridade do violão, da flauta e do cavaquinho. Nazareth era um atento ouvinte dos sons que vinham das ruas e dava a eles o requinte de uma roupagem quase erudita. E, por estarem nessa linha divisória, suas composições tanto poderiam ser interpretadas por um pianista clássico como por um flautista popular. Talvez a melhor definição de seu gênio tenha sido dada por Mário de Andrade: "Nazareth era dotado de uma extraordinária originalidade, porque transitava, com fôlego, entre a música popular e erudita, fazendo-lhe a ponte, a união, o enlace".

Alfredo, Pixinguinha

Meu coração, não sei por que
Bate feliz quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim
Foges de mim

Carinhoso
(Pixinguinha e João de Barro)

Filho de flautista amante do choro, Alfredo da Rocha Viana Filho (1897-1973) aprendeu o ofício de músico em casa, em saraus com seu pai e irmãos. Além da flauta, estudou o saxofone e logo estava compondo seus primeiros temas. Para muitos estudiosos, ele contribuiu diretamente para que o choro tomasse a sua forma musical definitiva. Aos 15 anos, começou a tocar em cabarés da Lapa. Mais tarde, também tocou em orquestras no Cine Odeon, no tempo do cinema mudo.

9. Grupo Os Oito Batutas, durante excursão à Argentina, 1923

Em 1918, formou o grupo Oito Batutas, para se apresentar no Cine Palais, reunindo grandes nomes da música instrumental carioca. O sucesso foi tamanho que logo estavam tocando em festas da alta sociedade, bem como no cabaré Assírio, no subsolo do

Theatro Municipal. Em 1922, o grupo viajou a Paris, onde se apresentou durante seis meses na boate Schéhérazade.

Quando compôs *Carinhoso*, em 1917, e *Lamentos*, em 1928, músicas que hoje são consideradas marcos em sua carreira, Pixinguinha ouviu críticas recorrentes de que suas composições estariam sendo influenciadas pela música americana, notadamente o jazz, que começava a se tornar internacionalmente conhecido. Hoje, os críticos reconhecem que, na verdade, ambas as composições estão muito à frente da estética de seu tempo.

10. Pixinguinha em Ramos, foto de Walter Firmo, 1967

Na década de 1930, ele foi contratado como arranjador por uma grande gravadora e participou ativamente do sucesso de dois dos maiores cantores de sua época: Francisco Alves e Mário Reis. No dia 23 de abril, data de seu nascimento, comemora-se oficialmente o Dia Nacional do Choro, uma homenagem singela, mas significativa, para um grande mestre de nossa música.

João da Baiana

João Machado Guedes (1887-1974), cantor e compositor mais conhecido como João da Baiana, era figura fácil nas rodas de samba ou de candomblé na cidade. Atribui-se a ele a introdução do pandeiro no samba, se bem que sua especialidade era marcar o ritmo usando um prato e uma faca, o que dava uma sonoridade metálica diferente ao batuque.

Não moro em casa de cômodo
Não é por ter medo não
Na cozinha muita gente
Sempre dá em alteração
Mas o batuque na cozinha sinhá não [quer
Por causa do batuque eu queimei [meu pé

Batuque na Cozinha
(João da Baiana)

11. O sambista João da Baiana e seu inconfundível pandeiro

Sempre ativo nos blocos carnavalescos, gostava da folia, mas também de poder pagar suas contas. Talvez tenha sido o único sambista de sua época que tinha um emprego fixo e, por isso mesmo, não aceitou o convite de Pixinguinha para viajar com o conjunto Oito Batutas a Paris em 1922.

Com a chegada do rádio, tornou-se figura comum nos programas populares, compondo alguns sambas ligados aos acontecimentos cotidianos. Foi um dos participantes da famosa gravação de Heitor Villa-Lobos para o disco

produzido pelo maestro Leopold Stokowski. Depois de um período de ostracismo, voltou a se apresentar em shows ao vivo a partir de 1950 e continuou compondo até 1970.

Donga, o contestado pai do samba

O chefe da polícia
Pelo telefone
Mandou me avisar
Que na Carioca tem uma roleta para
[se jogar...

Pelo Telefone
(Donga e Mauro de Almeida)

Se há um consenso quanto ao nascimento "oficial" do samba, ele diz respeito apenas ao local: a casa da Tia Ciata de Oxum, onde se reuniam os bambas da cidade para batucar, cantar, improvisar. Foi assim que, em uma noite do ano de 1916, com o pessoal se divertindo a valer, surgiram os versos famosos de *Pelo Telefone*.

12. Partitura de *Pelo Telefone*, de Ernesto dos Santos, o Donga

Era um achado. Misturava a novidade do telefone com a contravenção (roleta era jogo proibido) e a malandragem que queria se divertir a qualquer custo, além de ganhar um dinheirinho por fora, é claro. Com a letra completa nas mãos, Donga, que, assim como João da Baiana, era frequentador assíduo do samba e do candomblé, registrou, ao lado de Mauro de Almeida, a música em seu nome.

Pelo Telefone foi o maior sucesso daquele carnaval, mas o pessoal da Tia Ciata não achou a menor graça na atitude de Donga. E foi feita uma nova letra para o samba, na qual a acusação era direta: "Ó que caradura/ De dizer nas rodas/ Que esse arranjo é teu / É do bom Hilário/ E da velha Ciata/ Que o Sinhô escreveu/ Tomara que tu apanhes/ Para não tornar a fazer isso/ Escrever o que é dos outros...".

No entanto, a letra que ficou foi a registrada por Donga, que tinha seu lugar no mundo do samba. Tocava cavaquinho e violão e foi mais um que pertenceu ao grupo Oito Batutas, de Pixinguinha. Conhecia profundamente a música de origem africana, tanto que, na gravação do disco com o maestro Stokowski, todas as suas sugestões eram sambas, toadas, "macumbas" e lundus. Como João da Baiana, Donga voltou a aparecer nos anos 1950, fazendo parte de grupos chamados de Velha Guarda.

Samba é passarinho

José Barbosa da Silva, o Sinhô (1888-1930), também estava no grupo de músicos que ficou surpreso quando Donga e Mauro Duarte registraram *Pelo Telefone*, já que todo o mundo cantava nas rodas aquele samba com o título de *O Roceiro*. Pianista profissional, não perdia uma roda na casa de Tia Ciata e parecia ter aprendido a lição de Donga e Mauro Duarte: polêmico, era constantemente acusado de plagiar composições ou mesmo de se apropriar de músicas alheias.

A frase "Samba é como passarinho, é de quem pegar", que lhe é atribuída, mostra como não se ligava para o tema dos direitos autorais. Sinhô fazia questão de carimbar cada uma de suas partituras com seu nome e sua assinatura – não sem antes levá-las ao terreiro de candomblé que frequentava, para que seu pai de santo as abençoasse.

Jura, jura, jura
Pelo Senhor
Jura pela imagem
Da Santa Cruz do Redentor
Pra ter valor a tua jura
Jura, jura
De coração
Para que um dia
Eu possa dar-te o amor
Sem mais pensar na ilusão

Jura
(Sinhô)

Segundo o crítico José Ramos Tinhorão, Sinhô teria sido o verdadeiro criador da batida da bossa nova – lá pelos idos de 1920! –, quando ensinava violão para o cantor Mário Reis. Farrista, boêmio, adorava patrocinar festas nos cabarés que frequentava e foi um dos mais divertidos compositores daquela leva, que saiu direto da casa da Tia Ciata para a história da música carioca.

Cabe destacar o contato produtivo estabelecido, na época, entre artistas e intelectuais com alguns de nossos sambistas. Afonso Arinos e Hermes Fontes frequentavam os compositores populares e os cafés da Lapa. Darius Milhaud estabeleceu relações pessoais com Pixinguinha e Donga, inspirando-se nas composições de ambos para montar musicais em Paris. A modernidade carioca se ligava mais aos círculos boêmios do que a discussões intelectuais.

13. Coletânea *Nosso Sinhô do Samba*, lançada pelo projeto Almirante, da Funarte

Uma semana para a arte moderna

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

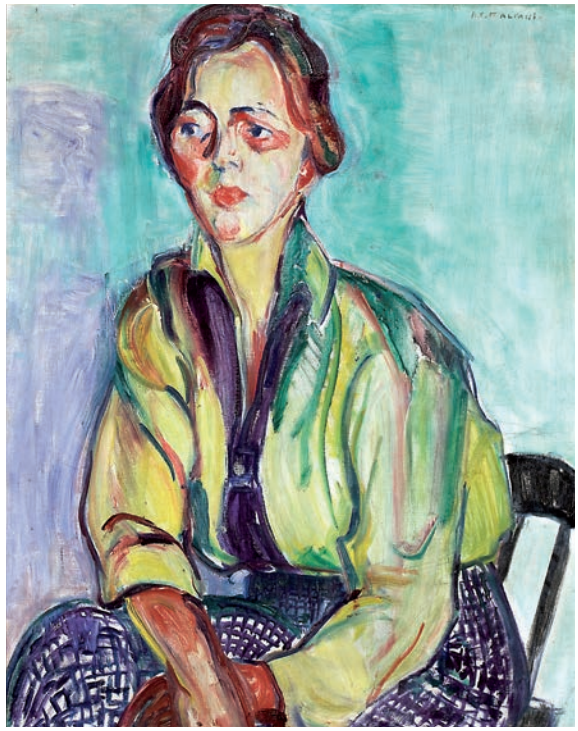
Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– "Meu pai foi à guerra!"
– "Não foi!" – "Foi!" – "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: –"Meu cancioneiro
É bem martelado".

Os Sapos
(Manuel Bandeira)

Se, no Rio de Janeiro, o samba ia espalhando suas raízes pela cidade, em São Paulo, outro tipo de efervescência cultural agitava a capital. Desde o começo da década de 1910, já se

ouviam as discussões sobre a necessidade de uma renovação da arte brasileira, ainda presa aos cânones acadêmicos. Em 1917, um evento cultural em São Paulo que reuniu 53 obras da artista plástica Anita Malfatti, além de criações de pintores europeus, sinalizou que novos tempos estavam para chegar.



14. *A Estudante*, óleo sobre tela de Anita Malfatti

Com a proximidade do centenário da Independência, alguns intelectuais, como Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, pensaram em aproveitar a data para, quem sabe, gritar pela "emancipação" da arte brasileira. Mas, para que as ideias saíssem do papel, era necessária a presença de um mecenas. Afinal, quem pagaria as contas do evento? Encontraram o parceiro perfeito no empresário Paulo Prado, cujas relações com a alta sociedade paulista facilitaram o contato com pessoas que podiam financiar o projeto.

E assim, entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, o Theatro Municipal recebeu um festival com mais de cem obras e três sessões em que a literatura e a música dividiram as atenções... e as vaias. Boa parte da plateia, formada pela elite conservadora, simplesmente detestou as novidades apresentadas pelos novos artistas. Pintores como Anita Malfatti e Vicente do Rego Monteiro e o escultor Victor Brecheret tiveram alguns de seus trabalhos expostos. Passaram por lá, entre outros, os escritores e poetas Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Manuel Bandeira – que leu o delicioso poema *Os Sapos*.

Villa-Lobos estava presente, bem como a pianista Guiomar Novaes. O que eles desejavam? A atualização do pensamento artístico brasileiro, um novo ponto de vista estético, que posteriormente viria a se definir como compromisso com a independência cultural brasileira.

Mas não foi por acaso que essa vanguarda surgiu em São Paulo. Já nos anos 1920, a capital paulista se destacava na América Latina como um centro urbano transformado pelos efeitos da industrialização. A cidade ambicionava um cosmopolitismo e impressionava pelo ritmo das máquinas e de suas ruas cada vez mais movimentadas.

15. Theatro Municipal de São Paulo, inaugurado em 1911

O desenvolvimento industrial de São Paulo se deveu a um conjunto de fatores, entre eles: a facilidade de obtenção de mão de obra, com forte afluxo de imigrantes, e o desenvolvimento de uma rede ferroviária e de um mercado consumidor. Se o Rio de Janeiro era a capital política, São Paulo configurava-se como a capital de um país novo, em construção, na busca de superar os velhos costumes do Brasil oitocentista e rural.

A Semana de Arte Moderna, um dos marcos na história de nossa arte, nasceu, assim, no coração do incipiente capitalismo brasileiro e mostrou como as contradições de um país herdeiro direto do colonialismo e da escravidão podiam levar à elaboração de linguagens artísticas que iam inserir o Brasil no grupo das nações a caminho da modernidade.

O fim da República Velha

Visto através dos números, o período da República Velha apresenta um quadro muito positivo. Entre 1889 e 1926, segundo dados contidos no discurso do presidente Washington Luís, em 1927, a população do Brasil triplicou para 36 milhões, o número de municípios aumentou de 916 para 1.407, foram implantadas linhas teleféricas, abertos 31 mil quilômetros de estradas de ferro, a exportação de nossos produtos triplicou e imprimíamos a incrível quantidade de 2.376 jornais!

A questão era que esse desenvolvimento se baseava em um modelo econômico que não favorecia o crescimento de todas as regiões do país, mas estava assentado basicamente nos polos exportadores – especialmente São Paulo e Minas Gerais. As elites de outros estados, sentindo-se alijadas das decisões econômicas, passaram a pressionar os políticos em busca de uma solução para suas questões.

No início do século XX, havia partidos republicanos em diferentes estados. Como exemplos, podemos citar o Partido Republicano Paulista (PRP), o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e o Partido Republicano Mineiro (PRM). A sociedade brasileira chegou às eleições presidenciais de 1930 com a locomotiva dos novos tempos apitando forte. O candidato do governo, Júlio Prestes, apoiado por Washington Luís, venceu as eleições contra o gaúcho Getúlio Vargas, mas as acusações de fraude surgidas na imprensa ganharam corpo e agitaram o cenário político.

Para conturbar ainda mais o clima, o candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio, o paraibano João Pessoa, sofreu um atentado e morreu no Recife poucos meses após a eleição, ao ser atingido por tiros disparados por um político local inimigo. Era a fagulha que faltava para acender o estopim da revolução.

Em 3 de outubro de 1930, começou o movimento que ia depor não só Washington Luís, mas toda uma elite que estava no poder desde que a República fora proclamada no Brasil.

16. O presidente Washington Luís, deposto pela Revolução de 1930, viaja para o exílio na Europa e nos Estados Unidos, retornando ao Brasil em 1947

Para usar em sala de aula

- Muitas ruas do Rio de Janeiro têm nomes de presidentes da República Velha. Os alunos podem pesquisar a lista de nomes e localizar esses logradouros pelo Google Maps.

- O pandeiro teria se incorporado ao samba pelas mãos de João da Baiana. Sugerir à turma uma pesquisa sobre a origem do instrumento.

- Uma das mais belas composições musicais desse período é *O Trenzinho do Caipira*, de Villa-Lobos. Entre as muitas gravações existentes, os alunos podem selecionar duas, buscando no YouTube, e comparar as diferentes interpretações.

Para saber mais

Músicas

Carinhoso (Pixinguinha e João de Barro). CD – Elizeth Cardoso – A Enluarada Elizeth – Copacabana/EMI, 2006.

Pelo Telefone (Donga e Mauro de Almeida). CD – Vários artistas – Os Grandes Sambas da História – RCA/BMG/Editora Globo, 1997.

Batuque na Cozinha (João da Baiana). CD – Vários artistas – Os Grandes Sambas da História – RCA/BMG/Editora Globo, 1997.

Gosto que Me Enrosco (Heitor dos Prazeres e Sinhô). CD – Dudu Nobre – Festa em Meu Coração – Sony/BMG, 2005.

Yaô (Pixinguinha e Gastão Viana). CD – Dudu Nobre – Festa em Meu Coração – Sony/BMG, 2005.

Casa de Caboclo (Heckel Tavares e Luiz Peixoto). CD – Silvio Caldas – A Música Brasileira Deste Século por Seus Autores e Intérpretes – Sesc São Paulo, 2003.

Jura (Sinhô). CD – Zeca Pagodinho – Água da Minha Sede – Universal Music, 2000.

Odeon (Ernesto Nazareth e Vinicius de Moraes). CD – Ademilde Fonseca – A Música Brasileira Deste Século por Seus Autores e Intérpretes – Sesc São Paulo, 2001.

O Trenzinho Caipira (Heitor Villa-Lobos e Ferreira Gullar). CD – Adriana Calcanhotto – Partimpim Dois – Sony Music, 2009.

Livros

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na Semana de 22*: Subsídios para uma Renovação das Artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966.

ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*: Obras Completas de Oswald de Andrade. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Editora Globo, 1990.

BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim*: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro na *Belle Époque*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERREIRA, Jorge (org.). *As Repúblicas no Brasil*: Política, Sociedade e Cultura. 1. ed. Niterói (RJ): EDUFF, 2011.

SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando (org.). *História da Vida Privada no Brasil*: Da *Belle Époque* à Era do Rádio. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

VASCONCELLOS, Ary. *A Nova Música da República Velha*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1985.

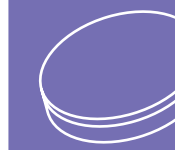
ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZÍLIO, Carlos. *A Querela do Brasil*: A Questão da Identidade da Arte Brasileira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

Websites

Escola de Música da UFRJ
http://www.musica.ufrj.br

Forte de Copacabana
http://www.fortecopacabana.com



Era Vargas 1 – A Era do Rádio

1

Sinopse

As grandes transformações urbanas no Rio de Janeiro, então capital federal, prepararam a cidade para um novo tempo; a Semana de Arte Moderna de 1922; Ademar Casé, o homem que "inventou" a Era do Rádio; Getúlio Vargas e a Revolução de 1930; o ditador descobriu o poder do rádio; o Estado Novo e o controle social da comunicação e da cultura; da exaltação do trabalhador ao sucesso dos "malandros".

As ondas que chegavam ao Brasil

Não há, ó gente, ó não
Luar como este do sertão (bis)
Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
Prateando a solidão
A gente pega na viola que ponteia
E a canção é a lua cheia
A nos nascer no coração

Luar do Sertão
(Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco)

2. Moeda emitida em 1922 em comemoração ao Primeiro Centenário da Independência do Brasil

Sete de setembro de 1922. Para comemorar o Centenário da Independência, o governo brasileiro preparou uma exposição internacional na capital, o fervilhante Rio de Janeiro, que vivia grandes transformações sociais e urbanas. Pendurados em postes, os alto-falantes eram o alvo da curiosidade da multidão na recém-inaugurada Esplanada do Castelo: o que seriam? Um novo tipo de iluminação?

Primeiro, ouviu-se um pouco de estática, de ruídos. Em seguida, ecoou a voz do então presidente da República, Epitácio Pessoa, na primeira transmissão oficial de rádio no Brasil. Começou ali uma das mais incríveis aventuras da história da cultura brasileira: a Era do Rádio. À noite, a mesma multidão, impressionada, ouviu na praça, direto do Theatro Municipal, a transmissão completa da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes. Formou-se, então, a grande dupla que tornaria o rádio imbatível durante décadas no país: a política e a música.

3. Chiquinha Gonzaga, compositora, instrumentista, regente, fundadora da primeira sociedade protetora dos direitos autorais

Mas não existia música no Brasil antes da chegada do rádio em 1922? Claro que sim! Só que as obras dos artistas da época eram veiculadas de outra forma: ao vivo, em saraus que chegavam até o Palácio do Catete (residência oficial dos presidentes da República); nos discos de cera, que giravam nos gramofones (os toca-discos da época); e nas partituras para piano (o violão, considerado instrumento de "malandros", não frequentava as boas casas de família). Era assim que se divulgava, no final do século XIX e começo do século XX, a obra dos grandes artistas, como Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Zequinha de Abreu e Catulo da Paixão Cearense, que com João Pernambuco escreveu um dos "hinos" do começo do século XX: *Luar do Sertão*.

O país se modernizava

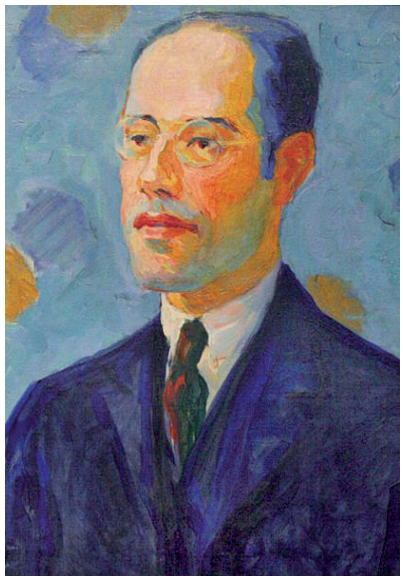
Todos esses acontecimentos que empolgaram o Rio de Janeiro não eram fatos isolados. O ano de 1922 pode ser considerado como um marco simbólico do Brasil moderno. A Semana de Arte Moderna, em São Paulo, reuniu figuras expressivas do movimento modernista, como o maestro e compositor Villa-Lobos, os artistas plásticos Di Cavalcanti e Anita Malfatti, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Menotti Del Picchia, os escritores e ensaístas Mário e Oswald de Andrade.

4. *Pierrete*, óleo sobre tela de Di Cavalcanti, pintor, caricaturista e ilustrador, idealizador e um dos organizadores da Semana de 22

Em julho desse mesmo ano, insatisfeitos com os rumos da sucessão presidencial, jovens militares se rebelaram e saíram em marcha, em plena Avenida Atlântica, em direção às balas das forças legalistas. Dos 18 do Forte, só dois sobreviveram. Em setembro, para comemorar em grande estilo o centenário da nossa independência e atrair o capital estrangeiro, o governo federal derrubou o Morro do Castelo e ergueu construções que abrigavam os monumentais pavilhões da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, com estandes de 50 países e de todos os estados brasileiros. Entre essas construções, duas estão de pé até hoje: os prédios da Academia Brasileira de Letras e do Museu da Imagem e do Som. E esse foi o grandioso palco que marcou o começo da Era do Rádio.

5. Cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922

Seis anos depois, em 1928, na *Revista de Antropofagia*, editada pelos modernistas, Oswald de Andrade lançou o Manifesto Antropofágico. A frase "Tupi or not tupi that is the question" expressava a necessidade de a cultura brasileira abrir-se para o mundo, porém, sem perder suas características.



6. Retrato de Mário de Andrade por Tarsila do Amaral

Ademar Casé: o rádio descobriu o Brasil!

Quem foi que inventou o Brasil?
Foi seu Cabral, foi seu Cabral!
No dia 21 de abril
Dois meses depois do carnaval!

História do Brasil
(Lamartine Babo)

Se foi o "seu" Cabral que "inventou" o Brasil, como cantava, bem-humorado, Lamartine Babo, em 1934, quem "inventou" o rádio brasileiro, inteiramente verde e amarelo, foi o brilhante Ademar Casé.

Com o fim da festa do Centenário da Independência, toda aquela fabulosa aparelhagem de rádio foi desmontada e levada de volta para os Estados Unidos. Mas por um breve tempo... No ano seguinte, 1923, o pioneiro Roquette-Pinto inaugurou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – para "educar as massas distantes, dar escola aos que não tiveram escola, difundir a cultura e favorecer a integração nacional".

Um ano depois, a Rádio Clube do Brasil entrava no ar. Para burlar as dificuldades de sintonia, as duas emissoras combinaram transmitir em horários alternados: uma funcionava às segundas, quartas e sextas-feiras; a outra, às terças, quintas-feiras e aos sábados. Aos domingos, não havia transmissão. Nesse começo, a programação das emissoras de rádio era extremamente formal: óperas, concertos, discursos, declamação de poesias. O diminuto público que poderia comprar um aparelho era de classe alta.

No início daquela década de 1920, disposto a subir na vida, chegou ao Rio o pernambucano Ademar Casé. Dono de uma inteligência brilhante e de uma criatividade transbordante, fez de tudo: agenciou anúncios para revistas, vendeu aparelhos de rádio, de porta em porta, foi o primeiro a usar a lista telefônica como meio de chegar aos consumidores. Integrou-se à equipe de vendedores da Philips e convenceu os diretores da empresa a alugar um horário no rádio para patrocinar um programa. Tanto esforço acabou sendo recompensado: em 14 de fevereiro de 1932, estreava na rádio Mayrink Veiga o primeiro *Programa Casé*.

7. Elenco do *Programa Casé*, o primeiro programa de rádio comercial do país. Seu criador, Ademar Casé, é o primeiro sentado, à direita

Começou dividido em duas partes: uma com música popular, outra com música clássica. Mas Casé logo percebeu que o gosto do público e a popularização do rádio caminhavam em uma só direção. Daí para frente, a música popular brasileira passou a comandar a programação, em uma história de sucesso que até hoje assombra quem estuda a cultura do país.

Pois o que até então era erudito, instrutivo e cultural passou a ser objeto popular e de lazer. E fonte de lucro, já que o governo autorizou a propaganda no rádio. Casé valorizou o artista brasileiro, pagando bons cachês. No tempo em que nem se pensava em publicidade e marketing, ele inventou a moda do patrocínio. Percorria as lojas da vizinhança, pedindo verbas em troca da venda de horários e da produção de comerciais

diferentes, criados por uma jovem equipe que dava seus primeiros passos: Almirante, Haroldo Barbosa, Cristóvão Alencar, Luiz Peixoto, Orestes Barbosa e Nássara, autor do primeiro *jingle* e dos primeiros comerciais.

Os gaúchos chegam ao poder

É importante recuar um pouco no tempo para entender a velocidade com que os acontecimentos políticos se precipitaram na década de 1930. Depois da Proclamação da República, em 1889, com exceção de Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Epitácio Pessoa e Washington Luís, os demais presidentes do Brasil se alternavam entre mineiros e paulistas. Foi a chamada Política do Café com Leite, que gerou uma situação de desequilíbrio administrativo e financeiro, pois os outros estados alegavam que somente Minas Gerais e São Paulo eram contemplados pela política econômica implementada por esses dirigentes.

8. Crítica, em forma de charge, da política do café com leite

Mesmo fazendo parte da Política do Café com Leite, Minas Gerais insurgiu-se em 1930, quando São Paulo rompeu o acordo e indicou o paulista Júlio Prestes como candidato à presidência da República. Os mineiros apoiaram o então jovem gaúcho Getúlio Vargas, derrotado nas urnas, mas que liderou a revolta que derrubou a chamada República Velha. Tudo aconteceu muito rapidamente: o movimento começou no dia 3 de outubro, no Rio Grande do Sul, e logo se espalhou pelo país. No dia 24 de outubro, o presidente Washington Luís foi deposto, e, exatamente às 15h do dia 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas assumiu o comando da nação no Palácio do Catete. Junto com a Era do Rádio, nascia um novo Brasil.

Um país a cantar

9. Modelo de rádio a válvula, em madeira, da marca alemã Telefunken, dos anos 1950

Nós somos as cantoras do rádio,
levamos a vida a cantar
De noite embalamos teu sono,
de manhã nós vamos te acordar
Nós somos as cantoras do rádio,
Nossas canções cruzando o espaço azul
Vão reunindo, num grande abraço,
corações de Norte a Sul!

Cantoras do Rádio
(Alberto Ribeiro, Braguinha e Lamartine Babo)

O doutor Getúlio, como era chamado pelos brasileiros de todas as classes sociais, adorava o rádio; era o meio de comunicação com o qual podia alcançar, com seus discursos, muito mais gente do que jamais sonhara. E as ondas do rádio seriam o porta-voz de uma época de grandes transformações que iam levar o Brasil a se modernizar, a passos largos.

É difícil, hoje em dia, imaginar o impacto do rádio. Ele divulgou sonoridades e sotaques, mobilizou as massas e se transformou na maior atração cultural do país. Além do mais, passou a ocupar um lugar nobre na sala das casas das pessoas que podiam comprá-lo. Eram aparelhos grandes, às vezes até do tamanho das TVs de hoje. Em volta dele, a família se reunia para ouvir o noticiário, os programas musicais, as novelas e as transmissões esportivas. O brasileiro passou a falar uma só língua, em uma só voz. Mais: o país descobriu que contava com uma quantidade enorme de compositores, músicos e intérpretes que descreviam, em canções, o modo de viver, as aspirações, os amores e o cotidiano de seu povo. Era um novo tipo de poesia que, livre das amarras do formalismo e embalada em lindas canções, chegava a todas as classes sociais.

Um grande personagem

10. Getúlio Vargas, o presidente popular e populista

Foi o chefe mais amado da nação
Desde o sucesso da revolução
Liderando os liberais
Foi o pai dos mais humildes brasileiros
Lutando contra grupos financeiros
E altos interesses internacionais
Deu início a um tempo de transformações
Guiado pelo anseio de justiça
E de liberdade social
E depois de compelido a se afastar
Voltou pelos braços do povo
Em campanha triunfal!

Dr. Getúlio
(Chico Buarque e Edu Lobo)

Afinal, quem foi Getúlio Vargas, um dos presidentes mais importantes da história brasileira? Até hoje, seu legado inspira polêmicas, estudos e teses, atraindo historiadores e sociólogos para análises detalhadas desse intenso período de nossa história. Nascido em 1882, no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de São Borja, Getúlio Dornelles Vargas cedo tomou gosto pela política. Formou-se em Direito, em Porto Alegre, e, em 1909, foi eleito pela primeira vez para um cargo público – deputado estadual. No começo da década de 1920, elegeu-se deputado federal pelo Rio Grande do Sul, e sua atuação destacada no Congresso foi um prenúncio da importância que teria no cenário político.

Assumiu o Ministério da Fazenda em novembro de 1926, permanecendo como ministro até dezembro de 1927, durante o governo de Washington Luís. Deixou o cargo para candidatar-se às eleições para presidente do Rio Grande do Sul (à época, os governadores eram chamados de "presidentes"), sendo eleito para um mandato que deveria ir até 1933. Mas, como já vimos, no meio

do caminho havia a Revolução de 1930, que levou Getúlio à chefia da nação.

A princípio, Vargas assumiu o poder como "chefe do governo provisório", conduzindo o país por meio de decretos. Deles, nasceram a Ordem dos Advogados do Brasil, o Departamento de Aviação Civil, o Departamento Nacional do Café, o Departamento de Correios e Telégrafos (atual ECT), o Instituto Nacional do Açúcar e do Álcool, o Instituto Nacional de Estatística (atual IBGE), a regulação e o ordenamento do Ensino Superior, o primeiro Código Florestal, a carteira de trabalho, o horário de verão e a jornada de trabalho de oito horas diárias, entre muitas outras providências de caráter modernizador.

11. Revolução de 1930, que pôs fim à Primeira República e levou Getúlio Vargas a presidir o Brasil

Em 1932, São Paulo revoltou-se contra o que considerava uma usurpação do poder, chefiando a Revolução Constitucionalista e exigindo eleições para uma Assembleia que daria uma nova Constituição ao Brasil. A reação de Vargas foi impiedosa, chegando mesmo a bombardear a capital paulista. Foram quase três meses de combates, de 9 de julho a 4 de outubro de 1932, que terminaram com a rendição dos revoltosos e deixaram cerca de 2.200 mortos, segundo dados oficiais.

Em 1934, foi instalada uma Assembleia Constituinte, pois o governo provisório já mostrava esgotamento diante das forças vivas da política. No dia seguinte à promulgação da nova Constituição, 17 de julho de 1934, em eleição indireta, o Congresso Nacional elegeu Getúlio Vargas presidente da República. E foi como presidente eleito que Vargas dirigiu o Brasil até 10 de novembro de 1937, quando, por meio de um golpe de Estado, instituiu, então, o Estado Novo.

O Estado Novo

No dia do golpe de Estado, Vargas fez um pronunciamento em rede nacional de rádio, determinando o fechamento do Congresso Nacional e a outorga de uma nova Constituição. Com ela, obteve o controle total do Poder Executivo e a permissão de nomear, para os estados, interventores a quem deu ampla autonomia para a tomada de decisões. Mais uma vez, os brasileiros se uniam ao redor do rádio para saber as novidades! A nova Constituição tinha nítidas tendências autoritárias, tocada pelos ventos do fascismo que há muito já assombravam a Europa.

Em 1938, criado pelo Departamento Nacional de Propaganda, entrou no ar o programa radiofônico *A Hora do Brasil*, com três finalidades: informativa, cultural e cívica. Na programação musical, a grande maioria do acervo era de compositores nacionais.

Em 1939, o Departamento Nacional de Propaganda foi transformado em Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), inspirado em modelos de outras ditaduras, basicamente o autoritarismo alemão, e lastreado em duas atividades – organização e publicidade. O DIP estimulava o culto à personalidade de Vargas, difundia a ideologia estadonovista e as realizações governamentais, sendo o porta-voz oficial do regime. Atuava, ainda, na censura aos jornais, às revistas, aos livros, ao cinema, ao rádio e, muito de perto, aos compositores populares. Ali, começava uma relação que pode ser definida como atração e repulsa em momentos alternados.

A crítica política e social, com maior ou menor intensidade, sempre esteve presente na música popular brasileira a partir dos anos 1920. Das marchinhas de carnaval aos sambas de Noel Rosa, a voz do povo ecoava no sentido de reclamar das condições de vida ou apontar o dedo para as mazelas do governo. O advento do rádio não ia deixar de repercutir nessa área, e os censores do DIP estavam bem atentos a isso. Mas o lado populista de Vargas também tinha seus truques, fechando uma porta com a mão direita para abrir janelas com a esquerda...

12. O presidente Getúlio Vargas, em Petrópolis, conversa com duas crianças que estão passeando com a mãe

Caipira, pode; malandro, nem pensar!

Um dos maiores sucessos do rádio no final dos anos 1930 foi a dupla caipira Alvarenga e Ranchinho (bem diferente do sertanejo-country de hoje em dia), que fazia uma "moda de viola" (gênero musical) bem-humorada para criticar as grandes figuras políticas. Fingindo uma ingenuidade que de boba não tinha nada, os dois falavam de assuntos que quase sempre eram proibidos na mídia. E, volta e meia, iam cantar no xilindró (era a gíria para a cadeia na época). Até que um dia, a esposa de Getúlio, dona Darcy Vargas, fã de Alvarenga e Ranchinho, convidou-os para um sarau no Palácio do Catete. Longe de seus assessores e censores, Getúlio deu boas gargalhadas com a dupla, que nunca mais viu o sol nascer quadrado.

13. Capa do álbum *Raízes Sertanejas*, da dupla Alvarenga e Ranchinho, lançado no final dos anos 1920. A dupla era conhecida por satirizar a política da época

Do jeito que nós vai indo
Com as coisa tudo subindo
Eu num sei como há de ser
Pra falar a verdade, moço
Essa vida tá um osso
Bem duro da gente roer
Sobe arroz, sobe o feijão,
A batata e o macarrão
Dum jeito que não se atura
Tudo sobe inté a taxa
No entanto só o que baixa
Defunto na sepultura

Tá Tudo Subindo
(Alvarenga e Ranchinho)

É interessante notar que, apesar de ser muito crítica, a moda de viola caipira recebeu a aprovação presidencial, mas o culto ao "malandro" não teve a mesma sorte. Em 1940, o DIP promoveu um concurso de música transmitido ao vivo, e na fase final estavam em confronto o samba-exaltação *Aquarela do*

14. Wilson Batista

Brasil (Ary Barroso) e *Ó, Seu Oscar*, de Wilson Batista e Ataulfo Alves, cuja letra (a seguir) era um convite (segundo a censura) à imoralidade:

Cheguei cansado do trabalho
Logo a vizinha me falou:
– Oh! seu Oscar
Tá fazendo meia hora
Que sua mulher foi-se embora
E um bilhete deixou
O bilhete assim dizia:
Não posso mais
Eu quero é viver na orgia

Pior: quem deu a vitória ao samba-malandragem foi nada menos do que Villa-Lobos, o compositor erudito considerado um ícone da cultura nacional pelo Estado Novo! O samba foi um sucesso e não parava de tocar nas rádios, mas os censores não se conformaram: depois de tudo o que se fez pelo trabalho, que negócio era esse de exaltação à malandragem, à boemia e à vadiagem?

Na época, o DIP publicava uma revista que se chamava *Cultura Política*, e um artigo assinado por Álvaro Salgado tentava remediar a situação: "O samba, que traz (...) a marca do sensualismo, é feio, indecente, desarmônico e arrítmico. Mas (...) sejamos benévolos. Lancemos mão da inteligência e (...) tentemos, devagarinho, torná-lo mais educado e social". Tesoura na mão, o DIP advertia: ou os compositores mudavam o rumo daquela prosa, ou... Bom mesmo para o governo era o samba-exaltação, como as pérolas preciosas compostas por Ary Barroso, entre elas a *Aquarela do Brasil*, derrotada no tal concurso, mas que a endiabrada Carmen Miranda eternizou no filme *Entre a Loura e a Morena*.

Quem trabalha
É quem tem razão
Eu digo
E não tenho medo
De errar
Quem trabalha...
O Bonde São Januário
Leva mais um otário (verso original)
Sou eu
Que vou trabalhar

Bonde São Januário
(Wilson Batista e Ataulfo Alves)

Outro exemplo clássico de censura aconteceu com o *Bonde São Januário*. Como assim, quem trabalha é otário? A crítica social embutida no verso não passou despercebida pelo DIP, que exigiu modificações para que a música pudesse ser gravada. Wilson Batista e Ataulfo não tiveram escolha: trocaram a palavra "otário" por "operário". E vida que segue...

15. O bonde de São Januário, que serviu de inspiração para a música de mesmo nome, de Wilson Batista e Ataulfo Alves

Malandro ou otário?

Deixa de arrastar o teu tamanco
Pois tamanco nunca foi sandália
E tira do pescoço o lenço branco
Compra sapato e gravata
Joga fora esta navalha que te atrapalha
Com chapéu do lado deste rata
Da polícia quero que escapes
Fazendo um samba-canção

Rapaz Folgado
(Noel Rosa)

16. Noel Rosa, cantor, sambista, instrumentista, um dos mais importantes compositores da música popular brasileira

Quem era esse malandro que tantas preocupações trazia aos censores do DIP? Mais uma vez, temos que rodar ao contrário a roda do tempo. Em 1900, o Rio de Janeiro era considerado uma cidade insalubre, com péssimas condições higiênicas.

Nesse cenário, Pereira Passos assumiu a prefeitura e, ao lado de Lauro Müller, Paulo de Frontin e Francisco Bicalho, promoveu uma grande reforma urbanística na cidade, com o objetivo de torná-la uma capital nos moldes franceses.

Em quatro anos, o novo prefeito transformou a aparência da cidade: aos cortiços (locais que serviam de moradia para aqueles que não seriam benquistos na "cidade higienizada") e às ruas estreitas e escuras sobrevieram grandes bulevares, com imponentes edifícios, dignos de representar a capital federal.

Para sanear e ordenar a malha de circulação viária, Pereira Passos demoliu casarões, abriu diversas ruas e alargou outras. O alargamento das ruas permitiu o arejamento, a ventilação, a melhor iluminação do Centro e, ainda, a adoção de uma arquitetura de padrão superior.

17. *Arcos da Lapa – 1775 a 1991*, do artista gráfico e designer Carlos Gustavo Nunes Pereira, o Guto, faz parte da série de livros *Passeio no Tempo*, do autor, em que ele apresenta a evolução urbanística do Rio de Janeiro

Os prédios paralelos aos Arcos da Lapa e o Morro do Senado foram demolidos, a fim de liberar passagem para a Avenida Mem de Sá, e o Largo de São Domingos também foi abaixo para a abertura da Avenida Passos.

Após a conclusão do alargamento da Rua da Vala (atual Uruguaiana), que custou a demolição de todo o casario de um dos lados da rua, esta passou a abrigar as melhores lojas do início do século.

Na administração Pereira Passos, ocorreram, ainda, as obras de abertura das avenidas Beira-Mar e Atlântica, além do alargamento das ruas da Carioca e Sete de Setembro, entre outras intervenções urbanas.

18. Avenida Beira-Mar, no começo dos anos 1900

Empurradas pela pressão urbanística, as camadas mais pobres da população migraram para os subúrbios ou para as favelas – agrupamentos que se formaram sobre os morros da cidade. A origem do termo "favela" remonta ao episódio conhecido como Guerra de Canudos (1896-1897), quando o exército brasileiro enfrentou o grupo religioso liderado por Antônio Conselheiro.

A cidadela de Canudos, no sertão da Bahia, foi construída junto a alguns morros, entre eles o Morro da Favela. Vários soldados que partiram para a guerra, ao regressarem ao Rio de Janeiro, em 1897, deixaram de receber o soldo, instalando-se em construções provisórias erigidas sobre o Morro da Providência. O local passou, então, a ser designado popularmente Morro da Favela. Na década de 1920, as habitações improvisadas, sem infraestrutura, que ocupavam os morros passaram a ser chamadas de "favelas".

Seus moradores, sem educação básica, não serviam para mão de obra das indústrias que aportavam à cidade nem para o setor de serviços que começava a ser implantado na capital federal. Para sobreviver, recorreram aos trabalhos domésticos, à camelotagem, à mendicância e às pequenas contravenções.

Eram os desgarrados do progresso, que, no começo dos anos 1930, viviam de expedientes nos bairros boêmios como a Lapa, frequentando rodas de samba, animando gafieiras, ostentando um figurino que marcou época.

Hoje posso provar minha idoneidade
Eu tenho até
Carteira de identidade
Usei navalha salto alto
Lenço no pescoço
Mas hoje
Hoje eu sou um bom moço

Se Não Fosse Eu
(Wilson Batista e Haroldo Lobo)

19. Capa do álbum *50 Anos de Samba de Breque*, de Moreira da Silva, o principal autor e intérprete do gênero

Com essa conversa fiada, o malandro se livrava da perseguição do DIP e seguia em frente em sua carreira de não fazer muito esforço... Surgiu até a figura do falso malandro, o que é sem nunca ter sido, como Moreira da Silva, que "abafa a banca" com a deliciosa *Acertei no Milhar*.

Moreira sempre se apresentava de terno branco, chapéu de palha, sapato bico fino e bicolor. Tirava a maior onda de malandro, mas seu sustento vinha de um emprego na prefeitura: era motorista de ambulância. Com seu personagem de vários nomes – Moringueira,

Kid Moringueira ou Morengueira –, cantava, com picardia, o sonho tão comum de quem quer ficar rico sem fazer força.

– Etelvina, minha filha!
– Que há, Moringueira?
– Acertei no milhar
Ganhei 500 contos
Não vou mais trabalhar
E me dê toda a roupa velha aos pobres
E a mobília podemos quebrar
Isto é pra já
Passe pra cá...

Acertei no Milhar
(Wilson Batista e Geraldo Pereira)

Repararam nos autores da música? Não tem jeito, falaram em malandragem, tem que ter Wilson Batista. Muitos anos depois, Chico Buarque voltou ao tema, abordando exatamente a dualidade entre o malandro e o trabalhador. Mas isso é outra história, que aconteceu depois de outra ditadura.

A rádio que transformou o Brasil

20. *Programa Cesar de Alencar* (o apresentador, de terno branco), no auditório da Rádio Nacional. As cantoras são as irmãs Dircinha e Linda Batista

Getúlio não ia deixar um instrumento importante como o rádio ao sabor das injunções políticas e econômicas. Até permitiu que alguns desafetos – desde que tivessem talento – navegassem nas novas ondas. Foi o caso de César Ladeira, a voz marcante do rádio paulista da Revolução Constitucionalista de 1932.

O grande locutor e apresentador mudou-se para o Rio de Janeiro e incorporou-se à Rádio Nacional, onde se tornou uma estrela de primeiríssima grandeza.

21. Emilinha Borba, que nos anos 1940 e 1950 disputava com Marlene o título da melhor e mais popular cantora

Em 1940, o governo encampou a Rádio Nacional, que se transformou em sua porta-voz oficial – e, ao mesmo tempo, na maior emissora do Brasil. Modernos equipamentos, altos salários, a melhor programação e equipe de primeira: cantores, locutores, radioatores, humoristas, músicos, arranjadores, maestros.

Através das ondas da PRE-8, o Brasil inteiro se vestiu de verde e amarelo. Em 1945, quando terminou o Estado Novo e o primeiro mandato de Getúlio Vargas, nosso país já não era um imenso entreposto agrícola, mas

caminhava célere para se integrar ao mundo industrializado. Melhor: depois de 15 anos de ditadura, começava a viver uma democracia que, ainda que incipiente, trazia novos ares de liberdade.

22. Dalva de Oliveira e Francisco Alves

Ô, nossas praias são tão claras
Nossas flores são tão raras
Isto é o meu Brasil
Ô, nossas fontes, nossas ilhas e matas
Nossos montes, nossas lindas cascatas
Deus foi quem criou
Ô, ô, ô, minha terra brasileira
Ouve esta canção ligeira
Que eu fiz quase louco de saudade...

Isto É o Meu Brasil
(Ary Barroso)

Para usar em sala de aula

- Sugira a seus alunos que pesquisem na família quais os *jingles* (a música da propaganda) que cada um se lembra de ter escutado no rádio na infância e na adolescência.

- Nos bailes e blocos do carnaval de hoje, ainda são tocadas músicas compostas entre os anos de 1930 e 1950. Os alunos podem listar três delas e pesquisar as letras e seus autores.

- Uma sugestão de passeio: visitar a Rádio Nacional (Praça Mauá, 7, no Centro) para conhecer o acervo valioso sobre a Era de Ouro do rádio.

Para saber mais

Músicas

A Volta do Malandro (Chico Buarque). CD – Chico 50 Anos – O Malandro, Polygram/Philips, 1994.

Cantoras do Rádio (Alberto Ribeiro, Braguinha e Lamartine Babo). CD – João de Barro, Braguinha – Carnaval – Sua História, Sua Glória, Revivendo Discos – vol. 19, 1997.

Feitiço da Vila (Noel Rosa e Vadico). CD – Elizeth Cardoso, Zimbo Trio, Jacob do Bandolim – Época de Ouro, Biscoito Fino, 2003.

Rapaz Folgado (Noel Rosa). CD – Zé Renato, Elton Medeiros, Mariana de Moraes – A Alegria Continua, MPB/WEA, 1997.

O Bonde São Januário (Wilson Batista e Ataulfo Alves). CD – Carnaval – Sua História, Sua Glória, Revivendo Discos – vol. 14, 1994.

Acertei no Milhar (Wilson Batista e Geraldo Pereira). CD – Moreira da Silva – O Último Malandro – Odeon/EMI, 2003.

Filmes

35: O Assalto ao Poder. Brasil, 2002. Direção: Eduardo Escorel. Distribuição: DVD 2001. Duração: 100 min.

Cantoras do Rádio. Brasil, 2009. Direção: Gil Baroni, Marcos Avellar. Distribuição: Panda Filmes. Duração: 85 min.

Madame Satã. Brasil, 2002. Direção: Karim Aïnouz. Distribuição: Lumière. Duração: 105 min.

Maria 38. Brasil, 1959. Direção: Watson Macedo. Distribuição: Cinestri. Duração: 90 min.

Noel – Poeta da Vila. Brasil, 2006. Direção: Ricardo van Steen. Distribuição: Pandora Filmes. Duração: 99 min.

Ópera do Malandro. Brasil, 1986. Direção: Ruy Guerra. Distribuição: Globo Vídeo/Versátil. Duração: 105 min.

A Revolução de 30. Brasil, 1980. Direção: Silvio Back. Distribuição: Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes S.A. Duração: 118 min.

Livros

ALBIN, Ricardo Cravo. *O Livro de Ouro da MPB*: A História de Nossa Música Popular de Sua Origem até Hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____. (criação e supervisão-geral). *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UnB, 1998.

CABRAL, Sérgio. *A MPB na Era do Rádio*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

_____. *Elisete Cardoso – Uma Vida*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, s/d.

CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *O Rádio na Sintonia do Tempo*: Radionovelas e Cotidiano (1940-1946). 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CALDAS, Waldenyr. *Iniciação à Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ática, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, v. 2, 4, p. 27-36, abril, 1984.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

FERREIRA, Jorge (org.). *O Populismo e Sua História*: Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____; REIS, Daniel Aarão (org.). *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção *As Esquerdas no Brasil*, v. 1.)

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

LINHARES, M. Y. L. (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MATTOS, Claudia. *Acertei no Milhar*: Samba e Malandragem no Tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MELLO, Zuza Homem de; SEVERIANO, Jairo. *A Canção no Tempo*: 85 Anos de Música Brasileira (1901-1957). São Paulo: Editora 34, 1997, v. 1.

MOURA, G. de Almeida. *O Fascismo Italiano e o Estado Novo Brasileiro*. Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/fascismoit.pdf.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

TONI, Flávia Camargo (org.). *A Música Popular Brasileira na Vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004.

ZÍLIO, Carlos. *A Querela do Brasil*: A Questão da Identidade da Arte Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

Websites

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira
http://www.dicionariompb.com.br

Discos do Brasil
http://www.discosdobrasil.com.br

Dossiê Era Vargas do Centro de Pesquisas em História do Brasil, CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic

Era Vargas 2 – A política da boa vizinhança

1

Sinopse

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o Brasil viveu um momento de exuberância artística; entre as grandes estrelas, a que mais brilhava era Carmen Miranda; o conflito na Europa começou, mas Getúlio optou pela neutralidade; os Estados Unidos implementaram uma política de boa vizinhança: o cinema promoveu o *american way of life*; Villa-Lobos, o gênio que trafegou do erudito ao popular; o Brasil declarou guerra ao Eixo, e, com a vitória dos Aliados, também chegava ao fim a Era Vargas; o baião conquistou o país e o mundo; o presidente Dutra proibiu o jogo, fechou os cassinos e encerrou um período de nossa história cultural.

Muito longe da guerra na Europa

O que é que a baiana tem?
O que é que a baiana tem?
Tem torço de seda, tem!
Tem brincos de ouro, tem!
Corrente de ouro, tem!
Tem pano da costa, tem!
Sandália enfeitada, tem!
Tem graça como ninguém
Como ela requebra bem!

O que É que a Baiana Tem?
(Dorival Caymmi)

O ano de 1938 começou, e as pesadas nuvens da guerra anunciavam que um novo conflito estava prestes a enlutar o mundo. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) deixara cicatrizes muito doloridas em todos os países envolvidos, principalmente na Alemanha. A outrora orgulhosa nação mantinha seus sonhos de hegemonia, mas tinha suas ações restringidas por um tratado de paz que arrancou, inclusive, pedaços de seu território. A ascensão de Adolf Hitler e de seu partido nazista se devia muito ao fato de que o *führer* prometia resgatar a autoestima dos alemães, além dos territórios perdidos, é claro.

2. Segunda Guerra Mundial, invasão da Normandia, em junho de 1944

Longe desse cenário ameaçador, o Brasil vivia uma época de pujança. Embalados pelas ondas do rádio, os brasileiros descobriam a cada ano que a sua musicalidade parecia não ter limites. Por exemplo: o final da década de 1930 marcou a chegada ao Rio de Janeiro do cantor e compositor Dorival Caymmi, que eternizaria a Bahia. Não que ela fosse desconhecida para os músicos, pois o carioca Sinhô, nos anos 1920, e Ary Barroso, com *Na Baixa do Sapateiro*, já haviam louvado a chamada Boa Terra. Mas ainda faltava um autêntico baiano para conquistar o Brasil, e foi Caymmi, com seu cantar sereno, seu violão brejeiro e sua música cheia de dendê quem chegou lá.

3. Dorival Caymmi, Carmen Miranda e Assis Valente

Na história de nossa música, são raros os compositores que atingiram o sucesso sem que um grande intérprete "encarnasse" sua obra. A primeira e mais emblemática dessas duplas foi, sem dúvida, a que reuniu Caymmi e a extraordinária Carmen Miranda. Nascida Maria do Carmo Miranda da Cunha, em 1909, em Portugal, emigrou com a família para o Brasil em 1910.

Apaixonada pela música, desde os 16 anos tentava a carreira artística. Mas o sucesso só veio em 1930, quando gravou a marcha *Pra Você Gostar de Mim*, de Joubert de Carvalho: "Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim"... Daí para frente, seu brilho só fez crescer.

Em 1933, os produtores e programadores de rádio logo perceberam o imenso potencial de Carmen, e ela se tornou a primeira mulher a ter um contrato fixo – no caso, com a Rádio Mayrink Veiga –, quando a regra era receber cachês por apresentações isoladas. Cinco anos depois, conhecida como a maior estrela brasileira, foi nessa condição que recebeu o jovem baiano, que aos 23 anos não se intimidou e lhe apresentou a música que a tornaria uma estrela internacional: *O que É que a Baiana Tem?*

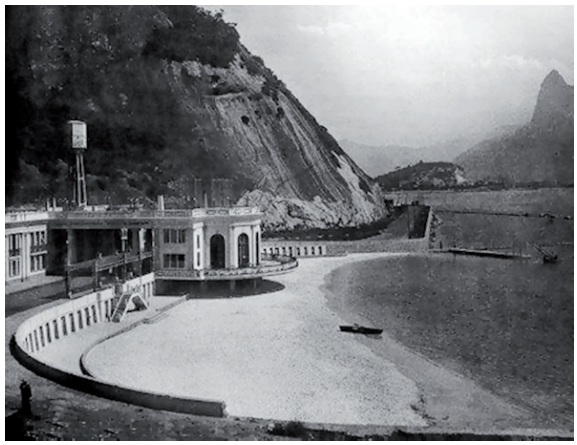
4. O cantor e compositor Dorival Caymmi

Dorival Caymmi (1914-2008) foi um talento precoce. Em 1930, escreveu sua primeira música, *No Sertão*, e aos 20 anos estreou como cantor e violonista em programas da Rádio Clube da Bahia. Já em 1935, passou a apresentar o musical *Caymmi e Suas Canções Praieiras*. Com 22 anos, venceu, como compositor, o concurso de músicas de carnaval com o samba *A Bahia Também Dá*. Um diretor da Rádio Clube da Bahia o incentivou a seguir carreira no sul do país. Em abril de 1938, aos 23 anos, Dorival viajou de "ita" (navio que cruza o norte até o sul do Brasil) até a cidade do Rio de Janeiro, para conseguir emprego como jornalista e realizar o curso preparatório de Direito ("Peguei um ita no norte, pra vim pro Rio morar"). Mas o que trazia no peito era mesmo a vontade de se consagrar como músico. A Cidade Maravilhosa o recebeu de braços abertos, e daqui ele nunca mais saiu.

Do Cassino da Urca para o mundo

Adeus, adeus
Meu pandeiro do samba
Tamborim de bamba
Já é de madrugada
Vou-me embora chorando
Com meu coração sorrindo
E vou deixar todo mundo
Valorizando a batucada

Adeus, Batucada
(Synval Silva)



5. Hotel Balneário, transformado em Cassino da Urca em 1933

Para Ruy Castro, biógrafo de Carmen Miranda e autor de um livro definitivo sobre a nossa grande artista, uma das qualidades da estrela era a capacidade de escolher sucessos para seu repertório. Além do mais, adorava roupas e figurinos exóticos, e a letra que Dorival Caymmi lhe apresentava

permitia voos que nenhuma artista brasileira ousara até então. Carmen também foi pioneira na visão de que a música não era mais algo para apenas ser ouvido, mas também visto, e o cinema seria o veículo que a levaria a conquistar as Américas.

O Rio de Janeiro daquele ano de 1938 já crescera o suficiente para ter algumas joias arquitetônicas em sua tiara à beira-mar. Novos e grandes hotéis surgiram fora do Centro: o Glória e o Central (este já demolido), nas praias do Russel e do Flamengo; o luxuoso Copacabana Palace, em Copacabana; e o Balneário, na Urca, um bairro criado pela valorização do solo à beira-mar. O Balneário nunca chegou a ser um grande hotel como os demais; possuía apenas 34 aposentos e se tornou muito mais famoso quando transformado em cassino, no ano de 1933. Ali jogava-se muito (roleta e carteado) e assistia-se a grandes shows com artistas nacionais e internacionais. Havia outros cassinos no Rio, como o do Copacabana Palace e o do Posto Seis, mas nenhum alcançou a glória e a fama que teve o da Urca. Era no Cassino da Urca que se reunia a nata da elite política, financeira e intelectual do país; lá, os maiores nomes do Estado Novo iam espairecer.

6. Hotel Glória, projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire. Foi inaugurado em 1922 como o primeiro hotel cinco estrelas do Brasil

Pois Carmen preparou uma grande surpresa para seus admiradores na Urca, ao apresentar-lhes a obra do recém-chegado Caymmi: cantou *O que É que a Baiana Tem?* cheia de requebros e com um figurino que deixou embasbacada a plateia, principalmente americanos, no caso, o produtor Lee Shubert, que depois de ter algumas ofertas recusadas, aumentou tanto o valor oferecido que não houve como recusar. Carmen partiu para os Estados Unidos e, um ano depois, exausta e a caminho de ser milionária, estava de volta para uma curta temporada brasileira. Mas, como ela dolorosamente descobriria, os tempos haviam mudado. E como!

7. Carmen Miranda, a Pequena Notável de todos os tempos

A cantora entre dois fogos

E disseram que eu voltei americanizada
Com o burro do dinheiro
Que estou muito rica
Que não suporto mais o breque do
[pandeiro
E fico arrepiada ouvindo uma cuíca
Disseram que com as mãos
Estou preocupada
E corre por aí
Que eu sei certo zum zum
Que já não tenho molho, ritmo, nem nada
E dos balangandans já "nem" existe
[mais nenhum

Disseram que Voltei Americanizada
(Luiz Peixoto e Vicente Paiva)

Setembro de 1939. Apesar de suas (falsas) promessas, Hitler invadiu a Polônia e deu início à Segunda Guerra Mundial. No primeiro momento, foi uma *blitzkrieg* (guerra-relâmpago), e a rapidez das tropas alemãs só conseguiu ser suplantada pela violência com que tratava os povos vencidos, especialmente os judeus. Nove meses depois, quando a bandeira nazista já tremulava sobre uma Torre Eiffel humilhada, parecia não haver força capaz de deter o poder germânico.

Diante de todo esse poderio, somente os ingleses se mostraram dispostos a enfrentar os alemães, enquanto os americanos insistiam na neutralidade. Apesar de ficar em berço esplêndido e longe das áreas do conflito, o Brasil não estava surdo aos ecos da guerra. Getúlio Vargas, em busca de investimentos para alavancar o nosso desenvolvimento, acenava para um lado e para o outro, embora dentro do próprio governo houvesse uma forte corrente que defendia uma aliança com a Alemanha nazista.

8. Carmen Miranda, no filme *Uma Noite no Rio*

Foi nesse clima de antagonismo que Carmen Miranda voltou ao Brasil depois do primeiro ano nos Estados Unidos. Como seria de esperar, seu retorno triunfal deveria ser celebrado no Cassino da Urca, a convite da primeira-dama Darcy Vargas para uma noite beneficente. Anunciada por César Ladeira, que louvou suas façanhas em terras americanas, Carmen subiu ao palco e, brincalhona, disparou: "*Good night, people*!". Ninguém respondeu. Ainda aturdida pela fria recepção, ela cometeu um erro tático ao escolher como primeira música *South American Way*, um samba meio rumba que não agradou ao público. Dali para frente, nada deu certo. Após o quarto número, Carmen abandonou o palco.

Existem muitas explicações para esse episódio, que inclusive gerou uma das mais deliciosas canções que Carmen interpretou: *Disseram que Voltei Americanizada*. A cantora logo deu a volta por cima, sem se importar muito com o disse que disse que se seguiu ao incidente.

Aquele talvez já fosse o primeiro sintoma de que o Brasil não podia ficar indiferente ao que ocorria no resto do mundo, pois, para alguns críticos, a reação a Carmen teria sido, na verdade, uma reação antiamericana por parte de pessoas que apoiavam a Alemanha. Mas o que teria gerado esse antiamericanismo?

Boa vizinhança, bons negócios

Chegou o samba, minha gente
Lá da terra do Tio Sam com novidade
E ele trouxe uma cadência que é maluca
Pra mexer toda a cidade
O boogie woogie
Boogie woogie, boogie woogie
A nova dança que balança
Mas não cansa
A nova dança que faz parte
Da política da boa vizinhança

Boogie Woogie na Favela
(Denis Brean)

9. No Centro do Rio, a elegância de homens e mulheres

No começo do século XX, o Rio de Janeiro e outras grandes cidades brasileiras eram claramente inspiradas em modelos franceses. Havia toda uma cultura francófila, que passava pela literatura, pela gastronomia, pela música e até mesmo pelo vestuário. Quando olhamos fotos da chamada *Belle Époque* (a própria expressão já mostra a influência francesa) no Brasil, percebemos claramente a inadequação das roupas ao nosso clima tropical: casacas, cartolas, luvas, homens e mulheres muito elegantes, mas sofrendo sob o tropical calor de 40 graus.

Porém, a partir dos anos 1920, com a Europa em ruínas, uma nova potência emergiu e passou a ditar, mundialmente, seus padrões culturais. Vestido com as roupas do Tio Sam, o cinema entrou na disputa de corações e mentes dos povos do Ocidente. E, quando o som chegou às telas, conquistou de vez o mundo.

É interessante notar que, no início dos anos 1930, Noel Rosa tinha abordado esse tema na canção *Não Tem Tradução*: *O Cinema Falado É o Grande Culpado da Transformação*... Assis Valente também, na música *Good-Bye, Boy*: "*Good-bye, good-bye, boy*/ deixe a mania do inglês/ é tão feio pra você/ moreno frajola/ que nunca frequentou as aulas da escola"... Mas não tinha jeito: o Olimpo de Hollywood espalhava deuses e semideuses para todos os gostos e todas as idades. Mais que uma mera invasão cultural, o cinema cumpria um papel importante na estratégia norte-americana.

10. Capa do DVD do filme *E o Vento Levou*, um clássico

Desde sua eleição em 1933, o presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt (que cumpriu quatro mandatos consecutivos, até 1945) estava determinado a ampliar a influência dos Estados Unidos no continente. Baseado na chamada Política de Boa Vizinhança, queria estreitar laços de amizade com as nações das Américas, usando dois instrumentos poderosos: a inegável força do dólar e o poder da indústria cultural americana, com seu principal veículo – o cinema. Assim como Getúlio Vargas, Roosevelt também tinha um especial apreço pelos meios de comunicação, sendo o primeiro presidente norte-americano a discursar na TV.

11. Propaganda do leite de magnésia de Phillips, anos 1940

Com o acelerado crescimento da economia brasileira nos anos 1930, aportaram por aqui as primeiras agências de propaganda internacionais. Vinham apresentar produtos importados ou fabricados no país em montadoras que recebiam suas peças prontas das matrizes. Foi quando a ascendente classe média brasileira tomou contato com novos hábitos,

que incluíam o consumo de alimentos enlatados, eletrodomésticos, produtos de beleza, adereços femininos e masculinos, automóveis, móveis, refrigerantes, cigarros: tudo o que podia ser visto nas telas dos cinemas.

Ficou claro que, apesar de o presidente Roosevelt mirar na questão política, o que movia mesmo a engrenagem eram a economia e o enorme mercado que surgia no Brasil para os produtos americanos.

Esse pano de fundo marcou a controversa apresentação de Carmen Miranda no Cassino da Urca. Uma disputa política e econômica que deixou suas marcas até mesmo na biografia de uma das maiores artistas que o Brasil já conheceu.

O genial Villa-Lobos

Ó Tupã, deus do Brasil.
Que o céu enche de sol
De estrelas, de luar e de esperança
Ó Tupã, tira de mim essa saudade
Anhangá me fez sonhar
Com a terra que perdi

O Canto do Pajé
(Heitor Villa-Lobos e Paula Barros)

Todo personagem histórico leva consigo, além de sua obra, a inserção no mundo em que viveu. Esse é o caso do maestro e compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959), o maior expoente da música clássica em nosso país. O Brasil já alcançara algum renome internacional nesse setor, graças à obra de Antonio Carlos Gomes (1836-1896), cuja ópera mais conhecida é *O Guarani*, que inaugurou a transmissão ao vivo do rádio, direto do Theatro Municipal, em 7 de setembro de 1922. Mas foi Villa-Lobos que criou uma linguagem musical erudita autenticamente brasileira, incorporando elementos de nossa cultura.

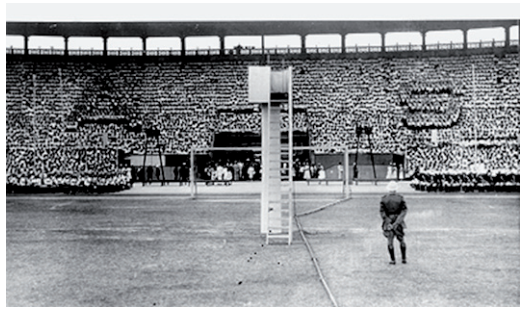
Raul Villa-Lobos, pai do compositor, funcionário público e músico amador, deu-lhe instrução musical e adaptou uma viola para que o pequeno Heitor iniciasse seus estudos de violoncelo. Aos 12 anos, órfão de pai, Villa-Lobos passou a tocar em teatros, cafés e bailes; paralelamente, interessou-se pela intensa musicalidade dos "chorões" representantes da melhor música popular do Rio de Janeiro e, nesse contexto, desenvolveu-se também no violão. De temperamento inquieto, empreendeu desde cedo escapadas pelo interior do país, primeiras etapas de um processo de absorção de todo o universo musical brasileiro.

12. O maestro Heitor Villa-Lobos, "o maior compositor das Américas"

Em 1922, Villa-Lobos participou da Semana de Arte Moderna e, no ano seguinte, embarcou para a Europa, regressando ao Brasil em 1924. Viajou, novamente, para a Europa em 1927 e retornou em 1930, quando realizou turnê por 66 cidades. A essa altura, era um compositor de renome, ainda que atacado violentamente por alguns críticos, que se recusavam a reconhecer os méritos de sua obra múltipla. Essa obra incluía sons de pássaros, cantos indígenas e instrumentos populares de percussão. Era um artista completo.

Em seu retorno, engajou-se, decididamente, no projeto nacionalista de Getúlio Vargas, que, em 1930, criou o Ministério da Educação e Saúde Pública. Villa-Lobos foi chamado a dar sua contribuição e colocou em prática dois de seus maiores sonhos: o de promover a educação artística dos jovens e o de levar ao povo os grandes concertos musicais.

"Quando procurei formar a minha cultura, guiada pelo meu instinto e tirocínio, verifiquei que só poderia chegar a uma conclusão de saber consciente pesquisando, estudando obras que, à primeira vista, nada tinham de musicais. Assim, o primeiro livro foi o mapa do Brasil, o Brasil que eu palmilhei, cidade por cidade, estado por estado, floresta por floresta, perscrutando a lama de uma terra. Depois, o caráter dos homens dessa terra. Depois, as maravilhas naturais dessa terra", afirmava. A declaração, vista hoje, com a perspectiva do tempo, demonstra a profunda percepção que tinha o maestro da grandeza de nosso país.



13. Villa-Lobos no estádio de São Januário em concentração para regência de coral

Em 1932, Villa-Lobos foi nomeado superintendente de Educação Musical e Artística do então Distrito Federal e, em 1942, diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico.

Nesse período, realizou enormes concentrações orfeônicas, uma das quais com a participação de 42 mil vozes de estudantes. Em outra, em São Paulo, que denominou de Exortação Cívica, tomaram parte aproximadamente 12 mil vozes. Entre os anos 1930 e 1940, realizou novas concentrações orfeônicas nos estádios dos clubes Vasco da Gama e Fluminense, no Rio de Janeiro.

Os americanos entre nós

Brasil!
Meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
O Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar
O Brasil, do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil!

Aquarela do Brasil
(Ary Barroso)

Quando o maestro norte-americano Leopold Stokowski (regente do repertório clássico do desenho *Fantasia*, de Walt Disney), navegando nas águas da aproximação cultural entre os Estados Unidos e o Brasil, veio aqui, em 1940, pesquisar o melhor da nossa música, foi a Heitor Villa-Lobos que ele recorreu. Stokowski conhecia sua obra, da qual regera algumas peças em concertos nos anos 1930. Ele bem sabia, portanto, o que queria gravar: emboladas, sambas, marchas-rancho, até a música religiosa tocada em rituais afro.

E Villa-Lobos era o homem certo para a empreitada: conhecia todos os caminhos que levavam do erudito ao popular e vice-versa. Respirava a natureza polirrítmica do samba, frequentava os ensaios da Mangueira, adorava Cartola (Angenor de Oliveira): "Ele é um gênio, acerta até quando erra", costumava dizer sobre a natureza espontânea da obra do compositor, que não estudou música pelos métodos tradicionais. Ironias da história:

Cartola e sua obra só voltariam a ser valorizados nos anos 1970, quando foram "redescobertos" por intérpretes que se debruçaram sobre suas belíssimas composições.

14. Zé Carioca, personagem do filme *Alô, Amigos*, de Walt Disney

Em 1941, uma nova leva de americanos chegou ao Rio de Janeiro: a equipe de Walt Disney, em busca de temas para o desenho animado *Alô, Amigos*, que reforçaria ainda mais os laços entre os EUA e a América Latina. Foi quando surgiu o personagem Zé Carioca, que sambava ao som de *Aquarela do Brasil*. Mas a "invasão" não parou: em 1942, quem chegou foi o famosíssimo cineasta Orson Welles, com o projeto de fazer um documentário que mostrasse a realidade brasileira, dos jangadeiros ao autêntico samba nas favelas. Não deu certo por muitos motivos, entre eles o fato de que o diretor premiado de *Cidadão Kane* estava mais interessado em se divertir do que em filmar. Além do mais, sua visão do Brasil não era exatamente a que o DIP pretendia divulgar.

15. O cineasta Orson Welles (à direita) em visita ao Brasil

O Brasil vai à guerra

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá

Canção do Expedicionário
(Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi)

16. O presidente norte-americano Roosevelt visita a base de Natal em 1943

Oscilando entre as duas correntes, que exigiam uma definição imediata entre as forças do Eixo e os Aliados, Getúlio Vargas seguiu tentando tirar partido do conflito para conseguir vantagens para o Brasil. A construção da usina de Volta Redonda, fundamental para o nosso desenvolvimento, foi a pedra de toque para essa definição. Vargas já havia pleiteado um empréstimo para realizar a obra, mas o governo americano vacilava em concedê-lo. Com um golpe de mestre, o presidente brasileiro acenou para empresários

alemães, que já forneciam material bélico ao nosso país. Foi o que bastou para terminarem os empecilhos: no começo de 1941, Roosevelt autorizou o empréstimo, mas exigiu, em troca, que fossem construídas bases militares em Natal, no Rio Grande do Norte, com hangares para os bombardeiros norte-americanos.

A chegada dos militares americanos ao Brasil marcou o início do fim da neutralidade mantida até então. Em 7 de dezembro de 1941, a armada japonesa atacou Pearl Harbor, e os Estados Unidos finalmente entraram na guerra e cobraram fidelidade de seus parceiros.

Vargas ainda tentou contemporizar, mas, graças à atuação do ministro das Relações Exteriores, o chanceler Oswaldo Aranha, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. A reação foi imediata: submarinos alemães que já patrulhavam o Atlântico Sul passaram a atacar navios brasileiros.

17. No Palácio do Catete, Getúlio inaugura placa que indica a entrada do Brasil na guerra, em 22/08/1944

Sob intensa pressão popular, Vargas não teve mais como evitar a entrada do país no conflito. Em 31 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra às potências do Eixo. Trinta mil brasileiros (os "pracinhas") foram enviados para o *front* italiano, onde enfrentaram dois poderosos inimigos: as tropas alemãs e o terrível frio do inverno europeu, para o qual estavam inteiramente despreparados.

No entanto, mostrando grande bravura, as tropas brasileiras superaram as dificuldades e se tornaram importantíssimas na reconquista de áreas de difícil acesso nas montanhas italianas.

Em 8 de maio de 1945, o almirante alemão Karl Dönitz comunicou à população ter acabado de assinar, em Berlim, a capitulação do III Reich. Cinco anos e meio após Hitler ter invadido a Polônia, terminava o terrível conflito.

No Brasil, a euforia se misturou aos anseios que vinham se avolumando ano após ano. Apesar de todas as conquistas que Vargas trouxera ao país, em seus 15 anos de poder, em seu governo faltava liberdade.

Em 30 de outubro de 1945, Vargas foi derrubado. Segundo Boris Fausto, "a queda de Getúlio se fez a frio. Forçado a renunciar, ele se retirou do poder fazendo uma declaração pública de que concordara com sua saída. Não chegou a ser exilado do país, pois pôde retirar-se para São Borja, sua cidade natal, no Rio Grande do Sul".

Foram marcadas eleições diretas para presidente, e, em 1946, o Brasil ganhou um novo mandatário: o general Eurico Gaspar Dutra. Era o fim do Estado Novo.

São os do norte que vêm!

O governo Dutra foi marcado pela sobriedade em todos os sentidos, inclusive no cultural. De raízes conservadoras, o novo presidente não olhava com bons olhos a proliferação de cassinos no Brasil.

Pouco importava se eles eram o palco predileto para a esfuziante música popular brasileira. Ao assinar o decreto que proibia o jogo

no Brasil, Dutra encerrou de forma abrupta uma das mais fulgurantes épocas de nossa produção cultural. No entanto, a evolução da nossa música continuava.

Eu vou mostrar pra vocês
Como se dança o baião
E quem quiser aprender
É favor prestar atenção
Morena chegue pra cá,
Bem junto ao meu coração
Agora é só me seguir
Pois eu vou dançar o baião

Baião
(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Depois do brilho perene das canções de inspiração carioca e baiana, nas quais o piano e o violão pontificavam, chegara a vez da sanfona. E ela veio pelas mãos de um jovem pernambucano, Luiz Gonzaga (1912-1989), que depois de passar um bom tempo tocando os ritmos da moda nas gafieiras do Rio de Janeiro, encontrou seu destino nos ritmos nordestinos: o baião, o xaxado e o xote.

18. Capa do álbum *Chá Chatuba*, de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião

Para cantar a dura realidade de sua terra, Gonzaga teve como parceiro principal o advogado Humberto Teixeira, que só conhecia o sertão de nome. Mas isso não impediu que ambos criassem uma obra antológica, na qual se destacam *Asa Branca*, *Baião* e *Assum Preto*.

Durante dez anos, o baião pontificou nas rádios brasileiras, alcançando, inclusive, sucesso internacional. E se Gonzaga teve muitos parceiros em sua longa carreira musical, foi com Teixeira que inscreveu seu nome para sempre na história dos grandes clássicos de nossa música popular.

19. Foto-ilustração do presidente Getúlio Vargas

Com a democratização, novas forças políticas surgiram no Brasil: partidos foram criados, os jovens voltaram a se interessar pela atividade parlamentar, a centralização excessiva no Distrito Federal começou a perder força.

No entanto, por mais que seus inimigos afirmassem que seus dias de glória estavam encerrados, Getúlio Vargas ainda teria um importantíssimo – e trágico – papel para desempenhar em nossa história. E seu gesto derradeiro deixaria marcas que até hoje repercutem em nossa vida política e social.

Para usar em sala de aula

- Marcar uma visita com a turma ao Museu Carmen Miranda (Avenida Rui Barbosa, 560, Flamengo) para conhecer de perto os incríveis figurinos da intérprete.

- Recomendar aos alunos que assistam ao documentário *Senta a Pua*, do diretor Erik de Castro, que descreve as façanhas dos pilotos da Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

- Marcar uma visita ao Museu da República, no Palácio do Catete (Rua do Catete, 153, no bairro de mesmo nome), onde se encontra toda a memória dos Anos Vargas.

- *Trenzinho Caipira* é uma das composições mais conhecidas de Villa-Lobos. Sugerir uma pesquisa no site YouTube para descobrir as diferentes gravações da música que foram feitas.

Para saber mais

Músicas

O que É que a Baiana Tem? (Dorival Caymmi). CD – Carmen Miranda – A Pequena Notável – Revivendo Discos, RVCD-037, s/d.

Disseram que Voltei Americanizada (Luiz Peixoto e Vicente Paiva). CD – Caetano Veloso – Circuladô Vivo – Polygram/Philips, 1992.

Adeus, Batucada (Synval Silva). CD – Virgínia Rodríguez – Sol Negro – Natasha Records, 1997.

Quem Me Vê Sorrindo (Cartola e Carlos Cachaça). CD – Elton Medeiros, Nelson Sargento, Grupo Galo Preto – Só Cartola – Rob Digital, 1999.

Praça Onze (Herivelto Martins e Grande Otelo). CD – Herivelto Martins – Carnaval de Rua – Mocambo/Intercd, 2000.

Baião (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira). CD – Luiz Gonzaga – Luiz Gonzaga 90 Aninhos – Revivendo Discos, RVCD-184, 2002.

Adeus, América (Haroldo Barbosa e Geraldo Jacques). CD – Mestres da MPB – Os Cariocas – WEA, 1994.

Filmes

Alô, Amigos (*Saludos, Amigos*). EUA, 1942. Direção: Norman Ferguson/Wilfred Jackson. Distribuição: Buena Vista. Duração: 42 min.

Banana da Terra. Brasil, 1938. Direção: Ruy Costa. Distribuição: Buena Vista. Duração: 75 min.

Carmen Miranda: Banana Is My Business. Brasil/EUA, 1994. Direção: Helena Solberg. Distribuição: não definida. Duração: 91 min.

Um Certo Dorival Caymmi. Brasil, 2000. Direção: Aloísio Didier. Distribuição: Riofilme. Duração: 70 min.

For All – O Trampolim da Vitória. Brasil, 1997. Direção: Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz. Distribuição: Columbia TriStar Filmes do Brasil. Duração: 90 min.

Holocausto: a Libertação de Auschwitz. 1945. Direção: Irmgard von zur Mühlen. Distribuição: Wonder. Duração: 60 min.

Nem Tudo É Verdade. Brasil, 1986. Direção: Rogério Sganzerla. Distribuição: Embrafilme. Duração: 95 min.

Pearl Harbor: o Outro Lado da História. EUA, 2001. Direção: Kirk Wolfinger/ Michael Rosenfeld. Distribuição: Warner Home Video. Duração: 96 min.

Prelúdios de uma Guerra (*Prelude of War*). EUA, 1942. Direção: Frank Capra. Distribuição: Wonder. Duração: 60 min.

Serenata Tropical (*Down Argentine Way*). EUA, 1940. Direção: Irving Cummings. Distribuição: 20th Century Fox Film Corp. Duração: 89 min.

O Triunfo da Vontade (*Triumph des Willens*). Alemanha, 1934. Direção: Leni Riefenstahl. Distribuição: Wonder. Duração: 130 min.

Villa-Lobos: uma Vida de Paixão. Brasil, 2000. Direção: Zelito Viana. Distribuição: Continental. Duração: 130 min.

Livros

AGOSTINO, Carlos Gilberto Werneck. Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, F. C. T. (org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004.

AMATO, Rita de Cássia Fussi. Momento Brasileiro: Reflexões sobre o Nacionalismo, a Educação Musical e o Canto Orfeônico em Villa-Lobos. *Revista Eletrónica Complutense de Investigación en Educación Musical*, v. 5, n. 2, 2008, p. 1-18. Disponível em: http://www.ucm.es/info/reciem/v5n2.pdf.

CABRAL, Sérgio. *No Tempo de Almirante*: Uma História do Rádio e da MPB. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.

CASTRO, Ruy. *Carmen*: Uma Biografia. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

CORDEIRO, P. M. N. A Guerra de Palavras: A Construção do Inimigo "Quinta Coluna" pela Imprensa Pernambucana Durante a Segunda Guerra Mundial. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, jan./ fev./ mar., 2009, v. 6, ano VI, n. 1, p. 1-16. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.

ENCICLOPÉDIA da Música Brasileira: Popular, Erudita e Folclórica. São Paulo: Art Editora, Publifolha, 1998.

FABER, M. E. E. *O Contexto Histórico da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial e a Ascensão do Nazismo*. Disponível em: http://www.historialivre.com/contemporanea/hitler.htm.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 339.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (org.). *O Século XX – O Tempo das Crises*: Revoluções, Fascismos e Guerras. 3. ed., v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 167-193.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Extremos*: O Breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAIRO, Severiano. *A Canção no Tempo – vol. 1 (1901-1957)*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Raul Mendes; CACHAPUZ, Paulo Brandi; LAMARÃO, Sérgio (org.). *Getúlio Vargas e Seu Tempo*. Rio de Janeiro: BNDES, 2004. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Paginas/livro_getulio.html.

LOPES, V. C. C. *Carmen Miranda e a Política da Boa Vizinhança*. Maringá (PR): Superintendência de Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2008/2009. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2426-6.pdf.

SAROLDI, L.; MOREIRA, S. V. *Rádio Nacional*: O Brasil em Sintonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes/Funarte, 1988.

SAVARINO, Franco. O Fascismo na América Latina: a Perspectiva Italiana (1922-1943). *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 14, n. 1, p. 39-81, 2010. Disponível em: http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path[]=450.

SILVA, F. C. T. Os Fascismos. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (org.). *O Século XX – O Tempo das Crises*: Revoluções, Fascismos e Guerras. 3. ed., v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 109-163.

Websites

Carmen Miranda
http://www.carmenmiranda.com.br

Centro Cultural Cartola
http://www.cartola.org.br

Dorival Caymmi
http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/dorival-caymmi

Museu Villa-Lobos
http://www.museuvillalobos.org.br

Musica Brasiliensis
http://daniellathompson.com

Anos 50 – De Getúlio a JK

1

Sinopse

Getúlio Vargas em seu último mandato como presidente da República; Copa do Mundo de 1950: a festa acabou em tristeza; Vargas "saiu da vida para entrar na História"; Juscelino Kubitschek, o presidente bossa-nova; do samba-canção às boates de Copacabana; a cultura brasileira encontrou seu espaço; começou a era da TV; Pelé e Garrincha: com eles, ganhamos a Copa; Brasília, um sonho de séculos, virou realidade; o cinema brasileiro preparou uma revolução; o alto preço dos anos JK.

A volta de Vargas

Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar
Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar
O sorriso do velhinho faz a gente
[trabalhar

O Retrato do Velho
(Haroldo Lobo e Marino Pinto)

2. Getúlio Vargas, de volta à presidência em 1951

Jornalistas e cronistas costumam chamar os anos 1950 no Brasil de "anos dourados", em uma perspectiva embalada pela visão romântica da História. Há até quem ache que o ano de 1958 não deveria ter terminado... Essa percepção, embora possa ocultar os graves problemas que o país encontrava em sua luta pelo desenvolvimento, também tem algumas conexões com a realidade. Pois, nos últimos anos dessa década, o Brasil e boa parte dos brasileiros estiveram em idílio, desfrutando de um clima de felicidade, no qual tudo parecia que ia dar certo para sempre. Mas esse período começou de forma pouco alvissareira.

O maior personagem político do começo dessa década foi o mesmo dos anos 1930 e 1940: Getúlio Vargas. Após sua deposição, tornou-se senador pelo Rio Grande do Sul, em 1945, mas, dos cinco anos de mandato, devido a várias licenças, cumpriu somente dois, recolhendo-se, depois, à sua fazenda em São Borja e criando uma expectativa de que havia deixado a política. Mas, quando começaram as articulações da campanha presidencial para eleger o sucessor do general Eurico Gaspar Dutra, não havia nenhum nome que tivesse o carisma, a popularidade e a força eleitoral de Getúlio. No discurso que fez pelo rádio em 16 de junho de 1950, pregou a conciliação: "Se vencer, governarei sem ódios, prevenções ou reservas, sentimentos que nunca influíram nas minhas decisões, promovendo sinceramente a conciliação entre os nossos compatriotas e estimulando a cooperação entre todas as forças da opinião pública!".

Mas a oposição, cujo vulto maior era o político, escritor e jornalista Carlos Lacerda, não estava interessada em aceitar a mão estendida. Radicalizando ao máximo sua posição, Lacerda escreveu artigo no jornal *A Tribuna da Imprensa* em que pregava claramente o golpe contra Getúlio: "O senhor Getúlio Vargas não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar". Como se vê, não era uma conjuntura fácil a que aguardava o futuro presidente da República.

Desastre no Maracanã

Eu fui às touradas de Madri
Paratimbum bum bum
E quase não volto mais aqui
Para ver Peri, beijar Ceci...

Touradas de Madri
(Braguinha e Alberto Ribeiro)

Mas, antes da eleição de 1950, o Brasil viveu uma intensa euforia que acabou em tristeza. Era a primeira Copa do Mundo depois da guerra (a última tinha sido em 1938, quando a Itália foi campeã e o Brasil ficou em terceiro). O futebol já era uma paixão nacional, e o rádio tinha participado intensamente desse "namoro", por conta de locutores inspirados e criativos, como foi o caso do compositor Ary Barroso, que aos domingos narrava os grandes clássicos usando um estilo divertido e cheio de ironias. Como vereador, Ary Barroso apresentou um projeto que foi aprovado: a construção do Maracanã para a Copa. A oposição, liderada por Carlos Lacerda, tentou minar a ideia, mas uma grande campanha popular garantiu a construção do maior estádio do mundo.

3. Estádio Mário Filho, o Maracanã, em 1950

A cidade do Rio de Janeiro viveu dias de muita euforia e samba durante a Copa. A presença de turistas, das delegações estrangeiras (também houve jogos em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Curitiba), a confiança na equipe brasileira: tudo isso criou um clima de carnaval no meio do ano. Até mesmo as complicadas questões políticas que se avizinhavam perderam a importância: rádios e jornais só se interessavam pelo mundo da bola. Era mais uma chance para o Brasil trocar a identidade de país sem expressão pela de nação orgulhosa de seus feitos.

4. Seleção brasileira da Copa do Mundo de 1950

Em campo, foi uma campanha brilhante: na primeira fase, a seleção ganhou do México, empatou com a Suíça e derrotou a Iugoslávia. Em seguida, goleou a Suécia, a Espanha (um 6 x 1 inesquecível, quando 150 mil pessoas cantaram a marchinha *Touradas de Madri*) e, na final, depois de estar vencendo por 1 a 0, perdeu por 2 a 1 para o Uruguai, diante de uma multidão silenciosa que não podia acreditar no que via. Foi uma grande tristeza coletiva, que levou exatos oito anos para ser curada – novamente pelas ondas do rádio. Três meses depois da Copa do Mundo, em 3 de outubro de 1950, Getúlio Vargas foi eleito mais uma vez presidente do Brasil. Mas, dessa vez, o panorama era muito diferente.

Do Catete para a História

Vinte e quatro de agosto
A terra estremeceu
Os rádios anunciaram
O fato que aconteceu,
As nuvens cobriram o céu
O povo em geral sofreu
O Brasil se vestiu de luto
Getúlio Vargas morreu!

24 de Agosto
(Teixeirinha)

O presidente, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ao tomar posse em 31 de janeiro de 1951, não tinha mais o poder que exerceu de forma ditatorial entre 1930 e 1945. Politicamente, o Brasil estava muito diferente, incluindo-se aí uma oposição civilizada, mas atuante (o Partido Social Democrático, PSD), e uma oposição terrivelmente aguerrida (a União Democrática Nacional, UDN). Ainda assim, o último governo Getúlio teve marcas impressionantes: foram criados o Banco do Nordeste, o Instituto Brasileiro do Café e a Cacex (órgão do Banco do Brasil que cuidava do comércio exterior).

É também dessa época a fundação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Petrobrás, após uma dura disputa entre os nacionalistas e os que defendiam a entrada do capital estrangeiro para explorar nossas reservas. A expressão "O petróleo é nosso" se consagrou nesse período e até hoje empolga os que defendem a permanência dos recursos brasileiros no país.

5. Carlos Lacerda, opositor do governo Vargas

No entanto, a oposição não dava trégua. Uma série de acusações de corrupção contra pessoas próximas ao presidente aumentava a temperatura política. Carlos Lacerda fazia ataques diários ao governo, e o Congresso decidiu abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a denúncia de que Getúlio financiaria ilegalmente o jornal *Última Hora*, o único que, àquela altura, o apoiava.

Foi nesse ambiente conflagrado que surgiu o fato detonador da crise final: o atentado da Rua Tonelero.

No dia 5 de agosto de 1954, dois homens que pertenciam à guarda pessoal de Getúlio aproximaram-se de Carlos Lacerda, que chegava de carro à sua residência na Rua Tonelero, em Copacabana, ao lado do major da Aeronáutica Rubens Vaz, e dispararam vários tiros contra os dois. Lacerda teria sido ferido no pé, mas o major, gravemente atingido, não resistiu e morreu. Diante da gravidade dos fatos, a imprensa e os militares passaram a pedir a renúncia de Vargas. Sucessivas e frenéticas reuniões ministeriais no Palácio do Catete não conseguiam estancar a crise, que aumentava com os boatos de que os militares preparavam um golpe para derrubar o presidente. Em 22 de agosto, efetivamente, 22 generais assinaram um manifesto pedindo sua renúncia.

Acuado, sentindo-se sem forças para enfrentar mais aquele desafio, Vargas encerrou sua última reunião ministerial na noite de 23 de agosto, deixando com o então ministro da Justiça, Tancredo Neves, uma caneta com a qual assinara seu último documento: a carta de despedida, mais conhecida como a carta-testamento. Na madrugada do dia 24, ouviu-se um estampido seco no quarto do presidente: Getúlio, com um tiro no peito, deixava a vida para entrar na História.

6. Reprodução da carta-testamento de Getúlio Vargas

Presidente bossa-nova

Bossa nova mesmo é ser presidente
Desta terra descoberta por Cabral
Para tanto basta ser tão simplesmente
Simpático, risonho, original.
Depois desfrutar da maravilha
De ser o presidente do Brasil,
Voar da Velhacap pra Brasília,
Ver a alvorada e voar de volta ao Rio

Presidente Bossa-Nova
(Juca Chaves)

7. Juscelino Kubitschek, empossado presidente em 1955

Depois de uma breve presidência sob o comando do vice Café Filho, o Brasil teve novas eleições, em 1955, com vitória de Juscelino Kubitschek, tendo como vice-presidente João Goulart. Apesar dos recentes traumas vividos nos cinco primeiros anos da década, JK tomou posse em 31 de janeiro de 1956 com muito otimismo, apresentando um programa de metas audaciosas para fazer o Brasil crescer 50 anos em cinco. O clima era de distensão, e o partido do presidente, o PSD, de natureza conciliadora, conseguiu unir boa parte do Congresso.

Os anos JK se caracterizaram por uma rápida expansão da industrialização, com destaque para o parque automotivo, além de um expressivo aumento do consumo interno. Com tantas novidades, JK acabou apelidado de "presidente bossa-nova". Bossa nova? Então, está na hora de falar mais um pouco da música brasileira.

Quando o então presidente Dutra fechou os cassinos, em 1946, encerrou-se no Rio de Janeiro um ciclo boêmio que tinha na Lapa seu reduto maior. Mas os anos 1950 assistiram a uma migração para outro recanto, bem mais idílico: Copacabana. O bairro ganhou uma série de boates e casas de shows onde músicos e intérpretes cultuavam um novo gênero musical: o samba-canção. Lento, com letras que falavam quase sempre de desilusões amorosas, o samba-canção fez a fama de cantoras como Maysa e Dolores Duran. Até mesmo compositores que criticavam o novo gênero, como Ary Barroso, se renderam e produziram grandes sucessos, como *Risque* e *Folha Morta*. Só que dentro desse mesmo gênero estava em gestação uma incrível revolução em nossa música: a bossa nova.

8. Maysa, cantora e compositora, uma das principais intérpretes do samba-canção, o gênero musical que embalava as noites cariocas

Para Ruy Castro e outros pesquisadores, a primeira menção à palavra "bossa" se dá no samba *Coisas Nossas*, de Noel Rosa, na década de 1930. O neologismo ficou rondando por aí até que ressurgiu nos anos 1940, aliado à palavra "nova", para designar o samba de breque, aquele que tem paradas repentinas nas quais se encaixam falas. No começo dos anos 1950, Dick Farney e Lúcio Alves, precedidos por Mário Reis, inauguraram um jeito intimista e suave de cantar, muito diferente do estilo grandiloquente de cantores como Francisco Alves e Orlando Silva. Não se deve desprezar aí a influência do jazz, que formou muitos dos grandes músicos que essa década produziu. Por fim, temos a participação decisiva de João Gilberto, considerado o papa da bossa nova e reverenciado dos Estados Unidos ao Japão. Tudo isso era novo, tudo tinha bossa, era um Brasil que se reconhecia feliz e criativo.

9. Capa do álbum *Chega de Saudade*, o primeiro LP de João Gilberto, lançado em 1959

O baiano João Gilberto Prado Pereira de Oliveira desembarcou no Rio com seu violão debaixo do braço, em 1951, e, em 1958, já acompanhava Elizeth Cardoso em um LP que os críticos consideram um dos marcos fundadores da bossa nova – *Canção do Amor Demais*. Mas foi com o disco *Chega de Saudade*, também em 1958, que ele mostrou ao mundo que havia chegado para ficar entre os grandes mestres da música popular brasileira. Sua batida única ao violão, seu jeito absolutamente relaxado de cantar, seu repertório com pérolas de todas as épocas de nossa música, somados a um temperamento arisco que detesta a celebridade, fizeram dele um dos maiores personagens de nossa história cultural.

Na esteira de João Gilberto, veio uma incrível geração de intérpretes, músicos, compositores e arranjadores que colocaram a música brasileira em um patamar internacional que ela nunca havia conhecido, nem mesmo com Carmen Miranda e sua incrível carreira em Hollywood. O crítico e pesquisador Tárik de Souza destaca alguns desses grandes músicos: "De Durval Ferreira à precursora Silvia Telles, Leny Andrade e as primeiras formações instrumentais da nova tendência lideradas por gente como Oscar Castro Neves, Sérgio Mendes, Luis Carlos Vinhas, J. T. Meirelles, além do instrumental/vocal Tamba Trio, que ao lado do Bossa 3 daria início a uma febre de conjuntos de piano, baixo e bateria. Foi um momento de efervescência instrumental com o aparecimento de músicos novos como Paulo Moura, Tenório Junior, Dom Um Romão, Milton Banana, Edson Maciel, Raul de Souza e a ascensão de maestros arranjadores como Moacyr Santos e Eumir Deodato".

Capítulo à parte nessa bela história, Antonio Carlos Jobim merece um destaque especial pela sua obra, seja com Newton Mendonça, seja com Vinicius de Moraes. Quando a bossa nova chegou, encontrou um Tom Jobim maduro e em plena atividade: em 1956, ele e Vinicius de Moraes já haviam composto a trilha da peça *Orfeu do Carnaval*, um prenúncio do que estava para vir. Dois dos maiores sucessos do disco de estreia de João Gilberto eram parceria de Tom com Newton Mendonça – *Desafinado* – e com Vinicius – *Chega de Saudade*. *Garota de Ipanema*, também com Vinicius, tem mais de 150 gravações, incluindo-se na lista astros como Frank Sinatra,

Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Tony Bennet, Stan Getz, Charlie Byrd e Diane Krall. Sua carreira ultrapassou os tempos da bossa nova como um pássaro em voo ascendente, encontrando em Elis Regina e Nana Caymmi duas de suas maiores intérpretes.

10. Cartaz da peça *Orfeu da Conceição*, baseada em Orfeu e Eurídice

A cultura em alta

Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver
Uma canção pelo ar,
Uma mulher a cantar
Uma cidade a cantar,
A sorrir, a cantar, a pedir
A beleza de amar
Como o sol, como a flor, como a luz
Amar sem mentir, nem sofrer

Se Todos Fossem Iguais a Você
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

O crescimento econômico nos anos JK permitiu que os meios de comunicação no Brasil ampliassem seu alcance. As rádios de ondas curtas chegavam a todos os pontos de nosso território; a imprensa escrita ganhava fôlego com revistas semanais de grande tiragem, como *O Cruzeiro* e *Manchete*; o cinema nacional enchia as salas de projeção, apostando principalmente nas comédias. A indústria de aparelhos elétricos de consumo se expandia: geladeiras, ventiladores, rádios e vitrolas chegavam em suaves prestações à classe média.

11. JK, personagem de muitas capas da revista *Manchete*

A indústria fonográfica, com seus discos de vinil, também teve papel importante nesse processo. Técnicos especializados em gravação, artistas gráficos que criavam belas capas e modernos equipamentos de estúdio davam estrutura às gravadoras para atender a uma demanda que só fazia crescer. Embalados por uma música popular com muitos gêneros e de alta qualidade, parecia que a cultura brasileira e seus meios de expressão haviam chegado ao seu mais alto patamar. Na verdade, só parecia, porque desde o dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo, quando pela primeira vez um canal de televisão

– a TV Tupi – entrou no ar oficialmente, a história da comunicação em nosso país começava a viver um novo e intenso capítulo.

De certa maneira, o início da história da TV no Brasil lembra o do rádio: havia pouquíssimos aparelhos para receber as imagens, que eram transmitidas sempre ao vivo. Foi graças ao empenho e à disposição de empresários como Assis Chateaubriand que o novo veículo se firmou. O cronograma de inaugurações teve um ritmo lento, mas constante: janeiro de 1951, TV Tupi do Rio; março de 1952, TV Paulista; setembro de 1953, TV Record, São Paulo; abril de 1955, TV Itacolomi, Belo Horizonte; 1959, TV Piratini, Porto Alegre.

12. A cantora Angela Maria, a Sapoti, capa de *O Cruzeiro*

No começo, tudo era improvisado: a transmissão, a programação, os teleteatros (avós da moderna telenovela), os programas jornalísticos. Como ainda não existia o videoteipe, as matérias eram filmadas em película, o que demorava bastante para revelar e colocar no ar. Os programas de entrevistas, mais fáceis de produzir, se sucediam, e alguns músicos começavam a frequentar os estúdios para animar as transmissões. Com um parque industrial muito maior, os Estados Unidos tinham, em meados da década de 1950, uma poderosa indústria televisiva, que serviu, inicialmente, de inspiração para a TV brasileira. Mas não demorou muito para que os empresários, técnicos, artistas e jornalistas criassem, rapidamente, o estilo brasileiro de fazer televisão.

13. Homero Silva e Assis Chateaubriand inauguram a TV Tupi/SP, com equipamento da Radio Corporation of America (RCA)

O rádio, ainda todo-poderoso, estava prestes a ser desbancado como o veículo preferido da família. No entanto, ainda seria por suas ondas que os brasileiros viveriam a primeira grande alegria esportiva coletiva em nosso país: a conquista da Copa do Mundo de 1958, na Suécia.

A Copa do Mundo é nossa

Muitos sociólogos e escritores já tentaram explicar o fato de o futebol ter se tornado a grande paixão esportiva nacional. E que não se pense que somente as camadas sociais mais humildes se deleitam com ele: há intelectuais de todos os calibres que não só torcem desbragadamente por seus times como escreveram belos textos sobre o tema. Uma

lista incompleta pode nomear Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Oswald de Andrade, Ferreira Gullar, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, Coelho Neto, Graciliano Ramos, Rubem Fonseca, Affonso Romano de Sant'Anna.

No fundo desse país ao longo das
[avenidas
Nos campos de terra e grama Brasil só
[é futebol
Nesses noventa minutos de emoção e
[alegria
Esqueço a casa e o trabalho
A vida fica lá fora
Dinheiro fica lá fora
A cama fica lá fora
A mesa fica lá fora
Salário fica lá fora
A fome fica lá fora
A comida fica lá fora
A vida fica lá fora
E tudo fica lá fora

Aqui É o País do Futebol
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Se não há respostas precisas para questões que envolvem a paixão, existem, pelo menos, alguns fatos que todos costumam aceitar: esse esporte bretão, que chegou ao país pela mão de ingleses no final do século XIX, tem regras muito simples, que pouco se alteraram com a passagem do tempo; o equipamento utilizado pode ser reproduzido em qualquer campo de pelada; seu desenvolvimento permite que todo tipo de atleta, independentemente da formação física, possa ser um craque (o "torto" Garrincha, o "baixinho" Romário); entre as quatro linhas, a capacidade de improvisação e a técnica refinada podem vencer a força.

14. Um drible do genial Garrincha, jogando pela seleção brasileira

Durante os anos 1960, uma corrente de pensamento fortemente influenciada pelo marxismo apontava o futebol como um dos maiores fatores de "alienação" do povo brasileiro, incluindo-se, nesse pacote, o carnaval e a bebida alcoólica (samba, futebol e cachaça). Desprezando os aspectos lúdicos e psíquicos do esporte, os defensores dessas teses acreditavam poder direcionar essa energia para o desenvolvimento do país, que acreditavam subjugado aos interesses econômicos internacionais.

Esse raciocínio, levado ao extremo, chegou a fazer alguns militantes torcerem contra a seleção brasileira de futebol em 1970, acreditando que isso poderia desestabilizar o governo da ditadura militar.

Mas, em 1958, o que importava é que mais uma vez estávamos disputando uma Copa do Mundo, e o retrospecto não era bom: a derrota em 1950 para o Uruguai e a queda diante da Hungria nas quartas de final da Copa da Suíça, em 1954. Nossa seleção mesclava jogadores experientes e novatos, mas a dúvida era se teriam controle emocional para enfrentar os desafios – o fantasma da derrota de 1950 ainda assombrava parte da imprensa e até da torcida. Havia, ainda, uma corrente de eugenistas, pessoas que acreditavam que os jogadores brancos eram mais preparados psicologicamente que os mulatos e negros para enfrentar esses desafios.

No entanto, a partir do terceiro jogo, contra a URSS, acabaram-se as incertezas. Com Pelé e Garrincha no ataque, o Brasil foi avassalador, despachando os adversários até a espetacular final contra a Suécia, quando conquistou sua primeira Copa do Mundo com um indiscutível placar de 5 a 2. Aliás, é preciso citar uma marca incrível: com Garrincha e Pelé no time, a seleção brasileira jamais perdeu um jogo de Copa do Mundo.

15. Jogadores brasileiros comemoram o título na Copa do Mundo de 1958

Copa como aquela não haverá jamais, escrevem os saudosistas. Time como aquele não haverá jamais, dizem os amantes do futebol refinado. A verdade é que cada geração tem seus ícones, seus ídolos, e incensá-los não significa desprezar os demais. O Brasil de 1958 era pura alegria, com festa nas capitais pela conquista inédita que encerrava, como dizia o jornalista e escritor Nelson Rodrigues, "nosso complexo de vira-latas". Um país miscigenado, um time miscigenado, uma música miscigenada. O mundo descobriu que a mistura brasileira tinha dado certo.

Rumo ao Planalto

Vem de muito longe a ideia de interiorizar a capital brasileira. A primeira proposta teria partido do Marquês de Pombal, nobre e estadista português, que em 1761 afirmou que o Brasil Colônia estaria mais seguro se a capital fosse interiorizada. Em 1813, o jornalista Hipólito José da Costa, fundador do *Correio Braziliense*, o primeiro jornal brasileiro, escreveu artigos nos quais dizia que a nova capital deveria estar em uma área "próxima às vertentes dos caudalosos rios que se dirigem para o norte, sul e nordeste". A primeira Constituição republicana, de 1891, previa a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para o interior do país, determinando como "pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal".

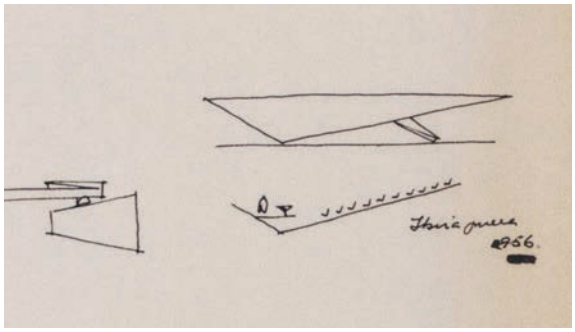
Dois fatores se destacaram nos argumentos para essa mudança: o primeiro, uma questão militar-estratégica, pois se acreditava que, com a capital no litoral, o Brasil estaria mais vulnerável a ataques estrangeiros; o segundo, baseado no desenvolvimento e na integração nacional, já que, devido a circunstâncias econômicas e históricas, a população brasileira havia se concentrado na faixa litorânea. Assim, uma capital situada no centro do país poderia servir de estímulo a um desenvolvimento menos desigual.

Não vou, não vou pra Brasília
Nem eu nem minha família
Mesmo que seja
Pra ficar cheio da grana
A vida não se compara
Mesmo difícil, tão cara
Eu caio duro
Mas fico em Copacabana

Não Vou pra Brasília
(Billy Blanco)

Os estudos para a criação de Brasília começaram durante a presidência de Café Filho, mas o prestígio foi para Juscelino Kubitschek, que efetivamente encarou o difícil

desafio de não só criar uma cidade a partir do nada, como transformar essa odisseia no símbolo de uma nova era para o país. Seu traçado obedece ao plano piloto desenhado pelo arquiteto Lucio Costa; Oscar Niemeyer projetou os principais prédios públicos.



16. Esboços de Oscar Niemeyer para a futura capital, Brasília

Os dois arquitetos são, em grande parte, responsáveis pelo reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira, desde o final dos anos 1930 e o início dos anos 1940. Brasília pode, então, ser reconhecida como etapa importante do processo de desenvolvimento cultural iniciado no governo Vargas com o projeto do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro.

17. Construção de Brasília. Ao fundo, a Esplanada dos Ministérios

Com a construção de Brasília, estava selada a estreita colaboração entre Estado e arquitetura para criar uma nação moderna, independente tanto no âmbito político-econômico quanto no cultural. Parte integrante da ideologia desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, a mudança da capital para o interior do país possuía um forte componente simbólico: significava o desejo de romper com o subdesenvolvimento e deslanchar um novo processo, por meio da integração interna entre regiões até então desfavorecidas e do reconhecimento do país em reciprocidade com os centros de irradiação cultural. Vale observar que é nesse período que, segundo vários historiadores, começa a se produzir entre nós uma arte moderna afinada com as

18. JK chega ao parlatório do Palácio do Planalto para receber a chave de Brasília

linguagens artísticas abstratas – presentes em nossos recém-fundados museus de arte moderna e na Bienal de São Paulo.

A construção da cidade, que atraiu gente de todo o Brasil, é contada como uma saga em que os heróis seriam os trabalhadores que enfrentaram o desafio contra o tempo. Às 9h do dia 21 de abril de 1960, Juscelino Kubitschek fechou solenemente as portas do Palácio do Catete; às 16h, inaugurou Brasília. Não foi uma data escolhida ao acaso: nesse mês e dia, Tiradentes, o alferes da Inconfidência Mineira, havia sido enforcado.

Vale lembrar, aqui, que um dos "candangos" mais famosos que ajudaram na construção de Brasília foi o violonista Dilermando Reis, um dos mestres brasileiros das seis cordas. Funcionário público transferido para a nova capital, tornou-se amigo e professor de violão de Juscelino. Graças a Dilermando, um núcleo de amantes do choro se formou na cidade, e hoje Brasília é considerada uma das cidades onde o culto ao choro, esse maravilhoso gênero musical brasileiro, tem uma verdadeira legião de admiradores.

Antes do Cinema Novo

Já nos anos 1940 o cinema brasileiro havia encontrado seu público. A criação da Atlântida Cinematográfica abasteceu as telas de nossas cidades com uma produção constante. Em 1947, o dono do maior circuito exibidor brasileiro, Luiz Severiano Ribeiro, comprou a empresa, que produziu uma série de filmes musicais, alguns considerados clássicos, como *Este Mundo É um Pandeiro* e *Carnaval no Fogo*.

É preciso citar o grande sucesso de *O Ébrio*, produzido pela Cinédia em 1946. Com roteiro baseado na letra da música composta e interpretada por Vicente Celestino, que já era um sucesso nas rádios e nos discos, esse drama, dirigido pela esposa do cantor, Gilda de Abreu, e produzido por Ademar Gonzaga, comoveu o Brasil com sua história. Vicente Celestino, no papel do médico que tem sua vida corrompida pela bebida, tornou-se o primeiro grande astro brasileiro a pontificar em duas mídias – a música e o cinema. Havia uma verdadeira idolatria em torno dele: para seus fãs, seu eterno arrebatamento era o que havia de melhor, além da inconfundível voz de tenor.

Tornei-me um ébrio e na bebida busco
[esquecer
Aquela ingrata que eu amava e que me
[abandonou
Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer
Não tenho lar e nem parentes, tudo
[terminou
Só nas tabernas é que encontro meu
[abrigo
cada colega de infortúnio é um grande
[amigo

O Ébrio
(Vicente Celestino)

19. *O Ébrio*, filme de Vicente Celestino, dirigido por sua mulher, Gilda de Abreu

No começo dos anos 1950, nova mudança nas telas: chegou a vez da comédia de costumes, com um elenco que reunia nomes vindos do rádio, do teatro e até do circo: os comediantes Oscarito e Ankito, os galãs Cyll

Farney e Anselmo Duarte e, na música, Sílvio Caldas, Marlene, Emilinha e Linda Batista. O diretor Carlos Manga, um dos mais criativos da Atlântida, apostava em roteiros que satirizavam dramas americanos de sucesso. Dois ótimos exemplos são *Nem Sansão nem Dalila* e *Matar ou Correr*. O público adorava, mas os intelectuais reclamavam. Ainda que de maneira crítica, esses filmes utilizavam uma fórmula pronta baseada no modelo americano. Mas um novo cinema brasileiro estava começando a surgir pelas lentes da geração que estava pronta para assumir as câmaras.

20. Oscarito e Eliana, no filme *Nem Sansão, Nem Dalila*

O cinema italiano do pós-guerra trouxera às telas um gênero que era uma revolução à época: o neorrealismo. Eram filmes feitos quase que como documentários, utilizando câmera na rua e som direto, diferentemente das produções da época, quase todas gravadas em estúdio. Contavam, com isso, aproximar-se da realidade, fazendo um cinema participativo, em que as questões sociais de então pudessem ser abordadas. Os jovens cineastas brasileiros gostaram e saíram a campo. Em 1953, Alex Viany filma *Agulha no Palheiro*, e, em 1955, Nelson Pereira dos Santos realiza *Rio, 40 Graus*, filmes com baixo orçamento que buscavam o realismo brasileiro.

Foi grande o impacto, tanto que a censura proibiu o filme de Nelson Pereira dos Santos. Pela primeira vez, o Rio de Janeiro era filmado sem os estereótipos dos filmes musicais. O secretário de Segurança à época, Geraldo de Menezes Cortes, alegou que o filme estava "cheio de elementos comunistas", além de passar uma má imagem dos políticos e incluir uma linguagem cheia de gírias.

21. Cena do filme *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos

Houve uma intensa movimentação da classe artística, com algumas sessões clandestinas, e, no começo de 1956, a censura caiu. Não chegou a ser um sucesso de público, mas hoje em dia todos os estudiosos reconhecem que *Rio 40 Graus* foi o primeiro exemplar do que estava chegando para mudar de vez o que passava nas telas brasileiras: o Cinema Novo.

Nem tudo foi tão bom

Vai minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe, numa prece
Que ela regresse porque eu não posso
[mais sofrer
Chega de saudade
A realidade é que sem ela não há paz,
[não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim,
[não sai

Chega de Saudade
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

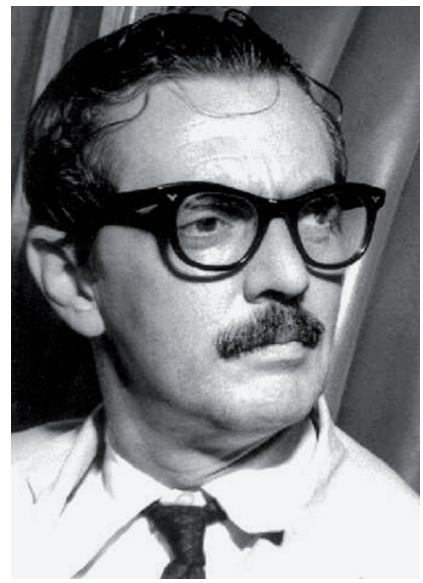
Em termos esportivos, os dois últimos anos do governo Juscelino foram realmente impressionantes: além da Copa do Mundo, tínhamos um campeão mundial de boxe, Éder Jofre; a seleção masculina de basquete campeã mundial em 1959, no Chile; a tenista brasileira Maria Esther Bueno campeã em Wimbledon e no US Open. O Santos, de Pelé e Coutinho, e o Botafogo, de Garrincha e Didi, faziam excursões vitoriosas pelo mundo. E, para alegria geral, o salário mínimo em 1959, em termos reais e descontada a inflação, é considerado o mais alto da história do Brasil pelo Dieese. Mas as questões econômicas começavam a mostrar que o rápido crescimento brasileiro tinha seu custo.

22. A tenista brasileira campeã Maria Esther Bueno

Duas realizações do governo Vargas foram muito importantes para que Juscelino implementasse seu plano de metas: a usina da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, e a Petrobrás. Passamos a produzir chapas de ferro e laminados de aço, matéria-prima para automóveis, navios, aviões, ferramentas, etc. Já a Petrobrás permitiu o desenvolvimento de derivados do petróleo: plástico, tinta, asfalto, borracha sintética. Apesar de significativo, todo esse desenvolvimento estava concentrado nos estados do Sudeste. A migração do interior para as capitais, que já era grande no começo da década de 1950, aumentou bastante no final.

Esses bens de consumo, porém, não estavam disponíveis para todos os brasileiros, já que grande parte deles vivia abaixo da linha do salário mínimo. As fortes desigualdades fizeram com que Juscelino, em 1959, tentasse começar a enfrentar o problema, com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que deveria promover a industrialização da região, além de irrigar as áreas mais atingidas pela seca para aumentar a produtividade na agricultura. Infelizmente, devido a muitos problemas políticos, a Sudene não conseguiu alcançar seus objetivos.

Na área econômica, a questão era outra: o que o Brasil exportava tinha um valor bem menor do que suas importações. Essa dívida, somada ao dinheiro tomado no exterior para alavancar o desenvolvimento, começou a gerar uma forte inflação, desvalorizando a moeda brasileira. Sim, o país crescia, mas impulsionado pelo dinheiro estrangeiro, o que submetia nossos planos ao acerto com os credores.



23. O presidente Jânio Quadros, sucessor de Juscelino Kubitschek

Nada disso parecia desanimar Juscelino, que caminhava para o final de seu mandato já pensando nas eleições de 1965 (àquela época, a Constituição não permitia a reeleição). Em 3 de outubro de 1960, o ex-governador de São Paulo Jânio Quadros, apoiado pela UDN, venceu a eleição para presidente da República. Sua campanha prometia "moralizar" a administração pública, atendendo a reclamos de parte da imprensa e da oposição que apontavam um esquema de corrupção dentro do governo JK.

Ao passar a faixa presidencial para Jânio, Juscelino tornou-se o primeiro presidente civil, desde Artur Bernardes (que governou de 1922 a 1926), eleito pelo voto direto a terminar seu mandato, o que mostra como ainda era frágil a democracia brasileira. Infelizmente, ainda haveria um longo período antes que pudéssemos ter novamente eleições diretas para a presidência da República.

Para usar em sala de aula

- Sua turma pode listar quem foram os astros do esporte brasileiro na década de 1950, além de Garrincha e Pelé.

- Pedir aos alunos que pesquisem sobre os projetos do arquiteto Oscar Niemeyer em nosso país e no exterior.

- João Gilberto é fã e inspirador do grupo Os Novos Baianos. A turma pode escrever sobre: O que há em comum entre eles?

- Sugerir que os alunos assistam ao DVD do filme *Assim Era a Atlântida* para conhecer como era o cinema nacional dos anos 1940 e 1950.

Para saber mais

Músicas

Molambo (Jayme Tomás Florence e Augusto Mesquita). CD – Ney Matogrosso e Raphael Rabello – À Flor da Pele – Polygram/Philips, 1993.

Alguém como Tu (José Maria de Abreu e Jair Amorim). CD – Dick Farney – Anos Dourados – Som Livre, 1999.

Se Todos Fossem Iguais a Você (Tom Jobim e Vinicius de Moraes). CD – Renato Braz – Vinicius de Moraes, Trilha Sonora do Filme *Vinicius* – Biscoito Fino, 2005.

Saudosa Maloca (Adoniran Barbosa). CD – Adoniran Barbosa – A Música Brasileira Deste Século por Seus Autores e Intérpretes – Sesc São Paulo, 2000.

Conceição (Jair Amorim e Dunga). CD – Dolores Duran – Dolores Duran Canta para Você Dançar – EMI, 1999.

Copacabana (João de Barro e Alberto Ribeiro). CD – Dick Farney – Dick Farney – Copacabana – Revivendo Discos, 2001.

Estrada do Sol (Dolores Duran e Tom Jobim). CD – Toninho Horta e Joyce Moreno – Tom Jobim: sem Você – Biscoito Fino, 2007.

Chega de Saudade (Tom Jobim e Vinicius de Moraes). CD – João Gilberto – João Voz e Violão – Universal Music, 2000.

Filmes

Os Anos JK – Uma Trajetória Política. Brasil, 1980. Direção: Silvio Tendler. Distribuição: Embrafilme. Duração: 110 min.

Aviso aos Navegantes. Brasil, 1950. Direção: Watson Macedo. Distribuição: Versátil. Duração: 113 min.

Brasília, Contradições de uma Cidade Nova. Brasil, 1967. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Distribuição: Filmes do Serro. Duração: 23 min.

O Ébrio. Brasil, 1946. Direção: Gilda Abreu. Distribuição: Riofilme. Duração: 126 min.

Rio, 40 Graus. Brasil, 1955. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Distribuição: Columbia Pictures do Brasil. Duração: 100 min.

Livros

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *O Governo Kubitschek*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

BOJUNGA, Cláudio. *JK, o Artista do Impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CONY, Carlos Heitor. *JK, Como Nasce uma Estrela*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. *O Brasil Republicano: O Tempo da Experiência Democrática* – da Democratização de 1945 ao Golpe Civil-Militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3.

FERREIRA, Martins. *Como Usar a Música na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, Angela Maria de Castro (org.) et al. *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____; FARO, Clóvis de. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castello*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SPADA, Heloísa; BURGI, Sergio (org.). *As Construções de Brasília*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010.

Websites

Dossiê *Os Anos JK* no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/apresentacao

Dossiê *O Segundo Governo Vargas: de 1951 a 1954* no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/apresentacao

Memorial JK
http://www.memorialjk.com.br

É sal, é sol, é sul

1

Sinopse

Tom Jobim, Vinicius de Moraes e João Gilberto: a "santíssima trindade" da nova música brasileira; no país da bossa nova, o rock mostrou a sua cara; Jânio Quadros, o presidente que desistiu de presidir; a bossa nova saiu dos apartamentos da zona sul para conquistar o mundo; Jango e a luta para assumir a presidência; o Brasil conquistou o bicampeonato na Copa do Mundo do Chile; o Beco das Garrafas, o endereço da bossa; os últimos dias de Jango; o golpe de 1964 chegou para ficar.

Dois encontros decisivos

Ela é carioca
Ela é carioca
Basta o jeitinho dela andar
Nem ninguém tem carinho assim para dar
Eu vejo na luz dos seus olhos
As noites do Rio ao luar
Vejo a mesma luz
Vejo o mesmo céu
Vejo o mesmo mar

Ela É Carioca
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

Com a inauguração de Brasília, em 1960, o Rio de Janeiro perdeu o status de capital federal, mas manteve todas as outras características que lhe conferem o status de uma cidade especial: a beleza natural, a vida cultural intensa, um jeito "carioca" de receber as novidades e os estrangeiros que aqui chegam. É claro que tudo isso não escondeu os problemas comuns a todas as grandes cidades na época – má distribuição de renda, transporte público pouco eficiente e crescimento das favelas.

Mas a vocação da cidade para a arte e a alegria sempre foi muito além do carnaval, com uma boemia talentosa e altamente criativa. Nos bares do Rio, se reuniam antigos e novos artistas, e foi em um deles, o Vilarino, que até hoje existe no Centro da cidade, que se conheceram dois grandes compositores que deram contornos decisivos para a música popular brasileira: Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes. Não era um bar qualquer; por ali já haviam passado o compositor Ary Barroso, o artista plástico Di Cavalcanti, o poeta Pablo Neruda, o cronista Paulo Mendes Campos e o jornalista Sérgio Porto, só para citar alguns em meio a uma multidão de personagens célebres e anônimos.

2. No restaurante Vilarino, Vinicius de Moraes (cabeceira), com o filho Pedro, Lúcio Rangel (à direita), Paulo Mendes Campos, de pé, atrás de Fernando Lobo, e outros amigos

Era o ano de 1956 quando o diplomata e poeta Vinicius foi apresentado ao compositor Tom Jobim: estabeleceu-se imediatamente uma intensa parceria, e um de seus primeiros frutos foi a peça *Orfeu da Conceição*, baseada na mitologia grega – o músico Orfeu desce ao inferno para resgatar da morte sua amada Eurídice.

3. O grande compositor, cantor e maestro Antonio Carlos Jobim

A estreia não podia ser mais grandiosa: no Theatro Municipal, com cenários de Oscar Niemeyer. A trilha sonora do espetáculo foi o primeiro trabalho gravado em disco da dupla Tom/Vinicius e já apresenta logo um

clássico: *Se Todos Fossem Iguais a Você*. Em 1959, dirigido pelo francês Marcel Camus, *Orfeu da Conceição* virou o filme *Orfeu do Carnaval*. Ganhou a Palma de Ouro do Festival de Cannes (França) e o Oscar de melhor filme estrangeiro.

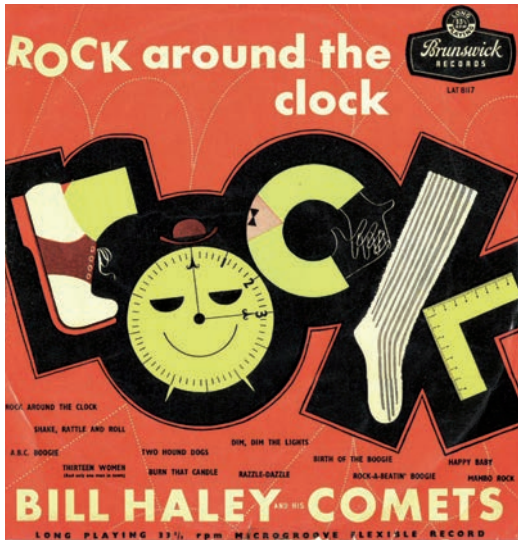
Se o encontro de Tom e Vinicius foi a junção de dois talentos prontos para o sucesso, não menos importante foi o que reuniu Tom e João Gilberto. O compositor encontrava um intérprete à altura de seu imenso talento. E foi uma percepção imediata, já que o próprio Tom escreveu na contracapa do disco de estreia do cantor e violonista: "Quando João se acompanha, o violão é ele; quando a orquestra o acompanha, a orquestra também é ele".

4. João Gilberto e a batida diferente de seu violão

Bossa aqui, rock ali

Mas não era só o Brasil que passava por uma profunda transformação musical no final dos anos 1950. Os Estados Unidos também fervilhavam com a chegada de um novo gênero: o *rock and roll*. O que haveria de comum entre o rock e o samba? A herança negra. Assim como no Brasil, a cultura norte-americana também deve muito de sua prosperidade e sua herança aos escravos negros que foram levados, em grande parte, ao sul do país para trabalhar nas plantações de algodão que abasteceriam as máquinas da Revolução Industrial na Inglaterra.

Foi nesse cenário que nasceu uma expressão musical comovente: o *blues*, cantado de forma dolente e quase sempre com letras que falam de perdas, sejam elas amorosas ou da terra natal. Em rápida sucessão de misturas ocorridas ao longo do século XX, o *blues* misturou-se à música *country* (outra expressão musical do sul, mas de acento branco) e mais tarde ao também negro *rhythm and blues*, gerando um "filho" miscigenado que ia hipnotizar a juventude do mundo inteiro: o *rock and roll*.



5. O rock americano chegava ao Brasil com Bill Haley e Seus Cometas

No Brasil, as primeiras manifestações do rock se deram através de discos importados e de um filme que marcou época em 1958: *Rock Around the Clock*, estrelado pela banda Bill Haley and His Comets. A crônica jornalística da época comentou que a polícia teve algum trabalho para conter os jovens que, muito animados, saíam de suas poltronas para dançar na frente da tela ao ritmo esfuziante do rock...

Não bastasse o sucesso do novo gênero, a poderosa máquina cultural e propagandística norte-americana tinha, então, um ídolo

6. O programa *A Jovem Guarda*, comandado por Roberto Carlos (centro), animava as tardes de domingo pela TV Record

para encantar o planeta nas ondas do rock: era branco, de olhos azuis, cantava como um negro e ainda exibia passos sensuais ao se apresentar: Elvis Presley. No Brasil, a primeira artista a encarnar o rock foi a cantora Celly Campello, que, com uma versão para o sucesso americano *Stupid Cupid*, sacolejava as festinhas da época, abrindo caminho para uma geração que mais tarde viria a ser chamada de Jovem Guarda.

Oh! Oh! Cupido!
Vê se deixa em paz
Meu coração que
Já não pode amar
Eu amei há
Muito tempo atrás
Já cansei de
Tanto soluçar
Hei, hei, é o fim
Oh! Oh! Cupido
Pra longe de mim!

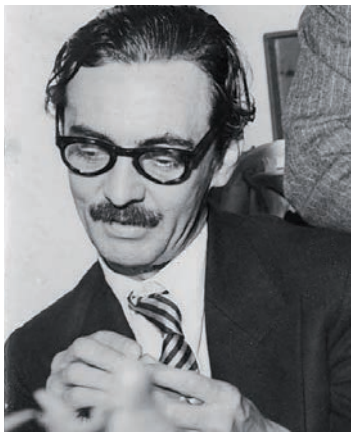
Estúpido Cupido
(Neil Sedaka; versão em português de Fred Jorge)

Com a chegada do rock ao Brasil no exato momento em que a bossa nova ocupava o coração de boa parte da juventude universitária, começava uma divisão que levaria muito tempo para acabar. De um lado, os nacionalistas, ligados no samba e na bossa nova; do outro, os roqueiros, que não estavam nem aí para a música brasileira e adoravam ser chamados de *juventude transviada*. Essas duas turmas protagonizariam embates memoráveis e discussões intermináveis que até hoje repercutem entre os amantes da música.

O homem da vassoura

Se no campo da música as divisões se radicalizavam, os grupos políticos no Brasil eram cada vez mais intolerantes. O governo Juscelino Kubitschek, apesar de suas grandes realizações, terminou debaixo de uma severa onda de acusações de corrupção, principalmente ligadas à construção de Brasília. Por isso, uma coligação de partidos liderada pela UDN (União Democrática Nacional), adversária de partidos de esquerda, como o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), de Getúlio Vargas, ou de centro, como o PSD (Partido Social Democrático), de Juscelino, apresentou

como candidato um político que fizera sua carreira meteórica apostando sempre na luta contra a corrupção: Jânio da Silva Quadros.



7. Jânio Quadros: o homem da vassoura

Não há personagem semelhante na história política brasileira: em apenas 15 anos, ele foi eleito, sucessivamente, vereador, deputado estadual, prefeito da capital paulista e governador de São Paulo. Chegou à eleição de 1960, aos 43 anos, usando o mesmo mote de suas campanhas anteriores: varrer a sujeira da administração pública. Seu símbolo, a vassoura, rapidamente tomou conta do Brasil, tornando-se referência obrigatória de qualquer estudo sobre a história das campanhas políticas em nosso país.

Varre, varre, varre, vassourinha
Varre, varre a bandalheira
Que o povo já está cansado
De sofrer dessa maneira

***Jingle* da campanha de Jânio Quadros à presidência do Brasil**

Apesar da vitória contundente, com 5,6 milhões de votos, quase dois milhões a mais do que recebeu o general Lott, candidato do PTB, a eleição não foi uma conquista completa, pois Jânio não elegeu o vice de sua chapa, Milton Campos. Na época, a legislação eleitoral permitia que o vice-presidente fosse votado separadamente, e quem acompanhou Jânio a Brasília foi o candidato do PTB, João Goulart. Os dois maiores partidos do país à época estavam representados no governo brasileiro. Mas entre eles não haveria nenhum tipo de cooperação, e em pouco menos de sete meses a frágil democracia brasileira viveria um drama que levaria décadas para terminar.

O barquinho no azul do mar

Dia de luz, festa do sol
E o barquinho a deslizar
No macio azul do mar
Tudo é verão e o amor se faz
Num barquinho pelo mar
Que desliza sem parar...

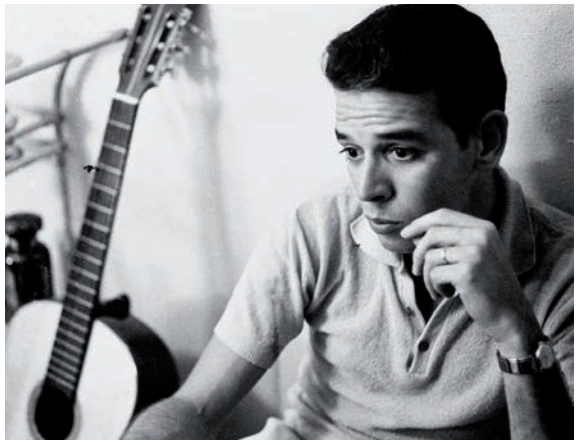
O Barquinho
(Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli)

8. Roberto Menescal e o violão de tantas composições

Longe das conflagrações políticas, a bossa nova avançava pelo fértil terreno da juventude mais abonada do Rio de Janeiro e de São Paulo, que, no final dos anos 1950, já não queria mais os padrões culturais e de comportamento de seus pais. A descoberta

de uma música brasileira refinada e afinada com os novos tempos fazia a alegria de uma turma que tinha tempo e dinheiro para se dedicar a ela.

Alguns apartamentos de classe média e de classe média alta em Copacabana e Ipanema ficaram famosos por receber turmas de jovens que se reuniam para tocar e cantar bossa nova. Havia um bom número de universitários entre eles, o que não quer dizer que talentos vindos de classes menos abastadas não frequentassem essas rodas. Um dos locais mais famosos era a residência das irmãs Danuza e Nara Leão, onde não era difícil encontrar Carlos Lyra, Chico Feitosa, Dori Caymmi e Roberto Menescal, por exemplo. Cresceu tanto o movimento que, em 1960, dois eventos marcados para o mesmo dia dividiram os amantes da bossa: a "Noite do Amor, do Sorriso e da Flor" e a "Noite do Sambalanço", ambas em faculdades cariocas.



9. Carlos Lyra: do CPC à bossa nova

Uma das características mais importantes da bossa nova era que suas letras tinham uma leveza e um descompromisso muito diferente do que acontecia no samba-canção. A natureza, o amor idílico, a alegria de viver, tudo isso fazia um contraponto forte às angústias amorosas, marca registrada do samba-canção.

Mesmo as dores de amor na bossa nova eram cantadas de um jeito sereno, como bem avaliou o maestro e professor Júlio Medaglia: "A prática era a do *canto-falado* ou do *cantar baixinho*, do texto bem pronunciado, do tom coloquial da narrativa musical, do acompanhamento e canto integrando-se mutuamente, em lugar da valorização da 'grande voz'".

Se era golpe, acabou mal

Vento virador no clarão do mar
Vem sem raça e cor, quem viver verá
Vindo a viração vai se anunciar
Na sua voragem, quem vai ficar
Quando a palma verde se avermelhar
É o vento bravo
O vento bravo

Vento Bravo
(Edu Lobo e Paulo César Pinheiro)

Durante os poucos meses de seu mandato como presidente, Jânio Quadros não conseguiu em momento algum o apoio político de que precisava para implementar seu plano de governo. Instável emocionalmente e lutando contra o alcoolismo – sua filha Dirce Tutu Quadros revelou recentemente, em entrevista à Rádio Bandeirantes de São Paulo, que Jânio efetivamente era um alcoólico –, tomava decisões erráticas e até antagônicas. Como se afastou gradualmente da UDN, sofreu a incansável oposição de Carlos Lacerda, que, não podendo chamá-lo de corrupto, insistia que Jânio queria dar um golpe de Estado, fechando o Congresso para poder governar absoluto.

O presidente era uma personalidade cheia de contradições. Um exemplo disso é que, anticomunista, deu a Che Guevara a Medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul. Entre as suas realizações, criou as primeiras reservas indígenas; instalou centenas de processos

administrativos para apurar a corrupção nos órgãos do governo; proibiu que misses usassem biquínis nos desfiles; nomeou o primeiro embaixador negro da história do Brasil; colocou as rinhas de briga de galo na ilegalidade; acabou com a isenção de impostos de algumas grandes empresas; baniu o lança-perfume dos bailes de carnaval.

10. Che Guevara no Brasil, recebido por Jânio Quadros

É inegável que, no setor das relações internacionais, a política externa brasileira ganhou musculatura e independência, procurando estabelecer laços comerciais e diplomáticos com todas as nações do mundo que manifestassem interesse em um intercâmbio pacífico. Em plena Guerra Fria, com os Estados Unidos e a União Soviética disputando palmo a palmo o poder e a influência no mundo, essa mudança provocou reações negativas dos norte-americanos e muitas críticas dos setores conservadores brasileiros.

No dia 24 de agosto de 1961, no bojo de mais uma crise institucional, Carlos Lacerda fez um discurso pelo rádio em que acusava o ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, de estar preparando um golpe de Estado. Para espanto de muitos, em 25 de agosto, Jânio Quadros apresentou sua renúncia ao Congresso, que a aceitou imediatamente. Como mandava a Constituição, quem deveria assumir o cargo era o vice-presidente João Goulart, o Jango, que se encontrava com uma delegação de brasileiros na China para alavancar negócios e parcerias comerciais. Pouco antes de morrer, segundo a revista *Veja*, Jânio teria confessado ao neto o profundo arrependimento pela renúncia.

11. Carlos Lacerda (centro) na Escola Superior de Desenho Industrial/Esdi

Mas Jango, do PTB, era muito malvisto pelos partidos conservadores e por parte dos militares brasileiros. Deputado pelo Rio Grande do Sul, ocupara o posto de ministro do Trabalho durante o último mandato de Vargas. Durou pouco mais de sete meses no cargo, mas deixou uma marca profunda ao se aproximar dos trabalhadores e dos sindicatos, bem como dos socialistas e comunistas, sempre disposto a negociar. Com a perspectiva de ter um "esquerdista" à frente do país, um verdadeiro golpe se articulou para evitar a posse de Jango.

Um longo caminho de volta

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar
Praia sem fim
Rio, você foi feito pra mim

Samba do Avião
(Tom Jobim)

Avisado na China só 24 horas após a renúncia (à época, a velocidade das informações era incrivelmente lenta comparada aos dias de hoje), Jango começou uma longa viagem ao Brasil, enquanto seus partidários se mobilizavam para garantir a posse. A primeira escala foi em Paris, onde, ao falar por telefone com Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul e líder do movimento pró-Jango, foi informado de que parte dos generais não aceitava que assumisse a presidência.

Enquanto o Congresso e os militares buscavam uma solução para a crise, Brizola fundou a Campanha da Legalidade, uma cadeia com mais de cem rádios que exortavam a população a defender a Constituição e a posse de Jango. Outros governadores que aderiram à campanha foram Ney Braga, do Paraná, e Mauro Borges, de Goiás. Leonel Brizola chegou a defender o uso das armas para garantir a posse do cunhado (ele era casado com Neusa, irmã de Jango) e, efetivamente, chegou a criar grupos de militantes dispostos a ir à luta, se necessário fosse.

12. João Goulart, vice de Jânio, tornou-se presidente em 1961

Finalmente, chegou-se a um consenso: a instituição do regime parlamentarista, em que os poderes do presidente da República seriam divididos com um primeiro-ministro. Jango, que àquela altura já estava em Montevidéu, aceitou o acordo. No dia 2 de setembro de 1961, o regime parlamentarista foi aprovado pelo Congresso Nacional, e em 7 de setembro João Goulart foi finalmente empossado presidente da República, tendo como primeiro-ministro Tancredo Neves.

Como seria de se esperar, o presidente não ia se acomodar em uma situação na qual seria impossível fazer as reformas que pensava necessárias para que o Brasil seguisse crescendo, com mais igualdade na distribuição da renda. Nos dois anos seguintes à posse, Jango operou politicamente no sentido de ter seus poderes devolvidos, até que conseguiu aprovar, no Congresso, um plebiscito para a população escolher entre o parlamentarismo e o presidencialismo. Apoiado em grande campanha publicitária, conseguiu em janeiro de 1963 a vitória de que necessitava, e o Brasil voltou a ter um presidente "forte". No entanto, as contradições políticas, sociais e econômicas tornaram a já difícil tarefa de governar o Brasil em um projeto impossível de ser realizado.

Brasil bom de bola

Vocês vão ver como é
Didi, Garrincha e Pelé
Dando seu banho de bola
Quando eles pegam no couro
O nosso escrete de ouro
Mostra o que é nossa escola.

Frevo do Bi
(Silvério Pessoa)

Enquanto a temperatura aumentava na política, no esporte tudo era só felicidade. Depois da grande conquista da Copa de 1958, o mundo esperava uma nova performance

da seleção canarinho, agora no Chile. Duas equipes dominavam o noticiário da época: o Santos, com um grande time liderado por Pelé, e o Botafogo, que tinha em Garrincha sua estrela maior. E foi a base dessas duas equipes que formou a seleção que tinha o desafio de buscar o bicampeonato.

13. Garrincha e Pelé, dois gênios do futebol brasileiro

Apesar do favoritismo, não foi uma tarefa fácil. Ainda mais porque, logo na segunda partida, contra a Tchecoslováquia, Pelé sofreu um violento estiramento muscular que o tirou do restante da Copa. A responsabilidade, então, ficou para a desconcertante genialidade de Garrincha, que fez de tudo: marcou gols de falta, de cabeça, deu passes geniais para que Amarildo, que substituiu Pelé, ficasse conhecido pelo apelido de *Possesso*, tal a sua fúria em busca do gol.

Em sua caminhada, a seleção brasileira venceu o México, empatou com a Tchecoslováquia, derrotou a Espanha, a Inglaterra, o Chile e voltou a enfrentar a seleção tcheca na partida final, quando saiu vitoriosa. A festa nas ruas foi maior do que em 1958, já que, com o avanço das comunicações, o país acompanhou mais de perto a evolução da equipe: o videoteipe (gravação eletrônica que substituiu as filmagens) fazia sua estreia, e, graças à proximidade com o Chile, 24 horas depois dos jogos as TVs brasileiras já exibiam a partida.

A bossa do Beco

Esta noite, quando eu vi Nanã
Vi a minha deusa ao luar
Toda noite eu olhei Nanã
A coisa mais linda de se olhar
Que felicidade achar, enfim
Essa deusa vinda só pra mim, Nanã
E agora eu só sei dizer
Toda a minha vida é Nanã

Nanã
(Moacir Santos e Mario Telles)

Se há alguma referência geográfica para a bossa nova no Rio de Janeiro, ela fica em uma travessa sem saída na Rua Duvivier, entre os números 21 e 37, em Copacabana. Por sua localização discreta, ali se instalaram várias boates – todas muito pequenas – onde os músicos amantes da bossa nova (e também do jazz) se encontravam para tocar juntos em pequenos espetáculos chamados *pocket shows*. Como os frequentadores costumavam fazer muita algazarra quando saíam de madrugada, os moradores, irritados, atiravam garrafas pelas janelas, o que levou o cronista Sérgio Porto a apelidar o local de Beco das Garrafadas, depois abreviado para Beco das Garrafas. O nome das boates (também chamadas de "inferninhos") era sinônimo de boa música: Ma Griffe, Bottle's, Baccarat, Little Club.

14. Johnny Alf, o Rapaz de Bem, e seu piano na noite carioca

De 1958 a 1965, passaram por ali os melhores artistas da época: Elis Regina, Nara Leão, Sylvinha Telles, Claudette Soares, Jorge Ben, Marisa Gata Mansa, Doris Monteiro, Wilson Simonal, Alaíde Costa, Pery Ribeiro, Leny Andrade, Sérgio Mendes, Baden Powell, Airto Moreira, Johnny Alf, Hélcio Milito, Chico Batera, Wilson das Neves, Durval Ferreira, Dom Um Romão, Paulo Moura e o Trio Bossa Três, composto por Luiz Carlos Vinhas, Edson Machado e Tião Neto. Desses todos, dois alcançariam o mais alto degrau da fama, embora seus destinos tenham sido muito diferentes: Wilson Simonal e Elis Regina.

15. Sylvinha Telles, primeira cantora profissional a gravar um disco inteiro de bossa nova

Mas, assim como na política, alas divergentes se formaram dentro da bossa nova. O primeiro a proclamar seu rompimento com uma estética que considerava "alienada" foi Carlos Lyra, com sua composição *Influência do Jazz*. O respeitado crítico musical José Ramos Tinhorão não fez por menos: a bossa nova seria influência estrangeira que chegara para acabar com a nossa verdadeira música popular, o samba, em uma espécie de "dominação cultural". Começou, então, a surgir um movimento que foi em busca das "raízes" da nossa música, da valorização do que seria "realmente" brasileiro. Artistas que surgiram com a bossa nova "trocaram" de lado, como Nara Leão, que foi buscar no samba de morro a força que a tornaria uma grande intérprete da música brasileira.

16. Nara Leão, a eterna musa e seu violão afinado

Seria o fim da bossa nova? De jeito nenhum. Contestada no Brasil, ela chegou a muitos países: Estados Unidos, França, Japão. Hoje, é considerada patrimônio cultural brasileiro, um dos mais altos momentos de nossa criação artística, cultuada em muitos países.

A derrocada de Jango

Quem acreditou
No amor, no sorriso, na flor
Então sonhou, sonhou...
E perdeu a paz
O amor, o sorriso e a flor
Se transformam depressa demais
Quem, no coração
Abrigou a tristeza de ver
Tudo isto se perder
E, na solidão
Procurou um caminho e seguiu,
Já descrente de um dia feliz

Meditação
(Tom Jobim e Newton Mendonça)

Ao assumir o poder, de volta ao sistema presidencialista, Jango enfrentou uma série de dificuldades criadas até mesmo pelas forças que o consideravam um aliado. Pior: com a

sequência de crises, os partidos de esquerda passaram a considerá-lo fraco para o trato de questões importantes como a reforma agrária, enquanto os de direita estavam certos de que ele era dominado pela esquerda. Espremido entres as duas forças, Jango tinha pouco espaço de manobra.

Ao longo de 1963, sargentos, cabos, soldados e marinheiros das Forças Armadas brasileiras, contrariando os princípios de hierarquia e disciplina, fizeram uma série de movimentos considerados ilegais pela oficialidade. No centro da discussão, o artigo da Constituição que proibia a candidatura de sargentos a postos eletivos. Aumentaram as suspeitas, por parte dos mesmos oficiais que tentaram barrar a posse de Jango em 1961, de que o presidente estivesse tramando um golpe de Estado com o apoio de cabos e sargentos.

Em outubro de 1963, o governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, deu uma entrevista ao jornal americano *Los Angeles Times* em que atacou o presidente e os chefes militares que ainda o apoiavam: a repercussão foi imensa, entre aliados e adversários. Diante da crise, os generais solicitaram ao presidente a decretação do estado de sítio (uma situação temporária de restrição de direitos e concentração de poderes que, durante sua vigência, aproxima um Estado sob regime democrático do autoritarismo). O pedido foi recusado pelo Congresso, e, diante disso, os oficiais mais graduados começaram a preparar a conspiração para derrubar Jango, que, para eles, estaria levando o país rumo ao comunismo.

Sentindo que a pressão contra o governo aumentava, o presidente tratou de fortalecer sua posição participando de grandes manifestações e comícios. O mais importante deles e que, para alguns historiadores, marcou o fim da neutralidade dos poucos chefes militares que ainda defendiam seu governo aconteceu no dia 13 de março de 1964, ficando conhecido como o Comício da Central do Brasil. Na presença de cerca de 150 mil pessoas, o presidente garantiu que continuaria lutando pelas reformas de base, contra as forças políticas conservadoras "que impediam o crescimento do Brasil".

17. João Goulart e a mulher Maria Teresa, no Comício da Central, em 1964

Diante do tamanho e da repercussão do comício, a reação foi imediata. Em 19 de março, em São Paulo, uma multidão saiu às ruas na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, protestando contra o governo. No dia 28 de março, aumentou ainda mais a temperatura política, com uma revolta de marinheiros e cabos que Goulart se recusou a debelar pela força. Em 30 de março, homenageado pela Associação dos Sargentos e Suboficiais da Polícia Militar no Rio de Janeiro, Jango revelou em discurso a existência de uma poderosa campanha contra seu governo. E era verdade: o golpe já estava em andamento.

No dia 31 de março, chefiadas pelo general Olimpio Mourão Filho, tropas do Exército baseadas em Juiz de Fora se deslocaram em direção ao Rio para depor o presidente da República. Acuado, Jango recusou-se a enfrentar o movimento, tentando evitar o derramamento de sangue. Voou para Brasília no dia 1º de abril e de lá para o Rio Grande do Sul. Em 2 de abril, o Congresso declarou que o cargo de presidente da República estava vago. Jango se exilou primeiro na Argentina e depois no Uruguai, onde viria a morrer em 1976. Foi o único presidente brasileiro a morrer longe de sua pátria.

Com o golpe de 1964, o Brasil mergulhou em um regime ditatorial em que os direitos humanos e políticos foram suspensos durante muitos anos.

Para usar em sala de aula

- Em 1958, algumas pessoas questionaram a presença de jogadores negros em nossa seleção de futebol. Propor aos alunos que descubram qual foi o primeiro time do Rio de Janeiro a ter negros em seu elenco.

- Tema para redação: um rock feito no Brasil é brasileiro? Um samba feito nos Estados Unidos é americano?

- Uma das grandes obras do governador Carlos Lacerda no Rio de Janeiro foi o Aterro do Flamengo, com seu parque. A turma deve pesquisar quem foram os autores do projeto e quem construiu esse verdadeiro jardim à beira-mar.

Para saber mais

Músicas

Ela É Carioca (Tom Jobim e Vinicius de Moraes). CD – Tom Jobim – Tom Canta Vinicius ao Vivo – Universal Music/Jobim Music, 2000.

Garota de Ipanema (Tom Jobim e Vinicius de Moraes). CD – Tom Jobim – Tom Canta Vinicius ao Vivo – Universal Music/Jobim Music, 2000.

Rio (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli). CD – Os Cariocas – A Bossa dos Cariocas – Polygram, 1998.

Desafinado (Tom Jobim e Newton Mendonça). CD – Os Cariocas – A Bossa dos Cariocas – Polygram, 1998.

O Barquinho (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli). CD – Jair Rodrigues – A Bossa Nova por Jair Rodrigues – Trama, 2003.

Samba de uma Nota Só (Tom Jobim e Newton Mendonça). CD – Tom Jobim – Ao Vivo em Montreal – Biscoito Fino, 2007.

Samba do Avião (Tom Jobim). CD – Tom Jobim – Ao Vivo em Montreal – Biscoito Fino, 2007.

Corcovado (Tom Jobim). CD – Quarteto Jobim-Morelembaum – Velas, 1999.

Meditação (Tom Jobim e Newton Mendonça). CD – Quarteto Jobim-Morelembaum – Velas, 1999.

Nanã (Moacir Santos e Mario Telles). CD – Wilson Simonal – A Bossa e o Balanço – WEA, 1994.

Balanço Zona Sul (Tito Madi). CD – Wilson Simonal – A Bossa e o Balanço – WEA, 1994.

Berimbau (Baden Powell e Vinicius de Moraes). CD – Baden Powell ao Vivo no Teatro Santa Rosa – Elenco/Universal Music, 2003.

Influência do Jazz (Carlos Lyra). CD – Carlos Lyra – A Música Brasileira Deste Século por Seus Autores e Intérpretes – Sesc São Paulo, 2000.

Samba de Verão (Marcos e Paulo Sérgio Valle). CD – Marcos Valle e Victor Biglione Live in Montreal – Rob Digital, 2002.

Filmes

Coisa Mais Linda. Brasil, 2005. Direção: Paulo Thiago. Distribuição: Sony Pictures. Duração: 120 min.

Os Desafinados. Brasil, 2008. Direção: Walter Lima Jr. Distribuição: Downtown Filmes. Duração: 131 min.

Maestro Soberano – Tom Jobim (3 DVDs). Brasil, 2007. Direção: Roberto de Oliveira. Distribuição: Biscoito Fino. Duração total: 173 min.

Vinicius. Espanha/Brasil, 2005. Direção: Miguel Faria Jr. Distribuição: UIP. Duração: 121 min.

Livros

CABRAL, Sérgio. *Nara Leão – Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2001.

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da Bossa e Outras Bossas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade*: A História e as Histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A Onda que se Ergueu no Mar*: Novos Mergulhos na Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COHEN, Marlene. *Juscelino Kubitschek – O Presidente Bossa Nova*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.

JOBIM, Helena. *Antonio Carlos Jobim*: *Um Homem Iluminado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MELLO, Zuza Homem de. *João Gilberto*. São Paulo: Publifolha, 2001.

NAVES, Santuza Cambraia. *Da Bossa Nova à Tropicália*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

Websites

Bossa Nova – 50 Anos
http://www.estadao.com.br/pages/especiais/bossanova

Bossa Nova – Letras e Cifras
http://www.bossanova.mus.br

Clube do Tom
http://www.jobim.com.br

Dossiê *Brasília 50 Anos* no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
http://cpdoc.fgv.br/brasilia

Para ver a final da Copa de 1958, Brasil 5 x 2 Suécia (narrado em sueco)
http://www.svt.se/content/1/c8/01/18/18/27/080628SVEBRAVM58.asx

Site oficial de Vinicius de Moraes
http://www.viniciusdemoraes.com.br/site

Site sobre João Gilberto
http://joaogilberto.org

Este mundo é meu

1

Sinopse

Nos anos 1960, os brasileiros sonharam com um país justo e democrático e lutaram pela sua construção; o fim do governo João Goulart e o golpe militar de 1964; reforma ou revolução; a resistência da arte ao fechamento político; o movimento estudantil, os festivais da canção.

Um país em construção

O Brasil é uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa fala amores
Em lindas tardes de abril
Correi pras bandas do sul
Debaixo de um céu de anil
Encontrareis um gigante deitado
Santa Cruz, hoje o Brasil
Mas um dia o gigante despertou
Deixou de ser gigante adormecido
E dele um anão se levantou
Era um país subdesenvolvido

Canção do Subdesenvolvido
(Carlos Lyra e Chico de Assis)

No início da década de 1960, o Brasil pensava no futuro e apostava no presente. Um clima de efervescência percorria a nação. A cultura era o grande motor da vida nacional e se entrelaçava com a política em uma relação empolgante e conflituosa. Muitos vislumbravam uma transformação radical no horizonte político e econômico, e uma das grandes discussões era se ela aconteceria sob a liderança de operários e camponeses em aliança com estudantes, intelectuais e partidos políticos ou se a vanguarda seria formada pelos intelectuais. Cultura e revolução, eis a questão.

Em 1961, com a proposta de mudar o país a partir de uma ação cultural voltada para as classes trabalhadoras, foi criado o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), instalado em um prédio neoclássico na Praia do Flamengo, 132, no Rio de Janeiro. Foi um grande movimento cultural do período e um dos mais discutidos na história recente do Brasil. A inspiração veio do Movimento de Cultura Popular (MCP), uma experiência realizada em Pernambuco durante o governo de Miguel Arraes.

2. Manifestação pró-Fidel Castro na sede da UNE, em 1960

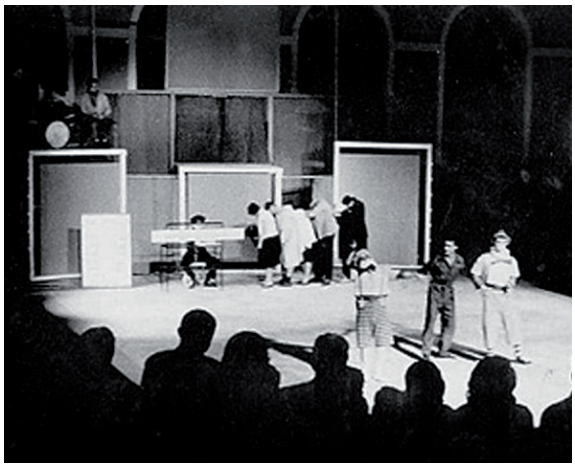
O sindicalismo se expandia no Nordeste e no Sudeste, com intensas discussões sobre a necessidade de uma reforma agrária. De Pernambuco, vinham as ideias e o método de alfabetização de adultos criado pelo educador Paulo Freire, que defendia a alfabetização ligada a um processo de conscientização, em que, além de se apropriar dos instrumentos de leitura e escrita, o aluno deveria conhecer sua realidade para agir de forma crítica e atuante na vida social e política do país.

3. Cena da peça *Eles Não Usam Black-Tie*, de Guarnieri

A produção do CPC carioca se deu principalmente nos terrenos da música, da poesia, do cinema e do teatro. Entre 1962 e 1963, foram criados CPCs em vários estados. Para seus integrantes, arte revolucionária era aquela que se colocava ao lado do povo; ou

não interessava, era pura alienação. Membros do Teatro de Arena de São Paulo que apresentavam no Rio a peça *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, deram a partida. Carlos Estevam, o primeiro presidente do CPC, escreveu, então, o *Manifesto do Centro Popular de Cultura*, afirmando que a arte do povo é "de ingênua consciência" para "satisfazer as necessidades lúdicas e de ornamento". O documento propunha tirar as massas "da alienação e da submissão".

O núcleo inicial do centro tinha também o dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, e o cineasta Leon Hirszman. O poeta Ferreira Gullar foi seu segundo presidente. O CPC "fertilizou" a cultura brasileira, revelando, além dos já mencionados, nomes como Armando Costa, Carlos Vereza, Flávio Migliaccio, Nelson Xavier, João das Neves e Paulo Pontes, no teatro e na televisão; Cacá Diegues, Eduardo Coutinho, Joaquim Pedro de Andrade, Maurice Capovilla, Marcos Farias e Miguel Borges, no cinema; Affonso Romano de Sant'Anna e Moacyr Félix, na poesia; e Carlos Lyra e Sérgio Ricardo, na música.



4. Cena da peça *A Mais-Valia Vai Acabar, Seu Edgar*

Vianinha estava interessado em expor aspectos da teoria marxista usando a forma teatral e, para isso, escreveu *A Mais-Valia Vai Acabar, Seu Edgar*, que estreou com sucesso na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro. Seis meses depois do espetáculo e de certa forma estimulado por ele, nascia o CPC do Rio de Janeiro. Os personagens do musical representavam os pobres e os capitalistas. Havia também espaço para o humor, como se pode ver na letra da canção a seguir:

Hei de vencer
Lutar até morrer
Pela vitória
Pelo meu bem querer.
Hei de vencer
Cobrir mamãe de glória
Hei de vencer
Hei de sorrir
Hei de mamar

Hei de Vencer
(Carlos Lyra e Vianinha)

Os atores do CPC se apresentavam em portas de fábricas, favelas, sindicatos, escolas e associações de bairro. As peças tinham conteúdo didático e muitas eram criadas coletivamente e assinadas pela equipe que as produzia.

5. Cena do filme *Cinco Vezes Favela*, de 1962

Entre 1962 e 1963, o CPC produziu o filme *Cinco Vezes Favela*, ficção em cinco episódios (dirigidos por Marcos Farias, Miguel Borges, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman). O filme foi um marco no moderno cinema brasileiro e um precursor do Cinema Novo, movimento reconhecido internacionalmente pela agilidade de sua estética e por seu conteúdo renovador. Na mesma época, foram publicados os *Cadernos do Povo* e a coletânea de poesia *Violão de Rua*. Um convênio com o Ministério da Educação permitiu expandir a capacidade de produção, e surgiram uma editora, uma gravadora de discos, ateliês e oficinas de artes gráficas, artes plásticas e fotografia e até um caminhão adaptado para abrigar um palco.

Que país era este?

Esse mundo é meu
Esse mundo é meu
Fui escravo no reino
E sou
Escravo no mundo em que estou
Mas acorrentado ninguém pode
Amar

Esse Mundo É Meu
(Sérgio Ricardo e Ruy Guerra)

Com a renúncia de Jânio Quadros, o vice-presidente João Goulart, o Jango, assumiu a presidência da República: começava um dos períodos mais turbulentos da vida nacional. No dia da renúncia, Jango estava na República Popular da China em viagem diplomática, e os políticos conservadores usaram essa deixa para acusá-lo de comunista.

Depois de complicadas negociações, lideradas principalmente pelo cunhado de João Goulart, Leonel Brizola, na época governador do Rio Grande do Sul, governo e oposição acabaram costurando um acordo pelo qual deveria ser implantado um regime parlamentarista, com forte presença do Poder Legislativo e tendo Jango como chefe de Estado.

6. Jango desfila em carro aberto pelas ruas de Nova York

Na crise que se seguiu, vieram à tona, com intensidade, os problemas brasileiros, acumulados durante décadas e agravados pela Guerra Fria, que opunha, de um lado, os Estados Unidos e seus aliados e, do outro, o bloco comunista liderado pela então União Soviética e pela China. Questões econômicas somavam-se à tensão política. Os investimentos estrangeiros no Brasil haviam diminuído pela metade. A inflação de 50%, registrada em 1962, subiu para 75%, em 1963. As greves passaram de 154, em 1962, para 302, em 1963. Em um de seus discursos, Jango afirmou: "O vertiginoso processo inflacionário a que estamos submetidos irá fatalmente arrastar o país à bancarrota, com todo o sinistro cortejo de um desastre social de proporções catastróficas".

O Brasil ficava cada vez mais dividido. No campo, atuavam as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião; nas cidades, os Grupos dos Onze, comandados por Leonel Brizola. Os CPCs da UNE bradavam pelo fim do

subdesenvolvimento e pretendiam mover a pesada alavanca da política com o braço ágil da cultura. Em um de seus escritos, Vianinha expressou poeticamente as intenções dos jovens artistas da época: "Não estamos atrás de novidades. Estamos atrás de descobertas. Não somos profissionais do espanto. Para achar a água, é preciso descer terra adentro, encharcar-se no lodo. Mas há os que preferem olhar os céus e esperar pelas chuvas".

7. Manifestação das Ligas Camponesas

Propaganda e comícios

Por tua causa, Maria Quitéria
Eu faço banzé
Eu faço miséria
E se você não voltar pra casa
Eu mando brasa, eu mando brasa

Eu Mando Brasa
(Antônio Almeida e Aldacir Louro)

Do lado conservador, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (Ipes) fazia propaganda contra o perigo do comunismo. Uma parte da Igreja Católica se aliou na luta contra Jango, através de organizações como a Campanha da Mulher pela Democracia (Camde).

Em 1963, um plebiscito nacional sobre a forma de governo definiu a volta do regime presidencialista. João Goulart pôde, então, exercer a presidência da República com amplos poderes, e, durante seu mandato, os problemas só cresceram. Jango propôs um Plano Trienal, elaborado pelo economista Celso Furtado, prevendo regulamentar preços, o que desagradou aos empresários, e restringir aumentos de salários, o que irritou os sindicalistas.

Na época, quem falasse em erradicar a pobreza, distribuir renda e reformar a educação e a saúde costumava ser chamado de comunista, mesmo quando não o fosse. Os inimigos do governo temiam que o Brasil se tornasse uma ditadura socialista à moda de Cuba.

Jango pilotava um governo cada vez mais contestado, e alguns pesquisadores dessa época afirmam que tomar decisões com ousadia e rapidez não era o forte do presidente. O historiador americano Thomas Skidmore o classificou como uma "figura enigmática", e o pensador brasileiro José Arthur Giannotti escreveu que ele era um "político de porte médio".

8. Jango decreta a nacionalização das refinarias de petróleo

No cenário político, as brasas voavam em todas as direções. Em 13 de março, em um comício em frente à Estação Central do Brasil, Centro do Rio de Janeiro, Jango decretou

a nacionalização das refinarias privadas de petróleo e desapropriou terras às margens de estradas e de açudes públicos para fazer a reforma agrária.

Em 19 de março, em resposta ao comício da Central do Brasil, aconteceu, no Centro de São Paulo, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Milhares de pessoas, muitas com um terço na mão, pediam a Deus e aos militares que salvassem o Brasil do comunismo. Alguns cartazes pregavam: "Família que reza unida permanece unida". Outros protestavam: "Está chegando a hora de Jango ir embora". E havia até os bem-humorados, como: "Vermelho bom só batom!".

No dia 25 de março de 1964, o ministro da Marinha, almirante Sílvio Mota, mandou prender o marinheiro José Anselmo dos Santos, um dos líderes do Sindicato dos Marinheiros. Em protesto, mais de mil marinheiros e fuzileiros navais ocuparam a sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. Jango demitiu o ministro, e os rebelados foram anistiados.

9. João Goulart, no Automóvel Club, durante a Revolta dos Marinheiros

No domingo 30 de março, o presidente e sete de seus ministros foram a uma reunião de sargentos no Automóvel Clube do Rio de Janeiro, onde ele afirmou em discurso: "O golpe que desejamos é o das reformas de base". Estava dada a partida para o golpe militar do dia 1º de abril, que iniciaria uma ditadura de 21 anos.

Muito se discutiu se o governo de João Goulart foi derrubado por um golpe ou por uma revolução. Os dicionários informam que golpe de Estado é uma subversão da Constituição e a tomada do poder por um indivíduo ou um grupo ligado ao Estado. Já revolução é a transformação radical e violenta de uma estrutura econômica, política e social e, por extensão, qualquer mudança violenta da forma de governo. Isso significa que o golpe não tem ampla participação da população, e, por isso, a palavra costuma ter um caráter pejorativo. Já a revolução pressupõe uma transformação mais profunda, mas que nem sempre acaba efetivando suas boas intenções.

Por trás dessa discussão, está uma questão mais ampla: a história oficial seria escrita pelos vencedores, que tentam impor como verdadeira a sua versão dos fatos, e não pelos vencidos. Assim, o que aconteceu em abril de 1964 tem sido chamado de revolução pelos militares e seus simpatizantes e de golpe por aqueles que o criticam e que foram tirados do poder. Mas há exceções. O ex-presidente da República Ernesto Geisel, que governou de 1974 a 1979, afirmou que não houve uma revolução, mas um movimento contra a corrupção e a subversão da ordem. Já para outros líderes militares, o movimento teria sido uma contrarrevolução, pois Jango estaria planejando uma revolução, abortada pelos militares. Nesse cenário, havia os que eram a favor de reformas políticas e econômicas para modernizar o país e os adeptos de uma revolução radical. Mas isso já é outra história.

A bossa nova e a canção engajada

A música é uma das manifestações mais vigorosas do país e, nos turbulentos anos 1960, ela refletiu os anseios de vários grupos sociais e expressou pontos de vista diferentes. A diversidade musical da época impressiona:

sambas, xotes, baiões, sambas-canções, marchas e a nascente bossa nova ocupavam o rádio e a televisão. É dessa época a expressão "música popular brasileira", a MPB.

Mas o dia vai chegar
Que o mundo vai saber
Não se vive sem se dar
Quem trabalha é que tem
Direito de viver
Pois a terra é de ninguém

Terra de Ninguém
(Marcos e Paulo Sérgio Valle)

10. Álbum gravado ao vivo no Carnegie Hall, em Nova York, em 1962

A bossa nova, surgida no final dos anos 1950 no Rio de Janeiro, era uma reformulação do samba carioca urbano com influência do jazz. Cantava o amor, o sorriso e a flor em acordes dissonantes. Mas ampliou seu fôlego e se tornou um dos gêneros mais influentes da nossa música. Em 1962, um show histórico de bossa nova foi apresentado no Carnegie Hall, uma tradicional sala de concertos de Nova York, e aplaudido por três mil pessoas. João Gilberto, Bola Sete, Agostinho dos Santos, Carmem Costa, Luiz Bonfá, Carlos Lyra, Sérgio Mendes, Tom Jobim, Miltinho e Roberto Menescal comandaram o espetáculo.

O mercado interno de música se expandia, e as propostas eram as mais diversas. Segundo Carlos Lyra, coordenador musical do CPC, "nossa ideia era levar Nelson Cavaquinho e Zé Kéti aos estudantes e, ao mesmo tempo, mostrar a bossa nova para o povo".

Aliás, um dos fenômenos mais expressivos da década de 1960 foi o resgate de sambistas que andavam meio esquecidos. E o restaurante Zicartola, no Centro do Rio, do compositor Cartola e de sua mulher, Zica, foi o palco da aproximação entre jovens e compositores populares. Ao mesmo tempo, firmava-se a tendência de considerar a bossa nova alienada e apostar na música de protesto. O público estudantil pedia canções com temas sociais e denúncias.

Nas entrelinhas, quem desejasse podia ler uma proposta de união para enfrentar o novo regime. Em vez de cantar a dor de cotovelo em versos curtos, apostava-se em letras longas e elaboradas, bem ao gosto dos estudantes.

11. Cartola (com o violão) em seu restaurante Zicartola

O golpe de abril

O golpe militar acabou com a festa daqueles que, morando ou não de frente para o mar, sonhavam com rumos progressistas para o Brasil. Um de seus principais líderes foi o general Olímpio Mourão Filho, cuja ideia era derrubar o governo Jango através de uma ação fulminante que ele denominou Operação Popeye. O governo dos Estados Unidos apoiou a iniciativa através da Operação Brother Sam.

Acabou nosso carnaval
Ninguém ouve cantar canções
Ninguém passa mais brincando feliz
E nos corações
Saudades e cinzas foi o que restou
Pelas ruas o que se vê
É uma gente que nem se vê
Que nem se sorri
Se beija e se abraça
E sai caminhando
Dançando e cantando cantigas de amor
E no entanto é preciso cantar
Mais que nunca é preciso cantar
É preciso cantar e alegrar a cidade

Marcha de Quarta-Feira de Cinzas
(Carlos Lyra e Vinicius de Moraes)

O comício da Central do Brasil foi a chave para o início da operação. Em 31 de março, o *Jornal do Brasil* publicou um artigo de Carlos Castello Branco intitulado *Minas Desencadeia Luta contra Jango*. No mesmo dia, Mourão Filho partiu de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro com soldados, caminhões e tanques. Entre os conspiradores estavam, também, o marechal Humberto Castello Branco e o general Ernesto Geisel. Na confusão que se instalou, tudo aconteceu rápido demais.

12. O antropólogo Darcy Ribeiro (autorretrato)

Alguns setores militares relutaram em retirar seu apoio a Jango, mas acabaram aderindo; os aliados do governo não conseguiram esboçar uma reação. Apenas Francisco Julião e o antropólogo Darcy Ribeiro, chefe de gabinete de Jango, tentaram protestar energicamente. O presidente da República não aceitou as propostas de romper com a esquerda para continuar no poder, mas também não quis reagir militarmente.

Em 1º de abril, a situação já estava definida a favor dos golpistas. Jango partiu para o Rio Grande do Sul com sua família e depois se asilou no Uruguai. E os militares abandonaram seu papel moderador na política e tomaram o poder, instalando um regime autoritário e centralizador.

13. Prédio da UNE é incendiado por manifestantes em 1964

Na quinta-feira 2 de abril, uma marcha da vitória reuniu milhares de pessoas na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Os manifestantes depredaram e incendiaram a redação do jornal *Última Hora* e a sede da UNE. Nas chamas, arderam os sonhos de uma geração. Carlos Lyra ainda se lembra desses

momentos dramáticos: "Eu, Vianinha e vários outros companheiros fomos para a sede da UNE e resolvemos entrar no prédio. Os membros do MAC (Movimento Anticomunista, formado por estudantes) começaram a atirar, pelo vão do prédio, e atingiram um garoto. Ficamos escondidos no teatro do prédio até a madrugada, quando pudemos sair".

O primeiro presidente militar foi Castello Branco, eleito indiretamente. Com atos institucionais, decretos-leis e inquéritos policiais militares, afastou opositores e desmantelou organizações sindicais e camponesas. Os militares se dividiam, então, em castelistas (mais moderados) e os da linha dura, que propunham um endurecimento.

Nos anos seguintes, houve uma significativa recuperação da economia e as taxas de crescimento chegaram a 10% ao ano. O chamado milagre econômico brasileiro era baseado na presença forte do Estado na economia e na política e na entrada de capitais estrangeiros atraídos pela estabilidade do país.

Castello Branco assinou atos institucionais que determinavam eleições indiretas para governador e aprovou uma nova Constituição, que deu ao Senado e à Câmara poderes para cassar e suspender mandatos. Sancionou, ainda, a Lei de Imprensa, restringindo o acesso à informação, e decretou a Lei de Segurança Nacional, cerceando as liberdades civis. A proposta era fazer de todo cidadão brasileiro um responsável pela segurança do país. O segundo presidente militar foi o marechal Costa e Silva, também eleito indiretamente, que declarou em sua posse: "A revolução veio para permanecer".

No entanto, é preciso cantar e protestar

"Não vote em mim, acabo de ser cassado", dizia uma charge do humorista Fortuna no jornal *Correio da Manhã*. Brincando, tentava-se fazer oposição, e cantar era uma maneira de abrir brechas nas portas que se haviam fechado.

A Lei Suplicy permitiu ao governo invadir e fechar faculdades e colocar a UNE na ilegalidade. Mas, entre 1965 e 1968, os estudantes brasileiros nunca estiveram tão ativos. Os universitários eram apenas 1% da população, e isso os levava a reivindicar mais verbas para a educação. Queriam também ampliar o ensino público e eram contra o ensino privado.

14. O presidente Castello Branco faz revista às tropas, em Brasília, em 1964

15. Na Cinelândia, no Centro do Rio, estudantes protestam contra a ditadura militar que vigorava no país

Nas escolas secundárias, nos cursinhos de pré-vestibular e nas universidades, discutia-se a realidade dos alunos para ampliar sua consciência sobre os problemas nacionais.

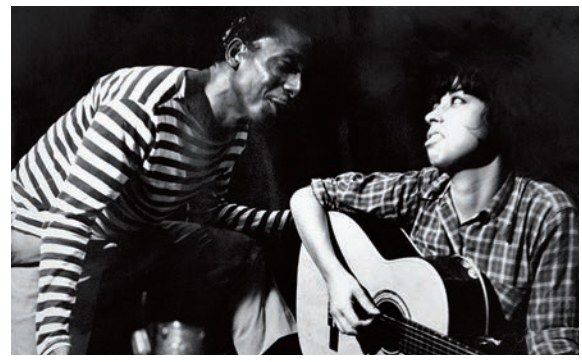
Barco deitado na areia
Não dá para viver, não dá
Lua bonita sozinha não faz o amor
[não faz
Toma a decisão, aleluia
Que um dia o céu vai mudar
Quem não tem mais nada a perder
Só vai poder ganhar

Aleluia
(Edu Lobo)

Em 1965, intelectuais e políticos assinaram manifestos pela volta da legalidade e trabalhadores pediram liberdade sindical e o fim do arrocho salarial. Quanto maior a repressão, mais alto ecoavam as reivindicações. Cantando o Hino Nacional, aos poucos, os estudantes começaram a voltar às ruas. Os cartazes das passeatas e dos comícios diziam: "Abaixo a ditadura!", "Não ao imperialismo" e "Viva a soberania nacional!".

Uma questão de opinião

O show *Opinião* foi um exemplo do casamento da política com a arte. Produzido pelos antigos integrantes do CPC da UNE, reunia música, dramaturgia e protesto. Em cena, representantes de três segmentos da MPB: Zé Kéti, o homem do samba tradicional urbano; João do Vale, o nordestino que migrou para uma grande capital; e Nara Leão, a musa bossa-nova da classe média carioca. Cada um falava de sua trajetória e discutia a vida nos morros cariocas e no Nordeste, a luta política na América Latina e as dificuldades de quem produzia arte no país. O sucesso se ampliou quando Nara foi substituída por Maria Bethânia, ela também migrante baiana, que entusiasmou as plateias com seu grito de guerra.



16. Zé Kéti e Nara Leão: a musa abraça o samba

Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Não vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que homem

Carcará
(João do Vale e José Cândido)

Um país em transe

O Cinema Novo procurou refletir sobre as questões que começaram a surgir a partir de 1964. Entre os filmes, destacou-se *O Desafio*, de Paulo César Saraceni, em que Vianinha vivia um intelectual em crise, que namorava a mulher de um rico industrial. A ação mostrava também Bethânia cantando *Carcará* no show *Opinião*.

17. Maria Bethânia no show *Opinião*, de Augusto Boal

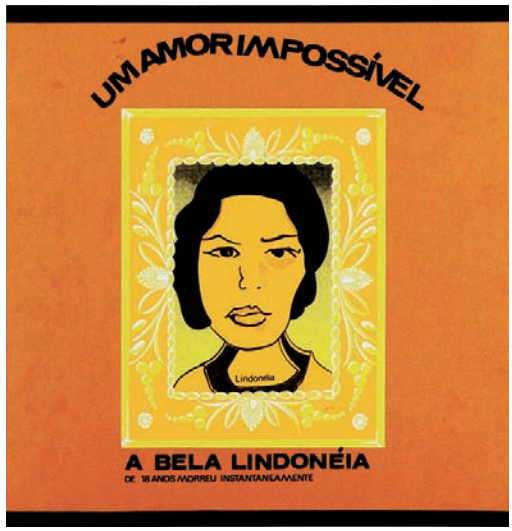
Já o baiano Glauber Rocha deu sua contribuição cinematográfica à análise do golpe militar em *Terra em Transe*. No elenco, Jardel Filho, Paulo Autran, Glauce Rocha e José Lewgoy. Na trama, um jornalista idealista se alia a um líder político conservador e vive um romance com uma ativista de esquerda. Muito delírio visual e uma famosa citação de versos do poeta Mário Faustino: "A que serve a sua morte? Ao triunfo da beleza e da justiça".

O teatro entrou em cena com *Morte e Vida Severina*, um poema dramático de João Cabral de Melo Neto com música de Chico Buarque. Um migrante nordestino luta para sobreviver em meio à miséria, e sua saga reproduz a história do nascimento de Cristo. Produzido pelo Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Tuca), tornou-se um clássico montado muitas vezes nos palcos brasileiros e foi premiado no Festival de Teatro Universitário de Nancy, na França.

Essa cova em que estás com palmos
[medida
É a cota menor que tiraste em vida
É de bom tamanho, nem largo, nem
[fundo,
É a parte que te cabe deste latifúndio
Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida

Morte e Vida Severina
(João Cabral de Melo Neto e Chico Buarque)

Nas artes plásticas, surgiu uma produção heterogênea, que fugia das categorias tradicionais de pintura e escultura. Na chamada Nova Figuração, os trabalhos de Antônio Dias conjugam imagens da crônica policial e ícones de seu imaginário em um tipo de denúncia à violência ligada à ditadura vigente. Rubens Gerchman, com a obra *Lindoneia, a Gioconda do Subúrbio* (1966), inspirou a canção *Lindoneia*, de Cateano Veloso e Gilberto Gil, que descreve o retrato da moça emoldurado por um espelho, com entalhes de motivos florais, como nos antigos porta-retratos de casamentos.



18. *Lindoneia, a Gioconda do Subúrbio*, de Rubens Gerchman. Acrílica, vidro bisotê e colagem sobre madeira

Também marcaram a década de 1960 o trabalho de teor político do pintor Carlos Zílio e a vanguarda de Hélio Oiticica, ao propor uma espécie de intervenção social com seus *Parangolés*. Espécies de capas, bandeiras ou tendas, os *Parangolés* são peças executadas com materiais variados (tecido, borracha, tinta, papel, plástico, corda, palha, fotografia) que ganham forma e movimento a partir do momento em que são vestidas pelas pessoas – estas integrantes, então, da própria estrutura do trabalho.

19. O artista plástico Hélio Oiticica em seu ateliê no bairro do Jardim Botânico

A era dos festivais

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte
Num reino que não tem rei

Disparada
(Geraldo Vandré e Theo)

De repente, um fenômeno novo sacudiu a vida nacional, e as disputas musicais passaram a empolgar tanto quanto uma partida de final de Copa do Mundo. Cantores e compositores defendiam suas canções como um goleiro tenta agarrar um pênalti. Nas ruas, nos botequins, nas escolas e nas repartições, só se falava em música. Motorista, passageiro, aluno, professor, dona de casa, empregada, gari, jornaleiro, doutor: todo o mundo tinha seu palpite.

Começava a era dos festivais da canção, que teve sua época áurea de 1965 a 1972. Dúzias de festivais foram realizadas em todo o país, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Uma constelação de compositores e intérpretes surgiu nos céus da MPB. Junto com o intimismo "banquinho e violão" da bossa nova, ecoaram canções apoteóticas, as chamadas músicas de festival.

O Primeiro Festival da TV Excelsior, em 1965, foi vencido por *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, interpretada por Elis Regina. O Segundo Festival da MPB da TV Record, em 1966, terminou com um inusitado empate técnico entre *A Banda*, de Chico Buarque de Hollanda, cantada por Nara Leão, e *A Disparada*, de Geraldo Vandré, por Jair Rodrigues. Chico apostava no lirismo de versos como "Estava à toa na vida meu amor me chamou/ pra ver a banda passar cantando coisas de

amor". Já Vandré atacava firme com estas imagens: "Mas o mundo foi rodando/ Nas patas do meu cavalo/ E já que um dia montei/ Agora sou cavaleiro/ Laço firme e braço forte/ Num reino que não tem rei".

20. Elis Regina, a Pimentinha que veio do Sul

Os jovens queriam ser cavaleiros e se livrar do reinado militar. E as torcidas e vaias se multiplicavam, com estudantes indo em grupos para os teatros e estádios onde os festivais aconteciam. A empolgação era tanta que surgiu a expressão "esquerda festiva" para designar quem insistia em fazer política em festivais e eventos culturais.

Passeatas & passeatas

Caminhando contra o vento
Sem lenço nem documento
No céu de quase dezembro eu vou

Alegria, Alegria
(Caetano Veloso)

As passeatas estudantis ampliavam o espaço da oposição. E como a música estava de mãos dadas com as manifestações políticas, aconteceu até uma passeata contra o uso das guitarras elétricas na MPB. Foi no Centro de São Paulo, e, entre as presenças ilustres, estavam Elis Regina, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Jair Rodrigues e Gilberto Gil.

21. Gil e a guitarra que revolucionou a música brasileira

Mais tarde, o próprio Gilberto Gil seria um pioneiro no uso de guitarras elétricas em suas músicas. Enquanto isso, Caetano Veloso defendia uma arte não atrelada politicamente, aberta a múltiplas influências e antenada com as novas tendências do cenário mundial. O bonde da história acelerou sua marcha, e o Brasil e seus músicos embarcaram nele.

Para usar em sala de aula

- Pedir a seus alunos que pesquisem sobre as diferenças entre golpe de Estado e revolução e encontrem exemplos fora do Brasil.
- O período 1965/1968 foi muito fértil em canções populares. Sua turma pode listar três músicas dessa época não mencionadas neste capítulo.
- Sugerir aos alunos procurar nas locadoras o filme *Uma Noite em 67*, dirigido por Renato Terra e Ricardo Calil, e dizer em que trecho estão mais evidentes as relações da política com a música.

Para saber mais

Músicas

Roda (Gilberto Gil e João Augusto). CD – Gilberto Gil – Eu Vim da Bahia – BMG, 2002.

Canção do Subdesenvolvido (Carlos Lyra e Chico de Assis). CD – Carlos Lyra – A Música Brasileira Deste Século por Seus Autores e Intérpretes – Sesc SP, 2000.

Marcha de Quarta-Feira de Cinzas (Carlos Lyra e Vinicius de Moraes). CD – Carlos Lyra – Mestres da MPB – Carlos Lyra – WEA, 1994.

Opinião (Zé Kéti). CD – Nara Leão, João do Vale e Zé Kéti – Show Opinião – Polygram/ Philips, 1994.

Arrastão (Edu Lobo e Vinicius de Moraes). CD – A Era dos Festivais – 28 Canções que Marcaram uma Época da MPB – Universal Music, 2003.

Roda Viva (Chico Buarque). CD – Chico Buarque – Chico Buarque de Hollanda – Volume 3 1968 – RGE/Som Livre, 2006.

Ponteio (Edu Lobo e Capinam). CD – Quarteto Novo – Quarteto Novo 1967 – EMI, 2002.

Superbacana (Caetano Veloso). CD – Caetano Veloso – Caetano Veloso 1968 – Polygram/ Philips, 1990.

Filmes

O Assalto ao Trem Pagador. Brasil, 1962. Direção: Roberto Farias. Distribuição: Fama Filmes. Duração: 102 min.

Cabra Marcado para Morrer. Brasil, 1984. Direção: Eduardo Coutinho. Distribuição: Globo Vídeo. Duração: 119 min.

Deus e o Diabo na Terra do Sol. Brasil, 1964. Direção: Glauber Rocha. Distribuição: Versátil. Duração: 125 min.

Jango. Brasil, 1984. Direção: Sílvio Tendler. Distribuição: Caliban Produções Cinematográficas. Duração: 117 min.

Uma Noite em 67. Brasil, 2010. Direção: Renato Terra e Ricardo Calil. Distribuição: Videofilmes. Duração: 93 min.

Tempo de Resistência. Brasil, 2004. Direção: André Ristum. Distribuição: Versátil. Duração: 115 min.

Livros

CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Celina (org.). *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

CHIAVENATO, Julio José. *O Golpe de 64 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Moderna Editora, 2004.

DREIFUSS, René Armand. *1964 – A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2006.

DUARTE, Paulo Sérgio; NAVES, Santuza Cambraia (org.) *Do Samba-Canção à Tropicália*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Faperj, 2003.

_____. *Anos 60: Transformações da Arte no Brasil*. Rio de Janeiro: Lech, 1998.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *Jango. As Múltiplas Faces*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2007.

FICO, Carlos. *O Regime Militar no Brasil (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Saraiva Editora, 2011.

_____. *Além do Golpe:* Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. *Reinventando o Otimismo*. Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FIUZA, Alexandre Felipe. *A Canção Popular e a Ditadura Militar no Brasil*. Curitiba (PR): Aos Quatro Ventos, 2003.

FROTA, Silvio. *Ideais Traídos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Coleção *As Ilusões Armadas*, v. 1.)

LIRA NETO. C*astelo – A Marcha para a Ditadura*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimeto Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968*. Campinas (SP): Papirus, 1987.

MELLO, Zuza Homem de. *A Era dos Festivais – Uma Parábola*. São Paulo: Editora 34, 2003.

REIS, Daniel Aarão. *O Golpe e a Ditadura Militar 40 Anos Depois*. Bauru (SP): Edusc, 2004.

_____. *Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil*: Repressão e Pretensão de Legitimidade (1964-1984). Londrina (PR): UEL, 2001.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. In: *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Websites

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)
http://cpdoc.fgv.br

Dossiê *Jango* no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/apresentacao

Grupo de Estudos sobre a Ditadura
http://www.gedm.ifcs.ufrj.br

Memórias Reveladas – Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985)
http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home

Tempo Glauber
http://www.tempoglauber.com.br

Tropicália

1

Sinopse

O ano de 1968 foi um dos mais intensos na história do século XX; uma rebelião começou na França e se espalhou por muitos países; no Brasil, o movimento estudantil; a Passeata dos Cem Mil: artistas e jovens nas ruas de mãos dadas; o nascimento do Tropicalismo, o movimento que queria acabar com todos os outros movimentos; o sonho parecia ter acabado, mas continuou.

O poder jovem

Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estátuas, as estantes
As vidraças, louças
Livros, sim.
E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo: É!
Proibido proibir

É Proibido Proibir
(Caetano Veloso)

Aconteceu de tudo em 1968, um ano que marcou a história do Brasil e de todo o planeta. A rebeldia que vinha crescendo ao longo dos anos 1960 atingiu seu ponto máximo. O mundo industrializado passava por um período de prosperidade e crescimento econômico, mas os jovens se queixavam de viver em uma sociedade autoritária e injusta. Insatisfeitos com o que herdaram dos adultos, exigiam mudanças políticas, éticas, sociais e de comportamento.

2. Maio de 1968. Manifestações de estudantes em Paris

Nas ruas, nos bares, nas escolas; em livros, jornais, panfletos, músicas e filmes, uma mensagem de contestação se espalhava em muitas direções. Mais uma vez, as canções se entrelaçaram com a política, e no Brasil surgiu um movimento tão original quanto rebelde: o Tropicalismo (também conhecido como Tropicália ou Movimento Tropicalista), um produto típico de 1968, na medida em que buscava as origens estéticas e ideológicas do nosso país colonizado, colorido e sensual e partia delas para construir uma grande rede com a música, as artes visuais, o cinema e o teatro.

3. Rebelião estudantil na Alemanha

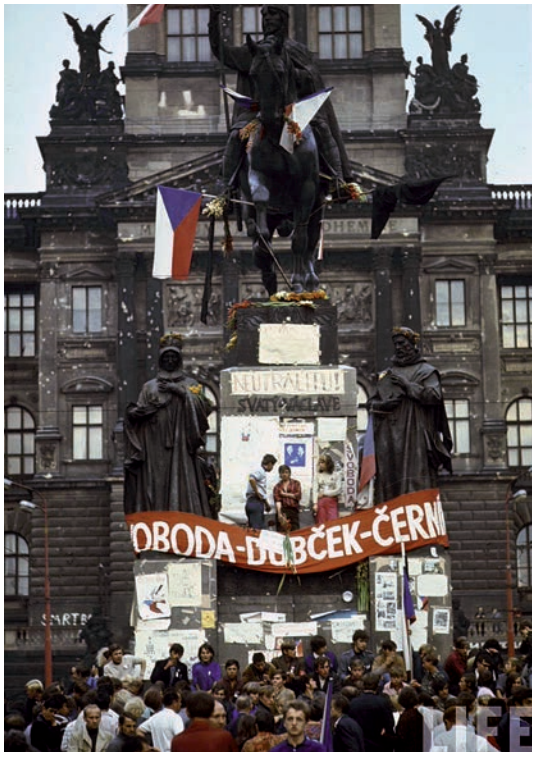
Assim aconteceu com o movimento de 1968, que atingiu igualmente países do norte e do sul do hemisfério. Uma inesperada rebelião estudantil contagiou França, Alemanha e Itália e, depois, grande parte do restante da Europa.

De repente, alguém escreveu em um muro de Paris: "Seja realista, exija o impossível". Estava dada a partida para contestar todas as proibições. Tudo começou na Universidade de Nanterre, onde moças e rapazes, entre outras reivindicações, queriam o direito de partilhar os mesmos alojamentos.

E, em menos de um mês, dez milhões de operários franceses estavam em greve, estudantes e trabalhadores ocuparam as principais ruas da capital em protesto contra o governo, picharam muros e se defenderam da violenta repressão policial com pedras,

paralelepípedos e frases como “Uma barricada fecha a rua, mas abre um caminho”. Os protestos chegaram até o Festival de Cannes, onde os diretores de cinema Jean-Luc Godard e Carlos Saura, além da atriz Geraldine Chaplin, se penduraram na cortina, impedindo o início da sessão e levando ao cancelamento do festival.

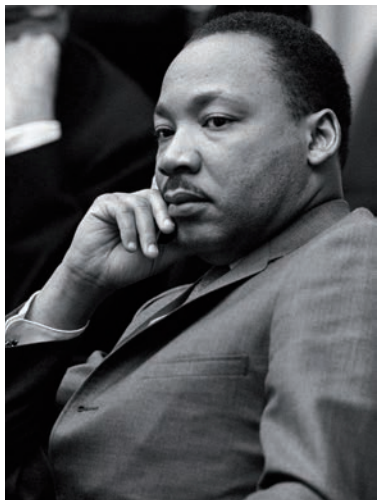
Em janeiro de 1968, Alexander Dubcek chegou ao poder na Tchecoslováquia disposto a descentralizar a economia, democratizar a política e os meios de comunicação e criar um socialismo com face humana. Os tchecos lutavam contra a repressão da polícia política, a burocracia do marxismo oficial e o domínio soviético. Foi a Primavera de Praga, que teve vida curta, mas mobilizou uma ampla parcela da população em torno do poético slogan: “Liberdade e esperança”.



4. Na Tchecoslováquia, a Primavera de Praga

No México, a revolta estudantil sofreu a reação mais violenta. A força de segurança do Exército, criada e treinada para garantir a realização das Olimpíadas no país, matou cerca de 300 pessoas no Centro da Cidade do México. E, pela primeira vez na história das Olimpíadas, atletas americanos negros se manifestaram contra o racismo nos Estados Unidos.

A revolta negra



5. O americano Martin Luther King, líder negro religioso

Hoje cedo na Rua do Ouvidor
quantos brancos horríveis eu vi
eu quero esse homem de cor
um Deus Negro do Congo ou daqui

Black Is Beautiful
(Marcos e Paulo Sérgio Valle)

Líder negro religioso americano que se notabilizou pela luta em favor dos direitos civis, Martin Luther King Jr. havia acabado de escrever um sermão em que dizia: “Cheguei ao topo da montanha e vi a terra prometida. Talvez eu não chegue lá com vocês. Mas quero que saibam que nós, como um povo, chegaremos à terra prometida”.

Ele conversava com seu colega Jesse Jackson, na sacada de um hotel em Memphis, quando foi atingido por um tiro de fuzil.

Seu assassinato provocou protestos em mais de cem cidades, mas não foi o único acontecimento impactante de 1968 nos Estados Unidos.

Durante todo o ano, pacifistas, hippies, militantes do grupo Panteras Negras, feministas, homossexuais, militaristas, republicanos e democratas soltaram a voz nas ruas e praças. Os maiores protestos foram contra o conflito no Vietnã, um pequeno país de economia agrária em guerra com a maior potência do planeta. A opinião pública questionava o recrutamento obrigatório para o serviço militar de jovens que, aos 18 anos, não tinham o direito de votar, mas já eram convocados, sendo que muitos morriam ou voltavam do confronto mutilados.

6. Cartaz de reapresentação do musical *Hair*

Um dos maiores sucessos dessa época foi o musical *Hair*, em que alguns personagens rasgavam o título de eleitor e se recusavam a ir à guerra. Em 1968, esse gesto foi feito por milhares de jovens americanos, que protestaram, também, contra a repressão sexual e as injustiças sociais.

O argentino Ernesto Che Guevara, morto pelos militares da Bolívia quando tentava implantar uma guerrilha à moda cubana naquele país, transformou-se em ídolo para os jovens da Europa e das Américas. Em cartazes e camisetas, sua foto vinha acompanhada da legenda: "*Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás*" ("Tem que endurecer, mas sem perder a ternura jamais").

7. Joan Baez e Bob Dylan: rock com sotaque *country*

Em um mundo no qual a globalização avançava, as palavras de ordem se espalhavam com rapidez. "*Black is beautiful*" ("negro é bonito"), diziam os negros com suas cabeleiras afro. Os acordes do rock faziam as delícias dos jovens, e artistas como os americanos Bob Dylan e Joan Baez, além dos ingleses do Rolling Stones, viraram ídolos e venderam milhares de discos.

Os Beatles gravaram a canção *Revolution*, e os Rolling Stones, sua primeira música política: *Street Fighting Man* (*Lutador de Rua*), cuja letra teria sido escrita por Mick Jagger depois de participar de uma manifestação contra a Guerra do Vietnã em frente à embaixada americana em Londres.

"*Make love, not war*" ("Faça amor, não a guerra"), pregavam os pacifistas. No Brasil, jovens interessados em lutar contra a ditadura militar que se instalara no país em 1964 e, ao mesmo tempo, conquistar a liberdade sexual mudaram a frase para "*Make love in war*" ("Faça amor na guerra").

Brasileiros nas ruas

Eu vou levando a minha vida enfim
Cantando e canto sim
E não cantava se não fosse assim
Levando pra quem me ouvir
Certezas e esperanças pra trocar
Por dores e tristezas que bem sei
Um dia ainda vão findar
Um dia que vem vindo
E que eu vivo pra cantar
Na avenida girando estandarte na mão
Pra anunciar

Porta Estandarte
(Geraldo Vandré)

Em meados dos anos 1960, o movimento estudantil esteve na vanguarda política. Suas propostas eram conseguir que o ensino público de qualidade atingisse a maioria da população e lutar contra a ditadura militar que governava o país desde 1964.

Mas os jovens também criticavam suas famílias, que consideravam autoritárias, questionavam a convivência com as direções das escolas e das universidades e, finalmente, propunham reformular o papel desempenhado pelas empresas e as próprias relações trabalhistas em uma sociedade de consumo em que a prosperidade econômica era usufruída apenas por uma pequena parte dos brasileiros.

No final da tarde de 28 de março de 1968, poucas pessoas comiam no restaurante Calabouço, no Centro do Rio de Janeiro, que concentrava alunos de baixa renda e entidades que representavam secundaristas e universitários. Soldados do Batalhão Motorizado da Polícia Militar cercaram o restaurante e entraram usando cassetetes e atirando com metralhadora.

8. A classe artística protesta na Cinelândia contra a censura

Um tiro atingiu o peito do estudante Edson Luís de Lima Souto, que não resistiu aos ferimentos. Seus colegas levaram o corpo para a Assembleia Legislativa, onde foi velado até o dia seguinte. "Podia ser seu filho!", gritavam rapazes e moças. Uma greve estudantil foi convocada, os teatros suspenderam os espetáculos, e os espectadores aplaudiram. Cerca de 60 mil pessoas seguiram o enterro até o cemitério de São João Batista.

Em junho, uma concentração estudantil na Praia Vermelha, na Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve também a presença da polícia, que prendeu e fez deitar no chão, com armas apontadas para suas cabeças, cerca de 400 estudantes no clube do Botafogo de Futebol e Regatas.

No dia seguinte, aconteceu a sexta-feira sangrenta: um protesto de estudantes contra algumas reformas anunciadas pelo ministro da Educação, Tarso Dutra, levou a um confronto entre policiais militares e secundaristas que terminou com a morte de um jovem. A imprensa descreveu os acontecimentos como batalha campal e insurreição popular. No mesmo dia, a polícia invadiu a Universidade de Brasília.

Aconteceram manifestações em várias capitais do país; no Centro do Rio, em 26 de junho, houve uma grande passeata, a maior delas, a Passeata dos Cem Mil. Começou com um discurso do líder estudantil Vladimir

Palmeira, que, diante da embaixada americana, ao ouvir os gritos de "quebra, quebra", disse: "Ninguém vai quebrar. Viemos aqui para mostrar que não temos medo".

9. Vladimir Palmeira discursa em manifestação antigoverno

No meio da multidão, presenças ilustres, como os músicos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Edu Lobo, Nana Caymmi, os atores Paulo Autran e Tônia Carrero, o diretor teatral José Celso Martinez Corrêa e o escritor Antonio Callado. De pé no meio da rua, Caetano cruzava uma perna sobre a outra, um gesto típico do Movimento Tropicalista, que começava a ser gerado.

10. Artistas e intelectuais na Passeata dos Cem Mil

A festa dos festivais

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pra Não Dizer que Não Falei de Flores
(Geraldo Vandré)

11. Edu Lobo vence o Festival da Record de 1967

Embora juntos nas passeatas e na música, artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo, Geraldo Vandré e Sérgio Ricardo começaram a trilhar caminhos diferentes. Os festivais da canção, muito populares em toda a década de 1960, tinham classificações e prêmios em dinheiro.

Se por um lado estimulavam a competição, por outro permitiam a difusão de uma grande variedade de gêneros, do baião ao rock, passando pelo samba e pelas chamadas canções de protesto, estas sim as preferidas dos estudantes, que iam para os teatros e estádios em grupos e com torcidas organizadas. Inaugurou-se o poder das vaias. Ovos e tomates chegaram a ser jogados em artistas e jurados.

O Terceiro Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, em São Paulo, no ano de 1967, deu o primeiro lugar a *Ponteio*, de Edu

Lobo e Capinam; o segundo, a *Domingo no Parque*, de Gilberto Gil; o terceiro, a *Roda Viva*, de Chico Buarque de Hollanda; o quarto, a *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso.

Guitarras elétricas pontuavam as canções de Caetano e Gil, e a imagem mais forte ficou por conta de Sérgio Ricardo, que, desclassificado e vaiado com a música *Beto Bom de Bola*, quebrou o violão e o jogou na plateia, dizendo: "Isso é o Brasil subdesenvolvido! Vocês são uns animais!". *Domingo no Parque*, com sua letra cinematográfica, e *Alegria, Alegria*, uma marchinha diferente das demais, são consideradas as primeiras músicas tropicalistas.

12. Vandré canta *Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*

Sabiá, lírica composição de Tom Jobim e Chico Buarque, venceu o Terceiro Festival Internacional da Canção, em 1968, no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. Na semifinal, Cynara e Cybele entraram no palco e duas sabiás voaram pelo estádio: um momento de empolgação. Mas, na disputa final, a dupla de cantoras foi muito vaiada: parte da plateia preferiu *Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*, de Geraldo Vandré, também conhecida como *Caminhando*.

Antes, no mesmo festival, na semifinal em São Paulo, que definiria quem iria para a final nacional, no Rio, o desabafo ficou por conta de Caetano Veloso. Cantando com Os Mutantes, vestidos de maneira psicodélica, plantou bananeira durante a apresentação da sua *É Proibido Proibir* e, no meio das vaias, fez um discurso que ficou famoso: "Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, um tipo de música que não teriam coragem de aplaudir no ano passado? (...) Vocês estão por fora! Vocês não dão para entender. (...) Mas eu e Gil já abrimos o caminho. O que é que vocês querem? Eu vim aqui para acabar com isso! (...) Eu quero dizer ao júri: me desclassifique. Eu não tenho nada a ver com isso".

Abram alas para o Tropicalismo!

Um poeta desfolha a bandeira
E eu me sinto melhor colorido
Pego um jato, viajo, arrebento
Com o roteiro do sexto sentido
Voz do morro, pilão de concreto,
Tropicália, bananas ao vento
Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

Geleia Geral
(Gilberto Gil e Torquato Neto)

13. Os Mutantes agitam os festivais de música

Na abertura de caminhos que se seguiu, Caetano e Gil lideraram o ramo musical do Tropicalismo, um movimento que tinha, entre suas propostas, a de derrubar fronteiras entre as diferentes artes e linguagens. Isso significou juntar como passageiros do mesmo barco o concretismo dos poetas paulistas Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari; a música erudita de vanguarda do compositor alemão Karlheinz Stockhausen, que influenciou o maestro Rogério Duprat, um dos arranjadores do Tropicalismo; o psicodelismo internacional dos americanos Jimi Hendrix e Janis Joplin; e as origens ditas cafonas da estética brasileira, que iam de Carmen Miranda ao sentimental Vicente Celestino.

O Tropicalismo se apropriou de elementos da cultura iconográfica pop e dos objetos do cotidiano: bandeiras e estandartes em cores vivas, bananeiras, araras coloridas e um pinguim em cima da geladeira.

A canção de protesto, que teve uma de suas origens nos Centros de Cultura Popular da UNE no início da década de 1960, também se propunha a romper com o elitismo na arte, mas foi a Tropicália que conseguiu fazê-lo, graças ao uso inteligente dos meios de comunicação da sociedade de massa: jornais, rádio e televisão. Os músicos tropicalistas chegaram a ter um programa semanal na TV Tupi chamado *Divino Maravilhoso*.

14. A Tropicália musical e alguns de seus ícones

Penetrar na obra de arte

O Movimento Tropicalista foi batizado a partir do *Penetrável Tropicália* de Hélio Oiticica, exposto no Museu de Arte Moderna do Rio, na mostra *Nova Objetividade Brasileira*, que reuniu as novas tendências dos artistas plásticos da época.

15. Exposição *Tropicália*, em Londres, 1969

No texto de apresentação, Oiticica homenageou o escritor Oswald de Andrade, um dos líderes da Semana de Arte Moderna de 1922 e um dos teóricos da antropofagia, movimento que pretendia "engolir" todas as influências para criar uma estética nova. Diz o texto: "Somos um povo à procura de uma caracterização cultural, o que nos diferencia do europeu, com seu peso cultural milenar, e do americano do norte, com suas solicitações superprodutivas (...). Aqui, subdesenvolvimento social significa culturalmente a procura de uma caracterização nacional, ou seja, nossa vontade construtiva (...). A antropofagia seria a defesa que possuímos contra tal domínio exterior e a principal arma criativa, essa vontade construtiva, o que não impediu toda uma espécie de colonialismo cultural, que de modo objetivo queremos hoje abolir".

O trabalho de Hélio Oiticica era um ambiente onde o público podia entrar e foi criado a partir de suas experiências com o samba e a arquitetura das favelas cariocas. Segundo

ele, entrar no *Penetrável* significava caminhar "dobrando pelas 'quebradas' do morro, ou estar pisando na terra outra vez". No fim do labirinto, um receptor de TV estava sempre ligado: "é a imagem que devora então o participador, pois é ela mais ativa que o seu criar sensorial", na visão de seu autor.

Aliás, a participação do espectador era comum a muitas das artes visuais, que desejavam ultrapassar o território fechado de museus e galerias e ganhar as ruas, promovendo uma aproximação entre arte e vida.

Os artistas plásticos Flávio Mota e Nelson Leirner, impedidos pelos fiscais da Prefeitura de São Paulo de exibir bandeiras projetadas para um evento visual de rua, convocaram vários artistas para um *happening* na Praça General Osório, zona sul do Rio.

Com o auxílio luxuoso da Banda de Ipanema e de passistas da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, o evento reuniu veteranos como Carlos Scliar e Glauco Rodrigues e jovens como Carlos Vergara e Claudio Tozzi, que criou a bandeira "Guevara, vivo ou morto". Oiticica mostrou o trabalho *Seja Marginal, Seja Herói*, em homenagem ao bandido carioca Cara de Cavalo.

16. Detalhe do estandarte de Hélio Oiticica

E foi assim que os jovens da época entraram em contato com os *happenings*, termo usado na Europa e nos Estados Unidos para designar uma forma de arte que combina artes visuais e um tipo de teatro improvisado, sem texto ou representação, que se dá em tempo real, em contextos variados como ruas e lojas vazias. O objetivo é fazer com que o espectador participe da "cena" proposta, de modo a anular a separação entre público e espetáculo, rompendo deliberadamente as fronteiras entre arte e vida.

O disco pioneiro

17. Álbum que marcou o movimento tropicalista na música

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país

Tropicália
(Caetano Veloso)

Como tudo acontecia ao mesmo tempo em uma época que sonhava com a imaginação no poder, em São Paulo, ainda em 1968, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Os Mutantes, Tom Zé,

Capinam, Torquato Neto, Gal Costa, Rogério Duprat e Nara Leão entraram no estúdio para gravar o disco *Panis et Circencis*, ou simplesmente *Tropicália*.

O disco fez sucesso e ajudou a abrir espaço para os tropicalistas. Caetano e Gil se apresentavam no *Programa do Chacrinha* (outro ídolo do movimento) e diziam frases de efeito, como esta de Gil: "O mundo de hoje é muito pequeno. Não há razões para regionalismos". O maestro Rogério Duprat impressionava a plateia afirmando: "A música acabou". Já o poeta Torquato Neto acrescentava: "O Tropicalismo é brasileiro, mas é muito pop". E o iconoclasta Tom Zé, músico baiano radicado em São Paulo, completava: "É somente requentar e usar porque é *made*, *made*, *made in Brazil*".

A cena e o cinema tropicais

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

Roda Viva
(Chico Buarque)

18. Cena de *O Rei da Vela*, de José Celso Martinez Corrêa

O teatro foi buscar em Oswald de Andrade a inspiração para sua encenação de maior impacto: a peça *Rei da Vela*, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, com o Grupo Oficina. Misturando elementos da cultura popular, como o circo e o rádio, com uma estética de vanguarda, o espetáculo rompia com as limitações físicas do palco italiano tradicional e criticava nossa elite, denunciando a manipulação que ela fazia historicamente do povo brasileiro. Os estudantes contestadores adoraram, e a peça ficou meses em cartaz.

19. Cena de *Roda Viva*, de Chico Buarque de Hollanda

Foi também de José Celso outro espetáculo que marcou a cena em 1968: *Roda Viva*, com música de Chico Buarque, que questionava o uso pelo sistema dos ídolos que ele próprio construía. Em cena, o artista que vende sua alma para ter fama na televisão e depois é jogado fora.

O Cinema Novo também aderiu ao Tropicalismo. O filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, um balanço crítico do período posterior ao golpe militar de 1964, foi um marco na estética do movimento. Caetano Veloso se inspirou nessa obra para compor a letra da canção *Tropicália*, a mais característica da nova tendência.

Macunaíma, de Joaquim Pedro de Andrade, foi outro sucesso do cinema tropicalista. Na trilha sonora, canções de Jards Macalé e Heitor Villa-Lobos. Inspirado no romance

modernista de Mário de Andrade, o filme começa com o parto do anti-herói vivido por Grande Otelo, tão preguiçoso que levou seis anos para começar a falar. O personagem foi visto como um símbolo do nosso povo, que usa sua criatividade (e o famoso jeitinho brasileiro) para sobreviver na selva das cidades e enfrentar os gigantes da burguesia e do imperialismo norte-americano.

20. Cena do filme *Macunaíma*, com Grande Otelo

O fim do sonho

O sonho acabou
Quem não dormiu no sleeping bag
Nem sequer sonhou...

O Sonho Acabou
(Gilberto Gil)

A empolgação de 1968 teve também o seu contrário. No segundo semestre, na França, a polícia retomou a Universidade de Sorbonne, ocupada pelos estudantes; na Tchecoslováquia, tanques soviéticos acabaram com a Primavera de Praga. No Brasil, policiais prenderam mais de mil estudantes em Ibiúna, no interior de São Paulo, quando realizavam um congresso clandestino da então extinta União Nacional dos Estudantes.

No Congresso Nacional, o deputado Marcio Moreira Alves fez um discurso que propunha à população boicotar as comemorações do 7 de Setembro, realizadas pelas Forças Armadas. Entre outras coisas, dizia que as moças deveriam se recusar a dançar nos bailes com os cadetes.

O governo do marechal Costa e Silva tentou processar o deputado, mas o Congresso recusou. Em 13 de dezembro, foi decretado o Ato Institucional número 5, que fechou o Congresso, suprimiu direitos políticos dos cidadãos, cassou mandatos de parlamentares e proibiu manifestações públicas de qualquer natureza.

21. Marcio Moreira Alves no discurso que antecedeu o AI-5

Um show provocador

Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte
Atenção para a estrofe e pro refrão
Pro palavrão, para a palavra de ordem
Atenção para o samba exaltação

Divino Maravilhoso
(Caetano Veloso)

Ainda no segundo semestre, Caetano, Gil e Os Mutantes estrearam na boate Sucata, no Rio de Janeiro, um show provocador. No cenário, duas bandeiras: em uma, se lia "*Yes*, nós temos bananas", e, na outra, "Seja herói, seja marginal", a já famosa homenagem de Hélio Oiticica ao bandido Cara de Cavalo.

Em cena, Caetano gritava "Chega de saudade", seguido de gritos e ruídos distorcidos de guitarra, dava cambalhotas e se arrastava pelo chão. Parte do público adorava, parte odiava. "Isso é uma apelação, fora, fora!", protestou uma moça, sem saber que ela fazia parte do espetáculo, já que os holofotes também se voltavam para a plateia. Um boato de que Caetano teria cantado o Hino Nacional em cena provocou a proibição do espetáculo e o fechamento da boate. Uma denúncia, algo muito comum no clima político da época, levou à prisão dos músicos baianos, que depois de soltos foram obrigados a se exilar em Londres.

22. Caetano Veloso na boate Sucata, no Rio, em 1968

O sonho continua

Muitas das paixões nascidas em 1968 e desdobradas pelo Tropicalismo continuam vivas. Hoje, estudiosos do período afirmam que estudantes, músicos e intelectuais experimentaram e ampliaram os limites dos horizontes políticos, sexuais, comportamentais e existenciais.

Meu caminho pelo mundo
Eu mesmo traço
A Bahia já me deu
Régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu
Aquele abraço!

Aquele Abraço
(Gilberto Gil)

Para o jornalista Zuenir Ventura, "essa grande aventura não foi um folhetim de capa e espada, mas um romance sem ficção. O melhor de seu legado não está no gesto – muitas vezes desesperado; em outras, autoritário – mas na paixão com que foi à luta, dando a impressão de que estava disposta a entregar a vida para não morrer de tédio".

Segundo os jornalistas Ernesto Soto e Regina Zappa, "1968 indicou a necessidade de criação de uma nova ordem mundial voltada fundamentalmente para o homem, com a implantação da igualdade entre os sexos, do respeito à vida e ao meio ambiente, do planejamento ecológico e da defesa dos direitos das minorias".

23. Capa do livro do jornalista Zuenir Ventura sobre os acontecimentos que marcaram o ano de 1968

Para usar em sala de aula

- O argentino Ernesto Che Guevara, morto na Bolívia, virou um ídolo dos jovens. A canção *Soy Loco por Ti, América*, de Gilberto Gil e Capinam, homenageia Guevara. Pedir aos alunos que analisem o trecho da letra que faz a homenagem e que discutam por que a letra foi escrita ao mesmo tempo em português e em espanhol.

- O Tropicalismo influenciou a cultura brasileira dos anos 1970 em diante, mas não durou muito. Sugerir que os alunos façam, com texto e desenhos alusivos ao movimento, um pequeno balanço dessas influências.

- Visitar com sua turma a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Jardim Botânico, cenário do filme *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade. Sugerir um trabalho que mostre por que o filme é considerado um marco do Tropicalismo.

Para saber mais

Músicas

É Proibido Proibir (Caetano Veloso). CD – Caetano Veloso – Caetano Veloso – Singles – Universal Music, 2002.

Pra Não Dizer que Não Falei de Flores (Geraldo Vandré). CD – Geraldo Vandré – Pra Não Dizer que Não Falei de Flores – RGE, 1994.

Sabiá (Tom Jobim e Chico Buarque). CD – A Era dos Festivais – 28 Canções que Marcaram uma Época da MPB – Universal Music, 2003.

Roda Viva (Chico Buarque de Hollanda). CD – Chico Buarque – Não Vai Passar, volume 3 – RGE, 1993.

Tropicália (Caetano Veloso). CD – Caetano Veloso – Caetano Veloso 1968 – Polygram/Philips, 1990.

Geleia Geral (Gilberto Gil e Torquato Neto). CD – Tropicália 30 Anos – Natasha Records, 1997.

Soy Loco por Ti, América (Gilberto Gil e Capinam). CD – Caetano Veloso – Fina Estampa ao Vivo – Polygram/Philips, 1995.

Baby (Caetano Veloso). CD – Gal Costa – Meu Nome É Gal, o Melhor de Gal Costa – Polygram, 1988.

Divino Maravilhoso (Caetano Veloso). CD – Leila Pinheiro – Songbook Gilberto Gil, volume 2 – Lumiar Discos, 1992.

Aquele Abraço (Gilberto Gil). CD – Gilberto Gil – Unplugged – WEA, 1994.

Filmes

Os Doces Bárbaros. Brasil, 1976. Direção: Jom Tob Azulay. Distribuição: Biscoito Fino. Duração: 100 min.

A Insustentável Leveza do Ser (*The Unbearable Lightness of Being*). EUA, 1988. Direção: Philip Kaufman. Distribuição: Warner Home Video. Duração: 160 min.

Macunaíma. Brasil, 1969. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Distribuição: Videofilmes. Duração: 105 min.

Uma Noite em 67. Brasil, 2010. Direção: Renato Terra e Ricardo Calil. Distribuição: Videofilmes. Duração: 93 min.

Sol – Caminhando contra o Vento. Brasil, 2006. Direção: Tetê Moraes. Distribuição: Riofilme. Duração: 90 min.

Os Sonhadores (*The Dreamers*). França/Reino Unido/Itália, 2003. Direção: Bernardo Bertolucci. Distribuição: Fox Searchlight Pictures. Duração: 115 min.

Tempo de Resistência. Brasil, 2004. Direção: André Ristum. Distribuição: Versátil. Duração: 115 min.

Terra em Transe. Brasil, 1967. Direção: Glauber Rocha. Distribuição: Difilm. Duração: 106 min.

Livros

BASUALDO, Carlos (org). *Tropicália*: Uma Revolução na Cultura Brasileira. São Paulo: Cosac & Naify.

DUARTE, Paulo Sérgio; NAVES, Santuza Cambraia (org.) *Do Samba-Canção à Tropicália*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Faperj, 2003.

FERREIRA, Jorge.; REIS, Daniel Aarão (org.). *Revolução e Democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção *As Esquerdas no Brasil*, v. 3.)

FREITAS, J. P.; FREIXO, Adriano de. *Tempo Negro, Temperatura Sufocante*: Estado e Sociedade no Brasil do AI-5. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GREEN, James Naylor. *Apesar de Vocês*: Oposição à Ditadura Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento Estudantil e Ditadura Militar*: 1964-1968. Campinas (SP): Papirus, 1987.

MELLO, Zuza Homem de. *A Era dos Festivais*: Uma Parábola. São Paulo: Grupo Pão de Açúcar: Ed. 34, 2003.

NAVES, Santuza Cambraia. *Da Bossa Nova à Tropicália*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao Grande Labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PIRES, Paulo Roberto (org.). *Torquatália*: Obra Reunida de Torquato Neto. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

REIS, Daniel Aarão. *1968*: A Paixão de uma Utopia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

VALLE, Maria Ribeiro do. *O Diálogo É a Violência*: Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas (SP): Unicamp, 1999.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VENTURA, Zuenir. *1968*: O Ano Que Não Terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

XAVIER, Ismail. *Alegorias do Subdesenvolvimento*: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. *1968: Eles Só Queriam Mudar o Mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

Websites

Itaú Cultural – Programa Hélio Oiticica
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/home/dsp_home.cfm

O AI-5
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5

http://tropicalia.com.br

Ninguém segura este país

1

Sinopse

Costa e Silva, o presidente do AI-5, não terminou o mandato; a censura tenta manter os artistas longe da política; Elis Regina, a gaúcha que conquistou o Brasil; Médici: a ditadura em seu momento mais duro; as feras do Saldanha e o tri no México; Simonal, o astro de brilho efêmero; Geisel e a abertura lenta, gradual e segura; Chico Buarque dribla os censores; Figueiredo, o último general encerra o ciclo militar.

Sai um general, entra outro

Moro num país tropical, abençoado
[por Deus
E bonito por natureza, mas que beleza
Em fevereiro, em fevereiro
Tem carnaval, tem carnaval
Tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo
Tenho uma nêga
Chamada Tereza

País Tropical
(Jorge Ben Jor)

Quando o general Castello Branco passou a presidência para o general Arthur da Costa e Silva, em 15 de março de 1967, havia expectativas de que, em breve, o país retomaria a normalidade democrática. Era mais uma esperança do que um fato, já que Costa e Silva pertencia à chamada "linha dura" dos militares, tendo sido ministro do Exército de Castello Branco e imposto sua candidatura, afastando outros oficiais mais moderados.

2. O presidente Costa e Silva, empossado em 1967

A eleição era por via indireta, e o país contava apenas com os dois partidos então criados: Arena e MDB. Eleito pelos votos da Arena, pois o MDB recusou-se a votar, Costa e Silva começou seu governo investindo em uma reforma administrativa, com medidas para combater a inflação, e ampliando o comércio exterior. No campo político, mais medidas duras: extinguiu a Frente Ampla, movimento que reunia inimigos históricos como Jango, Lacerda e Juscelino e que lutava pela redemocratização do país.

O confronto político aumentava e a violência também: em 26 de junho de 1968, um carro-bomba explodiu na entrada do quartel do II Exército, em São Paulo, em um atentado promovido pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), grupo de esquerda que combatia o governo militar. Começava uma escalada de violência para a qual ninguém estava preparado.

3. Caetano, Nana Caymmi e Gilberto Gil em passeata no Rio

No Rio de Janeiro, um protesto de estudantes no restaurante universitário conhecido como Calabouço terminou com a morte do jovem Edson Luís em confronto com a Polícia Militar. A sociedade civil reagiu unindo-se em

passeatas, sendo que uma delas levou cem mil pessoas à Avenida Rio Branco, com a participação forte de artistas, políticos, estudantes e quem mais era contra o regime militar.

No dia 13 de dezembro de 1968, uma crise no Congresso provocada por um discurso do deputado Márcio Moreira Alves era o pretexto de que Costa e Silva precisava para decretar o Ato Institucional número 5, que lhe dava poderes para fechar o Congresso, cassar mais mandatos e institucionalizar a repressão. O AI-5 só viria a ser revogado no fim do governo Ernesto Geisel, em 1978, por meio da Emenda Constitucional nº 1.

A tesoura da censura

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar

Apesar de Você
(Chico Buarque)

Um dos primeiros e mais nocivos efeitos de um regime fechado é a censura aos meios de comunicação, que ficam proibidos de veicular determinadas notícias. Logo em seguida, o alvo são os artistas, que se veem obrigados a submeter suas obras a censores que determinarão se elas podem ou não ser exibidas. Esse era o quadro em 1969, justamente no período em que as artes no Brasil viviam uma fase de grande criatividade, impulsionadas pelos acontecimentos internos e de outros países.

Assim foi com o teatro, o cinema, a televisão, os jornais, a música, as artes plásticas. Tudo o que era produzido no Brasil tinha que passar, antes, pelo crivo dos censores. Uma geração de compositores foi submetida à censura, mas não só os compositores: também os intérpretes estavam sendo vigiados de perto, para que não propagassem mensagens que desagradassem às autoridades.

4. Capa de exemplar da revista *Realidade* de 1966

Apesar de tudo, grandes nomes de nossa música se consolidaram durante essa época. A era dos festivais, como ficou conhecido o período de 1965 até 1972, teve grande parte de seu brilho sob o olhar feroz da censura, e mesmo assim conseguiu produzir canções e lançar artistas importantes. Muitas vezes os compositores usaram de sua imaginação para tocar em temas polêmicos, desafiando os censores, que nem sempre percebiam a intenção por trás das letras de suas músicas.

Os grandes intérpretes também tiveram um papel decisivo nesse processo, ainda que colocando em risco suas carreiras. Neste capítulo, vamos conhecer a história de dois grandes ídolos que marcaram seu tempo com interpretações inesquecíveis e polêmicas: Elis Regina e Wilson Simonal.

A pimentinha gaúcha

Nos dias de hoje é bom que se proteja
Ofereça a face pra quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranquilo
Haja o que houver pense nos seus filhos
Não ande nos bares, esqueça os amigos
Não pare nas praças, não corra perigo
Não fale do medo que temos da vida
Não ponha o dedo na nossa ferida

Cartomante
(Ivan Lins e Vitor Martins)

5. Álbum *Dois na Bossa*, recorde de vendas em 1965

Elis Regina (1945-1982), que nasceu em Porto Alegre mas cedo se mudou para São Paulo, é considerada por alguns críticos e historiadores de nossa música a melhor intérprete brasileira de todos os tempos. Alcançou o sucesso em 1965, no Festival da TV Excelsior, interpretando *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes. Seu estilo, no começo da carreira, era muito dramático, claramente influenciado por uma das deusas da Era do Rádio, Ângela Maria. Elis foi a primeira artista brasileira a vender um milhão de discos, com o LP *Dois na Bossa*, em que ela e o cantor Jair Rodrigues encantaram o país, com um repertório dos melhores, interpretado com muito balanço e bom humor. O disco inclui um *pot-pourri* (arranjo em que trechos de várias músicas se sucedem) que até hoje emociona quem escuta e que foi executado por muitos outros artistas.

6. Elis Regina, técnica e interpretação que marcaram a MPB

Dona de uma técnica vocal invejável, Elis projetou alguns dos maiores compositores de nossa música: Milton Nascimento, Ivan Lins, João Bosco, Aldir Blanc, Renato Teixeira. Para ela, não havia um gênero único. Cantou bossa nova, samba, rock, jazz, e algumas de suas interpretações tornaram-se marca registrada, como *Madalena* (Ivan Lins e Ronaldo Monteiro de Souza), *Como Nossos Pais* (Belchior), *O Bêbado e a Equilibrista* (João Bosco e Aldir Blanc), *Querelas do Brasil* (Mauricio Tapajós e Aldir Blanc) e *Águas de Março* (Antonio Carlos Jobim), entre tantas outras.

Elis Regina foi a primeira grande estrela brasileira da era pós-rádio e soube usar, com maestria, todos os seus recursos cênicos para se

tornar a grande dama da era da TV, seja em apresentações ao vivo, seja em clipes muito bem produzidos, que podem ser revistos hoje em dia no YouTube. Sua morte, em 1982, aos 36 anos, emocionou o Brasil.

Brasil, ame-o ou deixe-o

> *Eu te amo, meu Brasil, eu te amo*
> *Meu coração é verde, amarelo, branco,*
> *[azul anil*
> *Eu te amo, meu Brasil, eu te amo*
> *Ninguém segura a juventude do Brasil*
>
> **Eu Te Amo, Meu Brasil**
> (Don e Ravel)

Com a doença do presidente Costa e Silva, mais uma vez as regras foram quebradas: no lugar de seu vice, Pedro Aleixo, quem assumiu o poder foi uma junta militar formada pelos ministros do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Durante um mês, a junta fez consultas aos generais para saber quem deveria ser indicado ao posto. A escolha caiu sobre Emílio Garrastazu Médici, que tomou posse no dia 25 de outubro de 1969, prometendo restabelecer a democracia até o final de sua gestão.

7. General Médici, presidente do Brasil entre 1969 e 1974

No campo político, o governo Médici foi responsável pela eliminação das guerrilhas de esquerda que atuavam no campo e na cidade. Mas as denúncias de tortura, morte e desaparecimentos de presos políticos que ocorreram na década de 1970 provocaram um grande embaraço para o Brasil no cenário internacional. O governo Médici também ficou marcado por um excepcional crescimento econômico, conhecido como "o milagre brasileiro". A classe média ganhou maior poder aquisitivo, impulsionando o consumo de bens duráveis e a produção de automóveis.

Médici foi o primeiro dos governantes do regime militar a investir pesadamente em propaganda, com a criação de um slogan – *Brasil, ame-o ou deixe-o* – que, na verdade, era cópia de um ditado conservador norte-americano: *Love it or leave it*. A intenção da campanha era calar qualquer crítica que se fizesse aos atos do governo.

8. Propaganda política criada pelo governo militar

9. Frase do presidente Médici sobre o próprio governo

Foram tempos, também, de ações com forte apelo publicitário, entre elas: a criação do Mobral (instituição que trabalhou na erradicação do analfabetismo), o projeto Rondon (que mobiliza universitários de diversas áreas para atuar em comunidades carentes de todo o país) e o início da construção da Estrada Transamazônica e da Ponte Rio-Niterói.

O governo Médici concedeu incentivos para a indústria e a agricultura e, por meio do Banco Nacional de Habitação, desenvolveu a construção de um grande número de casas populares. Os resultados, porém, foram decepcionantes. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, persistiam a miséria e a desigualdade social. Apesar de ter tido à época o nono Produto Interno Bruto do mundo, em desnutrição o Brasil perdia apenas para Bangladesh, Filipinas, Índia, Indonésia e Paquistão.

10. O Mobral, criado para erradicar o analfabetismo no país

11. Projeto Rondon, de integração nacional, criado no governo militar

Brasil Grande

De repente é aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Todos juntos vamos, pra frente Brasil
Salve a seleção!

Pra Frente, Brasil
(Miguel Gustavo)

Como sempre, o futebol teria um papel importante naquela década. Depois de ser vitoriosa em duas Copas do Mundo, 1958 e 1962, nossa seleção decepcionou na Inglaterra, em 1966, sendo eliminada logo na primeira fase.

Foi a última vez que Pelé e Garrincha jogaram juntos – e, para variar, o time venceu, aliás a única vitória naquela Copa: 2 x o sobre a Bulgária, com gols marcados exatamente por esses dois gênios do futebol mundial.

Para a Copa de 1970, no México, era preciso uma renovação, que começou com uma grande jogada: a contratação, em 1969, do jornalista e técnico João Saldanha para dirigir a seleção, que precisava disputar as eliminatórias. Saldanha era um personagem polêmico e malvisto pelo regime, já que não escondia de ninguém sua filiação comunista. No entanto, no que dizia respeito ao futebol, era uma voz com profunda autoridade, pois em seus inesquecíveis artigos como jornalista apontava todos os defeitos que entravavam o crescimento do esporte nacional mais amado no país.

12. A seleção tricampeã do mundo em 1970, no México

Ao ser designado como técnico da seleção, escalou "vinte e duas feras", como ele queria, e as "feras do Saldanha" caíram imediatamente no gosto popular. O time de craques deu um verdadeiro show nas eliminatórias, classificando o Brasil para a Copa. Mas sua língua afiada, seus gestos de independência e a posição contrária ao governo militar inviabilizaram sua permanência à frente da equipe. No México, quem dirigiu a seleção foi Zagallo, jogador bicampeão do mundo.

Vitoriosa, a seleção brasileira se tornou a primeira equipe a conquistar o tricampeonato, que foi cantado em verso e prosa e utilizado pelo regime como marca registrada do "Brasil Grande".

Salve a pilantragem!

Camisa verde-claro, calça Saint-Tropez
Combinando com o carango todo
[mundo vê
Ninguém sabe o duro que dei
Pra ter fon-fon, trabalhei, trabalhei!

Carango
(Nonato Buzar e Carlos Imperial)

13. Wilson Simonal, o grande *showman* dos anos 1960

Para quem gostava de música brasileira sofisticada e ao mesmo tempo divertida no jeito de cantar, com suingue e balanço, os anos 70 trouxeram um astro de primeira grandeza: Wilson Simonal ocupava o posto de cabo no Exército quando começou a cantar nos bailes do Grupo de Artilharia em 1960. Um ano depois já era vocalista de alguns conjuntos, tirando partido de sua excelente voz e de um jeito todo especial de cantar, que o jornalista Ruy Castro bem definiu: "grande voz, um senso de divisão igual aos dos melhores cantores americanos, fazendo gato e sapato do ritmo (...)".

Aproveitando muito bem as chances surgidas na TV, que já tinha tomado do rádio o primeiro lugar no coração do público brasileiro, Simonal apresentou o programa *Show em Si...monal*, pela antiga TV Record em São Paulo, de 1966 a 1967. Sempre acompanhado por excelentes músicos, como Cesar Camargo Mariano, Simonal aprimorou uma performance de *showman* que foi fundamental para o passo seguinte de sua carreira.

Em 1966, o álbum *Vou Deixar Cair* popularizou a "pilantragem", um ritmo dançante criado por Simonal, Carlos Imperial e pelo compositor Nonato Buzar, que emplacou nas paradas com os compactos *Meu Limão Meu Limoeiro* e *Mamãe Passou Açúcar em Mim*. Simonal foi o primeiro cantor negro a atingir o Olimpo das grandes estrelas no Brasil, sendo, em 1970, o maior vendedor de discos do Brasil (quase o dobro em relação a Roberto Carlos). Um fato polêmico atribuído a Simonal e, até hoje, ainda contado em diferentes versões, decretou o fim de sua carreira. Passados muitos anos, a obra desse artista vem sendo resgatada em um documentário e na reedição de seus melhores discos.

O quarto general

Meu caro amigo, eu bem queria lhe
[escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
[coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas
[crianças
O Francis aproveita pra também mandar
[lembranças
A todo o pessoal
Adeus

Meu Caro Amigo
(Chico Buarque e Francis Hime)

Ao assumir a presidência em 15 de março de 1974, o general Ernesto Geisel recebeu de presente a conta pesada do fim do "milagre brasileiro". A inflação castigava o bolso dos consumidores, enquanto a taxa de crescimento econômico despencava, agravando o desemprego.

No campo político, apesar de medidas duras contra a oposição, Geisel estava decidido a revogar o AI-5, pois já era notório, dentro e fora das Forças Armadas, o desgaste de sucessivos governos com militares no poder. Como nas eleições parlamentares daquele ano a oposição obteve importantes vitórias, Geisel ofereceu à sociedade e aos políticos uma distensão "lenta, gradual e segura".

No entanto, os oficiais da "linha dura", ligados ao esquema repressivo, ficaram insatisfeitos com a postura do presidente, e vários atos de insubordinação e terrorismo abalaram o país. As mortes na prisão do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho levaram o presidente a reagir com rapidez e determinação, demitindo o ministro do Exército, Silvio Frota, restabelecendo a hierarquia dentro da tropa.

Ernesto Geisel
1974 □ 1979

Regime do AI-5 acaba à meia-noite de hoje

Brasil denuncia Acordo Militar com EUA

Portugal dá Angola livre a angolanos

Brasil reconhece o Governo na Capital

A partir de meia-noite:

14. O *Jornal do Brasil* informa o final do AI-5

Em 31 de dezembro de 1978, foi revogado o AI-5: era o primeiro passo para a redemocratização do país. O governo Geisel deixou marcas importantes: o reatamento de relações diplomáticas com a China; o fato de o Brasil ser o primeiro país do mundo a reconhecer a independência de Angola; a assinatura do acordo nuclear com a Alemanha; e o começo do processo de utilização do álcool como combustível. Seu mandato se encerrou em 15 de março de 1979, mas ainda não seria dessa vez que o Brasil voltaria a ter um presidente eleito diretamente.

O governo contra Chico

15. Álbum de Chico Buarque com a canção *Cálice*, proibida de ser cantada em 1973

Acorda, amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
Chame, chame o ladrão, chame o ladrão

Acorda Amor
(Julinho da Adelaide, pseudônimo utilizado por Chico Buarque)

Muitos artistas tiveram suas carreiras vigiadas de perto pela censura: Geraldo Vandré, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Carlos Lyra. Mas nenhum deles sofreu um assédio tão constante quanto Chico Buarque. O jovem que conquistou o Brasil com a sua romântica e nostálgica marchinha *A Banda* endureceu o olhar à medida que o regime também endurecia.

16. *Apesar de Você*, a música emblemática contra a ditadura

Em 1969, seguindo o caminho de outros artistas, Chico decidiu sair do país para viver na Itália, retornando em 1970. Na época, sua composição *Apesar de Você*, conforme texto publicado no site do artista, "era uma resposta crítica ao regime ditatorial no qual o país ainda estava imerso". Surpreendentemente, a música passaria incólume pela censura prévia e se tornaria uma espécie de hino da resistência à ditadura. Depois de vender cerca de 100 mil cópias, a canção foi censurada e o disco, retirado das lojas.

Mudaram os presidentes, o cerco seguiu. Quando percebeu que bastava ter seu nome associado a uma música para que ela fosse censurada no todo ou em parte, Chico inventou um apelido, Julinho da Adelaide, e com ele gravou duas de suas mais irônicas composições: *Acorda Amor* e *Jorge Maravilha*.

O último general

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia

Apesar de Você
(Chico Buarque de Holanda)

17. General Figueiredo, último presidente do regime militar

Indicado para ser o sucessor de Ernesto Geisel, o general João Batista Figueiredo foi eleito indiretamente para a presidência da República com a missão de redemocratizar o país, dando continuidade à política de distensão iniciada por seu antecessor. Mas Figueiredo já assumiu tendo pela frente uma questão

espinhosa: a anistia aos presos políticos e exilados. Desde 1975 que muitos brasileiros já se organizavam em comitês em luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, e esses grupos acabaram por formar, em 1978, o Comitê Brasileiro pela Anistia, com sede na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro.

18. O Brasil vai às ruas pela anistia ampla, geral e irrestrita

Não era só a reivindicação de um grupo, mas da sociedade brasileira, que pressionava, incansavelmente, o governo. Assim, em junho de 1979, Figueiredo encaminhou ao Congresso Nacional um projeto de anistia, que, apesar do inegável avanço democrático, deixava de fora os responsáveis por atentados terroristas e incluía, entre os anistiados, os militares responsáveis pela tortura na fase mais dura do regime. Mesmo sob protestos e limitada, a lei foi sancionada em 28 de agosto de 1979.

Cerca de 4.650 brasileiros foram beneficiados pela anistia, fazendo com que retornassem ao país dois políticos que foram considerados os maiores inimigos do regime militar: os ex-governadores Leonel Brizola e Miguel Arraes. Encerrava-se, ali, um dos mais difíceis períodos de nossa história, e o Brasil pôde finalmente caminhar olhando para o futuro, mas sem jamais esquecer as lições aprendidas no passado.

Em 1980, extinguiu-se o bipartidarismo que dividia o Congresso entre Arena e MDB; novos partidos foram criados, e a democracia começou a soprar seus ventos benéficos pelo país. O governo Figueiredo enfrentou uma grave crise econômica, com a inflação disparando de 45% ao mês para 230% e com o brutal aumento de nossa dívida externa, que rompeu a marca de 100 bilhões de dólares. Em 1983, no rastro da campanha da anistia, começou outra, agora pelas eleições diretas: "Diretas Já". Os brasileiros não queriam mais que os governantes fossem escolhidos por votos indiretos e foram para as ruas exigindo que seu direito universal fosse devolvido.

19. Tancredo Neves, o presidente que não chegou a tomar posse

A proposta acabou sendo rejeitada pelo Congresso Nacional, que ainda tinha uma pequena maioria governista, mas a resposta foi contundente. Depois de uma campanha que empolgou o Brasil, o candidato oposicionista, Tancredo Neves, que tinha como vice na chapa José Sarney, bateu o candidato governista, Paulo Maluf, por 480 votos a 180. No entanto, não chegou a tomar posse. Um dia antes de receber a faixa presidencial, em 14 de março de 1985, Tancredo foi internado com fortes dores abdominais, vindo a falecer no dia 21 de abril. Àquela altura, o vice José Sarney já havia sido empossado para evitar qualquer ruptura no processo democrático e assumiu definitivamente o lugar de primeiro presidente civil desde os idos de 1964.

Para usar em sala de aula

- Pesquisar quais as diferenças básicas entre o voto direto e o voto indireto.
- Debater com os alunos a inflação: o que significa e qual o seu efeito na vida de cada um de nós?
- Henfil e Betinho: dois irmãos que tiveram papel preponderante na história recente do país. A turma pode pesquisar e escrever sobre a vida e o trabalho de cada um deles.

Para saber mais

Músicas

País Tropical (Jorge Ben Jor). CD – Wilson Simonal – Meus Momentos – EMI, 1996.

Samba de Orly (Chico Buarque, Toquinho e Vinicius de Moraes). CD – Chico Buarque – Perfil – v. 2 – Som Livre, 2010.

Acorda Amor (Chico Buarque). CD – Chico Buarque – Perfil – v. 2 – Som Livre, 2010.

Apesar de Você (Chico Buarque). CD – Chico Buarque – Chico 50 Anos – O Político – Polygram/Philips, 1994.

Cálice (Chico Buarque e Gilberto Gil). CD – Chico Buarque – Chico 50 Anos – O Político – Polygram/Philips, 1994.

Meu Caro Amigo (Chico Buarque e Francis Hime). CD – Chico Buarque – Chico 50 Anos – O Político – Polygram/Philips, 1994.

Pesadelo (Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro). CD – Joyce Moreno – Passarinho Urbano – WEA, 2003.

Revendo os Amigos (Joyce Moreno). CD – Joyce Moreno – Revendo Amigos – EMI, 1994.

O Bêbado e a Equilibrista (João Bosco e Aldir Blanc). CD – Elis Regina – Warner Music 30 Anos, 2006.

Tô Voltando (Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro). CD – O Talento de Simone – EMI/Odeon, 1995.

Filmes

3 Irmãos de Sangue. Brasil, 2007. Direção: Ângela Patricia Reiniger. Distribuição: Biscoito Fino. Duração: 102 min.

Bye Bye Brasil. Brasil, 1979. Direção: Cacá Diegues. Distribuição: Embrafilme. Duração: 105 min.

Condor. Brasil, 2007. Direção: Roberto Mader. Distribuição: Lumière Brasil. Duração: 106 min.

Ninguém Sabe o Duro que Dei. Brasil, 2009. Direção: Claudio Manoel, Micael Langer e Calvito Leal. Distribuição: Biscoito Fino. Duração: 86 min.

O que É Isso, Companheiro? Brasil, 1997. Direção: Bruno Barreto. Distribuição: Riofilme, Miramax (EUA). Duração: 110 min.

Utopia e Barbárie. Brasil, 2005 e 2010. Direção: Silvio Tendler. Distribuição: Caliban Produções Cinematográficas. Duração: 120 min.

Livros

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978)*. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Coleção *As Ilusões Armadas*, v. 2.)

_____. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Coleção *As Ilusões Armadas*, v. 3.)

_____. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Coleção *As Ilusões Armadas*, v. 4.)

HABERT, Nadine. *A Década de 70*: Apogeu e Crise da Ditadura Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2006. (Coleção *Princípios*.)

MORAES, Mário Sérgio de. *O Ocaso da Ditadura*: Caso Herzog. São Paulo: Barcarolla, 2006.

MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. *Operação Araguaia*: Os Arquivos Secretos da Guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

PINHEIRO, Manu. *Cale-se*: MPB e Ditadura Militar, s/l, Livros Ilimitados, 2011.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil*: De Castello a Tancredo 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Websites

Centro de Pesquisa e Documentação
em História Contemporânea do Brasil
http://cpdoc.fgv.br

Centro de Referência das
Lutas Políticas no Brasil
http://www.memoriasreveladas.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home

Grupo de Estudos sobre a Ditadura
http://www.gedm.ifcs.ufrj.br

Projeto Brasil: Nunca Mais Digital
http://www.prr3.mpf.gov.br/bnmdigital

Secretaria de Direitos Humanos
da Presidência da República
http://www.direitoshumanos.gov.br/mortosedesap

Tortura Nunca Mais – RJ
http://www.torturanuncamais-rj.org.br/pbnm.asp?REfresh=20100307215915660810 32&Pagina=pbnm&Titulo=Projeto+Brasil+Nunca+Mais#

Que país é este?

1

Sinopse

Com a anistia e o fim da censura à imprensa e às letras de músicas, começou a redemocratização; o brasileiro voltou a votar para presidente da República; Fernando Collor de Mello foi eleito, mas denúncias de corrupção o levaram a renunciar; a transição com Itamar Franco; a eleição de Fernando Henrique Cardoso; nas artes visuais, a explosão colorida da Geração 80; na música, o vigor e a poesia do rock brasileiro; o cinema nacional, depois de grande baque, ressurgiu das cinzas.

Os ventos da mudança

Grande pátria
Desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
Não, não vou te trair
Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim
Confia em mim
Brasil!

Brasil
(Cazuza, Nilo Romero e George Israel)

Houve um tempo em que tudo o que era publicado, exibido, cantado, gravado e desenhado tinha que passar antes pela censura. Pensar diferente e lutar por liberdade e democracia era considerado subversivo. Mas houve também um tempo em que ventos de mudança passaram a soprar, e o Brasil começou a construir e a mostrar uma nova cara, mais moderna e democrática. Os anos 1980 e 1990 foram marcados por profundas transformações políticas e culturais. E por muitos desafios.

Em 31 de dezembro de 1978, o presidente Ernesto Geisel revogou o Ato Institucional número 5 (AI-5), o mais importante instrumento repressivo da ditadura militar. Foi o primeiro passo para redemocratizar o país. Geisel deixou o poder em 1979, mas muita água ainda teria de passar por debaixo da ponte da história antes que os brasileiros voltassem a eleger um presidente diretamente.

Seu sucessor, o general João Baptista Figueiredo, continuou o processo de distensão iniciado por Geisel. Durante o regime militar, milhares de brasileiros foram perseguidos e tiveram de deixar o país. Foi então que surgiu uma campanha nacional para que fossem anistiados e pudessem retornar, sem represálias. Como a música popular brasileira tem uma forte tradição de comentar os principais acontecimentos do país, uma canção antológica passou a ser entoada nos comícios e nas manifestações pela anistia:

Meu Brasil!...
Que sonha com a volta
Do irmão do Henfil.
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora!
A nossa Pátria
Mãe gentil
Choram Marias
E Clarisses
No solo do Brasil

O Bêbado e a Equilibrista
(João Bosco e Aldir Blanc)

2. Betinho volta ao Brasil, beneficiado pela anistia, em 1979

Governo Sarney

Em agosto de 1979, o presidente Figueiredo sancionou a lei da anistia, que beneficiou 4.650 brasileiros perseguidos, presos ou banidos e, ao mesmo tempo, anistiou militares que prenderam, torturaram e mataram oposicionistas durante os anos de chumbo.

Na eleição indireta de 1985, foram escolhidos Tancredo Neves para presidente da República e José Sarney para vice. Logo depois da eleição, Tancredo adoeceu seriamente e veio a falecer em 21 de abril. Sarney assumiu a presidência, e seu governo se inseriu no período de transição para a democracia, que, segundo o historiador Daniel Aarão Reis, teve início em 1979 e só terminou em 1988.

JORNAL DO BRASIL

Tancredo morreu

3. O *Jornal do Brasil* anuncia a morte de Tancredo Neves

O presidente enfrentou uma grave crise econômica, com um quadro de hiperinflação e moratória do governo. Para enfrentar a situação, criou sucessivos planos econômicos – Cruzado, Bresser e Verão – que, porém, não tiveram sucesso. Em 1985, foram legalizados os partidos políticos e foi extinta a censura prévia. Foram também realizadas as primeiras eleições diretas, depois de 20 anos, para prefeitos das capitais brasileiras.

Em 1986, ocorreram as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, com o intuito de promulgar a Constituição de 1988, que deu direito de voto aos analfabetos, estabeleceu eleições diretas para presidente da República, regulamentou o direito à greve e a liberdade sindical, reduziu a jornada de trabalho de 48 para 44 horas semanais, concedeu licença-maternidade de 120 dias e licença-paternidade de cinco dias. O país modernizava-se, tentando livrar-se de uma herança conservadora.

4. O deputado Ulysses Guimarães, presidente da Assembleia Nacional Constituinte, exibe a Constituição do Brasil de 1988

O rock BR

Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro.
Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Pra viver

Ideologia
(Cazuza e Frejat)

Mesmo durante os anos mais difíceis da ditadura, a música brasileira não deixou de surpreender. A verdade é que criatividade nunca faltou aos nossos artistas: o que faltava era liberdade. Novos tempos, novas canções. E, assim, os anos 1980 viram surgir dezenas de vozes e variados ritmos.

Muito antes da "geração coca-cola", os jovens brasileiros, principalmente aqueles que viviam nas cidades, já ensaiavam seus passinhos no *rock and roll* e estudavam inglês para entender as letras das canções americanas. Celly Campello foi uma precursora com seu *Estúpido Cupido*. Depois veio a Jovem Guarda com uma legião de novos ídolos: o rei Roberto Carlos; seu fiel escudeiro, Erasmo Carlos, o Tremendão; a Ternurinha Wanderléa; Martinha; Vanusa; e tantos outros.

5. Erasmo Carlos, o Tremendão, principal parceiro de Roberto Carlos, em apresentação no ano de 1970

Depois da Jovem Guarda, foi a vez de Os Mutantes, um grupo esperto e diversificado musicalmente que fez uma aliança produtiva com os tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil e ajudou a renovar a MPB. Em vez de um banquinho e um violão, imagem que marcou a bossa nova, o novo cenário musical tinha guitarras e fantasias coloridas. O final dos anos 1970 e o início dos 1980 também foram marcados pela presença forte do baiano Raul Seixas. Com letras simples e ao mesmo tempo filosóficas, ele conseguiu grande popularidade.

E, de mansinho, como quem não quer nada, vão ocupando a cena musical os Novos Baianos, apostando no casamento cheio de balanço entre o samba, o forró e o rock. É preciso mencionar, também, os mineiros do Clube da Esquina e, principalmente, Milton Nascimento, que marcaram o fim da década de 1970 com canções antológicas. E, finalmente, o pessoal do Ceará, com Fagner, Belchior e Zé Ramalho fazendo um mix de sertanejo com rock. É interessante notar que, mesmo depois que esses grupos que abrigavam baianos, mineiros e cearenses se desfizeram, seus principais músicos e compositores prosseguiram em suas carreiras solo e continuaram ativos até o século XXI.

Segundo os pesquisadores, o grande fenômeno da década de 1980 foi mesmo o rock *made in* Brasil. Legítimo. Ele veio para levantar o astral com seus acordes básicos e dançantes. E empolgou a rapaziada. Para isso, contou com o humor da Blitz, de João Penca e Seus Miquinhos Amestrados e do Ultraje a Rigor. E também abriu espaço para o som pesado e politizado da Legião Urbana e do Barão Vermelho. Os jovens que cresceram durante a ditadura tinham pressa de viver e buscavam espaços em um país que não tinha dado certo. Rebeldes, sim; mas, com muita causa, eles botaram a boca no mundo.

6. Barão Vermelho, banda de rock nacional criada em 1981

O feminismo e os discos independentes

– Ô mãe, me explica, me ensina, me
[diz o que é feminina?
– Não é no cabelo, no dengo ou no
[olhar, é ser menina por todo lugar.
– Então me ilumina, me diz como é que
[termina?
– Termina na hora de recomeçar, dobra
[uma esquina no mesmo lugar.
Costura o fio da vida só pra poder
[cortar
Depois se larga no mundo pra nunca
[mais voltar

Feminina
(Joyce Moreno)

Na década de 1980, movimentos sociais surgidos ao longo dos séculos XIX e XX, como os dos negros, dos homossexuais e das mulheres, obtiveram conquistas significativas. Quanto mais liberdade, maior possibilidade de diversificação das linguagens.

As conquistas do movimento feminista se refletiram em nossa música e nos programas de TV. Uma nova mulher, mais liberta da herança conservadora machista e amparada por direitos trabalhistas, saiu para as ruas, e Gilberto Gil cantou: "Quem sabe o Super-Homem venha nos restituir a glória/ mudando como um deus o curso da história/ por causa da mulher?".

O período foi eclético no campo cultural, com manifestações para diversos gostos e ouvidos. Vários estilos conviveram democraticamente em um espaço dominado pelo mercado e pelo poder da mídia. Ao mesmo tempo, porém, surgiram os discos independentes, que conseguiram encontrar espaço além das fronteiras definidas pela indústria fonográfica. Não foi uma atitude isolada, foi um movimento. Artistas e grupos que, distantes do poder da mídia e das gravadoras, seguiram um outro caminho, à margem do mercado oficial, e chegaram lá. Como o grupo Boca Livre, cujo primeiro disco independente vendeu mais de cem mil cópias, a maioria delas comercializadas de mão em mão.

7. O grupo Boca Livre e sua toada que conquistou o público

Geração 80

"Quase tudo o que realmente importa na cultura contemporânea, ou que se tornou fenômeno de massas, foi bolado nos anos 80." Hermano Vianna

As artes visuais ganharam destaque nos meios de comunicação com a exposição *Como Vai Você, Geração 80?*, realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no bairro do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, em julho de 1984. A pergunta, em tom casual, refletiu a espontaneidade de uma produção artística jovem e diversificada, que reuniu "as várias possibilidades de ser da arte", segundo um dos curadores da mostra, Marcus Lontra.

A exposição buscava aferir algumas tendências artísticas que emergiam naquele momento, reunindo 123 artistas de formações

diferentes, em sua maioria jovens que eram crianças nos tempos da ditadura e que estavam começando a vida adulta em um país que se redemocratizava.

8. A exposição de artes visuais *Como Vai Você, Geração 80?*

Ao mesmo tempo que se abriu espaço para as experimentações mais radicais, com instalações e performances, houve uma volta à pintura, o que, aliás, ocorreu em todo o mundo. Os artistas rejeitavam, porém, a ideia de pintura como obra-prima e executavam telas de grandes dimensões, muitas vezes sem moldura, em que dominavam o gesto pictórico e também a retomada da figura por meio da apropriação de imagens e de signos da comunicação de massa, aos quais eram acrescentados elementos subjetivos e/ou irônicos.

Alex Vallauri (1949-1987), Ana Maria Tavares (1958), Beatriz Milhazes (1960), Cristina Canale (1961), Daniel Senise (1955), Ester Grinspum (1955), Frida Baranek (1961), Gonçalo Ivo (1958), Jorge Guinle (1947-1987), Karin Lambrecht (1957), Leda Catunda (1961), Leonilson (1957-1993), Luiz Zerbini (1959), Luiz Pizarro (1958) e Nelson Felix (1954) foram alguns dos participantes e, juntamente com artistas experimentais dos anos 1960 e 1970, respondem pelo reconhecimento que a arte contemporânea brasileira está tendo atualmente no Brasil e no mundo.

"Todos passaram a pintar cada vez mais, pintando não só as suas histórias particulares, mas procurando os nossos sonhos comuns, os nossos mitos, a crença de que, passado o pesadelo, tudo ia dar certo", escreveu Marcus Lontra.

A vanguarda paulista

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?...
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte

Comida
(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto)

9. Os Titãs, banda de rock formada em São Paulo, em 1982

A vanguarda paulista começou a despontar pouco antes da explosão do rock nacional e se aproveitou dos caminhos abertos por ele, mostrando ao público e às gravadoras que havia todo um mercado pouco explorado. Havia uma nova faixa de consumidores pronta para receber as novidades: os jovens. Foi nas ruas, nos bares, nas discotecas e nos diversos *points* de São Paulo que soaram os primeiros acordes do rock nacional. Nos anos 1980, a cidade viu nascerem

numerosas bandas de sucesso e ficou conhecida como a Londres brasileira, o berço do rock BR. Uma delas perguntava: "você tem fome de quê?". Os Titãs se inspiravam na poesia concreta e no punk rock, e o guitarrista do Ira!, Edgard Scandurra, era considerado o melhor do Brasil.

São Paulo do grupo vocal Demônios da Garoa, dos modernistas que retrataram a pauliceia desvairada, dos barões de café e dos festivais da canção, dos imigrantes e de Adoniran Barbosa. O rock dos anos 1980 deu continuidade a essa tradição musical e produziu um som sofisticado e inovador, que apontava para um novo jeito de ser paulista. Língua de Trapo, Premeditando o Breque, Grupo Rumo, Itamar Assunção, Arrigo Barnabé, Guilherme Arantes, Júlio Barroso e a Gang 90 & As Absurdetes se apresentaram em circuitos alternativos, como o Teatro Lira Paulistana e o Sesc Pompeia.

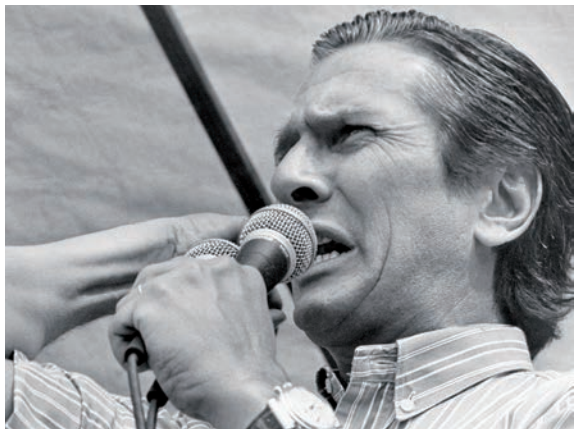
Um caldeirão musical no qual se misturaram mil e um ingredientes sonoros: MPB, samba, brega, sertanejo, Beatles, Rolling Stones, Jimmy Hendrix. Em alguns casos, como nas criações de Arrigo Barnabé, a própria música erudita serviu de inspiração. Para Arrigo, não houve um movimento nos anos 1980, mas sim "pessoas fazendo história, com propostas importantes e novas, uma resistência à pretensão das grandes gravadoras de exercer um domínio total sobre o processo histórico da música brasileira".

10. Álbum de lançamento de Arrigo Barnabé

"Falta pouco, muito pouco mesmo, para o ano 2000, e você, ouvinte incauto, que no aconchego de seu lar, rodeado de seus familiares, desafortunadamente colocou este disco na vitrola, esteja preparado: o pesadelo começou." (Arrigo Barnabé, no disco *Clara Crocodilo*)

São Paulo não foi a única cidade brasileira onde o rock nacional deu seus primeiros passos. Brasília também desempenhou um papel importante nesse processo e, mesmo longe dos grandes centros urbanos, era o centro do poder. Dessa aproximação surgiu um rock contundente, com bandas de sucesso que tornaram o Planalto Central ainda mais famoso. O Parque da Cidade ficou nacionalmente conhecido ao estar na letra de uma das maiores canções do Legião Urbana. Afinal, foi no centro da capital brasileira que Eduardo e Mônica se conheceram.

Governo Collor



11. Fernando Collor, sucessor de José Sarney na presidência

Em 1989, foram realizadas eleições diretas para presidente da República, as primeiras em 29 anos. O vencedor foi Fernando Collor de Mello, com uma campanha baseada na luta contra a corrupção. Ele sucedeu José Sarney. No dia seguinte à sua posse, o presidente anunciou a implantação do Plano Collor, que congelou e confiscou, por 18 meses, os depósitos nas contas correntes

e cadernetas de poupança acima de 50 mil cruzados novos, substituiu a moeda corrente pelo cruzado novo e congelou preços e salários. A ideia era dar um tiro de morte na superinflação. Inflação e congelamento o povo já conhecia, mas ficar sem o dinheiro poupado teve um impacto muito grande na opinião pública.

O governo Collor também foi marcado pela abertura do mercado nacional às importações e por ter inaugurado um programa nacional de desestatização. Houve um agravamento da recessão econômica, e, somente em 1990, foram extintos mais de 920 mil postos de trabalho e a inflação atingiu a casa dos 1.200% ao ano. Milhares de jovens tomaram as ruas das capitais vestindo roupas negras e com o rosto pintado na mesma cor, em sinal de luto pela crise econômica e contra a corrupção. Logo a imprensa abriu espaço para o movimento dos "caras-pintadas".

Pedro Collor de Mello, irmão de Fernando Collor, denunciou um esquema de corrupção que culminou com o pedido de *impeachment* do presidente. Este renunciou ao cargo em 2 de outubro de 1992. Sucedeu-o na presidência o vice Itamar Franco.

12. O movimento dos "caras pintadas" pede a saída de Collor

No seu governo, Fernando Collor iniciou um processo de desmonte do cinema brasileiro, extinguindo a Embrafilme, o Concine e a Fundação do Cinema Brasileiro. O Ministério da Cultura foi transformado em Secretaria de Cultura, diretamente subordinada à Presidência da República. Pouco mais de dois anos depois, voltou ao seu antigo estatuto. Data desse período a aprovação da Lei Rouanet, desde então o principal incentivo à área cultural do Brasil.

O cinema: apesar do desmonte

Na morte eu descanso, mas o
Sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é este?
Terceiro Mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é este?

Que País É Este
(Renato Russo)

Na década de 1980, a chamada pornochanchada dominou a nossa produção cinematográfica. Mas, apesar do desmonte do cinema ocorrido no governo Collor, a década foi marcada também por produções que trataram dos problemas do país, entre elas *Pixote, a Lei do Mais Fraco,* de Hector Babenco, sobre o drama de um menino de rua. O ator Fernando Ramos da Silva, que interpretou o papel-título, era ele próprio um jovem nessas condições.

Destacaram-se, também, *Sargento Getúlio*, de Hermano Penna, uma adaptação do romance de João Ubaldo Ribeiro, e a comédia

A Marvada Carne, de André Klotzel. E surgiram documentários que refletiam sobre a história recente do país: *Jango*, de Sílvio Tendler, e *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho, que resgata a história de uma camponesa perseguida pela ditadura militar. Esse último filme, premiado internacionalmente e com boas bilheterias no Brasil, abriu espaço para que os documentários viessem a se tornar uma das manifestações mais vigorosas do cinema brasileiro.

13. Adilson Barros e Fernanda Torres em *A Marvada Carne*

Governo Itamar Franco

Ao lembrar que aqui passaram sambas
[imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais
Num tempo página infeliz da nossa
[história,
passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia a nossa pátria mãe tão
[distraída
sem perceber que era subtraída

Vai Passar
(Chico Buarque e Francis Hime)

Com a renúncia de Fernando Collor, seu vice, Itamar Franco, assumiu a presidência em 1992. O Brasil vivia um momento muito difícil: recessão prolongada, inflação aguda e crônica e crescimento do desemprego. Uma desilusão com relação às instituições e aos destinos do país tomou conta de jovens e adultos. Nessa época, milhares de brasileiros migraram para outros países em busca de emprego e de melhores oportunidades de vida.

O novo presidente se concentrou em arrumar o cenário que encontrara, em dar um jeito na casa. À moda mineira, Itamar procurou apoio dos partidos e conseguiu articular uma costura política nacional. Em abril de 1993, conforme previsto na Constituição, foi realizado um plebiscito para escolher a forma e o sistema de governo. A população optou pela República (66% dos votos, contra os 10% dados à Monarquia) e pelo Presidencialismo (55% dos votos, contra 25% para o Parlamentarismo).

14. Moeda de R$ 1, em frente e verso, lançada em 1994

No governo de Itamar Franco, foi também elaborada e colocada em prática uma iniciativa abrangente na área econômica: o Plano Real. Montado pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, o plano criou o real, uma nova moeda nacional, ajudou a aumentar o poder de compra da população e conseguiu baixar a inflação.

O então ministro da Cultura, Antônio Houaiss, criou a Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual, liberando recursos para produzir filmes através do Prêmio

Resgate do Cinema Brasileiro, e passou a trabalhar também na elaboração do que viria a ser uma Lei do Audiovisual.

A partir de 1995, começou então a retomada do cinema brasileiro. Além de novos mecanismos de apoio baseados em incentivos fiscais, que atraíram empresas como financiadoras, os filmes passaram a se preocupar em agradar ao grande público. Em vez de ter uma câmara na mão e uma ideia na cabeça, o lema que caracterizou o Cinema Novo, os diretores queriam contar boas histórias em produções de qualidade técnica e artística, com elenco conhecido e enredo de fácil entendimento.

15. Cena do filme *Carlota Joaquina*, com Marieta Severo

O filme que iniciou esse período foi *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil*, de Carla Camurati, em que a chegada de D. João ao Brasil, no início do século XIX, foi tratada em forma de sátira rasgada, com boa resposta de público e de crítica. Depois, viria *Terra Estrangeira*, de Walter Salles, tendo como foco a história de alguns dos brasileiros que partiram para o exterior em busca de uma vida melhor.

Itamar Franco terminou seu mandato com um bom índice de popularidade e conseguiu fazer seu sucessor na presidência.

Governo Fernando Henrique Cardoso

Perto da noite estou,
O rumo encontro nas pedras
Encontro de vez, um grande país eu [espero
Espero do fundo da noite chegar
Mas agora eu quero tomar suas mãos
Vou buscá-la aonde for
Venha até a esquina, você não conhece [o futuro
Que tenho nas mãos

Clube da Esquina
(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)

Em meados dos anos 1990, o Brasil deu uma arrancada para tornar-se um grande país. As grandes questões da área econômica, principalmente a inflação, que já havia chegado a mais de 2.000% ao ano, começaram a ser equacionadas, e a autoestima da população voltou a crescer.

16. Fernando Henrique Cardoso, duas vezes presidente do país

Eleito em 1994, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso sucedeu Itamar Franco na Presidência da República durante dois mandatos: de 1995 a 1998 e de 1999 a 2002. As principais marcas de seu governo foram a consolidação do Plano Real e da estabilidade econômica e o início de transferência de renda para os menos favorecidos por meio de iniciativas como o Bolsa Escola. Ele realizou, também, um programa de privatização, incluindo empresas estatais como a Embraer, a Telebrás e a mineradora Vale do Rio Doce. Essa iniciativa foi muito criticada por seus opositores, principalmente pelo Partido dos Trabalhadores.

Durante a vigência do Plano Real, houve um grande ingresso de investimentos externos na área produtiva. Na indústria de automóveis, por exemplo, instalaram-se no país fábricas de 11 marcas internacionais, entre elas a Peugeot e a Renault. A expansão econômica foi, no entanto, freada por contínuas crises internacionais ocorridas em países como México, Argentina e Rússia.

Para suceder Fernando Henrique Cardoso, os eleitores escolheram, pela primeira vez, um operário como presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva, que assumiu em 2003 prometendo aprofundar as reformas e realizar uma grande distribuição de renda em benefício dos menos favorecidos.

17. Lula eleito: o PT chega à presidência do Brasil

No século XXI, em um mundo cada vez mais globalizado e caracterizado pela democratização da comunicação de massas através da internet, ainda falta bastante para o Brasil com que sonhamos: mais justo e solidário para todos. Mas nossas artes se desenvolvem vigorosas e a economia tem crescido. No cenário internacional, surgiu um novo grupo econômico e político: os Brics – iniciais de Brasil, Rússia, Índia e China. Ou seja, os países do antigo Terceiro Mundo, dependentes e marginais em relação à economia europeia e norte-americana, hoje estão na vanguarda do crescimento econômico e até se propuseram a comprar títulos da dívida pública dos Estados Unidos e de países europeus para ajudá-los a sair da crise. Sinal dos tempos.

Hoje, quando olhamos para trás, alguns capítulos da nossa história nos embaraçam, enquanto outros nos enchem de admiração e orgulho. Nesse cenário, ecoa uma canção de esperança que a maioria de nós conhece e admira:

Eu acredito
É na rapaziada
Que segue em frente
E segura o rojão
Eu ponho fé
É na fé da moçada
Que não foge da fera
E enfrenta o leão (...)
Pois o resto é besteira
E nós estamos pelaí
Eu acredito
É na rapaziada!

E Vamos à Luta
(Gonzaguinha)

Para usar em sala de aula

- A letra da canção *O Bêbado e a Equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc, diz que "choram Marias e Clarisses no solo do Brasil". Pedir à turma que explique a que se refere esse episódio e quem são as Marias e Clarisses. O exercício deve desaguar em um aprofundamento do que foi o movimento Diretas Já.

- Sugerir que os alunos peguem na locadora o documentário *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho, e escrevam algumas linhas sobre ele. Podem também comentar o seguinte: por que o documentário se tornou tão forte na produção cinematográfica brasileira?

- "A gente quer bebida/ diversão, balé/ A gente não quer só comida/ A gente quer a vida/ como a vida quer." Esse trecho da canção *Comida*, um sucesso dos Titãs, pode ser visto como a expressão de um anseio dos jovens brasileiros que cresceram na década de 1980. Por quê? Sugerir aos alunos um debate em sala de aula sobre a questão tratada na música.

Para saber mais

Músicas

E Vamos à Luta (Gonzaguinha). CD – Luiz Gonzaga Júnior – De Volta ao Começo – EMI/Odeon, 1997.

Toada (Na Direção do Dia) (Zé Renato, Juca Filho e Claudio Nucci). CD – Zé Renato – Minha Praia – Biscoito Fino, 2003.

Brasil (Cazuza, Nilo Romero e George Israel). CD – Cazuza – O Poeta Está Vivo – Som Livre/Universal Music, 2005.

Clube da Esquina (Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges). CD – Milton Nascimento – Milagre dos Peixes ao Vivo – EMI/Odeon, 1995.

Cartomante (Ivan Lins e Vitor Martins). CD – Ivan Lins – Cantando Histórias – EMI, 2004.

Vai Passar (Chico Buarque e Francis Hime). CD – Chico Buarque – Chico Buarque 1984 – Barclay/Polygram/Philips, 1993.

Que País É Este (Renato Russo). CD – Os Paralamas do Sucesso Acústico – EMI, 1999.

Ideologia (Cazuza e Frejat). CD – Cazuza – Esse Cara – Sigla/Polydor, 1995.

Comida (Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto). CD – Marisa Monte – 1988 – EMI/Odeon, 1988.

Bem Baixinho (Luiz Tatit). CD – Grupo Rumo – Rumo – 1981 – CD independente, 1996.

Feminina (Joyce Moreno). CD – Joyce Moreno – Revendo Amigos – EMI, 1994.

Filmes

Bete Balanço. Brasil, 1964-1984. Direção: Lael Rodrigues. Distribuição: Embrafilme. Duração: 71 min.

Cabra Marcado para Morrer. Brasil, 1984. Direção: Eduardo Coutinho. Distribuição: Gaumont do Brasil. Duração: 119 min.

A Cor do Seu Destino. Brasil, 1986. Direção: Jorge Durán. Distribuição: Embrafilme. Duração: 96 min.

Nunca Fomos Tão Felizes. Brasil, 1984. Direção: Murilo Salles. Distribuição: Embrafilme. Duração: 100 min.

Pixote: A Lei do Mais Fraco. Brasil, 1980. Direção: Hector Babenco. Distribuição: Embrafilme. Duração: 128 min.

Livros

ABREU, Alzira Alves de (org.). *A Democratização no Brasil*: Atores e Contextos. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ALBIN, Ricardo Cravo. *O Livro de Ouro da MPB*: A História de Nossa Música Popular de Sua Origem até Hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BERTONCELO, Edison. *A Campanha das Diretas Já e a Democratização*. São Paulo: Fapesp, 2007.

CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.

DAPIEVE, Arthur. *BRock*: O Rock Brasileiro dos Anos 80. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELLA CAVA, Ralph. A Igreja e a Abertura, 1974-1985. In: MAINWARING, S.; KRISCHKE, P. J. *A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1975-1985)*. São Paulo: L&PM, 1986, p. 13-42.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Tempo da Ditadura*: Regime Militar e Movimentos Sociais no Fim do Século XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (*O Brasil Republicano*, v. 4.)

LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante de. *Diretas Já*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO, 2000, SÃO PAULO, SP. *Arte Contemporânea*. Curadoria geral e organização Nelson Aguilar; curadoria Nelson Aguilar, Franklin Espath Pedroso; organização Suzanna Sassoun. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme; LOPES, Adriana. *História do Brasil*: uma Interpretação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Paulo Affonso Martins de. *O Congresso em Meio Século*: Depoimento a Tarcísio Holanda. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2009. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1859/congresso_meio_seculo_oliveira.pdf?sequence=1.

REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (org.). *Revolução e Democracia 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção *As Esquerdas no Brasil*, v. 3.)

_____. *Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

RODRIGUES, Alberto Tossi. *Diretas Já: o Grito Preso na Garganta*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

SEVERIANO, Jairo. *Uma História da Música Popular Brasileira*: Das Origens à Modernidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

Websites

Acervo da Luta Contra a Ditadura
http://www.acervoditadura.rs.gov.br/contextod.htm

Arquivo Público do Paraná
http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=18

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/2861

Portal Brasil
http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1984/diretas-ja

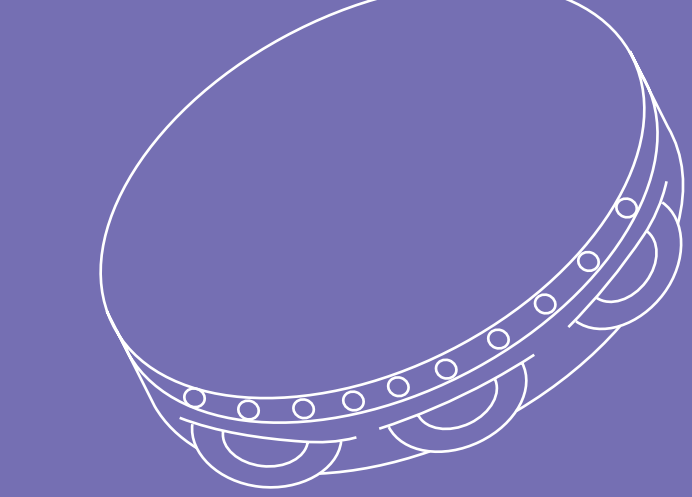
Portal da Câmara dos Deputados
http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/POLITICA/93436-DECADA-DE-80:-AS-DIRETAS-JA.html

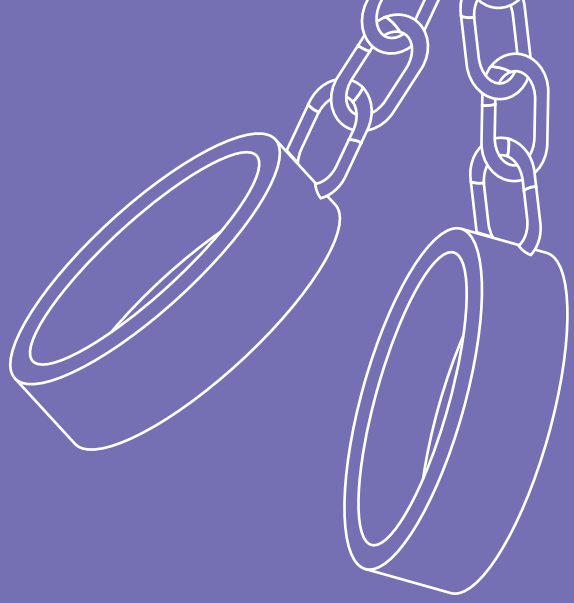
Portal do Professor (Ministério da Educação)
http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27209

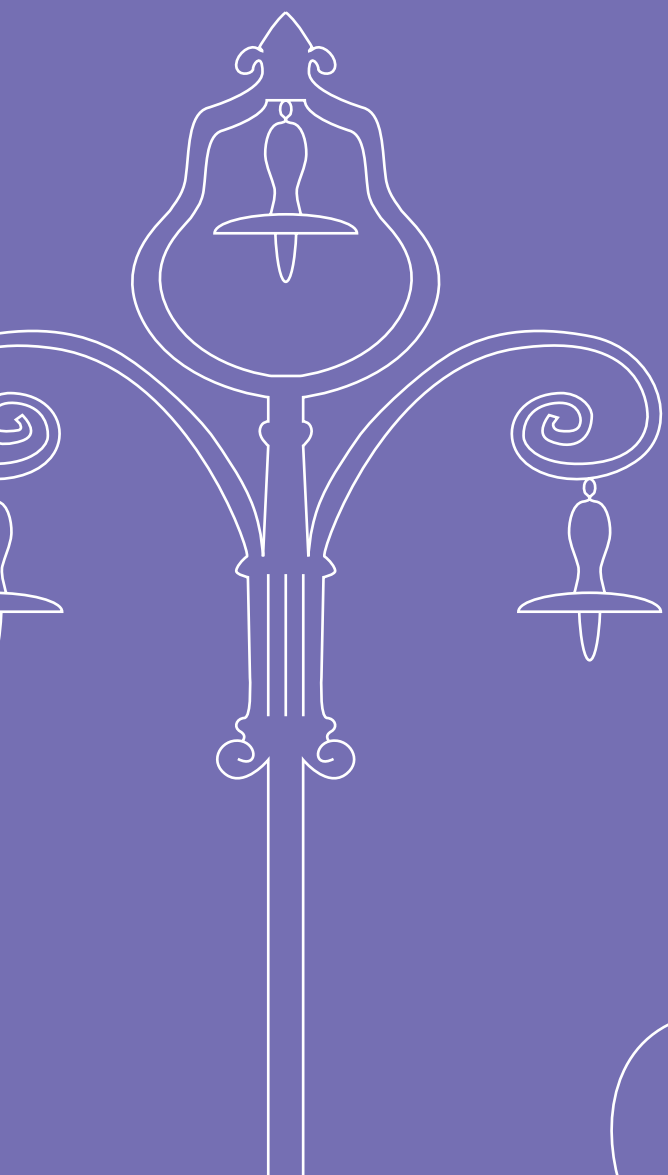
Procuradoria Regional da República
3ª Região
http://www.prr3.mpf.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=198&Itemid=2

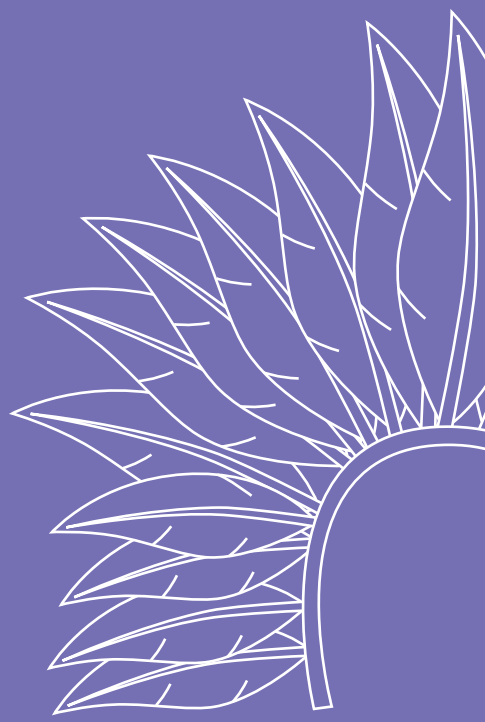
Secretaria de Arquivo do Senado Federal
http://www.senado.gov.br/senado/secretarias/arquivo/default.asp

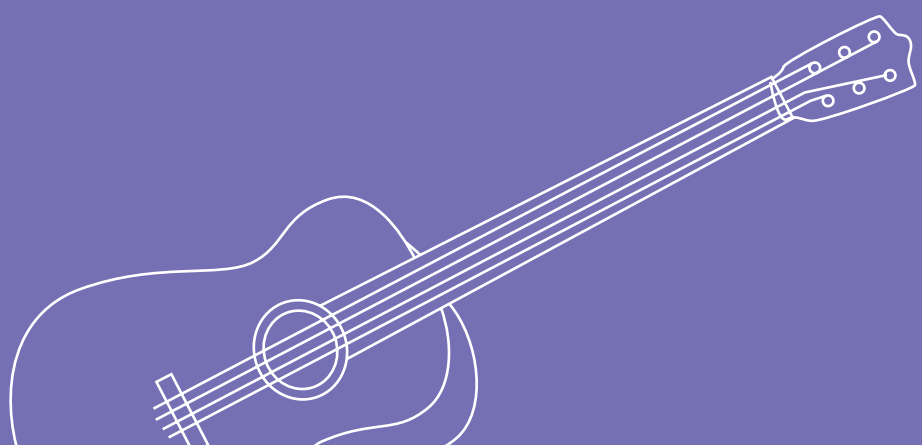
A série na TV











Documentários musicais que cantam e contam a História do Brasil. Compositores, intérpretes, instrumentistas, poetas e atores identificados com o tema abordado em cada programa são os convidados da cantora e apresentadora Joyce Moreno (acompanhada por Antonia Adnet) para viajar na trilha dos acontecimentos que marcaram o país.

Ao promover o diálogo entre música e história, a série possibilita diferentes atividades com alunos, sugere novas relações entre fatos e versões e estimula a formação de novos questionamentos.

São 15 programas, de cerca de uma hora de duração, gravados em estúdio e em locais referentes aos temas na cidade do Rio de Janeiro.

Idealizadora, apresentadora e diretora musical: Joyce Moreno

Violão: Antonia Adnet

Diretora: Leila Hipólito

Roteirista: Fátima Valença

Consultora musical: Heloísa Tapajós

Direção-geral: Cleide Ramos

Um time de craques: saiba mais sobre elas

Joyce Moreno

Alberto Jacob Filho

Nascida no Rio de Janeiro, a cantora, compositora, arranjadora e instrumentista Joyce Moreno tem em sua bagagem uma extensa discografia e cerca de 400 gravações de composições próprias por alguns dos maiores nomes da música popular brasileira, como Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia, Milton Nascimento e muitos outros. Seu trabalho segue também uma trilha internacional, com turnês mundiais a cada ano e gravações de novos discos em diferentes países, sem perder nunca sua identidade brasileira/feminina. Apresenta-se anualmente no circuito Blue Note no Japão, em festivais de jazz e em turnês na Europa e nos Estados Unidos.

Antonia Adnet

Alberto Jacob Filho

Violonista, arranjadora, compositora e cantora, começou a carreira musical ainda criança, quando participou, como vocalista, da gravação de discos e *jingles* publicitários. Na adolescência, estudou violão e teoria musical e esteve à frente de algumas bandas, participando de festivais com canções próprias premiadas. Em 2003, começou o curso superior de bacharelado em Arranjo. Em 2005, entrou para a banda da cantora Roberta Sá, na qual permanece até os dias atuais. Paralelamente, grava e faz shows como violonista.

Leila Hipólito

Alberto Jacob Filho

Dirigiu o longa *As Alegres Comadres* (baseado na peça homônima de William Shakespeare); o documentário *Antonio Dias – O País Inventado*, sobre a trajetória desse artista plástico; programas de TV, entre eles *Encontros Culturais*, com a apresentadora Leila Richers, produzido pela MultiRio. Dirigiu, também, comerciais, institucionais, curtas (entre eles, *Decisão*, premiado nacional e internacionalmente), videoarte e videodança (*Duo*, premiado no Festival Internacional de Videodança Oi Futuro). Em teatro, dirigiu a peça *Tomo Suas Mãos Nas Minhas*.

Fátima Valença

Divulgação

Dramaturga, escritora, roteirista e pesquisadora, com trabalhos veiculados em teatro, rádio, jornal, revista, televisão. Publicou os livros: *O que É Ser Maestro – Memórias Profissionais de Isaac Karabtchevsky* e *O Crime da Avenida Passos: O Rio de Janeiro na Década de 30*. Colaborou em centenas de outros livros e tem mais de 30 peças montadas, entre elas *Nada Além de uma Ilusão*, *Pixinguinha*, *Dolores*, *Orlando Silva*, *Elis*, *Rádio Nacional*, *Eu Sou o Samba* e *Carmen, o It Brasileiro*. Na área educativa e cultural, criou programas para a Rádio MEC, a MultiRio e o Canal Futura.

Heloísa Tapajós

Divulgação

Socióloga, é pesquisadora do Instituto Cultural Cravo Albin, responsável pela produção dos verbetes da vertente urbana "da bossa nova aos dias atuais" do *Dicionário Cravo Albin da MPB*. É, também, pesquisadora titular do Núcleo de Estudos em Literatura e Música (Nelim/PUC-Rio), produtora artística e apresentadora do projeto Sarau Repsol. Atua em projetos na área cultural, realiza entrevistas com compositores e intérpretes da MPB e assina matérias sobre shows e lançamentos fonográficos.

Cleide Ramos

Alberto Jacob Filho

Doutora em Ciências da Educação pela *Université Paris X*, com experiência nas áreas de Educação, Cultura, Recursos Humanos e Tecnologias da Informação e da Comunicação. Criou e dirigiu empresas, nas áreas pública e privada, que se responsabilizaram por aplicar as mídias impressa, televisiva e de informática à educação e à cultura, com programação para jovens e crianças. Atuou como Gerente de Treinamento da Bradesco Seguros; Diretora de Tecnologia Educacional na Fundação Roquette Pinto – TVE/RJ; Gerente de Produto Vídeo-Escola na Globo Vídeo; Consultora para Programas Educativos da Fundação Roberto Marinho e da Fundação Getulio Vargas; Presidente da Empresa Municipal de Multimeios – MultiRio, responsável pela criação e pelo desenvolvimento da Empresa de 1995 a 2000, reassumindo o cargo em 2009. Na área internacional, organizou visitas técnicas e seminários sobre Mídia e Educação entre o Brasil e a Argentina, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos.

Alberto Jacob Filho

Equipe de produção MultiRio

Presidente
Cleide Ramos

Diretor de Mídia e Educação
Ricardo Petracca

Assessora Especial
Denise Chagas Leite

Assessores de Mídia e Educação
Lucia Barreiros
Luiz Eduardo Ricon
Virginia Palermo

Gerentes de Produto
Gisele Maia
Marcos Souza

Gerente de Pesquisa e Documentação
Lucia Mendes

Pesquisadora de Arte
Fernanda Lopes Torres

Pesquisadores de Imagem e Conteúdo TV
Isabel Barreto
Fábio Araújo Jorge
Tônia Matosinhos

Estagiário
João Chá Chá

Diretora do Núcleo de TV
Sylvia Millon

Assessoras do Núcleo de TV
Alessandra Sauberman
Izabella Faya
Ana Cecília Pacheco

Abertura e Artes Gráficas
Rico Vilarouca
Renato Vilarouca

Diretor de Fotografia
Alex Araripe

Engenheiro de Som
Fernando Prado

Assistentes de Direção
Ana Izabel Aguiar
Maria Altberg
Rodolfo Sandzer

Gerente de Produção
Pierre Meireles

Coordenador de Pós-Produção
Robson Souza

Produtor Musical
Claudio Lyra

Alberto Jacob Filho

Produtor Executivo
Luiz Eduardo Cotta Monteiro

Assistente de Produção
Jorge Rocha de Lima

Estagiária
Joana Parente

Cenógrafa
Carla Berri

Produtores de Arte e Figurino
Bianca Watson
João de Freitas

Maquiador
Walter Valle

Camareira
Railda Lima

Contrarregras
João Paulo dos Santos
Jorge Dias Barbosa
Ricardo Teodoro

Maquinistas
Alvaro de Souza
Nahim Fernandes

Cenotécnico
Ronaldo Bezerra

Gerente de Operações
Thiago Chaves

Diretor de Imagem
Paulo Jamas

Operador de Vídeo
Adil Mattos

Operador de VT
Marco Dias

Operadores de Câmera
Amós de Oliveira
Denis Vianna
Luís Araújo
Marcelo Buscacio

Auxiliares de Câmera
Bira Machado
Leonardo Almeida
Tom Dias

Iluminador
Celso Aparecido

Auxiliares de Iluminação
Pablo Alves
Luciano dos Santos

Sonoplasta
Enyo Soares

Eletricistas
José Carlos Machado
Luciano Ramos

Programa a programa

Raízes indígenas

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Antonia Adnet e Marlui Miranda

Os primeiros brasileiros, a chegada de Pedro Álvares Cabral, a relação entre índios e europeus. As capitanias hereditárias e o governo geral. Os jesuítas e a catequese. Entradas e bandeiras avançaram pelo interior do país. O Serviço de Proteção ao Índio do Marechal Rondon e o trabalho dos irmãos sertanistas Villas Bôas. A contribuição do índio à cultura brasileira.

Convidada: Marlui Miranda

Locações: Floresta da Tijuca,
Museu do Índio e Praia do Leme

Marlui Miranda
Nasceu em Fortaleza, foi criada em Brasília e veio para o Rio de Janeiro na década de 1970. Estudou violão clássico com Turibio Santos, Jodacil Damasceno, Paulo Bellinati e outros. Cantou com Egberto Gismonti, Milton Nascimento, Jards Macalé, Taiguara. Compositora, realizou também trilhas para cinema e teatro. Além de vários discos gravados, tem um trabalho reconhecido de pesquisa e documentação de hábitos e músicas de índios e seringueiros na Amazônia brasileira.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Todo Dia Era Dia de Índio
(Jorge Ben Jor)

Curumim, chama Cunhatã
Que eu vou contar
Curumim, chama Cunhatã
Que eu vou contar
Todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio
Curumim, Cunhatã
Cunhatã, Curumim
Antes que o homem aqui chegasse
Às terras brasileiras
Eram habitadas e amadas
Por mais de 3 milhões de índios
Proprietários felizes
Da Terra Brasilis
Pois todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio
Mas agora eles só têm
O dia 19 de abril
Mas agora eles só têm
O dia 19 de abril

Donos do Brasil
(Fagner, Nonato Luiz e Paulinho Tapajós)

Carijós, maués, guarás, carajás, cariris
Parecis, tupinambás, bororós, guaranis
Guaracás, arauás
Foram mais, muito mais
Mais de dez, mais de cem
Talvez mais de mil
Carijós, maués, guarás, carajás, cariris
Parecis, tupinambás, bororós, guaranis
Guaracás, arauás
Serão mais mesmo sós
Pois são mais do que nós
Donos do Brasil

O Canto do Pajé
(Heitor Villa-Lobos e C. Paula Barros)

Ó Tupã, Deus do Brasil,
Que o céu enche de sol
De estrelas, de luar e de esperança!
Ó Tupã, tira de mim esta saudade!
Anhangá me fez
Sonhar com a Terra que perdi

Juparanã
(Joyce Moreno e Paulo César Pinheiro)

Juparanã, Juparanã, Juparanã
Tem jacumã, ubá
Bom de atravessar os igapós
Eu vou pescar
Ê, Juparanã
Tem peixe boitatá
Iara mora lá nos aguapés
Vem me ajudar
Ê, Juparanã

Araruna
(Índios Parakanã do Pará;
adaptação e arranjo: Marlui Miranda)

Araruna anarê ê
Araruna anarê
Araruna anarê
In'y keu'y köwaná
Araruna anarê
(Araruna, arara-azul, voa.)
Será que essa arara-azul é minha?
É minha ou sua?
Araruna, canta agora, araruna, vamos [trabalhar.
Aeore vai, nós vamos trabalhar,
Aeore vai, Araruna, arara-azul, voa.
Será que é minha ou sua arara-azul?

Borzeguim
(Tom Jobim)

Cutucurim
Gavião-zão
Gavião-ão
Caapora do mato é capitão
Ele é dono da mata e do sertão
Caapora do mato é guardião
É vigia da mata e do sertão
(Yauaretê, Jaguaretê)
Deixa a onça viva na floresta
Deixa o peixe n'água que é uma festa
Deixa o índio vivo
Deixa o índio
Deixa
Deixa
Dizem que o sertão vai virar mar
Diz que o mar vai virar sertão
Deixa o índio

Quarup
(Joyce Moreno e Paulo César Pinheiro)

Queria encantar minha lira
Pra ver o que vê o caiçara
Saci provocar curupira
Caipora montar pombagira
Namoro de boto com iara
Queria num dia de graça
Num Quarup de lua clara
Bebendo cauim na cabaça
Rever minha parte da raça
Que vem da cabocla Jussara

Um Índio
(Caetano Veloso)

Um índio descerá de uma estrela
Colorida e brilhante
De uma estrela que virá
Numa velocidade estonteante
E pousará no coração
Do hemisfério sul
Na América, num claro instante
Depois de exterminada
A última nação indígena
E os espíritos dos pássaros
Das fontes de água límpidas
Mais avançado que as mais avançadas
Das mais avançadas das tecnologias
Virá
Impávido, que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé filhos de Gandhi
Virá

Raízes africanas – Capoeira, mungunzá e valentia

Antonia Adnet, Joyce Moreno e Sérgio Santos

Da África ao Brasil, da escravidão à abolição. No século X, já existia tráfico de escravos entre os reinos africanos. Portugal tinha permissão do papa para escravizar. No Brasil, o encontro de duas religiões. A formação dos quilombos e a luta pela liberdade. Danças, capoeira, miscigenação, herança na culinária, nas artes e no vocabulário.

Convidado: Sérgio Santos

Entrevistado: Carlos Alberto Medeiros

Participações: Flávio Fonseca e Marcello Melo, do grupo Nós do Morro

Locações: Centro Cultural Municipal José Bonifácio, Museu da Cidade e Parque da Cidade

Sérgio Santos
Nasceu em Minas Gerais e começou a carreira musical cantando no espetáculo *Missa dos Quilombos*, de Milton Nascimento. É violonista, intérprete, arranjador e compositor. A parceria com Paulo César Pinheiro já soma cerca de 160 músicas. Em 1995, lançou seu primeiro CD, *Aboio*, distribuído, depois, em toda a Europa, nos EUA e no Japão. Venceu importantes festivais de música do Brasil e tem uma agenda de shows internacionais em grandes casas de espetáculos.

Grupo Nós do Morro
O grupo, criado em 1986, foi idealizado pelo jornalista e ator Guti Fraga e alguns jovens moradores do Morro do Vidigal a partir do projeto Teatro-Comunidade. A ideia era oferecer acesso à arte e à cultura para crianças, jovens e adultos da comunidade. Hoje, o projeto se consolidou e oferece cursos de formação nas áreas de teatro (atores e técnicos) e cinema (roteiristas, diretores e técnicos), abrindo e ampliando os horizontes para um sem-número de crianças, jovens e adultos moradores, ou não, do Vidigal.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Vento Bravo
(Edu Lobo e Paulo César Pinheiro)

Era um cerco bravo, era um palmeiral,
Limite do escravo entre o bem e o mal
Era a lei da coroa imperial
Calmaria negra de pantanal
Mas o vento vira e do vendaval
Surge o vento bravo, o vento bravo
Era argola, ferro, chibata e pau
Era a morte, o medo, o rancor e o mal
Era a lei da Coroa Imperial
Calmaria negra de pantanal
Mas o tempo muda e do temporal
Surge o vento bravo, o vento bravo

África
(Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro)

Quem foi que fez brasileiro bater
Tambor de jongo?
De onde é que sai quem batuca com o pé
Terno de Congo?
Quem é, me ensina quem foi
Que fez o povo dançar
Tambor de Minas, Bumba meu boi,
Boi-bumbá,
O bambaquerê,
O samba, o ijexá,
Quando o Brasil resolveu cantar?

Sincretismo
(Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro)

O negro religioso
Dentro de casa tem seu gongá
Porém desde o cativeiro
Mudou de nome seu orixá
E assim Dona Janaína
É Nossa Senhora da Conceição,
Oxum é a das Candeias,
Oxóssi é São Sebastião
Saravá
Meu santo,
Amém

Gongá
(Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro)

Vim de longe, de um reino de além do mar.
Vim marcado que nem o gado de lá,
Num porão de navio,
Sei de dor, fome, frio,
Sem poder nunca mais voltar.
Remo nas mãos,
Ferro nos pés,
Sangue riscando o olhar.
Vim nos grilhões,
Vim nas galés,
Eu vim da África

Retirantes
(Dorival Caymmi e Jorge Amado)

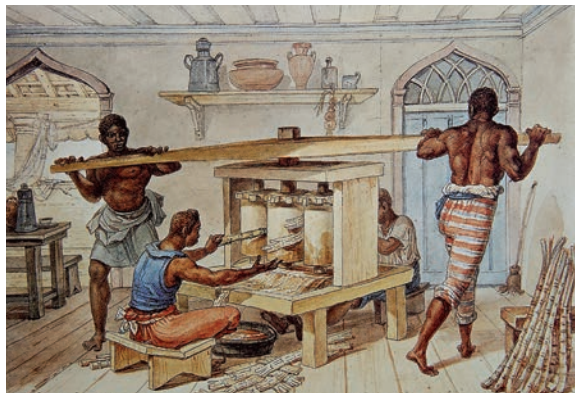
Vida de negro é difícil
É difícil como quê
Eu quero morrer de noite
Na tocaia me matar
Eu quero morrer de açoite
Se tu, negra, me deixar
Vida de negro é difícil
É difícil como quê

Quilombo – O Eldorado do Negro
(Gilberto Gil e Waly Salomão)

Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Como o clarão que o sol da liberdade
[produziu
Refletiu
A luz da divindade, o fogo santo de
[Olorum
Reviveu
A utopia um por todos e todos por um
Quilombo
Que todos fizeram com todos os santos
[zelando
Quilombo
Que todos regaram com todas as águas
[do pranto
Quilombo
Que todos tiveram de tombar amando e
[lutando
Quilombo
Que todos nós ainda hoje desejamos tanto

Zumbi
(Jorge Ben Jor)

Aqui onde estão os homens
Há um grande leilão
Dizem que nele há
Uma princesa à venda...
Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é senhor das guerras
É senhor das demandas
Quando Zumbi chega é Zumbi
Quem manda
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver



Reza
(Edu Lobo e Ruy Guerra)

Por amor andei, já
Tanto chão e mar
Senhor, já nem sei
Se o amor não é mais
Bastante pra vencer
Eu já sei o que vou fazer
Meu Senhor, uma oração
Vou cantar para ver se vai valer
Laia, ladaia, sabatana, Ave Maria

Upa Neguinho
(Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri)

Upa, neguinho na estrada
Upa, pra lá e pra cá
Virge!
Que coisa mais linda!
Upa neguinho
Começando a andar
Começando a andar...

Raça
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Lá vem a força, lá vem a magia
Que me incendeia o corpo de alegria
Lá vem a santa maldita euforia
Que me alucina, que me joga e rodopia
Lá vem o canto, o berro de fera
Lá vem a voz de qualquer primavera
Lá vem a unha rasgando a garganta
A fome, a fúria, o sangue que já se
[levanta
De onde vem essa coisa tão minha
Que me aquece e me faz carinho?
De onde vem essa coisa tão crua
Que me acorda e me põe no meio da rua?

Ouro em Minas

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Antonia Adnet, Ana Martins e Sérgio Santos

O Brasil colônia setecentista sonhava com a independência. Bandeirantes entraram pelo sertão em busca de ouro, pedras preciosas e escravos. O surgimento de Vila Rica, a arte religiosa de Aleijadinho. Chico Rei, Chica da Silva, a Inconfidência Mineira, o sonho de Tiradentes e sua morte na forca. O barroco mineiro reconhecido pelos modernistas como precursor de uma arte nacional.

Convidados: Ana Martins e Sérgio Santos

Participações: Manu Berardo, Pedro Lago e Samuel MacDowell, do grupo Nós do Morro

Locações: Floresta da Tijuca e Museu Histórico Nacional

Ana Martins
Filha dos compositores Nelson Angelo e Joyce Moreno, estreou em estúdio aos 4 anos. Participou de coros infantis em discos de Milton Nascimento, Egberto Gismonti, D. Ivone Lara, Roberto Carlos, Gonzaguinha, Alcione, Roberto Ribeiro, João Nogueira, entre outros, e também cantou em coros, *jingles* e grupos vocais. Iniciou carreira solo em 1998 e tem três CDs e 1 DVD lançados no Japão, onde se apresenta até hoje. No Brasil, seu CD *Samba Sincopado* saiu em 2005 pela Biscoito Fino. Faz parte do grupo vocal Scandallo, que atua em diversas casas do Rio de Janeiro, especialmente no Rio Scenarium, onde tem público fiel.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Desenredo
(Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro)

O mundo todo marcado a ferro, fogo e
[desprezo
A vida é o fio do tempo, a morte é o fim
[do novelo
O olhar que assusta anda morto
O olhar que avisa anda aceso
Mas quando eu chego, eu me perco
Nas tramas do teu segredo
Ê Minas, ê Minas, é hora de partir, eu vou
Vou-me embora pra bem longe
A cera da vela queimando, o homem
[fazendo seu preço
A morte que a vida anda armando, a vida
[que a morte anda tendo
O olhar mais fraco anda afoito
O olhar mais forte, indefeso
Mas quando eu chego eu me enrosco
Nas cordas do teu cabelo
Ê Minas, ê Minas, é hora de partir, eu vou
Vou-me embora pra bem longe...

Romance do Aleijadinho
(Antônio Nóbrega e Wilson Freire)

No tempo Brasil colônia,
Terra de brancos barões,
Surgia um povo mestiço
Já filhos desses torrões.
Desejos de pátria livre
Tomavam seus corações
Dentre estes brasileiros
Chamados de desgraçados.
Um filho de escrava negra,
Mulato, pobre e bastardo,
Virou mestre-entalhador,
Ofício o mais respeitado.
Mas um dia a doença
Com o destino combina
Destrói-lhe as mãos e os pés
Todo o seu corpo em surdina.
Cheio de chagas e dor
Passa a cumprir sua sina.
Tinha a missão de fazer,
Com dois formões afiados,
Bem amarrados aos punhos,
Homens, santos, lapidados
Da pedra e da madeira
Tal um filho livre gerado.
Eram os santos que esculpia
Mineiros inconfidentes
Num apóstolo se via
As feições de Tiradentes,
Um sonhador luminoso
Com a terra independente

Cálix Bento
(Folclore mineiro, adaptação
de Tavinho Moura)

Ó Deus, salve o oratório
Ó Deus, salve o oratório
Onde Deus fez a morada
Oiá, meu Deus, onde Deus fez a morada, oiá
Onde mora o cálix bento
Onde mora o cálix bento
E a hóstia consagrada
Oiá, meu Deus, e a hóstia consagrada, oiá

Galanga Chico-Rei
(Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro)

Ganga
O Capitão-Comandante da Guerra Preta
De Maramara
O grã-lutador, o Rei maioral.
Muzungo veio e Galanga foi no tumbeiro
Pro cativeiro,
Deixando o sagrado Congo para trás,
Mas rei de Zâmbi-Apongo
É rei onde chega, Obá dos Obás
Foi assim, hoje eu sei
Que nasceu Chico-Rei
Rei da África e Rei das Minas Gerais!

Exaltação a Tiradentes
(Mano Décio da Viola,
Estanislau Silva e Penteado)

Joaquim José da Silva Xavier
Era o nome de Tiradentes
Foi sacrificado pela nossa liberdade
Este grande herói
Pra sempre há de ser lembrado

Beco do Mota
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Clareira na noite, na noite
Procissão deserta, deserta
Nas portas da arquidiocese desse meu
[país
Procissão deserta, deserta
Homens e mulheres na noite
Homens e mulheres na noite desse meu
[país
Nessa praça não me esqueço
E onde era o novo fez-se o velho
Colonial vazio
Nessas tardes não me esqueço
E onde era o vivo fez-se o morto
Aviso pedra fria

Xica da Silva
(Jorge Ben Jor)

Xica da, Xica da, Xica da
Xica da Silva, a Negra!...
Xica da Silva
A Negra! A Negra!
De escrava a amante
Mulher!
Mulher do fidalgo tratador
João Fernandes
Xica da, Xica da, Xica da
Xica da Silva, a Negra!...

1808: Era no tempo do rei

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Antonia Adnet, Clara Sandroni e Marcos Sacramento

A corte portuguesa chegou ao Brasil e elevou o país a Reino Unido a Portugal e Algarves. A cidade do Rio era a sede do reino e se preparava para ficar à altura de sua nova condição. D. João VI foi chamado de volta a Portugal. D. Pedro, príncipe regente, tornou-se imperador e proclamou a independência do Brasil em 1822. Em 1831, abdicou do trono, e o Brasil começou a caminhar rumo ao Segundo Reinado.

Convidados: Clara Sandroni e Marcos Sacramento

Entrevistada: Marly Motta, pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas

Locações: Jardim Botânico e Museu Nacional de Belas Artes

Clara Sandroni
Filha do jornalista Cícero Sandroni e da escritora e cantora Laura Austregésilo, ingressou no curso de Licenciatura em Música da Unirio em 1981. Sua carreira musical começou no mesmo ano, atuando ao lado do irmão, o violinista Carlos Sandroni, com o grupo Terças e Quintas e com o coral Olhos nos Olhos. Em 1983, estreou no show *Bem Baixinho* e, em 1984, lançou seu primeiro álbum, *Clara Sandroni*. Seu mais recente trabalho é o CD *Gota Pura*, de 2010.

Marcos Sacramento
Nascido em Niterói em 1960, iniciou a carreira musical em 1984. Com o grupo de pop rock Cão Sem Dono, lançou alguns trabalhos ao longo da década. Seu primeiro CD solo, *A Modernidade da Tradição*, foi lançado em 1994, sendo reconhecido como o melhor disco brasileiro pela revista francesa *Le Monde de la Musique*, em 1997. Em 2009, foi lançado seu quarto álbum, *Na Cabeça*. Participou de vários musicais, entre eles *É com Esse que Eu Vou*, registrado em DVD, em 2011.

Locações

Alberto Jacob Filho

Alberto Jacob Filho

Músicas do programa (trechos)

Bodas
(Milton Nascimento e Ruy Guerra)

Chegou no porto um canhão
Dentro de uma canhoneira, neira, neira...
Tem um capitão calado
De uma tristeza indefesa, esa, esa...
Deus salve sua chegada
Deus salve a sua beleza
Chegou no porto um canhão
De repente matou tudo, tudo, tudo...
Capitão senta na mesa
Com sua fome e tristeza, esa, esa...
Deus salve sua rainha
Deus salve a bandeira inglesa

O Dia em que El Rei Voltou à Terra de Santa Cruz
(Sivuca e Paulinho Tapajós)

Dizem que El Rei virá
Das terras do além-mar
Em sua nau azul
Dizem que governará
As terras de Cabral
Do Norte até o Sul
Dizem que El Rei trará
A Corte Imperial
Pra Terra Santa Cruz
Dizem que a grande nau
Virá de Portugal
Bem perto do Natal
Pra receber El Rei, algodão, pimenta e sal
Pra agradar El Rei
Índios vão sair tocando seus congás
Tambores e ganzás
Apitos, e afinal será um carnaval

Alberto Jacob Filho

Isto É Bom
(Xisto Bahia)

Minha mulata bonita
Vamos ao mundo girar
Vamos ver a nossa sorte
Que Deus tem para nos dar
Minha mulata bonita
Que te deu tamanha sorte
Foi o estado de Minas
Ou Rio Grande do Norte
Minha viola de pinho
Que eu mesmo fui o pinheiro
Quem quiser ter coisa boa
Não tenha dó de dinheiro

Canto do Trabalho (Abertura do musical *Era no Tempo do Rei*)
(Carlos Lyra e Aldir Blanc)

A enseada tá luzindo, é Rio de Janeiro!
A espingarda tá tinindo porque é fevereiro
Tem inglês que mete a fuça na água de [cheiro
Cada preto é um desespero de atazaná

A cidade compra e vende, parece um
[vespeiro
Cada um espera a hora de aferroá
Ó, o caju saboroso que tem cheiro bom
[de mar
Ostra, quem vai querê?
Doce é o abacaxi, espinho de muito amô
Renda branca e dendê
Compra o pó perfumado, eu vendo por
[dois vintém
Um colar pra suncê
Banha boa, cheirosa e flô pra Iaiá também
Patuá pra esquecê

Senta, João
(Carlos Lyra e Aldir Blanc)

Riem de mim pelas costas
Achando que sou poltrão
Contrariando as apostas,
Enganei Napoleão.
Contrariando as apostas,
Enganei Napoleão.
Amo o calor deste solo
Que me acolheu no exílio
O Brasil me pôs no colo,
Passei de senhor a filho
Aos poucos vou, sem maldade,
Fazendo deste lugar
Terra com vida e verdade
Que se abriu de par em par!
Terra com vida e verdade
Que se abriu de par em par!

Fado Tropical
(Chico Buarque e Ruy Guerra)

Oh, musa do meu fado
Oh, minha mãe gentil
Te deixo consternado
No primeiro abril
Não sejas tão ingrata
Não esquece quem te amou
E em tua densa mata
Se perdeu e se encontrou
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal
Sabe, no fundo eu sou um sentimental
Todos nós herdamos no sangue lusitano
uma boa dosagem de lirismo

Rio do Meu Amor
(Billy Blanco)

Rio
De Pedro que, primeiro, foi compositor
Foi grande seresteiro, imenso imperador
Amigo do Chalaça
Que a história passa mas não diz
Era o dono das francesas lá da Ouvidor
De marquesas balançou o coração
Da tristeza de partir, partiu feliz
Por saber que inaugurou meu Rio, meu
[Rio
Como a Capital do Amor deste país
Rio
De Vasco e Botafogo, América e Bangu
Maracanã vibrando em dia de Fla-Flu

Do bonde que a saudade ornamentando
[praça
Do tostão que era bom como a Lapa já foi
Da boneca dourada que passa, que engana
Enfeitando calçada de Copacabana
Ipanema, Leblon e Arpoador

1º Movimento – Lundu
(Francis Hime e Geraldo Carneiro)

Choro de manhã, rio de noitão
Que será, será? Quem viver, verão.
Sabe, morena,
Essa praia chamada Ipanema?
Sabe essa lua, essa cena
Essa luz de cinema
Esse eterno verão?
Pois é, sabe, morena,
O negócio aqui nunca foi fácil
Desde a chegada de Estácio
Em Primeiro de Março
No Cara de Cão.
Sabe, morena, se existe outra vida, eu
[declaro:
Quero esse mesmo calor, esse mesmo
[esplendor
Essa fascinação
Quero por felicidade
Esse mesmo cenário, só quero morrer
[de paixão
Quero encarnar outra vez
Na cidade de São Sebastião

Hino da Independência do Brasil
(D. Pedro I e Evaristo da Veiga)

Já podeis da Pátria, filhos
Ver contente a Mãe Gentil
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil
Já raiou a liberdade
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil
Brava gente brasileira
Longe vá temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Leão do Norte
(Lenine e Paulo César Pinheiro)

Sou o coração do folclore nordestino
Eu sou Mateus e Bastião do Boi Bumbá
Sou o boneco do Mestre Vitalino
Dançando uma ciranda em Itamaracá
Eu sou um verso de Carlos Pena Filho
Num frevo de Capiba
Ao som da orquestra armorial
Sou Capibaribe
Num livro de João Cabral
Sou mamulengo de São Bento do Una
Vindo no baque solto de Maracatu
Eu sou um auto de Ariano Suassuna
No meio da Feira de Caruaru
Sou Frei Caneca do Pastoril do Faceta
Levando a flor da lira
Pra Nova Jerusalém

1808: O Segundo Reinado

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno

Até que D. Pedro II completasse 14 anos, o Brasil foi governado por regentes. Revoltas explodiram de Norte a Sul do país. D. Pedro II assumiu como imperador do Brasil. O café, nosso maior produto de exportação. O imperador que amava as artes e as ciências. A Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura e o fim do período imperial.

Convidados: Clara Sandroni e Marcos Sacramento

Entrevistada: Marly Motta, pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas

Locações: Real Gabinete Português de Leitura e Outeiro da Glória

Locações

Alberto Jacob Filho

Alberto Jacob Filho

Músicas do programa (trechos)

Do eu mais profundo
De toda a pessoa
Pessoa de todo mundo

Alberto Jacob Filho

Saudades do Brasil em Portugal
(Vinicius de Moraes)

Ausência tão cruel
Saudade tão fatal
Saudades do Brasil em Portugal
Meu bem, sempre que ouvires um lamento
Crescer desolador na voz do vento
Sou eu em solidão pensando em ti
Chorando todo o tempo que perdi

Argonauta Vadio
(Perna Fróes)

O meu coração é um argonauta vadio
Tantas vezes doce, às vezes dócil
Às vezes vil
Tanta emoção, tanta paixão
Que em todas as paredes confesso
O que vem de mim

Quem Sabe? (Tão Longe de Mim Distante)
(Carlos Gomes e Bittencourt Sampaio)

Tão longe
De mim distante
Onde irá
Onde irá teu pensamento
Quisera saber agora
Se esqueceste, se esqueceste o juramento

Quem sabe se és constante
Se ainda é meu
Teu pensamento
Minha alma toda devora
Da saudade, agro tormento
Vivendo de ti ausente
Ai, meu Deus
Ai, meu Deus
Que amargo pranto
Suspiros, angústias, dores
São as vozes, são as vozes
São as vozes do meu canto

Brazil com S
(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

Quando Cabral descobriu no Brasil o
[caminho das Índias
Falou ao Pero Vaz para Caminha escrever
[para o rei
Que terra linda assim não há
Com tico-ticos no fubá
Quem te conhece não esquece
Meu Brasil é com S
O caçador de esmeraldas achou uma mina
[de ouro
Caramuru deu chabu e casou com a filha
[do Pajé
Terra de encanto, amor e sol
Não fala inglês nem espanhol
Quem te conhece não esquece
Meu Brasil é com S

Forrobodó
(Chico Buarque e Edu Lobo,
para o filme *O Xangô de Baker Street*)

Forrobodó é folguedo
De reis
Forrobodó de preto forro
Tem o forrobodó na praia, iaiá
Tem o forrobodó no morro
Forrobodó de Dom Pedro
É que nem
Forrobodó do seu lacaio, ioiô
Faz rebolar até um poste
Não há quem não goste
Do forrobodó
Forrobodó para o inglês
Pode ser
For everybody, *e não falseia*
Quem saboreia se enamora
Mas não leva embora
Meu forrobodó

Guararapes
(Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro)

Vamos saber se contaram nossa história
[certo
Vamos rever o que existe de nosso passado
Devemos conhecer nossos heróis de perto
Tentando consertar o que aprendeu-se errado.
Quem foi o herói que libertou o homem
Foi quem lutou para não passar mais fome
Quem foi o herói que libertou o homem
Foi quem lutou para não passar mais fome

A Valsa
(Joyce Moreno e Casimiro de Abreu)

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
– Não negues,
Não mintas...
Eu vi!
Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquila,
Serena,
Sem pena
De mim!

Flor Amorosa
(Antônio da Silva Calado
e Catulo da Paixão Cearense)

Flor amorosa, compassiva, sensitiva, vem
Porque
Oh, uma rosa orgulhosa, presunçosa, tão
[vaidosa
Pois olha a rosa tem prazer em ser
[beijada, é flor
É flor
Oh, dei-te um beijo, mas perdoa, foi à toa,
[meu amor
Em uma taça perfumada de coral
Um beijo dar
Não vejo mal
É um sinal de que por ti me apaixonei
Talvez em sonhos foi que te beijei
Se ontem beijavas um jasmim do teu
[jardim
A mim, a mim
Oh, por que juras mil torturas
Mil agruras, por que juras?
Meu coração delito algum por te beijar
[não vê
Não vê
Oh, por um beijo, um gracejo, tanto pejo
Mas por quê?

O Poeta e a Maestrina
(Chiquinha Gonzaga e Joyce Moreno)

Toda branquinha feito um bicho de
[goiaba
Assim madura, saborosa e refinada
Ela brilhava, ela tocava
Coisas bonitas com seu piano de salão.

Assim foi vista por um tal jovem poeta
Cuja indiscreta inclinação pelas pequenas
Não escolhia se eram louras ou morenas
Ou se eram frutas fora da estação
Repare a dança da madura maestrina
Com o poeta adolescente pelo braço:
Quanto cansaço, que feminina,
Que adrenalina, que sensação entre os [casais!
Se não se deu, bem que podia ter-se [dado
E a parceria bem seria merecida
Quando Chiquinha, que gozava tanto a [vida,
Dançasse com Vinicius de Moraes

Perfume
(Chiquinha Gonzaga e Joyce Moreno)

Vida, valsa, vibração
Velas ao vento, tempo, tentação
Quem descobrirá, quem compreenderá
O perfume da ilusão?
Uma cisma, um verso, uma canção
Um realejo, um beijo, uma emoção
Um desejo, um sonho
Um momento, um vinho, uma sensação.
Amigo, a vida é perfume
Que paira pelo ar
Uma impressão dos sentidos
Que em vão tentamos alcançar
Passa e exala beleza
Certezas e sinais
À noite, quando escurece
Desaparece e não se reconhece mais

Alberto Jacob Filho

Os Cinco Bailes da História do Rio
(Silas de Oliveira, Ivone Lara e Bacalhau)

No esplendor da alegria
A burguesia
Fez sua aclamação
Vibrando de emoção
Que luxo, a riqueza
Imperou com imponência
A beleza fez presença
Condecorando a independência
Ao erguer a minha taça
Com euforia
Brindei aquela linda valsa
Já no amanhecer do dia
A suntuosidade me acenava
E alegremente sorria
Algo acontecia
Era o fim da monarquia

1889: Nasce a República – A alma encantadora das ruas

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Antonia Adnet e Pedro Paulo Malta

O Brasil teve sua República proclamada, sob o domínio das oligarquias. Revoltas se sucederam por todo o país. Chiquinha Gonzaga desafiou as convenções e levou a folia até o Palácio do Catete. Nas ciências, destaque para o sanitarista Oswaldo Cruz. A Revolta da Vacina. Do entrudo aos bailes de máscaras, surgiu o carnaval do Rio. Demolições deram passagem ao progresso. O ciclo da borracha.

Convidados: Pedro Paulo Malta e Ana Martins

Locações: Arquivo Nacional, Escola de Música da UFRJ e Centro Cultural Casarão de Austregésilo de Athayde

Pedro Paulo Malta
Cantor, pesquisador e jornalista, começou na música em 1996 nas rodas de samba do botequim Bip Bip, em Copacabana. De 2003 a 2005, apresentou-se no Café Musical Carioca da Gema. Em 2004, lançou o CD *Dois Bicudos*, com Alfredo Del-Penho, começando uma parceria que permanece. Participou do musical *Sassaricando*, foi coordenador de música popular da Funarte, entre 2003 e 2007. É consultor do projeto Novo Museu da Imagem e do Som.

Locações

Alberto Jacob Filho

Alberto Jacob Filho

Músicas do programa (trechos)

Hino da Bandeira
(Francisco Braga e Olavo Bilac)

Salve, lindo pendão da esperança,
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.
Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Luar do Sertão
(Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco)

Oh que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando
Folhas secas pelo chão
Esse luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade
Do luar lá do sertão
Não há, ó gente, oh não
Luar como este do sertão (bis)
Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata prateando a
[solidão

A gente pega na viola que ponteia
E a canção e a lua cheia
A nos nascer do coração
Não há, ó gente, oh não
Luar como este do sertão (bis)

Lundu
(Domínio público)

Eu vivo triste como um sapo na lagoa
E ando sempre pelas matas escondido
Vou largar essa maldita serenata
Para ver se endireito a minha vida
Eu só tenho um terno no baú
E assim mesmo todo cheio de bolor
Até os pratos que eu tinha na cozinha

Alberto Jacob Filho

Os Sertões
(Edeor de Paula)

Sertanejo é forte
Supera miséria sem fim
Sertanejo homem forte
Dizia o poeta assim (bis)
Foi no século passado
No interior da Bahia
O homem revoltado com a sorte
Do mundo em que vivia
Ocultou-se no sertão
Espalhando a rebeldia
Se revoltando contra a lei
Que a sociedade oferecia
Os jagunços lutaram
Até o final
Defendendo Canudos
Naquela guerra fatal (bis)

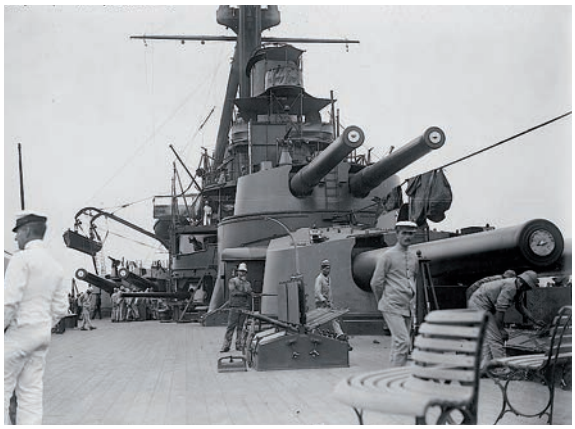
Guerra do Contestado
(Grupo Os Guris: Rogerio Joe
e Pedro L. de Souza)

Também tivemos imbuia, dez metros de
[circunferência
Derrubado em alguns minutos, com mil
[anos de existência
Depois que a estrada de ferro atravessou
[nosso estado
Oito mil trabalhadores ficaram
[desempregados
Taquarucú caraguatá, São Pedro Santa
[Maria
Vilarejo onde os rebeldes fizeram seu dia
[a dia
Um movimento sertanejo, assim ele foi
[chamado
Esta é uma versão da Guerra do
[Contestado (bis)

Cidadão
(Lucio Barbosa)

Tá vendo aquela igreja, moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá sim valeu a pena
Tem quermesse, tem novena

E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse
Rapaz, deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar



O Mestre-Sala dos Mares
(João Bosco e Aldir Blanc)

Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como o navegante negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala
Glória a todas as lutas inglórias
Que através da nossa história não
[esquecemos jamais
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras
[pisadas do cais
Mas salve
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras
[pisadas do cais
Mas faz muito tempo

Ô Abre Alas
(Chiquinha Gonzaga)

Ô Abre Alas,
Que eu quero passar
Ô Abre Alas,
Que eu quero passar
Eu sou da lira,
Não posso negar

Não Quero Saber Mais Dela
(Sinhô)

Por que foi que tu deixaste
Nossa casa na favela
Não quero saber mais dela
Não quero saber mais dela
A casa que eu te dei
Tem uma porta e uma janela
Também não quero saber mais dela
Também não quero saber mais dela

Positivismo
(Noel Rosa e Orestes Barbosa)

A verdade, meu amor, mora num poço
É Pilatos lá na Bíblia quem nos diz
E também faleceu por ter pescoço
O infeliz autor da guilhotina de Paris
Vai, orgulhosa, querida
Mas aceita esta lição:
No câmbio incerto da vida
A libra sempre é o coração

1889: Nasce a República – Do samba ao modernismo

Alberto Jacob Filho

Pedro Paulo Malta, Antonia Adnet, Ana Martins e Joyce Moreno

O poder estadual comandava. Os 18 do Forte: tenentes queriam um novo Brasil. A cidade do Rio de Janeiro cresceu, foi urbanizada e viveu sua *Belle Époque*. A Coluna Prestes percorreu o interior do país. Na música, Nazareth, Pixinguinha, João da Baiana, Donga e Sinhô. Em São Paulo, a Semana de Arte de 22. O fim da República Velha.

Convidados: Pedro Paulo Malta e Ana Martins

Locações: Arquivo Nacional, Escola de Música da UFRJ e Centro Cultural Casarão de Austregésilo de Athayde

Locações

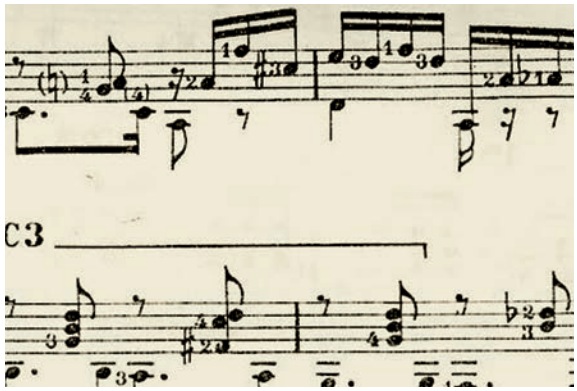
Alberto Jacob Filho

Alberto Jacob Filho

Músicas do programa (trechos)

Odeon
(Ernesto Nazareth e Vinicius de Moraes)

Ai, quem me dera
O meu chorinho
Tanto tempo abandonado
E a melancolia que eu sentia
Quando ouvia
Ele fazer tanto chorar
Ai, nem me lembro
Há tanto, tanto
Todo o encanto
De um passado
Que era lindo
Era triste, era bom
Igualzinho a um chorinho
Chamado Odeon
Chorinho antigo, chorinho amigo
Eu até hoje ainda percebo essa ilusão
Essa saudade que vai comigo
E até parece aquela prece
Que sai só do coração
Se eu pudesse recordar
E ser criança
Se eu pudesse renovar
Minha esperança
Se eu pudesse me lembrar
Como se dança
Esse chorinho
Que hoje em dia
Ninguém sabe mais



Yaô
(Pixinguinha e Gastão Viana)

Há uma festa de yaô (bis)
Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de Iemanjá
Mucama de Oxóssi é caçador
Ora viva Nanã
Nanã burukô (bis)
Yô yôo
Yô yôoo
No terreiro de preto velho iaiá
Vamos saravá (a quem meu pai?)
Xangô!

Carinhoso
(Pixinguinha e João de Barro)

Meu coração, não sei por que
Bate feliz quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim
Foges de mim
Vem, vem, vem, vem
Vem sentir o calor dos lábios meus à [procura dos teus
Vem matar essa paixão que me devora o [coração
E só assim então serei feliz
Bem feliz

Batuque na Cozinha
(João da Baiana)

Não moro em casa de cômodo
Não é por ter medo não
Na cozinha muita gente
Sempre dá em alteração
Mas o batuque na cozinha sinhá não quer
Por causa do batuque eu queimei meu pé
Mas, Seu comissário, estou com a razão
Eu não moro na casa de habitação
Eu fui apanhar meu violão,
Que tava empenhado com Salomão

Alberto Jacob Filho

Jura
(Sinhô)

Jura, jura, jura pelo Senhor
Jura pela imagem da Santa Cruz do [Redentor
Pra ter valor a tua jura
Jura, jura, jura de coração
Para que um dia eu possa dar-te o meu [amor
Sem mais pensar na ilusão

O Trenzinho do Caipira
(Heitor Villa-Lobos e Ferreira Gullar)

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra

Chuá Chuá
(Pedro de Sá Pereira e Ari Pavão)

Deixa a cidade, formosa morena
Linda pequena
E volta ao sertão
Beber a água
Da fonte que canta
Que se levanta
Do meio do chão
Se tu nasceste cabocla cheirosa
Cheirando a rosa
Do peito da terra
Volta pra vida serena da roça
Daquela palhoça
Do alto da serra
E a fonte a cantá
Chuá, chuá
E as "água" a corrê
Chuê, chuê

Espingarda (Jararaca)
(Letra extraída do livro *Música Caipira – Da Roça ao Rodeio*, de Rosa Nepomuceno)

Espingarda
Pá pá pá pá
Faca de ponta
Tá tá tá tá (bis)
Jacarecica, Ponta Verde e Mato Grosso
Levada, Cambona e Poço
Bebedouro, Jaraguá
Coqueiro Seco do outro lado da lagoa
Se atravessa na canoa
Camarão é no Pilá
Faca de ponta
Espingarda e carabina
Minha faca já tá fina
Só de tanto eu amolá
Minha espingarda
Quando tá azuretada
Vai sozinha pra caçada
E vorta sem disparar

Alberto Jacob Filho

Gosto que Me Enrosco
(Heitor dos Prazeres e Sinhô)

Gosto que me enrosco de ouvir dizer
Que a parte mais fraca é a mulher
Mas o homem, com toda a fortaleza
Desce da nobreza e faz o que ela quer
Dizem que a mulher é a parte fraca
Nisto é que eu não posso acreditar
Entre beijos e abraços e carinhos
O homem não tendo é bem capaz de
[roubar

Se Você Jurar
(Ismael Silva e Nilton Bastos)

Se você jurar que me tem amor
Eu posso me regenerar
Mas se é para fingir, mulher
A orgia assim não vou deixar
A minha vida é boa
Não tenho em que pensar
Por uma coisa à toa
Não vou me regenerar
O que eu posso fazer
É se você jurar
Arriscar a perder
Ou desta vez então ganhar

Era Vargas 1 – A Era do Rádio

Alberto Jacob Filho

Alfredo Del-Penho, Antonia Adnet e Joyce Moreno

O Rio de Janeiro, então capital federal, entrou em obras e se transformou para viver novos tempos. O Brasil começou a navegar nas ondas do rádio. O governo popular e populista de Getúlio Vargas. A Revolução de 30. O ditador descobriu o poder do rádio. No ar, a *Hora do Brasil*. O Estado Novo e o controle social da comunicação e da cultura. O samba "malandro".

Convidado: Alfredo Del-Penho

Entrevistado: Hermínio Bello de Carvalho

Depoimento: Luiz Carlos Saroldi (entrevista dirigida por Luiz Eduardo Monteiro para o documentário *Como Você Ouve o Mundo?* e cedida à série *No Compasso da História*)

Locação: Museu da República

Alfredo Del-Penho
Cantor, violonista, ator, pesquisador e compositor, fez parte do grupo Unha de Gato até 2002. O primeiro CD, *Dois Bicudos*, com Pedro Paulo Malta, foi escolhido como um dos álbuns do ano pelo jornal *O Globo* e indicado ao prêmio TIM na categoria de melhor disco de samba em 2005. Integrou o musical *Sassaricando*, participou de programas musicais na televisão e produziu o primeiro disco solo de Soraya Ravenle. Atuou no musical *É com Esse que Eu Vou* e é consultor do projeto Novo Museu da Imagem e do Som.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Cantoras do Rádio
(Alberto Ribeiro, Braguinha
e Lamartine Babo)

Nós somos as cantoras do rádio, levamos
[a vida a cantar
De noite embalamos teu sono, de manhã
[nós vamos te acordar
Nós somos as cantoras do rádio,

Nossas canções cruzando o espaço azul
Vão reunindo num grande abraço
[corações de Norte a Sul
Canto pelos espaços afora
Vou semeando cantigas, dando alegria a
[quem chora
(bum, bum, bum, bum, bum)
Canto, pois sei que a minha canção
Vai dissipar a tristeza que mora no teu
[coração

Feitiço da Vila
(Noel Rosa e Vadico)

Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar os galhos
Do arvoredo e faz a lua
Nascer mais cedo.
Lá em Vila Isabel
Quem é bacharel
Não tem medo de bamba.
São Paulo dá café,
Minas dá leite
E a Vila Isabel dá samba

Dr. Getúlio
(Edu Lobo e Chico Buarque)

Foi o chefe mais amado da nação
Desde o sucesso da revolução
Liderando os liberais
Foi o pai dos mais humildes brasileiros
Lutando contra grupos financeiros
E altos interesses internacionais
Deu início a um tempo de transformações
Guiado pelo anseio de justiça
E de liberdade social
E depois de compelido a se afastar
Voltou pelos braços do povo
Em campanha triunfal
Abram alas que Gegê vai passar
Olha a evolução da história
Abram alas pra Gegê desfilar
Na memória popular

O Bonde de São Januário
(Wilson Batista e Ataulfo Alves)

Quem trabalha
É quem tem razão
Eu digo
E não tenho medo

De errar
Quem trabalha...
O Bonde São Januário
Leva mais um operário
Sou eu
Que vou trabalhar
O Bonde São Januário...

Acertei no Milhar
(Wilson Batista e Geraldo Pereira)

Etelvina, minha filha!
– Que há, Jorginho?
– Acertei no milhar
Ganhei 500 contos
Não vou mais trabalhar
E me dê toda a roupa velha aos pobres
E a mobília podemos quebrar
Isto é pra já
Passe pra cá
Etelvina
Vai ter outra lua de mel
Você vai ser madame
Vai morar num grande hotel
Eu vou comprar um nome não sei onde
De marquês, Dom Jorge Veiga, de Visconde

A Volta do Malandro
(Chico Buarque)

Eis o malandro na praça outra vez
Caminhando na ponta dos pés
Como quem pisa nos corações
Que rolaram nos cabarés
Entre deusas e bofetões
Entre dados e coronéis
Entre parangolés e patrões
O malandro anda assim de viés

Era Vargas 2 – A política da boa vizinhança

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Soraya Ravenle e Antonia Adnet

A Segunda Grande Guerra e o sucesso de Carmen Miranda. O intercâmbio cultural entre Estados Unidos e América Latina a fim de manter a liderança econômica e política norte-americana frente à influência europeia. Villa-Lobos, o gênio que trafegou do erudito ao popular. O Brasil declarou guerra ao Eixo. Com a vitória dos Aliados lá, aqui chegava ao fim a Era Vargas. Dutra assumiu o poder, fechou os cassinos e encerrou um período de ouro da vida noturna no país. O baião conquistou o mundo.

Convidada: Soraya Ravenle

Locações: Museu Aeroespacial e bairro da Urca

Soraya Ravenle
Filha de poloneses e irmã da também cantora Ithamara Koorax, estudou música e piano ainda na infância. Fez parte do grupo Arranco de Varsóvia, com o qual gravou dois álbuns. Atuou em shows e musicais, como cantora e atriz, entre eles *A Mulher sem Pecado*, *Sla 2 – Be a Sample*, *Dolores* (pelo qual foi contemplada com o Prêmio Shell de melhor atriz), *Divina*, *80 Anos de Elizeth*, *South American Way*, *A Ópera do Malandro*, *Opereta Carioca*, *Era no Tempo do Rei*, *É com Esse que Eu Vou*, etc. Fez novelas na TV Globo e gravou, recentemente, o CD *Arco do Tempo*, com músicas de Paulo César Pinheiro.

Locações

Músicas no programa (trechos)

O que É que a Baiana Tem?
(Dorival Caymmi)

O que é que a baiana tem?
O que é que a baiana tem?
Tem torço de seda, tem!
Tem brincos de ouro, tem!
Corrente de ouro, tem!
Tem pano da costa, tem!
Sandália enfeitada, tem!
Tem graça como ninguém
Como ela requebra bem!
Um rosário de ouro, uma bolota assim
Quem não tem balagandãs não vai no [Bonfim
(Oi, não vai no Bonfim)
(Oi, não vai no Bonfim)

Adeus, Batucada
(Synval Silva)

Adeus, adeus
Meu pandeiro do samba
Tamborim de bamba
Já é de madrugada
Vou-me embora chorando
Com meu coração sorrindo
E vou deixar todo mundo
Valorizando a batucada
E do meu grande amor
Sempre me despedi sambando
Mas da batucada agora me despeço [chorando
Guardo no lenço esta lágrima sentida
Adeus, batucada
Adeus, batucada querida

Disseram que Voltei Americanizada
(Luiz Peixoto e Vicente Paiva)

Me disseram que eu voltei americanizada
Com o burro do dinheiro
Que estou muito rica
Que não suporto mais o breque do [pandeiro
E fico arrepiada ouvindo uma cuíca
Disseram que com as mãos
Estou preocupada
E corre por aí
Que eu sei certo zum zum.
Que já não tenho molho, ritmo, nem nada
E dos balangandãs já nem existe mais [nenhum

Mas pra cima de mim, pra que tanto
[veneno?
Enquanto houver Brasil
Na hora das comidas
Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu

Quem Me Vê Sorrindo
(Cartola e Carlos Cachaça)

Quem me vê sorrindo
Pensa que estou alegre
O meu sorriso
É por consolação
Porque sei conter
Para ninguém ver
O pranto do meu coração

Praça Onze
(Herivelto Martins e Grande Otelo)

Vão acabar com a Praça Onze
Não vai haver mais escola de samba,
[não vai
Chora o tamborim
Chora o morro inteiro
Favela, Salgueiro
Mangueira, Estação Primeira
Guardai os vossos pandeiros, guardai
Porque a escola de samba não sai

Baião
(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Eu vou mostrar pra vocês
Como se dança o baião
E quem quiser aprender
É favor prestar atenção
Morena chegue pra cá,
Bem junto ao meu coração
Agora é só me seguir
Pois eu vou dançar o baião
Eu já cantei no Pará
Toquei sanfona em Belém
Cantei lá no Ceará
E sei o que me convém
Por isso, eu quero afirmar
Com toda convicção
Que sou doido pelo baião

Adeus, América
(Haroldo Barbosa e Geraldo Jacques)

Não posso mais, ai que saudade do Brasil
Ai que vontade que eu tenho de voltar
Adeus, América, essa terra é muito boa
Mas não posso ficar porque
O samba mandou me chamar
O samba mandou me chamar

Anos 50 – De Getúlio a JK

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Antonia Adnet e Paula Santoro

Vargas voltou ao poder. Brasil perdeu a Copa do Mundo no Maracanã em 1950. O atentado contra Carlos Lacerda. A crise no governo e o suicídio de Vargas em 1954. O plano de metas e a construção de Brasília com Juscelino Kubitschek, o presidente bossa-nova. Do samba-canção à nova batida no violão de João Gilberto. A era da TV. Os deuses do futebol: Pelé e Garrincha. Um novo rumo para o cinema brasileiro. O alto preço dos anos JK.

Convidada: Paula Santoro

Locações: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Museu da República

Paula Santoro
Aos 10 anos, ganhou um violão e, aos 12, já estava no palco, cantando canções próprias. Começou a carreira no grupo Nós & Voz, com o qual gravou o LP *HUM*. Estreou como atriz no musical *Mulheres de Holanda*, tendo atuado na minissérie *Chiquinha Gonzaga*, da TV Globo. Participou de CDs de outros artistas, apresentou-se em festivais de jazz em todo o Brasil, cantou e fez programas de rádio e televisão no exterior. Em 2005, lançou seu primeiro CD solo, *Paula Santoro*.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Molambo
(Jayme Tomás Florence e Augusto Mesquita)

Eu sei que vocês vão dizer
Que é tudo mentira
Que não pode ser
E que depois de tudo
Que ele me fez
Eu jamais deveria aceitá-lo outra vez
Bem sei que assim procedendo
Me exponho ao desprezo de todos vocês
Lamento, mas fiquem sabendo
Que ele voltou e comigo ficou
Ficou pra matar a saudade
A tremenda saudade
Que não me deixou

Alberto Jacob Filho

Alguém como Tu
(José Maria de Abreu e Jair Amorim)

Alguém como tu
Assim como tu
Eu preciso encontrar
Alguém sempre meu
De olhar como o teu
Que me faça sonhar
Amores eu sei
Na vida eu achei e perdi
Mas nunca a ninguém desejei
Como desejo a ti

Se Todos Fossem Iguais a Você
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver
Uma canção pelo ar,
Uma cidade a cantar,
Uma mulher a cantar
A sorrir, a pedir, a cantar
A beleza de amar
Como o sol,
Como a flor,
Como a luz
Amar sem mentir,
Nem sofrer

Saudosa Maloca
(Adoniran Barbosa)

Si o senhor não está lembrado
Dá licença de contá
Que aqui aonde agora está
Esse edifício arto
Era uma casa veia
Um palacete assombradado
Foi aqui, seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mais, um dia
Nóis nem pode se alembrá
Veio os homi cas ferramentas
O dono mandô derrubá
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei:
Os homis tá ca razão

Nós arranja outro lugar
Só se conformemo quando o Joca falou:
"Deus dá o frio conforme o cobertor"
E hoje nóis pega a paia nas grama do
[jardim
E pra esquecê nóis cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida,
Dim dim donde nóis passemos os dias
[feliz de nossas vidas
Saudosa maloca, maloca querida,
Dim dim donde nóis passemo os dias feliz
[de nossas vidas

Conceição
(Jair Amorim e Dunga)

Conceição
Eu me lembro muito bem
Vivia no morro a sonhar
Com coisas que o morro não tem
Foi então
Que lá em cima apareceu
Alguém que lhe disse a sorrir
Que, descendo à cidade, ela iria subir

Alberto Jacob Filho

Não Vou pra Brasília
(Billy Blanco)

Não vou, não vou pra Brasília
Nem eu nem minha família
Mesmo que seja
Pra ficar cheio da grana
A vida não se compara
Mesmo difícil, tão cara
Eu caio duro
Mas fico em Copacabana

Copacabana
(João de Barro e Alberto Ribeiro)

Copacabana, princesinha do mar
Pelas manhãs tu és a vida a cantar
E à tardinha o sol poente
Deixa sempre uma saudade na gente
Copacabana, o mar eterno cantor
Ao te beijar ficou perdido de amor
E hoje vive a murmurar
Só a ti, Copacabana, eu hei de amar

Estrada do Sol
(Dolores Duran e Tom Jobim)

É de manhã
Vem o sol
Mas os pingos da chuva
Que ontem caíram
Ainda estão a brilhar
Ainda estão a dançar
Ao vento alegre
Que me traz esta canção

A Taça do Mundo É Nossa
(Maugeri, Müller, Sobrinho e Dagô)

A taça do mundo é nossa
Com brasileiro, não há quem possa
Eêta esquadrão de ouro
É bom no samba, é bom no couro (bis)

Chega de Saudade
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

Vai, minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe, numa prece
Que ela regresse porque eu não posso
[mais sofrer
Chega de saudade
A realidade é que sem ela não há paz,
[não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim,
[não sai
Dentro dos meus braços
Os abraços hão de ser milhões de abraços
Apertado assim, colado assim, calado
[assim
Abraços e beijinhos, e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio de
[você viver sem mim.
Não quero mais esse negócio de você
[longe de mim

É sol, é sal, é sul

Alberto Jacob Filho

Cris Delanno, Antonia Adnet e Joyce Moreno

Niemeyer e Lucio Costa construíram Brasília, uma das cidades mais modernas do mundo. Tom Jobim, Vinicius de Moraes e João Gilberto formaram a "santíssima trindade" da nova música brasileira. O rock americano invadiu as festas jovens. Jânio Quadros, presidente por pouco tempo. A bossa nova conquistou o mundo. Jango e a luta para assumir a presidência. O Brasil foi bicampeão mundial na Copa do Chile. O Beco das Garrafas, o endereço da bossa. Os últimos dias de Jango. O golpe de 1964.

Convidada: Cris Delanno

Entrevistados: Carlos Lyra, Nelson Motta e Roberto Menescal

Locações: Forte de Copacabana, praias de Copacabana e do Arpoador

Cris Delanno
Nativa do Texas, aos 5 anos era solista no Coral Infantil do Theatro Municipal (RJ). Estudou balé, flauta, piano e teoria musical. Cantou em casas noturnas, fez bailes e gravação de *jingles* publicitários. Foi solista do coral tipicamente negro African American Unity Choir, interpretou Nara Leão em *Nara, uma Senhora Opinião* e dali foi convidada para a novela *Filhas da Mãe*, na TV Globo. Participou do documentário *Coisa Mais Linda*, fez turnês no Brasil e no exterior, tendo CDs também lançados no Japão.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Ela É Carioca
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

Ela é carioca
Ela é carioca
Basta o jeitinho dela andar
Nem ninguém tem carinho assim para dar
Eu vejo na cor dos seus olhos
As noites do Rio ao luar
Só sei que sou louco por ela
E pra mim ela é linda demais
E além do mais
Ela é carioca
Ela é carioca

Rio
(Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli)

Rio que mora no mar
Sorrio pro meu Rio
Que tem no seu mar
Lindas flores que nascem morenas
Em jardins de sol
Rio, serras de veludo
Sorrio pro meu Rio
Que sorri de tudo
Que é dourado quase todo dia
E alegre como a luz
Rio é mar, eterno se fazer amar
O meu Rio é lua
Amiga branca e nua
É sol, é sal, é sul

O Barquinho
(Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli)

Dia de luz, festa de sol
E um barquinho a deslizar
No macio azul do mar
Tudo é verão e o amor se faz
Num barquinho pelo mar
Que desliza sem parar...
Sem intenção nossa canção
Vai saindo desse mar

Meditação
(Tom Jobim e Newton Mendonça)

Quem acreditou
No amor, no sorriso, na flor
Então sonhou, sonhou...
E perdeu a paz
O amor, o sorriso e a flor
Se transformam depressa demais
Quem, no coração
Abrigou a tristeza de ver tudo isto se [perder
E, na solidão
Procurou um caminho e seguiu,
Já descrente de um dia feliz

Alberto Jacob Filho

Nanã
(Moacir Santos e Mário Telles)

Esta noite, quando eu vi Nanã
Vi a minha deusa ao luar
Toda a noite eu olhei Nanã
A coisa mais linda de se olhar
Que felicidade achar, enfim
Essa deusa vinda só pra mim, não...
E agora eu só sei dizer
Toda a minha vida é Nanã
É Nanã, é Nanã, é Nanã, é Nanã

Garota de Ipanema
(Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço, a caminho do mar
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar

Berimbau
(Baden Powell e Vinicius de Moraes)

Quem é homem de bem
Não trai!
O amor que lhe quer
Seu bem!
Quem diz muito que vai
Não vai!
Assim como não vai
Não vem!...
Quem de dentro de si
Não sai!
Vai morrer sem amar
Ninguém!
Capoeira me mandou
Dizer que já chegou
Chegou para lutar
Berimbau me confirmou
Vai ter briga de amor
Tristeza, camará...

Influência do Jazz
(Carlos Lyra)

Pobre samba meu
Foi se misturando, se modernizando, e se [perdeu
E o rebolado, cadê?, não tem mais
Cadê o tal gingado que mexe com a gente
Coitado do meu samba, mudou de repente
Influência do jazz
Quase que morreu
E acaba morrendo, está quase morrendo, [não percebeu
Que o samba balança de um lado pro [outro
O jazz é diferente, pra frente, pra trás
E o samba meio morto ficou meio torto
Influência do jazz

Alberto Jacob Filho

Corcovado
(Tom Jobim)

Um cantinho, um violão
Este amor, uma canção
Pra fazer feliz a quem se ama
Muita calma pra pensar
E ter tempo pra sonhar
Da janela vê-se o Corcovado
O Redentor, que lindo

Samba de uma Nota Só
(Newton Mendonça e Tom Jobim)

Eis aqui este sambinha feito numa nota só
Outras notas vão entrar, mas a base é [uma só
Esta outra é consequência do que acabo [de dizer
Como eu sou a consequência inevitável de [você
Quanta gente existe por aí que fala tanto [e não diz nada
Ou quase nada

Desafinado
(Newton Mendonça e Tom Jobim)

Se você disser que eu desafino, amor
Saiba que isto em mim provoca imensa dor
Só privilegiados têm ouvido igual ao seu
Eu possuo apenas o que Deus me deu
Se você insiste em classificar
Meu comportamento de antimusical
Eu mesmo mentindo devo argumentar
Que isto é bossa nova, isto é muito [natural
O que você não sabe nem sequer [pressente
É que os desafinados também têm [coração

Samba de Verão
(Marcos e Paulo Sergio Valle)

Você viu só que amor
Nunca vi coisa assim
E passou, nem parou
Mas olhou só pra mim
Se voltar vou atrás
Vou pedir, vou falar
Vou contar que o amor
Foi feitinho pra dar...
Olha, é como o verão
Quente o coração
Salta de repente
Para ver
A menina que vem...

Samba do Avião
(Tom Jobim)

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar
Praia sem fim
Rio, você que foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de mais um minuto estaremos no
[Galeão

Este mundo é meu

Alberto Jacob Filho

Antonia Adnet, Joyce Moreno e João Cavalcanti

Nos anos 1960, o projeto de um Brasil justo e democrático sonhado por estudantes, artistas e intelectuais. Inflação alta e greves no turbulento governo de Jango, derrubado, mais tarde, pelo golpe militar. A importância do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) para a criação artística. Castello Branco assumiu o primeiro governo militar. O show *Opinião*, o cinema de Glauber Rocha, a vanguarda de Hélio Oiticica. Os festivais musicais. O movimento estudantil.

Convidado: João Cavalcanti

Entrevistados: Carlos Lyra, Nelson Motta e Roberto Menescal

Participações: Guti Fraga, Luiz Otávio e Marcello Melo, do grupo Nós do Morro

Locações: Planetário da Gávea, Teatro Municipal Maria Clara Machado e gravadora Biscoito Fino

João Cavalcanti
Filho do cantor e compositor Lenine, nascido em 1980, segue o caminho da música e do jornalismo. Quando criança, chegou a gravar com Roberto Carlos. Aos 18 anos, fez parte da banda Rodagente, que tinha como proposta misturar arranjos regionais com rock. Foi um dos fundadores do grupo Casuarina, que lançou seu primeiro álbum em 2005, com o nome da banda. Foi finalista, por dois anos seguidos, do Concurso Nacional de Marchinhas da Fundição Progresso. Em 2010, participou do 48º Festival Villa-Lobos e cantou com a Orquestra Petrobras Sinfônica.

Locações

Músicas do programa (trechos)

Roda
(Gilberto Gil e João Augusto)

Meu povo, preste atenção
Na roda que eu te fiz
Quero mostrar a quem vem
Aquilo que o povo diz
Posso falar, pois eu sei
Eu tiro os outros por mim
Quando almoço, não janto
E quando canto é assim
Agora vou divertir
Agora vou começar
Quero ver quem vai sair
Quero ver quem vai ficar
Não é obrigado a me ouvir
Quem não quiser escutar

Canção do Subdesenvolvido
(Carlos Lyra e Chico de Assis)

Brasil é uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa fala amores
Em lindas tardes de abril
Correi pras bandas do sul
Debaixo de um céu de anil
Encontrareis um gigante deitado
Santa Cruz, hoje o Brasil
Mas um dia o gigante despertou
Deixou de ser gigante adormecido
E dele um anão se levantou
Era um país subdesenvolvido
Subdesenvolvido, subdesenvolvido, etc.
[(refrão)
E passado o período colonial
O país se transformou num bom quintal
E depois de dadas as contas a Portugal
Instaurou-se o latifúndio nacional, ai!
Subdesenvolvido, subdesenvolvido (refrão)

Marcha da Quarta-Feira de Cinzas
(Carlos Lyra e Vinicius de Moraes)

Acabou nosso carnaval
Ninguém ouve cantar canções
Ninguém passa mais brincando feliz
E nos corações
Saudades e cinzas foi o que restou
E no entanto é preciso cantar
Mais que nunca é preciso cantar
É preciso cantar e alegrar a cidade
Quem me dera viver pra ver
E brincar outros carnavais
Com a beleza dos velhos carnavais
Que marchas tão lindas
E o povo cantando seu canto de paz
Seu canto de paz

Opinião
(Zé Keti)

Podem me prender
Podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião

Daqui do morro
Eu não saio, não
Fale de mim quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu

Esse Mundo É Meu
(Sérgio Ricardo e Ruy Guerra)

Esse mundo é meu
Esse mundo é meu
Fui escravo no reino
E sou
Escravo no mundo em que estou
Mas acorrentado ninguém pode
Amar

Arrastão
(Edu Lobo e Vinicius de Moraes)

Eh! Tem jangada no mar
Eh! Eh! Eh! Hoje tem arrastão
Eh! Todo mundo pescar
Chega de sombra, João
Jovi, olha o arrastão entrando no mar
[sem fim
Eh! Meu irmão, me traz Iemanjá pra mim
Vem, vem na rede, João, pra mim
Valha-me, meu Nosso Senhor do Bonfim
Nunca, jamais se viu tanto peixe assim
Valha-me, meu Nosso Senhor do Bonfim
Nunca, jamais se viu tanto peixe assim

Roda Viva
(Chico Buarque)

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu...
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino pra lá...
Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...
O samba, a viola, a roseira
Que um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou...
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a saudade pra lá...

Minha Fama de Mau
(Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

Meu bem às vezes diz
que deseja ir ao cinema.
Eu olho e vejo bem
que não há nenhum problema.
E digo não!
Por favor?
Não insista e faça pista.
Não quero torturar meu coração!

Garota, ir ao cinema é uma coisa normal,
Mas é que eu tenho
Que manter a minha fama de mau!

Ponteio
(Edu Lobo e Capinam)

Era um, era dois, era cem
Era o mundo chegando e ninguém
Que soubesse que eu sou violeiro
Que me desse o amor ou dinheiro...
Era um, era dois, era cem
Vieram pra me perguntar:
"Ô você, de onde vai
de onde vem?
Diga logo o que tem
Pra contar"...
Jogaram a viola no mundo
Mas fui lá no fundo buscar
Se eu tomo a viola
Ponteio!
Meu canto não posso parar
Não!...
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar, pra cantar

Alegria, Alegria
(Caetano Veloso)

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
Num sol de quase dezembro
Eu vou...
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou...
Ela nem sabe, até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou...
Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo... amor
Eu vou...
Por que não, por que não...

Alberto Jacob Filho

Superbacana
(Caetano Veloso)

Toda essa gente se engana
Ou então finge que não vê que eu nasci
Pra ser o superbacana
Eu nasci pra ser o superbacana
O mundo explode longe, muito longe
O sol responde
O tempo esconde
O vento espalha
E as migalhas caem todas sobre
Copacabana me engana
Esconde o superamendoim
O espinafre, o biotônico
O comando do avião supersônico
Do parque eletrônico
Do poder atômico
Do avanço econômico

Tropicália

Alberto Jacob Filho

Joyce Moreno, Antonia Adnet e Marcos Sacramento

1968: uma rebelião político-social começou na França e se espalhou por muitos países. Nos Estados Unidos, a revolta negra e a força de Martin Luther King Jr. A música e a mensagem libertária de *Hair*. Passeatas nas ruas do Brasil: artistas e o povo de mãos dadas contra o governo. O AI-5. O surgimento do movimento tropicalista na música e nas artes. No teatro, *O Rei da Vela* e *Roda Viva*; no cinema, Terra *em Transe* e *Macunaíma*. Canções de protesto dominaram os festivais da canção.

Convidado: Marcos Sacramento
Entrevistado: Nelson Motta
Locação: Parque Lage

Locações

Músicas do programa (trechos)

É Proibido Proibir
(Caetano Veloso)

Me dê um beijo, meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças
Livros, sim...
(falado)
Cai no areal na hora adversa que Deus
[concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma
[imersa em sonhos
Que são Deus
Que importa o areal, a morte, a
[desventura, se com Deus
Me guardei
É o que me sonhei, que eterno dura e
[esse que regressarei
E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

Pra Não Dizer que Não Falei de Flores
(Geraldo Vandré)

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção...
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...
Os amores na mente
As flores no chão

A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição...

Sabiá
(Tom Jobim e Chico Buarque)

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar, vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá
Cantar o meu sabiá
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De uma palmeira
Que já não há
Colher a flor
Que já não dá
E algum amor
Talvez possa espantar
As noites que eu não queria
E anunciar o dia

Tropicália
(Caetano Veloso)

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país...
Viva a bossa
Sa, sa
Viva a palhoça
Ça, ça, ça, ça...
O monumento
É de papel crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde
Atrás da verde mata
O luar do sertão
O monumento não tem porta
A entrada é uma rua antiga
Estreita e torta
E no joelho uma criança
Sorridente, feia e morta
Estende a mão...
Viva a mata
Ta, ta
Viva a mulata
Ta, ta, ta, ta...

Geleia Geral
(Gilberto Gil e Torquato Neto)

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã
[tropical se inicia
Resplendente, cadente, fagueira num calor
[girassol com alegria
Na geleia geral brasileira que o Jornal do
[Brasil anuncia
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi
A alegria é a prova dos nove e a tristeza é
[teu porto seguro
Minha terra é onde o sol é mais limpo e
[Mangueira é onde o samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem, Pindorama,
[país do futuro
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi
Um poeta desfolha a bandeira e eu me
[sinto melhor colorido
Pego um jato, viajo, arrebento com o
[roteiro do sexto sentido
Voz do morro, pilão de concreto tropicália,
[bananas ao vento
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Soy Loco Por Ti, América
(Gilberto Gil e Capinan)

Soy loco por ti, América
Yo voy traer una mujer playera
Que su nombre sea Martí
Que su nombre sea Martí...
Soy loco por ti de amores
Tenga como colores
La espuma blanca
De Latinoamérica
Y el cielo como bandera
Y el cielo como bandera...
Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores...
Sorriso de quase nuvem
Os rios, canções, o medo
O corpo cheio de estrelas
O corpo cheio de estrelas
Como se chama a amante
Desse país sem nome
Esse tango, esse rancho
Esse povo, dizei-me, arde
O fogo de conhecê-la
O fogo de conhecê-la...
Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores...

Baby
(Caetano Veloso)

Você precisa saber da piscina
Da margarina, da Carolina, da gasolina
Você precisa aprender inglês
Precisa saber o que eu sei
E o que eu não sei mais, e o que eu não
[sei mais
Não sei, comigo vai tudo azul
Contigo vai tudo em paz
Vivemos na melhor cidade

Da América do Sul, da América do Sul
Você precisa, você precisa
Não sei, leia na minha camisa
Baby, baby, I love you

Divino Maravilhoso
(Caetano Veloso)

Atenção ao dobrar uma esquina
Uma alegria, atenção, menina
Você vem, quantos anos você tem?
Atenção, precisa ter olhos firmes
Pra este sol, para esta escuridão
Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino, maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte

Aquele Abraço
(Gilberto Gil)

O Rio de Janeiro
Continua lindo
O Rio de Janeiro
Continua sendo
O Rio de Janeiro
Fevereiro e março
Alô, alô, Realengo
Aquele abraço!
Alô, torcida do Flamengo
Aquele abraço
Chacrinha continua
Balançando a pança
E buzinando a moça
E comandando a massa
E continua dando
As ordens no terreiro
Meu caminho pelo mundo
Eu mesmo traço
A Bahia já me deu – graças a Deus
Régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu
Aquele abraço!

Ninguém segura este país

Alberto Jacob Filho

Antonia Adnet, Joyce Moreno e Pedro Miranda

Costa e Silva, o presidente do AI-5, não terminou o mandato. O chamado milagre econômico dos anos 1970. A repressão, a censura, o exílio de músicos e intelectuais. O Brasil foi tricampeão de futebol na Copa do México. Elis Regina, a gaúcha que conquistou o Brasil; Simonal, o astro de brilho efêmero. Chico Buarque e o Julinho da Adelaide. Os anos duros de Médici, Geisel e a abertura lenta, gradual e segura. Figueiredo, o último general, encerrou o ciclo militar.

Convidado: Pedro Miranda

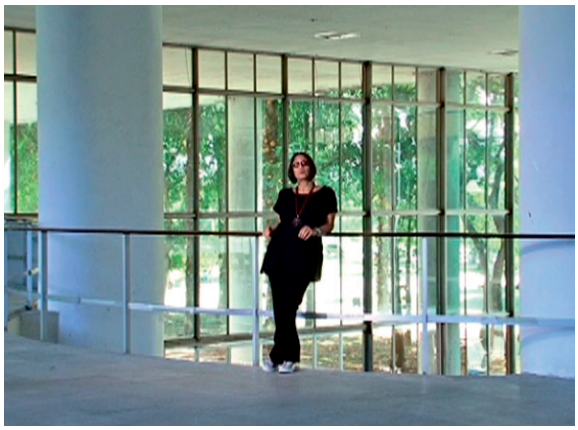
Entrevistados: Nelson Motta e Sérgio Cabral

Participação: Marcello Melo, do grupo Nós do Morro

Locações: Reitoria da UFRJ (Campus Fundão) e Teatro Municipal Maria Clara Machado

Pedro Miranda
Começou tocando zabumba no Cordão do Boitatá, em 1997. Depois de viajar pelo Brasil pesquisando instrumentos e sonoridades, voltou ao Rio e passou a tocar pandeiro e a cantar em rodas de samba famosas da cidade. Além do Boitatá, pode ser visto no Grupo Semente, Anjos da Lua, Rancho Flor do Sereno, Garrafieira e Samba de Fato. Participou do emblemático show *O Samba É Minha Nobreza*, que gerou um CD duplo. Gravou álbuns próprios e fez participações em outros, com músicos renomados.

Locações



Músicas do programa (trechos)

País Tropical
(Jorge Ben Jor)

Moro num país tropical, abençoado por
[Deus
E bonito por natureza, mas que beleza
Em fevereiro (em fevereiro)
Tem carnaval (tem carnaval)
Eu tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo
Tenho uma nega
Chamada Tereza

Samba de Orly
(Chico Buarque, Toquinho e Vinicius de Moraes)

Vai, meu irmão
Pega esse avião
Você tem razão de correr assim
Desse frio, mas beija
O meu Rio de Janeiro
Antes que um aventureiro
Lance mão
Pede perdão
Pela duração dessa temporada
Mas não diga nada
Que me viu chorando

Apesar de Você
(Chico Buarque)

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão, não
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai se dar mal
Etc. e tal

Cálice
(Chico Buarque e Gilberto Gil)

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue...(2x)
Como é difícil
Acordar calado
Se na calada da noite
Eu me dano
Quero lançar
Um grito desumano
Que é uma maneira
De ser escutado
Esse silêncio todo
Me atordoa
Atordoado
Eu permaneço atento
Na arquibancada
Pra a qualquer momento
Ver emergir
O monstro da lagoa...

Pesadelo
(Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro)

Quando o muro separa, uma ponte une
Se a vingança encara, o remorso pune
Você vem, me agarra, alguém vem, me
[solta
Você vai na marra, ela um dia volta
E se a força é tua, ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de
[ontem chegando
Que medo você tem de nós, olha aí
Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto

Acorda, Amor
(Chico Buarque)

Acorda, amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa, santa criatura
Chame, chame, chame
Chame, chame o ladrão, chame o ladrão

Acorda, amor
Não é mais pesadelo, nada
Tem gente já no vão de escada
Fazendo confusão, que aflição
São os homens
E eu aqui parado de pijama
Eu não gosto de passar vexame
Chame, chame, chame
Chame o ladrão, chame o ladrão

Meu Caro Amigo
(Chico Buarque e Francis Hime)

Meu caro amigo, me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
[rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
[coisa aqui tá preta
Meu caro amigo, eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa
Muita careta pra engolir a transação
E a gente tá engolindo cada sapo no
[caminho
E a gente vai se amando que, também,
[sem um carinho
Ninguém segura esse rojão

Revendo Amigos
(Joyce Moreno)

Vontade de rever amigos
Os gestos de sempre, a risada em comum
Contando as histórias e os casos antigos
As músicas novas
Sem moda, sem tempo nenhum
Vontade de rever amigos
Dizer que estou solta na minha prisão
Gritar pras pessoas
Vem cá que eu tô viva
Me tira a tristeza de dentro
Do meu coração
Saber quem morreu
Perguntar quem chegou de viagem
Se foi porque quis

Alberto Jacob Filho

O Bêbado e a Equilibrista
(João Bosco e Aldir Blanc)

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto me lembrou
[Carlitos
Que sonha com a volta do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu num rabo de
[foguete
Chora a nossa pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarisses no solo do
[Brasil
Mas sei que uma dor assim pungente não
[há de ser inutilmente
A esperança dança na corda bamba de
[sombrinha
E em cada passo dessa linha pode se
[machucar
Azar, a esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista tem
[que continuar

Tô Voltando
(Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro)

Pode ir armando o coreto
E preparando aquele feijão preto
Eu tô voltando
Põe meia dúzia de Brahma pra gelar
Muda a roupa de cama
Eu tô voltando
Leva o chinelo pra sala de jantar
Que é lá mesmo que a mala eu vou largar
Quero te abraçar, pode se perfumar
Porque eu tô voltando
Dá uma geral, faz um bom defumador
Enche a casa de flor
Que eu tô voltando

Que país é este?

Alberto Jacob Filho

Paulinho Moska, Antonia Adnet e Joyce Moreno

A euforia do movimento das Diretas Já. A anistia, o fim da censura à imprensa e às letras de músicas. Começou a redemocratização, e os brasileiros elegeram Fernando Collor de Mello para presidente. O *impeachment*, a transição com Itamar e a eleição de Fernando Henrique Cardoso. O Plano Real. O cinema nacional recuperou seu fôlego. Nas artes, a explosão colorida da Geração 80. Na música, o rock Brasil conquistou a juventude.

Convidado: Paulinho Moska

Locações: Pão de Açúcar e Praia do Arpoador

Paulinho Moska
Começou a aprender violão aos 13 anos. Formou-se em teatro pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), atuou no longa *O Homem do Ano* e em minisséries e seriados da TV Globo. Integrou o grupo vocal Garganta Profunda e a banda Inimigos do Rei, com a qual lançou dois álbuns. Iniciou carreira solo em 1991, percorrendo a MPB, o rock, o samba, a música eletrônica e os ritmos regionais. Seu primeiro disco, *Vontade*, foi lançado em 1993, e o mais recente, o CD duplo *Muito Pouco*, em 2010.

Locações

Alberto Jacob Filho

Alberto Jacob Filho

Músicas do programa (trechos)

Brasil
(Cazuza, Nilo Romero e George Israel)

Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito
É uma navalha
Brasil!
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim
Brasil!

Inútil
(Roger Moreira)

A gente não sabemos
Escolher presidente
A gente não sabemos
Tomar conta da gente
A gente não sabemos
Nem escovar os dente
Tem gringo pensando
Que nóis é indigente...
"Inúteu"!
A gente somos "inúteu"!
"Inúteu"!
A gente faz música
E não consegue gravar
A gente escreve livro
E não consegue publicar
A gente escreve peça
E não consegue encenar
A gente joga bola
E não consegue ganhar...

O Ronco da Cuíca
(João Bosco)

Roncou, roncou
Roncou de raiva a cuíca
Roncou de fome
Alguém mandou
Mandou parar a cuíca, é coisa dos home
A raiva dá pra parar, pra interromper
A fome não dá pra interromper
A raiva e a fome é coisa dos home
A fome tem que ter raiva pra interromper

Alberto Jacob Filho

Ideologia
(Cazuza e Frejat)

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões
Estão todas perdidas
Os meus sonhos
Foram todos vendidos
Tão barato
Que eu nem acredito
Ah! Eu nem acredito...
Que aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Frequenta agora
As festas do "Grand Monde"...
Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Eu quero uma pra viver...
Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro

Cartomante
(Ivan Lins e Vitor Martins)

Nos dias de hoje é bom que se proteja
Ofereça a face pra quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranquilo
Haja o que houver pense nos seus filhos
Não ande nos bares, esqueça os amigos
Não pare nas praças, não corra perigo
Não fale do medo que temos da vida
Não ponha o dedo na nossa ferida
Nos dias de hoje não lhes dê motivo
Porque na verdade eu te quero vivo

Feminina
(Joyce Moreno)

– Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o [que é feminina?
– Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, [é ser menina por todo lugar.
– Então me ilumina, me diz como é que [termina?
– Termina na hora de recomeçar, dobra [uma esquina no mesmo lugar.
Costura o fio da vida só pra poder cortar
Depois se larga no mundo pra nunca mais [voltar
– Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o [que é feminina?
– Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, [é ser menina por todo lugar.
– Então me ilumina, me diz como é que [termina?
– Termina na hora de recomeçar, dobra [uma esquina no mesmo lugar.
Prepara e bota na mesa com todo o [paladar
Depois, acende outro fogo, deixa tudo [queimar

Toada (Na Direção do Dia)
(Zé Renato, Juca Filho e Claudio Nucci)

Vem, morena, ouvir comigo essa cantiga
Sair por essa vida aventureira
Tanta toada eu trago na viola
Pra ver você mais feliz
Escuta o trem de ferro alegre a cantar
Na reta da chegada pra descansar
No coração sereno da toada, bem querer

Alberto Jacob Filho

Bem Baixinho
(Luiz Tatit)

E é uma beleza espontânea e natural
Não tem medo de dizer
Que está amando outra vez
E não diz de qualquer jeito, não
Num momento que você está atento
Ela cochicha baixinho e tão pertinho
Que só pode ser você dessa vez
E essa nação é assim com todo mundo
Grandalhona, meio velha, mas uma musa [e tanto
E quando você menos espera ela diz:
Estou livre outra vez!

Alberto Jacob Filho

Que País É Esse?
(Renato Russo)

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Comida
(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer
e Sérgio Britto)

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?...
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...
A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...

Clube da Esquina
(Milton Nascimento, Lô Borges
e Márcio Borges)

Noite chegou outra vez, de novo na [esquina
Os homens estão, todos se acham mortais
Dividem a noite, e lua até solidão
Neste clube, a gente sozinho se vê, pela [última vez
À espera do dia, naquela calçada
Fugindo de outro lugar
Perto da noite estou,
O rumo encontro nas pedras
Encontro de vez, um grande país eu espero
Espero do fundo da noite chegar
Mas agora eu quero tomar suas mãos
Vou buscá-la onde for
Venha até a esquina, você não conhece o [futuro
Que tenho nas mãos

E Vamos à Luta
(Gonzaguinha)

Eu acredito
É na rapaziada
Que segue em frente
E segura o rojão
Eu ponho fé
É na fé da moçada
Que não foge da fera
E enfrenta o leão
Eu vou à luta
É com essa juventude
Que não corre da raia
A troco de nada
Eu vou no bloco
Dessa mocidade
Que não tá na saudade
E constrói
A manhã desejada...
Aquele que sabe o sufoco
De um jogo tão duro
E apesar dos pesares
Ainda se orgulha
De ser brasileiro
Aquele que manda o pagode
E sacode a poeira
Suada da luta
E faz a brincadeira
Pois o resto é besteira

Alberto Jacob Filho

Vai Passar
(Chico Buarque, com a
colaboração de Francis Hime)

Vai passar
Nessa avenida um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai
Se arrepiar
Ao lembrar
Que aqui passaram sambas imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações

Créditos das imagens

Raízes indígenas
p. 11-26

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Wikimedia Commons
3. Acervo Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville
4. BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa do. *Debret e o Brasil*: Obra Completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara.
5. Wikimedia Commons
6. Oscar Pereira da Silva. *Descobrimento do Brasil*, 1902. Acervo Museu do Ipiranga, SP
7. Divulgação
8. Wikimedia Commons
9. SOUZA, Pêro Lopes de. *Diário da Navegação da Armada Que Foi à Terra do Brasil em 1530 sob a Capitania-Mor de Martin Affonso de Souza*. Lisboa: Publicação de Adolpho Varnhagen, 1839.
10. Acervo Biblioteca da Ajuda (Lisboa)
11. Albert Eckhout. *Dança dos Tapuias*, 16? Acervo Museu Nacional da Dinamarca
12. Leandro Kibisz. Wikimedia Commons
13. Jean-Baptiste Debret. *Combate contra Botocudos*, 1827. Acervo Museu Paulista
14. Wikimedia Commons
15. Arquivo da Academia de Ciências Russa
16. Autor desconhecido. Wikimedia Commons
17. Arquivo da família Villas Bôas / Wikimedia Commons
18. Portal Oficial do Governo do Estado do Amazonas – Preservação da Amazônia – Fundo de Mudanças Climáticas

Raízes africanas – Capoeira, mungunzá e valentia
p. 27-40

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Ricardo Liberato. Wikimedia Commons
3. Wikimedia Commons
4. Wikimedia Commons
5. Brice Blondel. Wikimedia Commons
6. The Atlantic Slave Trade and Slave Life in the Americas: a project of Virginia Foundation for the Humanities
7. Acervo Santuário de Matosinhos / Wikimedia Commons
8. Aécio de Andrade. *Lavagem do Bonfim*, sem data
9. BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa do. *Debret e o Brasil*: Obra Completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2008.
10. Museu Afro Brazil / Wikimedia Commons
11. Herman Heyenbrock. *Fábrica Inglesa*, c. 1890. Wikimedia Commons
12. The Atlantic Slave Trade and Slave Life in the Americas: a project of Virginia Foundation for the Humanities
13. DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. *Rugendas e o Brasil*. São Paulo: Ed. Capivara, 2002.
14. Amneris Hartley. *Baianas do Acarajé*, sem data
15. Wikimedia Commons
16. HISTÓRIA do Samba. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1997.
17. Heitor dos Prazeres. *Frevo*, sem data. Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Ouro em Minas

p. 41-54

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Wikimedia Commons
3. Henrique Bernardelli. *Ciclo da Caça ao Índio*, 1923. Acervo do Museu Paulista da USP
4. The Atlantic Slave Trade and Slave Life in the Americas: a project of Virginia Foundation for the Humanities
5. Museu da Inconfidência / Wikimedia Commons
6. The Atlantic Slave Trade and Slave Life in the Americas: a project of Virginia Foundation for the Humanities
7. Wikimedia Commons
8. Henrique Bernardelli. *Retrato de Aleijadinho*, sem data. Wikimedia Commons
9. Foto: Luis Rizo. Wikimedia Commons
10. GRANDES Personagens da Nossa História. São Paulo: Abril, 1973.
11. Jean-Baptiste Debret. *Chefe dos Bororenos Partindo para um Ataque*, 1835. Brasiliana USP
12. Portal Geledés – Instituto da Mulher Negra
13. Wikimedia Commons
14. Foto: Brígida Campbell
15. José Walsht Rodrigues. *Alferes Joaquim José da Silva Xavier*, 1940
16. Wikimedia Commons
17. Antônio Parreiras. *Jornada dos Mártires*, 1928. Acervo Museu Mariano Procópio / Wikimedia Commons
18. Acervo Santuário de Matosinhos / Wikimedia Commons

1808: Era no tempo do rei

p. 55-69

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Jean Auguste Dominique Ingres. *Napoleão em Seu Trono Imperial*, 1806. Musée de la Armée / Wikimedia Commons.
3. Biblioteca Nacional Digital (Portugal)
4. Candido Portinari. *A Chegada de Dom João VI à Bahia*, 1952. Acervo Banco da Bahia (Salvador)
5. Bertichem. Lithographia Imperial de Eduardo Rensburg, Rio de Janeiro
6. Franz Josef Frühbeck. *Ansicht der k. Residenz in Rio Janeiro*, 1830
7. Augusto Müller. *Retrato de Grandjean de Montigny*. Museu Nacional de Belas Artes / Wikimedia Commons
8. Divulgação
9. Wikimedia Commons
10. Jean-Baptiste Debret. Brasiliana USP
11. Domingos A. de Siqueira. *Retrato de D. João VI, Rei de Portugal*, 1802-1806. Acervo Museu de Arte de São Paulo (MASP) / Wikimedia Commons
12. Jean-Baptiste Debret. *D. Pedro I*, 1816. Coleção Geneviève e Jean Boghici, Rio de Janeiro
13. Pedro Américo. *Independência ou Morte [O Grito do Ipiranga]*, 1888. Acervo Museu Paulista / Wikimedia Commons
14. Antônio Parreiras. *O Primeiro Passo para a Independência*, 1931. Palácio Rio Branco (Cachoeira) / Wikimedia Commons
15. Murillo de La Greca. *O Fuzilamento de Frei Caneca*, 1925
16. Simplício Rodrigues de Sá. *Retrato de D. Pedro I*, sem data. Coleção Museu Imperial de Petrópolis/IPHAN
17. S. A. Sisson. Galeria dos Brasileiros Ilustres / Wikimedia Commons

1808: O Segundo Reinado

p. 71-84

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Armand Pallière. *D. Pedro II do Brasil, aos 4 Anos de Idade*, c. 1830. Acervo Museu Imperial / Wikimedia Commons
3. Sebastien Auguste Sisson. Brasiliana USP
4. Atlas de Johann Baptist von Spix & Carl Friedrich Philipp von Martius (detalhe) / Wikimedia Commons
5. Library of Congress / Wikimedia Commons
6. Guilherme Litran. *Carga de Cavalaria*, 1893. Museu Júlio de Castilhos / Wikimedia Commons

7. Félix-Émile Taunay. *Imperador Pedro II do Brasil e Suas Irmãs Francisca e Januária Vestindo Roupas de Luto devido à Morte de Seu Pai*, c. 1835. LAGO, Pedro Corrêa do. *Taunay e o Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.
8. Benjamin Robert Haydon. *The Anti-Slavery Society Convention*, 1840. National Portrait Gallery / Wikimedia Commons
9. Foto: Marc Ferrez. Coleção Gilberto Ferrez
10. Vítor Meireles. *Moema*, 1866. Acervo Museu de Arte de São Paulo (MASP) / Wikimedia Commons
11. Divulgação
12. Wikimedia Commons
13. Pedro Américo, *Batalha do Avaí*, 1872-1877. Museu Nacional de Belas Artes / Wikimedia Commons
14. Foto: Alberto Henschel. Wikimedia Commons
15. Wikimedia Commons
16. Foto: Insley Pacheco. Wikimedia Commons
17. Foto: Marc Ferrez. Arquivo Nacional

1889: Nasce a República – A alma encantadora das ruas
p. 85-97

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Luiz Musso. Acervo Biblioteca Nacional
3. Benedito Calixto. *Proclamação da República*, 1893. Pinacoteca Municipal de São Paulo / Wikimedia Commons
4. A. Leal. Acervo Arquivo Público Mineiro
5. Storni. Revista *Careta*, ano 20, n. 974, 19/02/1927
6. Wikimedia Commons
7. Revista *O Malho* / Wikimedia Commons
8. Divulgação. Acervo Biblioteca Nacional
9. Portal O Leme
10. Foto: Guilherme Santos. Acervo do Museu da Imagem e do Som
11. Autor desconhecido. Acervo da Biblioteca Nacional
12. Divulgação
13. Acervo Biblioteca Nacional
14. Percy Lau. *Seringueiro da Amazônia*, sem data
15. Wikimedia Commons

1889: Nasce a República – Do samba ao modernismo
p. 99-111

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Aurélio Figueiredo. *Juramento da Constituição*, c. 1891. Wikimedia Commons
3. A. Leal. Acervo Arquivo Público Mineiro
4. NOSSO Século. São Paulo: Abril, 1980.
5. Portal Historianet
6. Coleção Augusto Malta
7. Wikimedia Commons
8. Partituras de Ernesto Nazareth. Acervo Alexandre Dias
9. Wikimedia Commons
10. Walter Firmo
11. Autor desconhecido. Arquivo Público do Estado de São Paulo
12. Divulgação
13. Divulgação
14. Anita Malfatti. *A Estudante*, 1915-16
15. Postal. [S. t.], São Paulo, c. 1910
16. Acervo Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

Era Vargas 1 – A Era do Rádio
p. 113-127

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Acervo Casa da Moeda
3. Portal ChiquinhaGonzaga.com
4. Di Cavalcanti, *Pierret*, 1922
5. Di Cavalcanti. Capa do catálogo da Semana da Arte Moderna, 1922
6. Tarsila do Amaral, *Retrato de Mario de Andrade*, 1922
7. Portal Luis Nassif – Construindo Conhecimento
8. Storni. Revista *Careta*

9. Wikimedia Commons
10. Acervo Arquivo Nacional
11. Wikimedia Commons
12. Acervo Arquivo Nacional
13. Divulgação
14. Portal Coisa da Antiga
15. LEVINE, Robert M. *The Brazilian Photographs of Genevieve Naylor, 1940-1942*. Londres: Duke UP, 1998.
16. Wikimedia Commons
17. PEREIRA, Carlos Gustavo Nunes. *Arcos da Lapa – Um Passeio no Tempo*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos.
18. Autor desconhecido. Revista *Kósmos*, fevereiro de 1907
19. Divulgação
20. Acervo Rádio Nacional
21. Acervo Museu de Imagem e do Som
22. Acervo Museu de Imagem e do Som

Era Vargas 2 – A política da boa vizinhança

p. 129-142

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Wikimedia Commons
3. Portal Cultura Baiana
4. Arquivo Rádio Nacional
5. Portal Indústria & Comércio
6. Portal Rio de Janeiro Que Eu Amo
7. Portal Carmen Miranda
8. Portal Carmen Miranda
9. Coleção Guilherme Santos
10. Divulgação
11. Revista *O Cruzeiro*
12. Wikimedia Commons
13. Acervo Museu Villa-Lobos
14. Divulgação
15. Arquivo CPDOC da Fundação Getulio Vargas
16. Acervo do Arquivo Nacional
17. Acervo do Arquivo Nacional
18. Divulgação
19. Autor desconhecido. *Retrato Oficial do Presidente do Brasil Getúlio Vargas*, 1930

Anos 50 – De Getúlio a JK

p. 143-158

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Acervo Histórico do Museu da República
3. Portal História do Rio
4. Acervo Agência JB
5. Wikimedia Commons
6. Wikimedia Commons
7. Arquivo Histórico do Museu da República
8. Portal Maysa Monjardim Oficial
9. Divulgação
10. Divulgação
11. Capa da revista *Manchete*, setembro de 1952
12. Capa da revista *O Cruzeiro*, maio de 1959
13. Acervo Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
14. Wikimedia Commons
15. Portal Revista Brasileiros
16. KUDIELKA, Robert (org.) *Das Verlangen nach Form (Neoconcretismo und Zeitgenössische Kunst aus Brasilien) / O Desejo da Forma* (cat. Expo.). Berlim: Akademie der Künste, 2010.
17. Portal The City of Brasilia
18. Acervo Museu da Imagem e do Som do Paraná
19. Arquivo Tribuna do Norte
20. Portal Atlântida Cinematográfica
21. Portal Nelson Pereira dos Santos
22. Portal Diário de Pernambuco
23. Wikimedia Commons

É sal, é sol, é sul

p. 159-171

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Portal Villarino
3. Acervo Museu da Imagem e do Som
4. Acervo Museu da Imagem e do Som
5. Divulgação
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Arquivo Público do Estado de São Paulo
8. Acervo Museu da Imagem e do Som

9. Acervo Agência JB
10. Wikimedia Commons
11. Portal Esdi Uerj
12. Agência Brasil / Wikimedia Commons
13. Portal Lancenet
14. Acervo Museu da Imagem e do Som
15. Acervo Museu da Imagem e do Som
16. Acervo Agência JB
17. Portal Sul 21

Este mundo é meu

p. 173-187

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Acervo Arquivo Nacional / *Correio da Manhã*
3. Portal Folha.com
4. Portal Teatropolítico60
5. Acervo Funarte
6. Foto: Dick DeMarsico. Wikimedia Commons
7. Acervo Agência Estado
8. Portal My Opera
9. Revista *O Cruzeiro*
10. Divulgação
11. Foto: Walter Firmo. Acervo Agência JB
12. Wikimedia Commons
13. Portal Rio Que Passou
14. Acervo Arquivo Nacional
15. Foto: Ronaldo Theobald. Acervo Agência JB
16. Reprodução de Alberto Jacob Filho. Acervo MultiRio
17. Reprodução de Alberto Jacob Filho. Acervo MultiRio
18. Divulgação
19. FAVARETTO, Celso (org.). *Tropicália: Uma Revolução na Cultura Brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 97.
20. Foto: Alberto Ferreira. Acervo Agência JB
21. Portal Gilberto Gil

Tropicália

p. 189-202

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Foto: Bill Ray
3. Jean-Pierre Rey. *Girl Waving Flag In Crowd During General Strike*, Paris, maio de 1968
4. Foto: Bill Ray
5. Yoichi R. Okamoto. Acervo Lyndon Baines Johnson Library and Museum
6. Divulgação
7. Acervo revista *Nóumeno*
8. Foto: Evandro Teixeira. Acervo Agência JB
9. Foto: Evandro Teixeira. Acervo Agência JB
10. Foto: Campanela Neto. Acervo Agência JB
11. Portal Crônicas Urbanas
12. Foto: Soares. Acervo Arquivo Estado de São Paulo
13. Foto: Soares. Acervo Arquivo Estado de São Paulo
14. FAVARETTO, Celso (org.). *Tropicália: Uma Revolução na Cultura Brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 73.
15. FAVARETTO, Celso (org.). *Tropicália: Uma Revolução na Cultura Brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 169.
16. FAVARETTO, Celso (org.). *Tropicália: Uma Revolução na Cultura Brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
17. Divulgação
18. Reprodução de Alberto Jacob Filho. Acervo MultiRio
19. Foto: Hamilton Correia. Acervo Agência JB
20. Portal Substantivo Plural
21. Foto: Jair Cardoso. Acervo Agência JB
22. FAVARETTO, Celso (org.). *Tropicália: Uma Revolução na Cultura Brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 44.
23. Divulgação

Ninguém segura este país

p. 203-214

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Acervo Histórico do Museu da República
3. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
4. Revista *Realidade*, Editora Abril, 1966
5. Divulgação
6. Acervo Museu da Imagem e do Som
7. Acervo Arquivo Nacional
8. Wikimedia Commons
9. Portal História Livre
10. Divulgação
11. Portal Projeto Rondon Pernambuco
12. Portal Terceiro Tempo
13. Divulgação
14. Acervo CPDOC/FGV
15. Divulgação
16. Portal Discoteca Pública
17. Wikimedia Commons
18. Acervo Projeto República UFMG
19. Wikimedia Commons

Que país é este?

p. 215-228

1. Arte sobre imagens usadas no capítulo
2. Portal Ibase
3. Acervo Agência JB
4. Wikimedia Commons
5. Acervo Museu da Imagem e do Som
6. Divulgação
7. Divulgação
8. Portal Raquel Arnoud
9. Divulgação
10. Divulgação
11. Acervo Agência JB
12. Acervo Agência JB
13. Divulgação
14. Portal São Francisco
15. Divulgação
16. Portal do Senado
17. Acervo Agência Brasil

A série na TV

p. 229-313

As imagens não creditadas dessa seção são reproduções da série de TV.

Diretoria do Núcleo de Publicações e Impressos
Regina Protasio

Assessoria Editorial
Denise das Chagas Leite

Redação
Marcus Veras

Colaboração
Pedro Gabriel

Revisão
Admar Branco
Cláudia Macedo
Jorge Eduardo Machado

Gerência de Pesquisa e Documentação
Lucia Mendes

Pesquisa
Fábio N. de Araujo Jorge
Fernanda Lopes Torres
Isabel de S. L. J. Barreto
João Gustavo Chá Chá
Tônia Matosinhos

Assessoria de Artes Gráficas e Animação
Marcelo Salerno

Gerência de Artes Gráficas
Ana Cristina Lemos

Projeto Gráfico
Aloysio Neves

Editoração
Andréa Lasserre
Manuela Roitman

Tratamento de imagens
Aline Carneiro Damacena
Bernardo Schorr
Manuela Roitman

Ilustrações (vinhetas)
Bernardo Schorr

Produção Gráfica
Maria Clara Costa

Impressão
WalPrint Gráfica e Editora

Tiragem
5.600 exemplares

Dezembro 2011

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60354-28-3
9 788560 354283

MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210
Tel.: (21) 2976-9432 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br